



CADERNOS
PROARQ 41
REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO DO PROARQ

N.41 | Dezembro 2023

CADERNOS PROARQ 41

Reitor Roberto de Andrade Medronho

Vice-reitora Cássia Curan Turci

Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa João Ramos Torres de Mello

Neto **Decano do Centro de Letras e Artes** Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

FACULTY OF ARCHITECTURE AND URBANISM

Diretor

Dean

Guilherme Carlos Lassance

Vice Diretor

Vice Dean

Alexandre José de Souza Pessoa

Coordenação Geral do PROARQ

General Coordination PROARQ

Coordenadora Ethel Pinheiro Santana

Vice-coordenador Marcos Martinez Silvano

Coordenação Adjunta

Adjoint Coordinators

Editoria Rubens de Andrade

Ensino Priscilla Peixoto

Extensão Lucas Rosse Caldas

Pesquisa Aline Pires Vérol

Câmara de Editoria

Board of Editors

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Rubens de Andrade

Conselho Editorial

Editorial Council

Ceça Guimaraens, UFRJ

Cristiane Rose Duarte, UFRJ

Evelyn Furquim Werneck Lima, UNIRIO

Gabriela Celani, Unicamp

Jean-Paul Thibaud, ENSAG

José Manuel Pinto Duarte, PennState University

Julio Arroyo, Universidad Nacional del Litoral

Leopoldo Eurico Bastos, UFRJ

Marta Adriana Bustos Romero, UnB

Raquel Rolnik, USP

Comissão Editorial

Editorial Committee

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Maria Júlia de Oliveira Santos

Equipe Executiva

Executive Team

Bárbara Thomaz (coordenação executiva)

Fernanda Silva Freitas (coordenação executiva)

Fernando Mathias (coordenação executiva)

Mirela Linhares (secretaria executiva)

Victor Assi Bastos (secretaria executiva)

Revisão

Revision

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Bárbara Thomaz

Tradução

Translation

Ethel Pinheiro Santana

Bárbara Thomaz

Editores / Projeto Gráfico

Desktop publishing / Graphic Design

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Bárbara Thomaz

Mirela Linhares

Victor Assi Bastos

Design Original: Plano B [plano-b.com.br]

Capa

Cover

MAAT, Lisboa 2022

Fotografia de Ethel Pinheiro

MAAT, Lisboa 2022

Photography of Ethel Pinheiro



PROARQ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA



Copyright©2023 dos autores

Author's Copyright©2023

Cadernos PROARQ

Av. Pedro Calmon, 550 - Prédio da FAU/ Reitoria, sl.433

Cidade Universitária, Ilha do Fundão

CEP 21941-901 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Tel.: + 55 (21) 3938-0288

Website: <http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista>

E-mail: cadernos.proarq@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

Cadernos do PROARQ Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
No.1 (setembro 1997) - versão impressa
No. 41 (dezembro 2023) - versão eletrônica - 252p
ISSN: 1679-7604 (impresso)
ISSN: 2675-0392 (online)
1-Arquitetura - Periódicos. 2-Urbanismo - Periódicos. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Arquitetura. 2023.

CDD 720

Comitê Científico

Scientific Committee

Adriano Tomitão Canas, UFU
Alfredo Akira Ohnuma Junior, UERJ
Alice Brasileiro, UFRJ
Alice Theresinha Cybis Pereira, UFSC
Alina Santiago, UFSC
Aline Werneck Barbosa Carvalho, UFV
Ana Albano Amora, UFRJ
Ana Beatriz Ayroza Galvão, Escola da Cidade
Ana Carolina Bierrenbach, UFBA
Ana Gabriela Godinho Lima, Mackenzie SP
Andrey Rosenthal Schlee, UNB
Angélica Tannus Benatti Alvim, Mackenzie SP
Antonio Carlos Carpintero, UNB
Antonio Tarcísio Reis, UFRGS
Beatriz Oliveira, UFRJ
Benamy Turkienicz, UFRGS
Carlos Eduardo Dias Comas, UFRGS
Circe M. Gama Monteiro, UFPE
Claudia Barroso-Krause, UFRJ
Cláudia Piantá Cabral, UFRGS
Claudio Antonio Lima Carlos, UFRJ
Cristiane Rose Duarte, UFRJ
Dely Soares Bentes, PUC Rio
Denise de Alcântara, UFRJ
Douglas Vieira de Aguiar, UFRGS
Edson Mahfuz, UFRGS
Eduardo Grala da Cunha, UFPE
Elaine Garrido Vasquez, POLI/UF RJ
Eloisa Petti Pinheiro, UFBA
Emilio Haddad, USP
Emmanuel Pedroso, UFJF
Evelyn Furquim Werneck Lima, UNIRIO
Fernando Diniz Moreira, UFPE
Fernando Freitas Fuão, UFRGS
Fernando Oscar Ruttikay Pereira, UFSC
Flávia Brito do Nascimento, FAU USP
Frederico Holanda, UNB
Gabriel Girnos Elias de Souza, UFRJ
Gabriela Celani, Unicamp
Gilberto Yunes, UFSC
Giselle Arteiro Azevedo, UFRJ
Gleice Azambuja Elali, UFR
Guilherme Chagas Cordeiro, UENF
Guilherme Lassance, UFRJ
Gustavo Rocha-Peixoto, PROARQ/UF RJ
Helio Herbst, UFRJ
Italo Caixeiro Stephan, UFV
Jardel Pereira Gonçalves, UFBA
Jean-Paul Thibaud, ENSAG
Jonathas Magalhães, PUC Campinas
José Merlin, PUC Campinas
Laís Bronstein Passaro, PUC Rio
Laura Novo Azevedo, Oxford Brookes University
Leandro Medrano, Unicamp
Leandro Torres Di Gregorio, POLI/UF RJ

Leonardo Salazar Bittencourt, UFAL
Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos, UFRJ
Lídia Quieto Viana, UFBA
Lucia Costa, EBA UFRJ
Luciana Andrade, UFRJ
Luciene Pimentel da Silva, UERJ
Luís Antônio Jorge, USP
Luis Otávio Cocito de Araújo, POLI/UF RJ
Luiz Eirado Amorim, UFPE
Maisa Veloso, UFRN
Marcelo Gomes Miguez, COPPE-UF RJ
Márcio Fabricio, USP
Marcos Martinez Silvano, UFRJ/Coppe
Maria Angela Dias, UFRJ
Maria Angela Faggini Leite, IEB/USP
Maria C. Guimaraens, UFRJ
Maria Cristina Schicchi, PUC Campinas
Maria Lucia Malard, UFMG
Maria Luisa Trindade Bestetti, USP
Maria Maia Porto, UFRJ
Marta Adriana Bustos Romero, UNB
Marta Peixoto, UFRGS
Monica Bahia Schlee, Pref RJ
Monica Pertel, POLI/UF RJ
Monica Salgado, UFRJ
Nayara Rosa Amorim, UFBA
Nivaldo de Andrade, UFBA
Oswaldo Silva, UFRJ
Paola Berenstein Jacques, UFBA
Patrizia di Trapano, UFRJ
Paula Uglione, UFRJ
Paulo Afonso Rheingantz, UFRJ
Paulo Roberto Ferreira Carneiro, POLI/UF RJ
Reila Vargas Velasco, UFRJ
Renato Tibiriçá de Saboya, UFSC
Ricardo Cabús, UFAL
Roberto Righi, Mackenzie SP
Rodrigo Gonçalves, UFSC
Romulo Krafta, UFRGS
Roselyne de Villanova, Valle de Seine
Rosina Trevisan Ribeiro, UFRJ
Ruth Verde Zein, Mackenzie SP
Sergio Leusin, UFF
Sheila Walbe Ornstein, USP
Silvia Sávio Chataignier, FACMA - Universidad Autónoma de Chile
Silvia Tavares, James Cook University - Australia
Silvio Soares Macedo, USP
Sonia HilfSchulz, UFRJ
Sylvia Rola, UFRJ/Coppe
Thais de Bhanthumchinda Portela, UFBA
Thaise Gambarra Soares, Pontificia Universidad Católica de Chile
Tulio Marcio de Salles Tiburcio, UFV
Vera Bins Ely, UFSC
Vera Tangari, UFRJ
Vinicius Netto, UFF
Wilson Florio, Unicamp
Yvonne Maggie, UFRJ

Avaliadores - Revista 41

Evaluators - Edition 41

Adriano Tomitão Canas, UFU
Alina Santiago, UFSC
Ana Carolina Bierrenbach, UFBA
Angélica Tanus Benatti Alvim, Mackenzie SP
Claudia Barroso-Krause, UFRJ
Dely Soares Bentes, PUC Rio
Evelyn Furquim Werneck Lima, UNIRIO
Fernando Diniz Moreira, UFPE
Frederico Holanda, UNB
Gabriel Girnos Elias de Souza, UFRRJ
Gleice Azambuja Elali, UFR
Helio Luiz Herbst Junior, UFRRJ
Lais Bronstein Passaro, PUC Rio
Leopoldo Eurico Gonçalves Bastos, UFRJ
Lídia Quietto Viana, UFBA
Luís Antônio Jorge, USP
Maise Veloso, UFRN
Marta Peixoto, UFRGS
Nayara Rosa Amorim, UFBA
Paulo Afonso Rheingantz, UFRJ
Rosina Trevisan Ribeiro, UFRJ
Silvia Sávio Chataignier, FACMA-Universidad Autónoma de Chile
Thais de Bhanthumchinda Portela, UFBA
Thaise Gambarra Soares, Pontificia Universidad Católica de Chile
Wilson Florio, Unicamp

Palavra dos Editores

Deslocamentos entre prática e teoria - A paisagem na arquitetura contemporânea

A motivação da proposta do Dossiê Temático, coordenado pela equipe de editores especiais, que assina este texto, é reagir a questões teóricas e práticas que reverberam hoje no campo da arquitetura. Isto ocorre através de práticas interdisciplinares que antecipam mudanças na teoria, metodologias de ensino e na geração de pesquisas entre campos de conhecimento e linguagens distintos, tais como geografia, história, filosofia, arte, literatura e bigdata, cujas fontes demandam uma diversificação jamais vista com esta amplitude. Há um esforço por uma diluição das fronteiras entre campos, uma busca por encontros e diálogos com o “outro” para construções impuras, heterogêneas permeadas, no entanto, por pontos de convergência. Nesse sentido, o mundo do futuro contido nos projetos não deve separar, mas “religar humanos separados” pelos edifícios e configurar um “espaço de deslizos” que possibilite a troca de propriedades entre campos, assim livres, como propõe Jacques Rancière¹. Se por um lado, a arquitetura dialoga com conceitos formulados em outros campos disciplinares, em contraparte, o mundo traduzido pela arquitetura explicita suas próprias questões.

Arquiteturar é uma dimensão do ato de projetar vinculada a imaginar, planejar. Somada ao ato de construir, coloca a arquitetura em um lugar concreto e vivo, onde a dimensão imaginativa possibilita e demanda, nos espaços construídos, a mediação entre corpo, linguagem e mundo. Em outras palavras, é a capacidade de imaginar e dar sentido ao mundo. Os textos reunidos nesta edição, aprovados com todos os critérios inerentes ao periódico CADERNOS PROARQ, se concentram, portanto, na crítica da vontade arquitetônica que se alia à crítica da ordem do mundo, possibilita friccionar categorias: deslocamentos conceituais e literais que a arquitetura propõe, articulando a capacidade imaginativa do projeto. Os encontros e diálogos impuros reunidos na forma de artigos e ensaios expõem modos de construção do pensamento e da imaginação nas proposições contemporâneas visando à contribuição necessária para atualizar nosso debate.

A paisagem é o nosso horizonte, neste conjunto de textos, e como apontava Jean-Louis Cohen em sua obra "O futuro da arquitetura desde 1889"², é nosso ponto de fuga para esse lugar deslocado entre tempos, que não coincide com o passado histórico, embora, beba nas suas fontes e, tampouco, é um indicador de futuro. Pretendemos somar um ponto neste processo de transformação lenta das arquiteturas e da paisagem, do qual fazemos parte.

Lídia Quietto Viana (FAU UFBA)

Luís Antônio Jorge (FAU USP)

Silvia Sávio Chataignier (FACMA - Universidad Autónoma de Chile)

Editores

¹ RANCIÈRE, J. *Les voyages de l'Art*. Paris:Ed. Seuil, 2023.

² COHEN, J.-L. *O futuro da arquitetura desde 1889*. Ed. Bras. São Paulo:ed.Cosac-Naif, 2013.

A word from editors

Interactions between Practice and Theory - The Landscape in Contemporary Architecture

The motivation behind the proposal for the Thematic Dossier, coordinated by the team of special editors who sign this text, is to respond to theoretical and practical issues reverberating in the field of architecture today. This occurs through interdisciplinary practices that anticipate changes in theory, teaching methodologies, and the generation of research across different fields of knowledge and languages, such as geography, history, philosophy, art, literature, big data, whose sources demand a diversification never seen on this scale. There is an effort to dissolve the boundaries between fields, a search for encounters and dialogues with the "other" for impure, heterogeneous constructions, permeated, however, by points of convergence. In this sense, the future world contained in the projects should not separate but "reconnect separated humans" through buildings and configure a "space of slips" that allows the exchange of properties between fields, thus free, as Jacques Rancière¹ proposes. While architecture dialogues with concepts formulated in other disciplinary fields, on the other hand, the world translated by architecture expresses its own issues.

"Architecturing" is a dimension of the act of designing linked to imagining and planning. Added to the act of building, it places architecture in a concrete and living place, where the imaginative dimension enables and demands, in the constructed spaces, the mediation between body, language, and world. In other words, it is the ability to imagine and give meaning to the world. The texts gathered in this edition, approved with all the criteria inherent to the journal CADERNOS PROARQ, focus therefore on the critique of architectural will that allies with the critique of the world order, enabling the friction of categories: conceptual and literal displacements proposed by architecture, articulating the imaginative capacity of the project. The impure encounters and dialogues gathered in the form of articles and essays expose modes of constructing thought and imagination in contemporary propositions, aiming to contribute necessary updates to our debate.

Landscape is our horizon in this set of texts, and as Jean-Louis Cohen pointed out in 'The Future of Architecture Since 1889'², it is our vanishing point to this displaced place between times, which does not coincide with historical past, although it draws from its sources, and neither is na indicator of the future. We intend to add a point in this slow transformation process of architectures and landscape, of which we are a part.

Lidia Quietto Viana (FAU UFBA)

Luís Antônio Jorge (FAU USP)

Silvia Sávio Chataignier (FACMA -Universidad Autónoma de Chile)

Editors

¹ RANCIÈRE, J. Les voyages de l'Art. Paris:Ed. Seuil, 2023.

² COHEN, J-L. O futuro da arquitetura desde 1889. Ed. Bras. São Paulo:ed.Cosac-Naif, 2013.

Interlocuções por pontos de convergência e deslocamentos em arquitetura e urbanismo

Chegamos ao fim de 2023 com mais uma edição do CADERNOS PROARQ, desta vez aliada a um dossiê temático de alta pertinência para os debates atuais em nosso campo de atuação teórico-prático. A revista semestral do Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ chega ao número 41, portanto, com o apoio dedicado e potente dos editores especiais Luís Antônio Jorge (FAU USP), Lidia Quietó Viana (FAU UFBA) e Silvia Sávio Chataignier (FACMA - Universidad Autónoma de Chile). Neste volume que chega às mãos de pesquisadores nacionais e internacionais, as abordagens sobre a paisagem na arquitetura contemporânea são tecidas pelas linhas emaranhadas das experiências, debates, aplicações e propostas de aplicação da teoria e da prática em Arquitetura e Urbanismo, como “capacidade imaginativa” (termo dos editores especiais) que se constrói pela transdisciplinaridade, mas também por uma singularidade do campo do saber.

Nos artigos meticulosamente avaliados e aprovados, verificamos a potência desses deslocamentos epistemológicos e estruturais, que permitem falar de paisagem morfológicamente, ou semioticamente; permitem também analisar projetos de edificações, paisagens férreas e sistemas verdes, ou de transporte, em simetria com as performances urbanas/mundanas, ensaios poéticos e imagéticas. Assim, cada um dos artigos apresentados nesta edição se conecta com o escopo proposto para o dossiê temático, para muito além de sua definição - com as doses necessárias de trabalho autoral e imprevisibilidade que toda pesquisa deve portar.

Neste caminho, no primeiro artigo **Fábio Mariz Gonçalves** tece uma discussão em torno da paisagem enquanto conceito estruturante da relação indivíduo-espaco vivido. O autor discorre sobre o conceito nos trazendo diferentes pontos de vista teórico e associando esses saberes ao que é ensinado nas faculdades de Arquitetura e a atuação do arquiteto contemporâneo. Conclui a pesquisa compreendendo paisagem enquanto construção coletiva de saberes, indissociável natureza do homem, contudo, é necessário a superação da ideal da modernidade do homem no centro, e aproximar à ideia de coexistência.

Daniel Juracy Mellado Paz explora a situação do escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986) e sua cidade de nascimento, Buenos Aires, onde sua experiência é o fundamento para uma série de lugares evocados. Arriscando uma audácia, o autor abraça as ideias e símbolos do escritor e suas criações, que se incorporam à grande tapeçaria da literatura fantástica, onde as ideias se tornaram de todos, e que o transformaram em um dos símbolos pelos quais os próprios portenhos e argentinos se reconhecem.

Marcio Correia Campos tece uma compreensão crítica do deslocamento espacial ao qual a igreja da Ajuda em Salvador, Bahia, foi submetida. Local onde padre Antônio Vieira, o mais importante pregador do Brasil colonial, proferiu alguns dos seus sermões e importante marco religioso da cidade, foi demolida como parte do processo de modernização do centro de Salvador e inaugurada uma nova sede há cem anos, com alguns elementos conservados da igreja original. Através de uma reavaliação do mito da presença da arquitetura, o autor aponta como a nova igreja da Ajuda apoia-se na presença da escrita em sua história, no lugar da fala do Padre Antônio Vieira, para ser reerguida.

Daniel Milagres Nascimento e Fabiola do Valle Zonno Em uma escrita sensível trazem as memórias do rio Faria, localizado no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, intercalado com fotografias do corpo d'água das paisagens ribeirinhas. Expõem o processo de destruição das águas banháveis. E, por meio da memória nos restos e vestígios, emerge uma manifestação artística dos autores ao explorar a potência poética, e as experimentações possíveis para um caminho de re-encantamento do rio. Assim, com o caminhar, encontro com os ribeirinhos, as possibilidades de montagem e com a escrita da experiência vivida, trazem percepções sobre gestos encantados, capazes de trazer uma re-educação ecológica, social, subjetiva e espiritual.

Ana Carolina de Freitas Trindade e Fernando Diniz Moreira fazem uma análise do trabalho neovanguardista do artista pernambucano Paulo Bruscky (1949) a partir da performance Enterro Aquático I de 1972, produzida no coração do centro de Recife. Os autores refletem como a performance de arte pode ser uma ferramenta para pensarmos o corpo [do artista] e a experiência na cidade e concluem que o artista mostrou, através de técnicas de enfrentamento que pudessem traduzir a complexidade da cidade e (re)conectar a arte ao cotidiano, como a arte pode ser uma possibilidade pela qual se adentra a cidade revelando todas as suas camadas, mas também um modo do qual se constrói um meio lúdico de reapropriação do território.

Lis Dourado Pamplona, Pedro Bandeira e Gustavo Rocha-Peixoto tratam neste artigo da construção de desenhos a partir do emprego da imagem na prática de quatro ateliês em Portugal: Fala Atelier, Nuno Melo Sousa, Corpo Atelier e Ponto Atelier. O objetivo é propor uma reflexão sobre a apropriação intencional dessa fuga criativa pelos meios que legitimam as obras nas media, assim como esta se insere na ambiguidade inerente ao meio da arte e cultura, tornando ainda mais complexo o debate em torno da autoria. Os autores enxergam nesses jovens ateliês a oportunidade de questionamentos sobre a profissão e suas relações tensas entre soberanias, e mesmo que façam parte dos confrontos de soberanias e poder, esses ateliês auxiliam implicitamente a elucidar a ambiguidade dentro do desejo de resguardar a prática criativa e autoral.

Cláudio Valentim Rocha Leal e Glauco de Paula Coccozza investigam as narrativas da paisagem ao longo da linha férrea em Teresina, Piauí, destacando a influência desse elemento na configuração da paisagem urbana contemporânea. O estudo aborda barreiras, transposições e segregação socioespacial. A partir da hipótese de que a linha férrea exerce um papel determinante na formação da paisagem, a pesquisa realiza uma análise visual do espaço, fundamentada em

elementos morfológico-espaciais. O objetivo é promover uma "educação urbana" e integrar a linha férrea ao planejamento urbano para uma convivência mais harmoniosa. Os autores destacam desafios, como a percepção da linha férrea como elemento de segregação, enfatizando a necessidade de um planejamento urbano abrangente.

Cristiane Martins Baltar Pereira, Paulo Sergio Scarazzato e Caroline Ganzert Afonso discutem os diferentes papéis que as janelas assumiram durante a evolução da arquitetura e apresentam como esse elemento arquitetônico continua evoluindo e atendendo às necessidades contemporâneas da sociedade, sendo fundamental para a qualidade do espaço interno. Através de uma revisão sistemática da literatura, verificou-se a trajetória desse elemento nas transformações da arquitetura, refletindo as alterações culturais, estéticas, tecnológicas ou estruturais. Os autores concluem que o conhecimento da utilização das janelas ao longos dos séculos são uma importante ferramenta para a compreensão da relação humana com o espaço construído e suas conexões físicas, especialmente através da luz.

Carolina Ferreira de Carvalho discorre sobre o desenho por meio de duas formas distintas de autonomia contemporânea na arquitetura: a primeira pelas teorias de Sérgio Ferro (1938) e a segunda pelos ensaios de Peter Eisenman (1932). A autora expõe os distanciamentos processuais de cada uma das visões acerca da autonomia e identifica como principal disparidade o papel do desenho em suas formulações. Por fim, conclui que no percorrer do mesmo caminho, o que tolhe para um, liberta para o outro e que são duas autonomias distintas, mas centradas no mesmo instrumento, o desenho.

Sibelle Meyer Lana discute as possibilidades de atuação do profissional de arquitetura e urbanismo, ao investigar a partir dos conceitos de campo e prática. A autora traça um marco temporal a partir da pandemia da COVID-19, quando ficaram mais evidentes a necessidade por se projetar espaços domésticos e públicos mais eficientes, bem como o papel do arquiteto frente ao estado de exceção. Ao longo do texto a autora discorre sobre o campo enquanto arena de disputa, enquanto a prática se ocupa de análise para soluções e tomadas de decisão, e nos traz alguns arquitetos (e teóricos) para adensar a discussão.

Maria Luiza Tremel de Faria Lima, Felipe Paulo de Oliveira e João Carlos Souza realizam uma pesquisa sobre a caminhada enquanto meio de transporte, ao trazer a perspectiva de que apenas investir em infraestrutura de transporte não é suficiente para enfrentar o desafio de mobilidade nas cidades, também é necessário o incentivo aos transportes ativos. Contudo, ao tratar da caminhada, a configuração espacial de determinada cidade pode ser um fator que desestimula a sua prática, trazem também fatores que estimulam a caminhada, como a densidade populacional e diversidade de uso do solo.

Daniel Medeiros de Freitas e Ana Clara Vargas de Melo abordam a partir da leitura da paisagem dos caminhos na Serra do Curral, Belo Horizonte, considerando a interação entre a Trama Verde Azul na Região Metropolitana de Belo Horizonte (TVA-RMBH), conflitos de preservação e atividade mineradora, e diretrizes projetuais para criar percursos na região. Os autores destacam os desafios da TVA-RMBH na Serra do Curral, agravados por mudanças na política ambiental e crescimento da mineração. Além disso, utilizam a percepção do caminhante

como metodologia, argumentando pela superação da dicotomia entre natural e urbano, propondo uma abordagem orientada pela ecologia política e enfatizando a importância da infraestrutura verde no projeto urbano.

Rodrigo Araki Buzollo, **Camila Marques Zyngier** e **Rubens do Amaral** abordam a transformabilidade da paisagem urbana, enfatizando a importância da infraestrutura verde na resiliência urbana. Sendo assim, destacam a necessidade de revisão dos padrões tradicionais de urbanização diante das pressões naturais nas cidades. O foco dos autores recai sobre espaços livres urbanos, considerados infraestruturas essenciais, porém frequentemente subutilizados no contexto brasileiro. O estudo propõe estratégias para qualificar esses espaços residuais, utilizando a floresta urbana como parte da infraestrutura verde, catalisadora de transformações na paisagem.

Juliana Villela Junqueira, **Rodrigo Mendes de Souza** e **Isadora Taborda Silva** destacam o papel estratégico desempenhado pelo Mato Grosso do Sul no Brasil e na América do Sul devido à sua localização geográfica e histórico de transformações territoriais. Cercado por terra, o estado conecta biomas diversos e tem sido moldado pela evolução da infraestrutura ao longo do tempo. Os autores buscam analisar as relações entre infraestrutura, perfil produtivo e fluxos resultantes, especialmente aqueles relacionados à água. Sua proposta é refletir sobre um modelo de planejamento regional que concilie a exploração sustentável dos recursos hídricos com o desenvolvimento urbano.

Encerramos, assim, mais uma edição de nosso periódico científico que intenta, há longos anos, deslocar do lugar-comum e ascender a pesquisa em nossa área de conhecimento, para trazer à tona o valor da incerteza e das novas abordagens como motor essencial para a inovação. Que os leitores encontrem aqui algumas respostas e muitos lampejos para pesquisas futuras!

Ethel Pinheiro Santana, *chefe de editoria*

Aline Calazans Marques, *co-chefe de editoria*

Comissão Editorial

Lidia Quieto Viana, Luís Antônio Jorge, Silvia Sávio Chataignier

Editores Especiais

Barbara Thomaz

Coordenação Executiva

Fernanda Freitas, Fernando Mathias, Mirela Linhares e Víctor Assi Bastos

Secretaria executiva

Intersections through points of convergence and displacements in architecture and urbanism

We reach the end of 2023 with another edition of CADERNOS PROARQ, this time accompanied by a thematic dossier highly relevant to current debates in our theoretical-practical field of activity. The biannual journal of the Graduate Program in Architecture - PROARQ reaches issue number 41, thus with the dedicated and powerful support of special editors Luís Antônio Jorge (FAU USP), Lidia Quieto Viana (UFBA), and Silvia Sávio Chataignier (FACMA - Universidad Autónoma de Chile). In this volume that reaches the hands of national and international researchers, approaches to landscape in contemporary architecture are woven through the tangled lines of experiences, debates, applications, and proposals for the application of theory and practice in Architecture and Urbanism, as an "imaginative capacity" (term of the special editors) that is built through transdisciplinarity, but also by a singularity of the field of knowledge.

In the meticulously evaluated and approved articles, we observe the power of these epistemological and structural displacements, which allow us to speak of landscape morphologically or semiotically; they also allow the analysis of building projects, railway landscapes and green systems, or transportation, in symmetry with urban/worldly performances, poetic essays, and imagery. Thus, each of the articles presented in this edition connects with the proposed scope of the thematic dossier, far beyond its definition - with the necessary doses of authorial work and unpredictability that every research should carry.

In this path, in the first article, **Fábio Mariz Gonçalves** discusses the landscape as a structuring concept of the individual-space relationship. The author elaborates on the concept, bringing us different theoretical perspectives and associating these knowledges with what is taught in architecture schools and the role of the contemporary architect. The research concludes by understanding the landscape as a collective construction of knowledge, inseparable from human nature; however, it is necessary to overcome the modernity ideal of man at the center and move towards the idea of coexistence.

Daniel Juracy Mellado Paz explores the situation of Argentine writer Jorge Luis Borges (1899-1986) and his birth city, Buenos Aires, where his experience is the foundation for a series of evoked places. Taking a bold approach, the author embraces the ideas and symbols of the writer and his creations, which become part of the grand tapestry of fantastic literature, where ideas become shared by all and turn him into one of the symbols by which the people of Buenos Aires and Argentina recognize themselves.

Marcio Correia Campos critically examines the spatial displacement undergone by the church of Ajuda in Salvador, Bahia. The place where Father Antônio Vieira, the most important preacher of colonial Brazil, delivered some of his sermons and an important religious landmark of the city, was demolished as part of the modernization process of downtown Salvador. A new headquarters was inaugurated a hundred years ago, with some elements preserved from the original church. Through a reassessment of the myth of the presence of architecture, the author points out how the new church of Ajuda relies on the presence of writing in its history, in place of Father Antônio Vieira's speech, to be rebuilt.

Daniel Milagres Nascimento and **Fabiola do Valle Zonno**, in a sensitive writing, bring the memories of the Faria River, located in the suburbs of Rio de Janeiro, interspersed with photographs of the water body and riverside landscapes. They expose the process of the destruction of swimmable waters. Through memory in remnants and traces, an artistic manifestation emerges from the authors as they explore poetic potential and possible experiments for a path of re-enchantment of the river. Thus, with walking, encounters with riverside dwellers, possibilities of composition, and the writing of lived experience, they provide insights into enchanted gestures capable of bringing ecological, social, subjective, and spiritual re-education.

Ana Carolina de Freitas Trindade and **Fernando Diniz Moreira** analyze the neo-vanguard work of Pernambuco artist Paulo Bruscky (1949) from the performance *Enterro Aquático I* of 1972, produced in the heart of downtown Recife. The authors reflect on how art performance can be a tool to think about the [artist's] body and experience in the city. They conclude that the artist demonstrated, through confrontation techniques that could translate the complexity of the city and (re) connect art to everyday life, how art can be a possibility to enter the city, revealing all its layers, and also a way to construct a playful means of reclaiming territory.

Lis Dourado Pamplona, **Pedro Bandeira**, and **Gustavo Rocha-Peixoto**, in this article, discuss the construction of drawings through the use of images in the practice of four studios in Portugal: *Fala Atelier*, *Nuno Melo Sousa*, *Corpo Atelier*, and *Ponto Atelier*. The goal is to propose a reflection on the intentional appropriation of this creative escape by the means that legitimize works in the media, as well as how it fits into the inherent ambiguity of the art and culture milieu, making the debate around authorship even more complex. The authors see in these young studios an opportunity for questioning the profession and its tense relationships between sovereignties. Even though they are part of conflicts of sovereignties and power, these studios implicitly help elucidate the ambiguity within the desire to safeguard creative and authorial practice.

Cláudio Valentim Rocha Leal and **Glauco de Paula Coccozza** investigate the narratives of the landscape along the railway line in Teresina, Piauí, highlighting the influence of this element in shaping the contemporary urban landscape. The study addresses barriers, transpositions, and socio-spatial segregation. Based on the hypothesis that the railway line plays a determining role in landscape formation,

the research conducts a visual analysis of the space, grounded in morphological-spatial elements. The goal is to promote "urban education" and integrate the railway line into urban planning for a more harmonious coexistence. The authors emphasize challenges, such as perceiving the railway line as a segregating element, emphasizing the need for comprehensive urban planning.

Cristiane Martins Baltar Pereira, Paulo Sergio Scarazzato, and Caroline Ganzert Afonso discuss the different roles that windows have assumed throughout the evolution of architecture and present how this architectural element continues to evolve, meeting contemporary society's needs and being fundamental to the quality of internal space. Through a systematic literature review, they trace the trajectory of this element in the transformations of architecture, reflecting cultural, aesthetic, technological, or structural changes. The authors conclude that knowledge of the use of windows over the centuries is an important tool for understanding the human relationship with the built space and its physical connections, especially through light.

Carolina Ferreira de Carvalho discusses drawing through two distinct forms of contemporary autonomy in architecture: the first through the theories of Sérgio Ferro (1938) and the second through the essays of Peter Eisenman (1932). The author exposes the procedural differences of each view on autonomy and identifies the main disparity as the role of drawing in their formulations. Finally, she concludes that in the course of the same path, what hinders one, liberates the other, and that they are two distinct autonomies, but centered on the same instrument, drawing.

Sibelle Meyer Lana discusses the possibilities of the professional practice of architecture and urbanism, investigating from the concepts of field and practice. The author establishes a timeframe from the COVID-19 pandemic, when the need to design more efficient domestic and public spaces became more evident, as well as the role of the architect in a state of exception. Throughout the text, the author discusses the field as an arena of dispute, while practice involves analysis for solutions and decision-making. She brings in some architects (and theorists) to deepen the discussion.

Maria Luiza Tremel de Faria Lima, Felipe Paulo de Oliveira, and João Carlos Souza conduct research on walking as a means of transportation, bringing the perspective that investing only in transportation infrastructure is not enough to address the mobility challenge in cities. It is also necessary to encourage active transportation. However, when it comes to walking, the spatial configuration of a specific city can be a factor that discourages its practice. They also present factors that stimulate walking, such as population density and land use diversity.

Daniel Medeiros de Freitas and Ana Clara Vargas de Melo approach the reading of the landscape of paths in the Serra do Curral, Belo Horizonte, considering the interaction between the Blue Green Framework in the Metropolitan Region of Belo Horizonte (TVA-RMBH), preservation conflicts, mining activities, and design guidelines to create routes in the region. The authors highlight the challenges of

TVA-RMBH in Serra do Curral, exacerbated by changes in environmental policy and mining growth. Additionally, they use the walker's perception as a methodology, arguing for overcoming the dichotomy between natural and urban, proposing an approach guided by political ecology and emphasizing the importance of green infrastructure in urban design.

Rodrigo Araki Buzollo, Camila Marques Zyngier, and Rubens do Amaral address the transformability of the urban landscape, emphasizing the importance of green infrastructure in urban resilience. They highlight the need to revise traditional urbanization patterns in the face of natural pressures in cities. The authors focus on urban open spaces, considered essential infrastructure but often underutilized in the Brazilian context. The study proposes strategies to qualify these residual spaces, using the urban forest as part of green infrastructure, catalyzing transformations in the landscape.

Juliana Villela Junqueira, Rodrigo Mendes de Souza, and Isadora Taborda Silva highlight the strategic role played by Mato Grosso do Sul in Brazil and South America due to its geographical location and historical territorial transformations. Surrounded by land, the state connects diverse biomes and has been shaped by the evolution of infrastructure over time. The authors seek to analyze the relationships between infrastructure, productive profile, and resulting flows, especially those related to water. Their proposal is to reflect on a regional planning model that reconciles sustainable exploration of water resources with urban development.

We thus conclude another edition of our scientific journal, which has, for many years, sought to move away from the commonplace and elevate research in our field of knowledge, bringing to light the value of uncertainty and new approaches as an essential driver for innovation. May readers find here some answers and many sparks for future research!

Ethel Pinheiro Santana

Aline Calazans Marques

Editorial Committee

Lidia Quieto VianaLuís Antônio Jorge, Silvia Sávio Chataignier

Special Editors

Barbara Thomaz

Executive Coordination

Fernanda Freitas, Fernando Mathias, Mirela Linhares, and Victor Assi Bastos

Executive Secretariat

Sumário *Contents*

1

Paisagem como Projeto e o Projeto da Paisagem

Landscape as a Project and the Landscape Project

Fábio Mariz Gonçalves

19

O Escritor em seu Labirinto: Jorge Luis Borges em Buenos Aires

The Writer in its Labyrinth: Jorge Luis Borges in Buenos Aires

Daniel Juracy Mellado Paz

35

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

Marcio Correia Campos

49

Ações Poéticas nas paisagens do rio Faria, caminhos de encantamento e memória

Poetic Actions in Faria River's landscapes, paths of enchantment and memory

Daniel Milagres Nascimento e Fabiola do Valle Zonno

68

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

Ana Carolina de Freitas Trindade e Fernando Diniz Moreira

88

Construção de imagens, imagens para construção: casos da arquitetura em Portugal

Construction of images, images for construction: cases of architecture in Portugal

Lis Dourado Pamplona, Pedro Bandeira e Gustavo Rocha-Peixoto

108

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual

analysis

Cláudio Valentim Rocha Leal e Glauco de Paula Coccozza

Sumário *Contents*

125

O uso das janelas na história da arquitetura

The use of windows in the history of architecture

Cristiane Martins Baltar Pereira, Caroline Ganzert Afonso e Paulo Sergio Scarazzato

146

Autonomias: do desenho como “alienação” ao desenho como “libertação” da arquitetura

Autonomies: from drawing as “alienation” to drawing as “liberation” of architecture

Carolina Ferreira de Carvalho

162

Por uma ruptura ou fissura possível: caminhos da produção arquitetônica

Due to a possible rupture or fissure: paths of architectural production

Sibelle Meyer Lana

176

Diversidade de usos do solo e a caminhada como transporte

Diversity of land uses and walking as transportation

Maria Luiza Tremel de Faria Lima, João Carlos Souza e Felipe Paulo de Oliveira

191

Caminhos da Serra: Leitura da paisagem e diretrizes projetuais transescalares para a preservação ambiental

Serra do Curral Trails: Landscape Reading and Transcalar Design Guidelines for

Environmental Preservation

Daniel Medeiros de Freitas e Ana Clara Vargas de Melo

209

Incorporando infraestrutura verde a espaços livres residuais: transformabilidade da paisagem urbana em São José do Rio Preto/SP

Incorporating green infrastructure to residual open spaces: urban landscape transformability in São José do Rio Preto/SP

Rodrigo Araki Buzollo, Camila Marques Zyngier e Rubens do Amaral

233

Mato Grosso do Sul: paisagem e energia

Mato Grosso do Sul: Landscape and energy

Juliana Villela Junqueira, Rodrigo Mendes de Souza e Isadora Taborda Silva

CADERNOS
PROARQ 41

FÁBIO MARIZ GONÇALVES

Paisagem como Projeto e o Projeto da Paisagem

Landscape as a Project and the Landscape Project

El paisaje como proyecto y el proyecto de paisaje

Fábio Mariz Gonçalves

Graduado (1986) e doutorado (1999) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, onde leciona no Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente, do Departamento de Projeto, desde 1989, sendo Professor Titular desde 2023. Presidiu a Comissão de Graduação da FAUUSP entre 2009 e 2014. Lecionou na USJT, na FIAM FAAM, na Universidade Brás Cubas, na Universidade Ibirapuera e coordenou o curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi. Integra a Diretoria da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo - ABEA. Integra o Laboratório Quadro da Paisagem - QUAPÁ, onde desenvolve pesquisas. Entre Julho de 2014 e Janeiro de 2017 foi Diretor do Departamento de Urbanismo - DEURB da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - SMDU da Prefeitura de São Paulo. Entre Janeiro e Dezembro de 2016 foi Presidente da Comissão de Proteção da Paisagem Urbana - CPPU.

Graduated (1986) and a doctorate (1999) from the Faculty of Architecture and Urbanism at the University of São Paulo, where teaches in the Landscape and Environment Discipline Group of the Project Department since 1989; Full Professor since 2023; chaired the Committee on Graduating from FAUUSP between 2009 and 2014. Taught at USJT, FIAM FAAM, Brás Cubas University, and Ibirapuera University and coordinated the architecture and urbanism course at Anhembi Morumbi University. Member of the Board of Directors of the Brazilian Association for Teaching Architecture and Urbanism - ABEA. Participates in the Quadro da Paisagem Laboratory - QUAPÁ, where develops research. Between July 2014 and January 2017, was Director of the Department of Urban Planning - DEURB of the Municipal Secretariat of Urban Development - SMDU of the City of São Paulo. Between January and December 2016, was President of the Urban Landscape Protection Commission - CPPU.

Graduado (1986) y doctorado (1999) por la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo, donde enseña en el Grupo de Disciplina de Paisaje y Medio Ambiente del Departamento de Proyectos desde 1989; Profesor Titular desde 2023; Presidió el Comité de Graduación de la FAUUSP entre 2009 y 2014. Impartió clases en USJT, FIAM FAAM, Universidad Brás Cubas y Universidad de Ibirapuera y coordinó el curso de arquitectura y urbanismo en la

Universidade Anhembi Morumbi. Miembro del Consejo Directivo de la Asociación Brasileña de Enseñanza de Arquitectura y Urbanismo - ABEA. Participa del Laboratorio Quadro da Paisagem - QUAPÁ, donde desarrolla investigaciones. Entre julio de 2014 y enero de 2017, fue Director del Departamento de Planificación Urbana - DEURB de la Secretaría Municipal de Desarrollo Urbano - SMDU de la Ciudad de São Paulo. Entre enero y diciembre de 2016, fue Presidente de la Comisión de Protección del Paisaje Urbano - CPPU.

fabiomgoncalves@usp.br

Resumo

Projetar a Paisagem é mais do que desenhar espaços livres – ajustando o relevo, organizando elementos edificados e vegetais – projetar a paisagem é pensar a relação com o mundo. Nos dias de hoje, deve ser sonhar uma forma de superar a mundividência moderna, propondo outros valores e modos de operar no mundo físico. É necessário pensar a paisagem como meio de ensaiar a superação da revolução copernicana, retirando o homem do centro do universo, redesenhando criticamente o convívio entre os homens e o mundo natural, assumindo que o colapso do planeta é espelho da nossa incapacidade de respeitar limites e condições. Esse texto entende projeto como disputa e pacto, como o fruto de acordos, como o meio de negociação e tensionamento de expectativas e demandas muitas vezes antagônicas, como exercício de construção coletiva que vai além do exercício da forma como manifestação de autoria ou filiação histórica. Portanto, projeto pode ser visto como espaço de experimentação e como materialização de novos valores. Entende-se também que as práticas são historicamente construídas e, ao mesmo tempo, nos constroem. Assim, projetos melhores, frutos de negociações mais bem sucedidas, dialeticamente, darão entre seus resultados a transformação de todos os agentes que o construíram. Aquilo que construímos nos constrói, a paisagem que vemos é nosso espelho, e ao mesmo tempo nossa oportunidade de transformação e aprendizado.

Palavras-chave: Paisagem. Paisagismo. Projeto. Cultura. Ética.

Abstract

Designing the Landscape is more than creating open spaces – adjusting the relief, organizing building and green elements – planning the Landscape is thinking about the relationship with the world. Nowadays, we must dream of overcoming the modern worldview, proposing other values and ways of operating in the physical world. It is necessary to think of the Landscape as a means of rehearsing overcoming the Copernican revolution, removing man from the center of the universe, critically redesigning the coexistence between men and the natural world, assuming that the collapse of the planet is a mirror of our inability to respect limits and conditions. This text understands a project as a dispute and pact, as the fruit of agreements, as a means of negotiating and tensioning expectations and demands that are often antagonistic, as an exercise in collective construction that goes beyond the exercise of form as a manifestation of authorship or historical affiliation. Therefore, a project can be seen as a space for experimentation and materializing new values. It is also understood that practices are historically constructed and, at the same time, they construct us. Thus, better projects, the result of more successful negotiations, dialectically, will result in the transformation of all the agents who built them. What we build thereafter built us; the Landscape we see is our mirror and, at the same time, our opportunity for transformation and learning.

Keywords: Landscape. Landscape design. Project. Culture. Ethic.

Resumen

Diseñar el Paisaje es más que crear espacios abiertos – ajustar el relieve, organizar edificios y elementos verdes – planificar el Paisaje es pensar en la relación con el mundo. Hoy debemos soñar con superar la cosmovisión moderna proponiendo otros valores y formas de operar en el mundo físico. Es necesario pensar en el Paisaje como un medio para ensayar la superación de la revolución copernicana, sacando al hombre del centro del universo, rediseñando críticamente la convivencia entre el hombre y el mundo natural, asumiendo que el colapso del planeta es un espejo de nuestra incapacidad de respetar límites y condiciones. Este texto entiende un proyecto como disputa y acuerdo, como resultado de los acuerdos, como medio de negociación y tensión de expectativas y demandas muchas veces antagónicas, como ejercicio de construcción colectiva que va más allá del ejercicio de la forma como manifestación de autoría, o filiación histórica. Por tanto, un proyecto puede verse como un espacio de experimentación y materialización de nuevos valores. Se entiende también que las prácticas se construyen históricamente y, al mismo tiempo, nos construyen a nosotros. Así, mejores proyectos resultantes de negociaciones más exitosas, dialécticamente, transformarán a todos los agentes que los construyeron. Lo que construimos después nos construyó a nosotros; el Paisaje que vemos es nuestro espejo y, al mismo tiempo, nuestra oportunidad de transformación y aprendizaje.

Palabras clave: Paisaje. Paisajismo. Proyecto. Cultura. Principio moral.

Introdução

O presente artigo surgiu da necessidade de compreender o papel do campo disciplinar da paisagem no âmbito da formação de arquitetos e urbanistas. No Brasil, ainda não abrimos mão da formação do arquiteto abarcando o urbanismo e o paisagismo como campos articulados e indissociáveis. Na prática profissional temos escritórios e secretarias públicas (nas três esferas do poder) tratando de cada tema separadamente, afinal, nenhum profissional é capaz de dominar com a profundidade necessária, e se manter igualmente atualizado, acerca desses três campos da atuação profissional.

Contudo, durante a graduação, compreende-se que os exercícios projetuais devem tratar em diferentes momentos desses três campos: da arquitetura de edifícios, do urbanismo e do paisagismo. Diante do desmonte dos cursos de graduação no país nas primeiras décadas do século XXI, com frequência, em muitas escolas as disciplinas de paisagismo e urbanismo foram fundidas como se abarcassem as mesmas questões. Este artigo refletirá acerca da especificidade do campo da paisagem a partir da sua poética própria, a que resulta da ética peculiar que o tema exige.

A separação dos campos, estruturando cursos específicos para a formação de arquitetos, urbanistas e de paisagistas constituiria erro historicamente repetido da compartimentação das formações. A especialização durante a graduação empobrece a formação dos nossos profissionais e vai no sentido contrário do aprimoramento que poderia advir de estruturação da formação continuada, ou seja, da estruturação de cursos de especialização abertos aos graduados, para que os profissionais sigam estudando e aprofundando seus conhecimentos nas áreas que atuam.

Sem dúvida, durante a graduação não conseguimos tratar adequadamente muitos temas de cada área de atuação. Há anos trabalho em um curso público e acompanho a luta permanente dos departamentos por maior carga horária, maior número e tempo para as disciplinas, justamente com o argumento de que são necessárias mais horas de aula para abarcar todo o conhecimento necessário sobre vários temas. Daí que vários cursos de graduação no país ainda têm mais de seis mil horas, embora o parâmetro federal seja bem menor que isso.

O que advogo aqui é que cada uma das áreas têm questões próprias que devem ser abordadas ao longo da graduação, neste artigo vou tratar apenas das questões da paisagem, mostrando sua especificidade e importância na formação do arquiteto e urbanista brasileiro no tempo presente.

Conceituando Paisagem

Paisagem é um termo polissêmico, comportando várias definições e interpretações. Cada campo do conhecimento pode se apropriar do termo dando-lhe sentido próprio.

O professor de literatura e filósofo francês Michel Collot (2013) conceitua Paisagem como um espaço percebido de um determinado ponto de vista, ou a sua representação pictórica. Ele diz que a paisagem só existe quando temos pelo menos três componentes, unidos em uma relação complexa: o local, o olhar e a imagem. Portanto, é o olhar que transforma o local em paisagem, em arte e lhe dá significado. Collot ensina que essa relação entre os três, é histórica, sendo que por séculos a natureza foi considerada como o modelo que a arte deveria imitar, até que os modernos colocaram o homem no centro do universo propondo a inversão desta relação, valorizando a representação artística, propondo que a natureza imite a arte. Contudo, tanto para Collot quanto Merleau-Ponty (1999), a relação não é unidirecional, a materialidade, sua percepção

e a representação, são frutos do pensamento, da arte e da cultura. Merleau-Ponty destrói o limite entre o sujeito e a paisagem, definindo o “sujeito” como “campo”, “o pensamento sujeito” (ibid., p. 292), chegando a afirmar que “Eu sou um campo, sou uma experiência” (ibid., p. 545). Portanto antes de estabelecer a subordinação de um ao outro, o olhar é um ato estético, mas também é ato sensível, a paisagem instaura a interação que convida a pensar de outro modo, que altera a visão e o próprio observador.

FIGURA 1 – A aquarela “Bellinzona”, de 1830, de William Turner, Coleção Tate, Londres.

Fonte: Domínio público. Disponível em [https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:\(Barcelona\)_Bellinzona_-_1830_-_William_Turner_-_Tate_Britain.jpg](https://en.m.wikipedia.org/wiki/File:(Barcelona)_Bellinzona_-_1830_-_William_Turner_-_Tate_Britain.jpg) Acesso em 20 out. 2023

Para ilustrar a Paisagem como experiência individual selecionei duas pinturas, uma aquarela do século XIX, de William Turner, mostrando seu encantamento com a cidade de Bellinzona, encimando uma colina ao sul dos Alpes, na Suíça; e uma pintura do século XX, de Piet Mondrian, encantado com uma nuvem cor de rosa no céu escuro dos Países Baixos. Os dois trabalhos mostram o encantamento dos dois pintores diante dos efeitos da luz colorindo a atmosfera. É a sensibilidade deles que constrói as paisagens, como materialização das visões que eles têm do mundo. Dois pintores geniais, com estilos e técnicas completamente diversas, com mais de 70 anos de distância no tempo, nestas obras falam da paisagem como fonte de inspiração e expressão.





FIGURA 2 –Quadro “A Nuvem Rosa”, 1907, de Piet Mondrian, Coleção do Gemeentemuseum, Haia.

Fonte: Domínio público. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Piet_mondrian_la_nube_rossa,_1907_ca.jpg
Acesso em 20 out. 2023

A visão não se dá pela adição de estímulos, mas pela estruturação do conjunto deles pelo sujeito, que decide quais elementos colocar e como cada um se relaciona com os demais, segundo processo complexo de compreensão, articulação e seleção que é, ao mesmo tempo, sensível e racional. Esse processo é tão complexo quanto individual – embora possa ser coletivo e compartilhado – portanto é construção cultural, pois revela e depende da capacidade, do universo cultural em que se dá.

Com esse conceito fica claro que nem o espaço e nem o ambiente são paisagem, entretantes eles podem se tornar paisagem a partir do momento em que são percebidos pelo olhar consciente. A paisagem é o lugar da emergência do pensamento, que só pode nascer da experiência sensível, dos sentidos e da sua consciência.

O geógrafo Milton Santos buscou contribuir com a distinção entre espaço e paisagem afirmando que a “paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”(Santos, 1997, p. 83). Para ele Paisagem também tem a ver com visualidade, pois também pode ser entendida como a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Ele reitera que a Paisagem não é fixa, nem imóvel, é o conjunto dos elementos (naturais e artificiais) passados e presentes, uma construção transversal e “transtemporal”, ou seja, resultado da acumulação de tempos. Enquanto o “espaço é sempre um Presente, uma construção horizontal, uma situação única” (ibid., p. 83).

Essa separação, entre os elementos “naturais” e “artificiais”, ganha maior peso em outra definição de Milton Santos presente no livro “Pensando o Espaço do Homem”, em que a Paisagem compreende dois sistemas de elementos: o sistema de objetos naturais e o sistema de objetos sociais (Santos, 2012, p. 53). Essa separação, embora útil do ponto de vista operacional e da organização do raciocínio, reitera a separação entre o Homem e a Natureza.

Essa separação é a questão central, que impõem contemporaneamente a revisão do conceito de Paisagem.

A separação Homem e Paisagem

A ideia de que existem dois sistemas de objetos distintos, o sistema natural e o social, mantém a separação entre o Homem e a Natureza, entende e reitera que o Homem não faz parte da Natureza. Essa separação é a base da modernidade e a origem dos seus desdobramentos e problemas.

O sociólogo e linguista inglês Raymond Williams (2011) investiga os vários entendimentos e significados do termo Natureza ao longo da história. Na sua origem o termo vem da palavra latina “natura”, que refere à “constituição essencial das coisas”, o que era original, inato e inerente às coisas, portanto, natural. Deste modo, Natureza estava na origem de todas as coisas e processos da vida. Williams mostra que essa aceção no mundo ocidental serve à ideia de que desvendar a Natureza é conhecer seu lugar dentro dela, era compreender o seu lugar no projeto de Deus.

FIGURA 2 –Quadro “O paraíso terrestre com a queda de Adão e Eva”, pintado por Peter Paul Rubens e Jan Brueghel, o Velho, por volta de 1615. Faz parte da coleção Mauritshuis em Haia.

Fonte: Domínio público.
Disponível em https://nl.wikipedia.org/wiki/Het_aardse_paradijs_met_de_zondeval_van_Adam_en_Eva#/media:Bestand:Jan_Brueghel_de_Oude_en_Peter_Paul_Rubens_-_Het_aards_paradijs_met_de_zondeval_van_Adam_en_Eva.jpg
Acesso em 20 out. 2023



O quadro, “O Jardim do Éden, a queda do Homem”, de 1615, da Coleção Mauritshuis em Haia, ilustra perfeitamente tanto a ideia da Natureza como o presente de Deus aos Homens, quanto a separação do Homem da Natureza. A concepção do quadro é de Jan Brueghel (filho do Peter Brueghel), realizado em parceria com Peter Paul Rubens (1577/1640). A composição geral é de Jan, mas a pintura foi iniciada por Peter Paul Rubens, que pintou o Adão, a Eva, o cavalo e a cobra, diretamente sobre a tela, quase sem desenho. A tela foi então completada por Jan Brueghel, especialista em pintar elementos da natureza, que pintou todos os demais elementos, com disciplina quase enciclopédica, cada animal e planta com a maior precisão possível naquele século. Jan pintou buscando a verossimilhança utilizando-se dos saberes da época. A Holanda invadiu o Nordeste brasileiro no século XVII, já acumulava bom conhecimento da fauna e da flora brasileira. Lá estão representadas araras, tucanos, papagaios e outros animais exóticos para os europeus. Os territórios que estavam sendo colonizados, ocupados e explorados eram o próprio Jardim do Éden dado por Deus aos Homens. O monoteísmo cristão ocidental buscou erradicar todas as outras formas de compreensão do mundo e da Natureza que se relacionavam com os “deuses pagãos”, que regiam os entes e as manifestações da natureza.

Pode-se dizer que há cerca de dez mil anos a humanidade vem domesticando e selecionando espécies de animais e vegetais. Cruzando e desenvolvendo variedades

mais produtivas, resilientes e de fácil manejo, “aprimorando” suas espécies. Ao longo de toda a história existe o debate entre os que “aperfeiçoam” a Natureza gerando riquezas, acusados de serem destruidores, em conflito aberto com os que querem vê-la intocada, acusados como românticos. Esse debate não arrefece nem mesmo nos séculos XVIII e XIX, quando nasce a compreensão de que a natureza evoluía e que todos seus elementos, vivos ou não, tinham história e estavam em permanente transformação. A separação não se alterou nem mesmo com a descoberta da Teoria da Evolução por Darwin, que mostra com clareza que, como parte da Natureza, nós também somos fruto de processos evolutivos naturais. Ainda assim, a noção de que somos separados da Natureza, persiste como uma abstração indissociável da moderna cultura ocidental.

Essa persistência tem várias razões políticas, econômicas e sociais, sendo conveniente para a manutenção de processos produtivos altamente destrutivos e rentáveis. Williams nos ensina que separar a economia da ecologia permite apresentar como o produto das montadoras de automóveis apenas os carros, enquanto as montanhas de ferro velho, a poluição do ar, os engarrafamentos e as rodovias não são fruto ou responsabilidade da mesma cadeia produtiva. Não faz sentido separar a economia da ecologia e da sociologia, mas para que os sistemas econômicos não sejam responsabilizados pela destruição do meio ambiente e pela exploração do próprio homem, essas separações permanecem na produção e na reprodução do conhecimento.

O geógrafo marroquino Augustin Berque (2023) aponta que a modernidade reduziu o mundo exterior a uma coleção de objetos, sem relação com o Homem. Que a valorização excessiva do indivíduo, conseqüente do seu isolamento do mundo, alterou seu modo de se relacionar com a paisagem, fazendo-a uma projeção arbitrária de si mesmo. A única forma de reinserir o homem no mundo é a superação do que ele chama de POMC, o Paradigma Ocidental Moderno Clássico – POMC que é, desde Descartes, o responsável pela ruptura.

No século XXI, o estágio atual do capitalismo neoliberal está levando a novos patamares os processos de exploração do Homem e da Natureza. O entendimento compartimentado dos saberes e sua hierarquização facilita o processo de reificação de tudo o que serve aos sistemas produtivos. Axel Honneth (2018) nos mostra que o processo de reificação, ou seja, de não reconhecimento das singularidades e direitos, é o processo de instrumentalização, de “coisificação”, que reduz as pessoas e os recursos naturais a simples elementos das cadeias de produção e circulação de mercadorias.

O capitalismo é baseado em dominação e exploração; o colonialismo e o imperialismo são baseados na conquista, dos homens e dos produtos físicos, ambos como matéria-prima e engrenagens dos sistemas produtivos que concentram a renda e o poder econômico e político. Os processos de alienação e reificação são fundamentais para a validação desses sistemas de exploração e produção, alienando igualmente todos os processos de vida dos quais somos parte e dos quais depende a sobrevivência de todos os grupos humanos.

A Cultura como relação do Homem com a Paisagem

Terry Eagleton (2011), professor de Literatura, originalmente orientando de Raymond Williams, conta que o termo “cultura” tem sua raiz latina em *colere*, que se refere às atividades de cultivo, trato da terra e colheita, atividades árduas, brutas e braçais, que foi transferido para as atividades mais intelectuais e do espírito. Seja como o labor

que transforma, seja como atividade de construção intelectual e humana, a Cultura é normalmente entendida como o oposto de Natureza, tudo aquilo que não é natural, tudo o que existe por ação humana.

Eagleton vai mostrar que entre os vários significados atribuídos ao termo Cultura, muitos deles se referem aos modos e práticas características de cada povo, portanto, pode-se entender a Cultura como o modo que a sociedade se relaciona com a Natureza, com o mundo, com ela própria e com sua história.

Destarte podemos definir *Paisagem como o olhar que revela a relação entre a Cultura e a Natureza*. Pode-se entender a *Paisagem como a materialidade que revela a relação entre a Cultura e a Natureza*. Essas duas formas de entender a paisagem, como olhar e como a materialização desse olhar, serve para muitos campos, como o da arte ou do paisagismo. É justamente sobre esse entendimento que esse artigo se apoia.

Os Jardins de Versalhes construídos ao longo dos séculos XVI e XVII, não são apenas obra de André Le Notre, nem mesmo dos reis Luís XIII e Luís XIV, o Rei Sol. Os belíssimos e impressionantes jardins do Palácio de Versalhes são a materialização de toda a tecnologia, todas as estruturas sociais, econômicas e políticas que permitiram sua construção. As paisagens construídas em Versalhes revelam determinada visão de mundo, marcam o apogeu do Renascimento Francês (levado por Carlos VIII da Itália para a França), marcado pelo domínio da geometria e da perspectiva como forma de organizar, ver e se relacionar com o mundo e com a Natureza.

Em outubro de 1957 ocorreu uma grande enchente que alagou o centro histórico, a “cidade velha” de Valência, uma das mais antigas e belas cidades espanholas. Pressionado, o governo espanhol projetou um canal ao Sul da cidade, interceptando o Rio Turia e levando suas águas diretamente para o mar. Depois de concluídas as obras, pôde-se discutir o que fazer com os doze quilômetros do leito original. Em plenos anos 70, ainda parcialmente sob a ditadura de Franco (1939-1975), quando vias expressas e anéis viários eram construídos em muitas capitais europeias, Valencia decidiu fazer um parque, inaugurado em 1986. Projeto de vários arquitetos, urbanistas e paisagistas sob o traço inaugural de Ricardo Boffil. Executando os Jardins de Rio Túria, os valencianos puderam preservar todas as dezoito pontes, algumas históricas como a Trinity Bridge, que foi construída no século XIV, com seus dez arcos góticos que resistiram e que foram reparados depois a uma grande enchente em 1517. O Parque do Rio Turia é hoje um dos maiores parques urbanos da Espanha, o principal espaço de lazer dos moradores da cidade e visitado por milhares de turistas.

O registro mais antigo de enchentes do Rio Turia é de 1321, nos últimos 700 anos foram registradas vinte e cinco enchentes e desde que suas águas foram desviadas para o Plano Sul, em 1973, o canal que o intercepta ainda não foi acionado. Contudo, caso um dia tenhamos chuvas maiores do que as mais pessimistas previsões, o leito do rio segue lá, desabitado, mas cheio de vida. Os Jardins do Rio Turia surpreendem por ser resposta inovadora e diferente do que acontecia em muitas cidades europeias na década de 80 do século XX. Mais surpreendente ainda se considerarmos que a Espanha estava parcialmente isolada do debate urbanístico pela Ditadura Franquista que só foi encerrada em 1975.

A paisagem proposta em Valência foi inovadora no seu tempo, e segue sendo lugar de experimentação de novos modos de ver e se relacionar com a Natureza.



FIGURA 4 – Jardins do Rio Turia,
Valência, Espanha.

Fonte: Foto, acervo do autor.
10/11/2018

A Paisagem como lugar de construção da Cultura

Cada espaço público aberto à população amplia a oportunidade de construção e compartilhamento de experiências coletivas, esse “comum” partilhado abre espaço para a construção de consensos e disputas, reunindo práticas estéticas e políticas, que é o que Jacques Rancière (2019) chama de “partilha do sensível”. O espaço público é o lugar do compartilhamento e construção de desentendimentos e de entendimentos, que organizam e reorganizam historicamente as práticas que ocorrem nestes espaços. Com isso eles ganham dimensão física e dimensão cultural, que emergem das experiências estéticas e políticas necessárias para que seja estabelecido quem governa e quem é governado no espaço.

O sociólogo Pierre Bourdieu analisou a relação entre indivíduo e a sociedade, reconhecendo que o indivíduo não é totalmente livre para decidir suas ações ou mesmo seu comportamento, buscava entender qual liberdade os indivíduos têm para definir suas ações. Não aceitava a liberdade que Sartre dizia que todos têm, apontava que nem mesmo os mais ricos e privilegiados têm total liberdade, contudo, por outro lado, ele recusava o determinismo histórico e social.

Para superar essa questão, Bourdieu recorreu ao conceito de habitus, ressignificando-o. Segundo Bourdieu, as estruturas que constituem determinado meio, as condições físicas e materiais que caracterizam um grupo ou uma classe social, que são apreendidas na vida cotidiana, se materializam na forma das práticas cotidianas como habitus. Para ele, habitus são os:

[...] sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras.¹

¹ BOURDIEU, Pierre. Esquisse d’une théorie de la pratique. In: ORTIZ, Renato (Org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 15.

Essas estruturas condicionam a vida e as práticas dos indivíduos e grupos, determinando os rituais, as representações e o lugar de cada indivíduo na sociedade. As estruturas podem ser organizações ou instituições mais ou menos estáveis que regulam, com maior ou menor intensidade, as relações dos seus agentes, por exemplo: a família, o Estado, as escolas, as empresas e tantas outras. Tais estruturas estabelecem “campos”, os espaços das relações dinâmicas e disputas dos seus agentes. Os campos têm regras e valores próprios, frutos das relações dinâmicas entre as instituições e os seus agentes, essas relações podem ser de apoio, de alianças ou de oposição e confronto.

O conceito de “campos”, para Bourdieu, é muito importante para toda sua produção, os campos são estruturados pelas relações dinâmicas entre as instituições e os agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis. Na sociologia bourdieusiana existem muito campos, entre os quais podemos citar: o econômico, o político, o religioso, o cultural, o jurídico, o científico, o artístico e o esportivo.

Para ele, as práticas são historicamente determinadas, “estruturadas” no decorrer da história da comunidade. Mostram-se estruturantes por serem, ao mesmo tempo, permanentemente reiteradas e reajustadas pelas dinâmicas históricas, pelos eventos e indivíduos que as reiteram e ajustam. Os habitus atravessam muitas gerações, mas não são estáticos, eles acabam tendo suas próprias histórias, frutos das inúmeras repetições semelhantes e distintas.

Com o termo “capital”, Bourdieu faz a mesma operação: não se refere apenas ao capital monetário ou econômico, mas a todo o conjunto de valores materiais e simbólicos que têm valor em cada campo. Então, se para o campo econômico o capital se refere ao conjunto dos recursos econômicos e seus recursos financeiros, seu patrimônio e os instrumentos de produção que detém; para o campo cultural o capital se refere aos saberes, competências e habilidades acumuladas, em grande parte herdadas, que permitem o domínio da cultura erudita ou hegemônica. Existem diferentes tipos de capital, mas os quatro mais importantes para Bourdieu são: o capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico. Esses capitais são intercambiáveis e muitas vezes sua conversão é parte importante para o funcionamento das trocas e disputas entre os grupos e entre os campos. Os campos hegemônicos não são os únicos merecedores de atenção, especialmente ao longo dos séculos XX e XXI, os novos recursos comunicacionais oferecidos pela internet facilitaram a organização e o funcionamento de muitos grupos em vários campos paralelos e contra-hegemônicos.

Esses conceitos (habitus, campo e capital) permitem compreender como se dá universo de disputas no Espaço Social, Bourdieu não escreveu muito sobre espaço físico, e nem sobre paisagem. Suas teorias nunca demandaram a territorialização dos estudos. Atualmente, vários urbanistas e sociólogos têm utilizado os conceitos bourdieusianos para estudar as cidades e os territórios. Um discípulo de Bourdieu, Loïc Wacquant tem buscado criar as bases para que as homologias entre os espaços social e físico sejam mais bem compreendidas.

Os urbanistas há muito tempo já fazem a distinção entre “cidade” e “urbano”, justamente por entender um como a materialidade física e construída que habitamos e o segundo como a cultura, a vida que se desenvolve e organiza no espaço – um não existe sem o outro, um dá sentido e organiza o outro. Os dois conceitos são transformados diariamente, pelas suas próprias lógicas, forças e questões e ao mesmo tempo a materialidade e a vida social se condicionam e transformam dialeticamente. De alguma forma os conceitos bourdieusianos podem mesmo ser utilizados para compreender a organização física da cidade e todo o universo de eventos e questões que interessam aos urbanistas e paisagistas.

Em um texto inédito publicado na Revista Estudos Avançados, em 2013, Bourdieu escreve que “o espaço social tende a se retraduzir, de maneira mais ou menos rigorosa, no espaço físico sob a forma de um determinado arranjo distributivo dos agentes e das propriedades”.

As relações entre o capital econômico - seja o Real Estate, ou os capitais ligados às atividades industriais ou às comerciais - e o território urbano já são estudadas e conhecidas por todos os urbanistas, há muito tempo. Wacquant (2023) vai investigar como os capitais simbólicos e sociais são organizados e potencializados quando se materializam no espaço físico, e como se convertem em capital econômico e político no território e na paisagem. Essas relações não são desconhecidas, nem novas, desde as primeiras cidades edificadas no Crescente Fértil os espaços livres urbanos estavam associados aos aspectos simbólicos e sociais.

O que é novo é a possibilidade de estudar o entrelaçamento entre o espaço social e o físico com as teorias de Bourdieu. Os Jardins do Rio Turia estão lá abertos aos diferentes campos da sociedade valenciana, cada um deles lhe anima com suas práticas, organizadas em habitus, que lhe valorizam culturalmente, simbolicamente, politicamente e economicamente. Depois de décadas das suas aberturas os jardins têm territórios dedicados às práticas esportivas, recreativas, eventos religiosos, culturais e políticos acomodados através de acordos e articulações entre as várias organizações sociais, econômicas e políticas da cidade. Essa mesma avaliação pode ser aplicada à Praça da Sé e a Praça da República em São Paulo, ou a qualquer espaço público que se queira estudar e compreender.

Como arquitetos temos que compreender que a gestão destes espaços encerra conflitos complexos e dinâmicos, que alteram tanto as práticas que lá ocorrem, quanto a materialidade dos próprios espaços físicos, em processos diários de ajustes e transformações que modificam a própria cultura dos indivíduos e dos grupos, dos vários campos que organizam e são organizados por essas práticas e esses conflitos. Daí que o projeto desses espaços não deve ser entendido como uma questão fechada, mas como processo contínuo de ajustes e acomodações aos diferentes sujeitos e agentes.

A Paisagem como lugar de construção da Ética

A Psicóloga e professora Sandra Patrício (2019) explica que o vocábulo *ethos* é uma transliteração dos dois termos gregos *êthos* (grafado com eta) e *éthos* (grafado com epsilon). Essas duas grafias de *ethos* existentes no grego dão origem às duas acepções distintas dessa palavra. A primeira designa a morada do homem ou do animal, como lugar de estada regular, abrigo seguro. O *ethos* com *épsilon* (â) inicial refere-se ao comportamento fruto do repetir-se, o comportamento frequente, inclinação habitual para agir de certa maneira. Ele se desdobra, assim, como hábito, entendido como disposição permanente para agir de acordo com os imperativos de realização do certo, tornando-se lugar privilegiado de inscrição da *praxis* humana.

Patrício conclui afirmando que o *ethos* pode ser entendido como a relação natural, como que de moldagem contínua e recíproca entre um lugar e a vida de seus habitantes, portanto é a própria Paisagem, como aqui foi conceituada.

Diante do fracasso do projeto epistêmico da modernidade, assistimos o fim da era moderna, temos dois grandes colapsos articulados e em andamento: o colapso do sistema de exploração e acumulação capitalista, que está no limite da exploração do

homem e da natureza; e o segundo é o colapso ambiental, conseqüente do primeiro. O mês de Julho de 2023 foi o mais quente já registrado nos últimos 120 mil anos, gerando incêndios florestais, enchentes e secas extremas por todo o planeta. Mesmo diante dos fatos, temos grupos insistindo em antigas práticas sem aceitar qualquer revisão de valores éticos.

Leonardo Boff (2023) nos ajuda a compreender o principal problema ético contemporâneo: a mercantilização global da sociedade e da natureza. Todos os valores sociais, ambientais e culturais foram reduzidos a capital econômico, os grupos hegemônicos de todos os campos, servem apenas ao capital financeiro. Só assim podemos compreender a ocorrência e a aceitação impune de crimes recentes como o de Brumadinho, o do Vale do Rio Doce ou o da Braskem em Maceió.

A mundialização do capitalismo, como modo de produção e sua expressão política, o neoliberalismo, mostrou as conseqüências perversas da ética capitalista, seus eixos estruturantes são: o lucro ilimitado, acumulado individualmente ou por grandes corporações, a concorrência desenfreada, desprezando os suportes naturais ou os grupos humanos, reduzindo o Estado, tornando-o apenas o mantenedor e garantidor dos lucros e das condições de reprodução do capital.

A virada ontológica necessária implica em recolocar o homem dentro e como parte da natureza, resgatando outros capitais e valores ancestrais para construir outro futuro possível. Para isso a Paisagem é o lugar do aprendizado, da construção coletiva de saberes, práticas e acordos.

Outras éticas são possíveis: a ética do "*bien vivir y convivir*" dos andinos; o Ecosocialismo; o Ecofeminismo; a Desglobalização e tantos outros esforços de experimentação e resistência decolonial. A questão ecológica está se configurando como o maior desafio político atual para todas as cidades em todas as nações. Segundo a ONU, já temos 50 milhões de pessoas expulsas das suas terras por crises políticas e ambientais. As desestruturas das cadeias produtivas e do comércio, fruto da crise ambiental, causarão maiores instabilidades econômicas, sociais e políticas.

A globalização, inter-relacionando todas as culturas, acabou também por revelar a pluralidade dos caminhos éticos, e como reação observa-se a relativização generalizada dos valores éticos por organizações políticas de extrema direita. O que observamos é que a humanidade está cedendo diante da barbárie rumo a uma verdadeira idade das trevas mundial, tamanho é o descalabro ético que estamos vivendo.

A questão posta é: qual a ética que nos poderá orientar como humanidade vivendo na mesma Casa Comum? Boff responde que deve ser a ética enraizada no que é específico nosso, enquanto humanos e que, por isso, seja universal e possa ser assumida e compartilhada por todos. Respeitando, incluindo e cuidando do mundo, da natureza e das pessoas, da diversidade, dos mais despossuídos e silenciados, uma nova ética - a do cuidado. O substrato ontológico do ser humano, o conjunto de fatores objetivos sem os quais jamais surgiria o ser humano e outros seres vivos. Uma civilização bio-sócio-centrada, baseada na solidariedade e na "ética da responsabilidade universal".

Concluindo pela Paisagem como lugar de formação

Os primeiros cursos de arquitetura e urbanismo se organizaram já no século XVII, nascem na modernidade que sempre atualizaram, acompanharam e com a qual contribuíram. Os cursos construíram e reproduzem a própria ideia do arquiteto como o profissional que domina as técnicas e os saberes necessários à concepção de espaços

e construções para todos os propósitos e funções. A geração de arquitetos modernos, que imprimiu sua marca da história da arquitetura brasileira, moldou também a ideia do que é ser arquiteto no país.

Contudo, esse modelo está em crise, o ofício passou por tantas transformações que está cada vez mais difícil pensar no arquiteto que mantém um escritório para trabalhar como profissional liberal. Hoje, nossos egressos estão trabalhando em órgãos públicos, em escritórios das mais variadas áreas e em equipes ligadas ao mercado imobiliário, coletivos e organizações não governamentais. Muitos trabalham com projeto de espaços livres, muitos em secretarias do meio ambiente, em prefeituras ou participam de equipes que desenvolvem projetos e planos urbanísticos.

A Paisagem é o lugar do aprendizado, da construção coletiva de saberes, das práticas e acordos. O papel do arquiteto/urbanista/paisagista nesse século é comprometer-se com a luta contra o capitalismo que reifica o Homem e a Natureza. É compreender os desafios éticos do ofício pela reflexão que a paisagem, com todas as questões ambientais, sociais e culturais, acumula e tensiona.

Trabalhar com a paisagem é aprender a: ver, escutar, sentir, conversar, comprometer-se e emancipar-se. Não se pode projetar a paisagem sem ter sensibilidade, humildade e compromisso para entender seu papel no processo de discussão e desenvolvimento do projeto. Trabalhar com a paisagem é entender que a obra construída não é o fim do processo de projeto. Que o espaço quando inaugurado e aberto à população, abre-se para as mudanças e o tempo. Trabalhar com a paisagem é entender que o tempo vai além de tudo o que podemos projetar ou prever, e que gestão também é projeto.

Projetos de espaços livres impõe ao paisagista a humildade de aceitar o outro e o imprevisível. A Paisagem ensina a renunciar à ambição de controlar a forma, ou mesmo à ideia de autoria.

No campo do Paisagismo brasileiro Burle Marx é ainda a grande referência. Sua obra é reconhecida internacionalmente como quem teve fundamental contribuição para a o entendimento do que é o paisagismo moderno no século XX. João Nunes é hoje um dos importantes paisagistas portugueses, sua obra é de grande interesse. Em um longo depoimento publicado em 2019, ele reconhece que “a obra de Burle Marx influenciou e continuará a influenciar o mundo todo porque é universal”. Contudo, mais adiante faz a seguinte ponderação:

Creio que isso tem a ver com o fato de que a obra do Burle Marx ser muito pouco paisagística – no meu entendimento de paisagem. Porque é uma obra muito centrada em uma espécie de expressão pessoal, imagética, gráfica, e, portanto, que tem a ver com o transporte da oportunidade que a paisagem oferece para uma dimensão artística que é de fato uma outra coisa, e por isso pode ser celebrada de uma maneira tão pessoal e autoral. Porque aquilo que eu creio que a paisagem tem de maravilhoso é precisamente essa característica, de que uma pessoa faz alguma coisa e desaparece. Se não desaparece é porque aquilo não é exatamente um trabalho de paisagem.²

Encerro este artigo convidando à reflexão dessa linda ideia de João Nunes. Observem que sua crítica não é endereçada para Oscar Niemeyer ou Paulo Mendes da Rocha, referências fundamentais do pensamento da arquitetura brasileira. Sua crítica deixa claro que as questões éticas de quem trabalha com a paisagem são específicas, importantes, atuais e, portanto imprescindíveis para a formação de quem pretende trabalhar com projetos de paisagem no Brasil de amanhã.

² NUNES, João. Paisagem como transformação. Entrevista com o arquiteto-paisagista João Nunes. In. NOBRE, Ana Luiza, KAMITA, João M. org. Arquitetura atlântica: deslocamentos entre Brasil e Portugal. São Paulo: Romano Guerra; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019. Pg. 79.

A Paisagem, como questão contemporânea, exige a superação da ideia de modernidade, a revisão dos valores éticos e das práticas que caracterizam o exercício profissional dos arquitetos nos últimos séculos. Pensar a Paisagem é a mais desafiadora, importante e atual oportunidade de reinvenção do profissional que precisamos para ajudar nossa sociedade a rever sua cultura e seus espaços, suas cidades e suas instituições políticas, para enfrentar as crises ambientais, sociais, políticas e culturais atuais.

Por tudo isto a Paisagem deve estar cada vez mais presente na formação dos nossos arquitetos e urbanistas.

Referências

- BERQUE, Augustin. **O Pensamento-paisagem**. São Paulo: EDUSP, 2023.
- BOFF, Leonardo. **O colapso atual da ética**. Blog A Terra é Redonda. 12/05/2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-colapso-atual-da-etica/> Acesso em: 20 out. 2023
- BOURDIEU, P. **Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68707> . Acesso em: 29 out. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. Esquisse d'une théorie de la pratique. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- COLLOT, Michael. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.
- EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- HONNETH, Axel. **Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NUNES, João. Paisagem como transformação. Entrevista com o arquiteto-paisagista João Nunes. In: NOBRE, Ana Luiza, KAMITA, João M. org. **Arquitetura atlântica: deslocamentos entre Brasil e Portugal**. São Paulo: Romanno Guerra; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019.
- PATRÍCIO, Sandra. **Ethos humano e mundo contemporâneo** [livro eletrônico] / organizadora Sandra Patrício. -São Paulo: Editora Baracoa, 2019. Disponível em: <https://unisalesiano.com.br/lins/wp-content/uploads/2020/09/Ethos-Humano-e-o-mundo-contemporaneo.pdf> . Acesso em: 20 out. 2023.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Exo experimental, Editora 34, 2009.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- WACQUANT, Loïc. **Bourdieu in the City: Challenging Urban Theory**. Cambridge: Polity Press, 2023.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 20

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (**ISSN 2675-0392**) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 23/10/2023

Aprovado em 23/11/2023

DANIEL J. MELLADO PAZ

O Escritor em seu Labirinto: Jorge Luis Borges em Buenos Aires

The Writer in its Labyrinth: Jorge Luis Borges in Buenos Aires

El Escritor en su Laberinto: Jorge Luis Borges en Buenos Aires

Daniel J. Mellado Paz

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFBA (2008), e doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFBA (2020). É professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA desde 2010.

Master in Architecture and Urbanism from the PPGAU-UFBA (2008), and PhD in Architecture and Urbanism from the PPGAU-UFBA (2020). He has been a professor at the Faculty of Architecture of UFBA since 2010.

Master en Arquitectura y Urbanismo por el PPGAU-UFBA (2008), y doctor en Arquitectura y Urbanismo por el PPGAU-UFBA (2020). És profesor de la Facultad de Arquitectura de la UFBA desde 2010.

danielmelladopaz@gmail.com

Resumo

O artigo experimenta, em formato ensaístico e literário, explorar a situação do escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986) e sua cidade de nascimento, e capital do país, Buenos Aires, a partir de seus próprios termos e temas.

Palavras-chave: Jorge Luís Borges. Buenos Aires. Cidade. Literatura.

Abstract

The paper tries in an essayistic and literary way to explore the situation of the Argentine writer Jorge Luís Borges (1899-1986) and his city of birth, and the country's capital, Buenos Aires, based on his own terms and themes.

Keywords: *Jorge Luís Borges. Buenos Aires. City. Literature.*

Resumen

El artículo intenta, en formato ensayístico y literario, explorar la situación del escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986) y su ciudad de nacimiento, además de capital del país, Buenos Aires, desde sus propios términos y temas.

Palabras clave: *Jorge Luís Borges. Buenos Aires. Ciudad. Literatura.*

Prólogo

Yo creí, durante años, haberme criado en un suburbio de Buenos Aires, un suburbio de calles aventuradas y de ocasos visibles. Lo cierto es que me crié en un jardín, detrás de una verja con lanzas, y en una biblioteca de ilimitados libros ingleses. Palermo del cuchillo y de la guitarra andaba (me aseguran) por las esquinas, pero quienes poblaron mis mañanas y dieron agradable horror a mis noches fueron el bucanero ciego de Stevenson, agonizando bajo las patas de los caballos, y el traidor que abandonó a su amigo en la luna, y el viajero del tiempo, que trajo del porvenir una flor marchita, y el genio encarcelado durante siglos en el cántaro salomónico, y el profeta velado del Jorasán, que detrás de las piedras y de la seda ocultaba la lepra.

Prólogo (1955) a Evaristo Carriego 1930)

Jorge Luís Borges (1899-1986), escritor argentino, no começo de sua carreira quis cantar Buenos Aires. Em especial a de sua periferia, as *orillas*, e seus personagens, os *orilleros*, com seus vários tipos, em especial os *compadritos*, que eram uma contraparte daquela figura tão importante para a poesia e prosa urbanas: o homem do campo, o *gaucho*. Dentro da cultura *criolla* – isto é, nativa, argentina –, mas tentando atualizar o imaginário em torno de sua cidade, em sua feição mais arcaica, fez poemas sobre casas térreas de taipa, rosadas, com cancelas de ferro, mercearias modestas, grandes extensões horizontais e seus crepúsculos, que tão dramáticos lhe soavam.

Tornou-se o Borges conhecido quando fala de outra coisa que não Buenos Aires no *Historia Universal de la Infamia*, embora mesmo ali reconhecem-se certos temas, ou certas interpretações vistas à luz da experiência argentina¹. Billy the Kid é um compadrito, e algo disso se repete em *El Muerto*, no mesmo livro². A sua experiência na cidade e arredores é o fundamento para uma série de lugares evocados. Anos depois, assumiria que o delta do rio Tigre, “un secreto archipiélago de verdes islas”³ nas lentas, quase imóveis, águas, lhe serviu de cenário para as histórias passadas nos trópicos africanos e malaio, como os livros de Joseph Conrad. O coração das trevas estava vizinho a Buenos Aires.

Seus contos podiam se passar em qualquer lugar do mundo, inclusive na capital argentina. Sem ser descrita, estava ali. Em *La Muerte y la Brújula*, admite que “pese a los nombres alemanes o escandinavos, ocurre en un Buenos Aires de sueños”⁴.

Arriscamos aqui uma audácia. Em vez de pensar a relação do escritor e seu lugar de nascimento, alvo primeiro de sua arte, por meio das ferramentas da crítica literária, ou das ciências sociais, abraçamos as “categorias” – pelas ideias e símbolos, seria o correto dizer – do próprio escritor. Não seria apenas uma forma de lhe fazer justiça, como aponta possibilidades no mínimo interessantes.

1 *Historia Universal de la Infamia* (Borges, 2011a).

2 No livro aparece como Billy Harrigan. O personagem histórico apresentava outros nomes: Henry McCarty e William H. Bonney.

3 *Las Islas del Tigre*, publicado em *Atlas* (1984) (Borges, 2011c, p.472).

4 Prólogo do livro *Artificios* (1944) (Borges, 2011a, p.779).

Sem Olhos em Buenos Aires

A vida do escritor ocorreu em torno de bibliotecas e reconhecê-lo, como consta na epígrafe deste ensaio, foi uma conquista. Em primeiro lugar, na biblioteca do seu pai. Depois, na biblioteca de bairro onde trabalhou em 1938, até a ascensão do peronismo lhe tirar esse pequeno cargo. E, findo o período ditatorial do tenente general Juan Domingo Perón, e com outros militares no poder, na direção da Biblioteca Nacional, em 1955, para o qual foi nomeado.

Lembra que Emerson disse ser a biblioteca “un gabinete mágico en el que hay muchos espíritus hechizados. Despiertan cuando los llamamos”⁵. E foi, de fato, para o menino que cresceu em Palermo. E confessa novamente: “Menos que las escuelas me ha educado una biblioteca – la de mi padre”⁶.

Não é de se admirar que tenha visto na biblioteca um paraíso, e na leitura, uma forma da felicidade. Estranho é que tenha escrito a biblioteca como pesadelo, um labirinto do tamanho do universo, em *La Biblioteca de Babel*⁷, o ente eterno e real da qual as bibliotecas mundanas, desde a de Alexandria até a Nacional argentina, são meros simulacros, reflexos em espelhos imperfeitos.

A biblioteca paterna ganha papel mais profundo, em outra confissão: “¿Me será permitido repetir que la biblioteca de mi padre ha sido el hecho capital de mi vida? La verdad es que nunca he salido de ella, como no salió nunca de la suya Alonso Quijano”⁸. E sua biblioteca, tão pessoal (onde estão ausentes suas próprias obras e aquelas que versam sobre ele), é uma extensão dele mesmo. Escreve em 1975: “Mis libros [...] / Son tan parte de mí como este rostro / De sienas grises y de grises ojos”⁹.

Constantemente investiga o próprio ser. No poema *Yo*, desmancha as camadas do Eu: ele é seu corpo. Ele é suas memórias. Ao fim e ao cabo, ele é alguém escrevendo em um cômodo: “Más raro es ser el hombre que entrelaza / Palabras en un cuarto de una casa”¹⁰.

Existe um movimento duplo, que se reforça. Por um lado, a sinceridade existencial de finalmente se compreender, entender que nasceu em Palermo, mas não nas ruas do bairro, e sim nos jardins e na biblioteca, reconhecendo o poder formativo desse lugar, e de seus mágicos volumes. Os atlas e enciclopédias, R.L. Stevenson e *As 1001 Noites*, lhe moldaram mais do que a poética criolla, que as milongas tocadas nas orillas ou que os debates da intelligentsia argentina sobre a identidade nacional, ou sobre a civilização ou barbárie.

Por outro lado, havia a cegueira crescente...

Em outro poema introspectivo, diz: “Soy el que hojeaba las enciclopedias, / El tardío escolar de sienas blancas / O grises, prisionero de una casa / Llena de libros que no tienen letras”¹¹. Em *On His Blindness*, descreve sua experiência: “Al cabo de los años me rodea / una terca neblina luminosa / que reduce las cosas a una cosa / sin forma ni color”¹². Cego, sua biblioteca pessoal se tornava indecifrável, e a Biblioteca Nacional

5 *La Poesía*, publicada em *Siete Noches* (1980) (Borges, 2011c, p.278).

6 *Prólogo de El Otro, El Mismo* (1964) (Borges, 2011b, p.252).

7 Publicada primeiro em *El jardín de senderos que se bifurcan* (1941) (Borges, 2011a).

8 *Epílogo de Historia de la Noche* (1977) (Borges, 2011c, p.223).

9 *Mis Libros*, publicado em *La Rosa Profunda* (1975) (Borges, 2011c, p.123).

10 *Yo*, *La Rosa Profunda* (1975) (Borges, 2011c, p.89).

11 *The Thing I Am*, publicado em *Historia de la Noche* (1977) (Borges, 2011c, p.215).

12 *Atlas* (1984) (Borges, 2011c, p.519).

que dirigiu, um labirinto, cada vez mais como a Biblioteca de Babel: “A los otros les queda el universo; a mi penumbra, el hábito del verso”¹³.

Fenômeno idêntico se repetia na sua compreensão da cidade. Quando jovem escolhera cantar – explorar as metáforas, e depois encontrar os símbolos precisos – de uma faceta da cidade mais tradicional e em desaparecimento. Já em idade mais avançada, essa Buenos Aires sobrevivia malmente em sua memória: “El pasado me acosa con imágenes”¹⁴. Jovem, caminhava pelas orillas, e tinha epifanias de um tempo paralisado¹⁵. Velho e cego, não poderia caminhar pela metrópole que a capital argentina se tornara.

Todas as coisas almejam permanecer no seu ser, dizia Spinoza. A percepção da cidade tende a ser a retenção na memória daquilo que foi. Diz no conto *El Indigno*: “La imagen que tenemos de la ciudad siempre es algo anacrónica. El café ha degenerado en bar; el zaguán que nos dejaba entrever los patios y la parra es ahora un borroso corredor con un ascensor en el fondo”¹⁶. Valia para o narrador da história, valia para o escritor.

Como escreveu em *La Fama*, ele viu “crecer a Buenos Aires, crecer y declinar”¹⁷. Lembra de uma cidade diferente, em todos os aspectos, por suas memórias e histórias de seus pais: com os jasmims, as lâmpadas a gás, as carroças, as pequenas mercearias, e o pátio mais profundo das casas, que não chegou a ver, pátio reservado aos escravos: “He nacido en otra ciudad que también se llamaba Buenos Aires. [...] Alguien casi idéntico a mí [...] lamentará las torres de cemento y el talado obelisco”¹⁸. Em sua palestra *La Ceguera*, elogia os remanescentes da Buenos Aires tradicional, não no seu centro, radicalmente refeito.

Para todos los porteños el Sur es, de un modo secreto, el centro secreto de Buenos Aires. No el otro centro, un poco ostentoso, que mostramos a los turistas (en aquellos tiempos no existía esa publicidad que se llama Barrio de San Telmo). (BORGES, 2011c, p.304).¹⁹

A cidade ida se impregnara no seu ser. Em um dos vários poemas intitulados Buenos Aires conta sobre essa busca da alma da cidade, “en tus confines/ que lindan con la tarde y la llanura”, na memória do bairro de Palermo, de baralhos e punhais, de aldravas de bronze ou douradas das portas, dos compadres, das lutas de adaga e do jogo de truco, como nos pátios das casas do sul. Mas “Ahora estás en mí. Eres mi vaga/ suerte, esas cosas que la muerte apaga”²⁰. Estava tão entranhada a cidade que, como ocorre com outras pessoas, povoava de modo muito particular seus sonhos. Em *La Pesadilla*, reconhece que as suas tem uma

[...] topografía exacta. Yo, por ejemplo, siempre sueño con esquinas determinadas de Buenos Aires. [...] Pueden ser desfiladeros, pueden ser ciénagas, pueden ser junglas, eso no importa: yo sé que estoy exactamente en tal esquina de Buenos Aires. (BORGES, 2011c, p.247).

Em outro momento, explica que essa Buenos Aires dos sonhos é a passada, daí que, no seu mais íntimo do inconsciente, “soy irreparablemente, incomprendiblemente porteño?”²¹. Temos uma cidade em transformação, com torres de cimento, que lhe

¹³ Atlas (1984) (Borges, 2011c, p.519).

¹⁴ *The Thing I Am*, publicado em *Historia de la Noche* (1977) (Borges, 2011c, p.215).

¹⁵ No texto *Sentirse en Muerte*, publicado em *El Idioma de los Argentinos* (1928) (Borges, 2011a).

¹⁶ *El Indigno*, publicado em *El Informe de Brodie* (1970) (Borges, 2011b, p.435).

¹⁷ *La Fama*, publicado em *La Cifra* (1981) (Borges, 2011c, p.353).

¹⁸ *Buenos Aires*, publicado em *La Cifra* (1981) (Borges, 2011c, p.331).

¹⁹ Publicada em *Siete Noches* (1980) (Borges, 2011).

²⁰ *Buenos Aires*, publicado em *El Otro, El Mismo* (1964) (Borges, 2011b, p.346). É seguido, nesse livro, de outro poema com o mesmo título, e ambos são distintos do poema supracitado de 1981.

²¹ *Los Sueños*, publicado em *Atlas* (1984) (Borges, 2011c, p.467).

desagradariam talvez se mantivesse a visão. Sem a mesma, restava-lhe apenas retrair-se sobre si mesmo, sobre seu “secreto centro”, e visitar continuamente as recordações. Mas havia o risco da erosão da memória, do seu esvaziamento em meras palavras.

No conto *La Noche de los Dones*, faz um senhor de idade relatar um momento marcante de sua vida, onde, por sua vez, uma personagem repetia mecanicamente sua própria história, como se toda a experiência real se tivesse esvaído, restando apenas a casca das palavras. O narrador teme lhe passar o mesmo: “Los años pasan y son tantas las veces que he contado la historia que ya no sé si la recuerdo de veras o si sólo recuerdo las palabras con que la cuento”²². Identificara o escritor um mecanismo, triste e real, da memória humana. E provavelmente era o que lhe ocorria, com a lembrança dos pátios e saguões. Os homens envelhecem e sua memória vai ser erodindo, à medida em que desgastada pela repetição – no caso do escritor, da repetição nos contos. O contrário, paradoxalmente, tampouco seria bem-vindo. Ireneo Funes, jovem, parecia um ancião porque retinha o peso do mundo, capturado pela sua atenção e memória infinitos em cada ínfimo instante, o universo em sua assombrosa infinitude mesmo na experiência campestre.²³

Podemos vislumbrar aquele labirinto de formas imprecisas que lhe rondavam com outras elucubrações da fantasia chamada teologia.

Nas antigas doutrinas gnósticas, do Deus verdadeiro e longínquo, o *Ein Sof*, irradiam sucessivas versões da realidade cada vez mais materiais, torpes e perversas, com suas próprias variantes crescentemente imperfeitas da Divindade. Até chegar a este mundo em que vivemos, com seu Deus cruel, ou seja, o Inferno.²⁴

E aqui entra o conto em que explora o que seria uma revelação angelical pretensamente dada a Emanuel Swedenborg, do destino particular do teólogo Melanchton no além vida.²⁵ Seus primeiros dias se passam em um simulacro perfeito de sua vida terrena, onde continua escrevendo suas teses teológicas, e desprezando o papel da caridade. Gradualmente, a cada dia que passa, as coisas vão piorando: os móveis se tornam insubstanciais, a tela de sua roupa perde qualidade, os cômodos diminuem, desaparecem, e assim sucessivamente. mergulha diariamente em uma condição mais degradada, no que se revela ser o Inferno. No conto *Examen de la Obra de Herbert Quain*, fala-se do livro *The Secret Mirror* que, dividido em dois atos, apresenta a mesma trama, apenas que no segundo ato, por diferenças no ambiente, personagens, situações, tudo se apresenta “ligeiramente horrível”²⁶. Em ambos os casos, variações do tema gnóstico da degradação subreptícia das coisas.

Nessa ideia quiçá exista um símbolo para compreender que para Borges a cidade de Buenos Aires e sua casa se tornaram um labirinto pessoal, repleto de figuras vagas sem cor das coisas presentes e da cor apenas lembrada, vinda das memórias reinocadas, mais vácuas e rarefeitas à medida em que eram solicitadas.²⁷

²² *La Noche de los Dones*, publicado em *El Libro de Arena* (1975) (BORTES, 2011c, p.50).

²³ Publicado em *Artifícios* (1944) (Borges, 2011a)

²⁴ A descrição dessa crença está em *Una Vindicación del Falso Basilides*, publicado em *Discusión* (1932), e no capítulo *El Tintorero Enmascarado Hakim de Merv*, de *História Universal de la Infamia* (Borges, 2011a). O jogo de quase infinitas emanações pode ser compreendido em um sentido ascendente, como ocorre no livro, ficcional, *El Acercamiento a Almotassim*, resenhado no conto homônimo, publicado em *Historia de la Eternidad* (1936) (Borges, 2011a).

²⁵ *Un Teólogo en la Muerte*, publicado em *Historia Universal de la Infamia* (Borges, 2011a).

²⁶ Publicada primeiro em *El jardín de senderos que se bifurcan* (1941) (Borges, 2011a).

²⁷ Seria esse o final de sua vida, caso não houvesse conhecido Maria Kodama (1937-2023). E com isso o que a maioria dos homens conhece – o amor de uma mulher. Sua vida se renovou em termos de experiências, viajando pelo mundo. Seus poemas, ainda com os mesmos temas, adquiriram claramente um outro tom.

O Escritor como Milagre Secreto

O segredo é um tema, ou uma atmosfera, que perpassa a obra borgiana.

O fascínio pela noção de uma escrita secreta em livros inexoráveis, escritos pela própria divindade, aparece em *Una Vindicación de la Cábala*, onde também está a concepção do Nome secreto de Deus²⁸. A escrita secreta desdobra-se em reflexos especulares. A Sagrada Escritura, a vida de uns tantos homens vertida em texto, e ambas de autoria divina para um fim último, aponta que a vida dos homens podem ser um drama representado por cada um, cujo sentido lhes escapa²⁹. Ou ainda aquela lenda judaica dos *Lamed Wufnik*, onde um punhado de homens justos, sem sabê-lo, são a razão secreta para Deus sustentar o mundo, uma versão mais global da lenda de Ló em Sodoma e Gomorra. No poema *Los Justos*, descreve em linhas gerais 13 indivíduos (em vez dos 36 justos da lenda original): “Esas personas, que se ignoran, están salvando el mundo”³⁰. Um dos mencionados no poema, curiosamente, era leitor de Robert Louis Stevenson, como o próprio Borges.

O que pode nos ajudar aqui é a ideia do *milagre secreto*: algo incrível que ocorre de maneira oculta ou num átimo de tempo.

No conto *El Milagro Secreto*, um escritor fictício, Jaromir Hladik, teve um pedido concedido por uma misteriosa divindade no instante da execução de sua pena de morte, ganhando o tempo necessário para concluir na mente seu almejado livro em sua integridade³¹. Uma variedade é *El Sur*, onde um homem acidentado, alter ego de Borges, imagina (ou obtém) o fim que sonhou para si, em vez da prosaica morte em um hospital. No conto *El Brujo Postergado*, uma vida inteira, ilusão fruto de um feitiço, se passa em segundos diante de um dos personagens³². O clássico *Poema Conjetural* é uma conjectura desse tipo: o que ocorreria se o Dr. Francisco Laprida, assassinado em 1829, pudesse compor um poema, em tempo real, durante os seus instantes finais, até o derradeiro, da íntima faca no seu pescoço. Em *La Otra Muerte*, Pedro Damián, tendo escapado de modo pusilânime da morte em uma luta, consegue sua redenção pessoal falecendo anos depois como se estivesse a reviver o fatídico momento, a ponto do próprio passado ser reescrito, retroativamente firmando-se como um valente na memória das testemunhas, porque a Deus nada é vedado.³³

Tudo em um ínfimo instante.

Podemos pensar o escritor como uma espécie de milagre secreto. Em poema sobre o filósofo Baruch Spinoza, está: “Alguien construye a Dios en la penumbra/ Un hombre engendra a Dios. [...] El hechicero insiste y labra/ A Dios con geometría delicada;/ Desde su enfermedad, desde su nada,/ Sigue erigiendo a Dios con la palabra”³⁴. Ou James Joyce, que delinear a como suas armas a astúcia, o exílio e o silêncio³⁵. E, no silêncio do exílio, astutamente tramara seu livro, que concentrava em um volume escrito o mundo, e em um dia de um homem, de maneira análogo à infinita divisão do segmento de reta, a vida de todos os homens, enquanto pintava Dublin em sua totalidade.

²⁸ Publicado em *Discusión* (1932) (Borges, 2011a).

²⁹ *El Espejo de los Enigmas*, publicado em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b).

³⁰ A lenda aparece em livro originalmente intitulado *Manual de Zoología Fantástica* (1957), rebatizada depois como *El Libro de los Seres Imaginarios*, e escrita com Margarita Guerrero. No Brasil, é atribuído apenas a Borges (2007). O poema *Los Justos* foi publicado em *La Cifra* (1981) (Borges, 2011c, p.354).

³¹ Publicada em *Artificios* (1944) (Borges, 2011a).

³² publicado em *Historia Universal de la Infamia* (Borges, 2011a).

³³ Em *El Aleph* (1949) (Borges, 2011a).

³⁴ Baruch Spinoza, publicado em *La Moneda de Hierro* (1976) (Borges, 2011c, p.166).

³⁵ James Joyce, conferência na Universidad Nacional de La Plata, em 1960 (Borges, 2018).

E havia o milagre secreto da literatura borgiana, na Argentina.

Beatriz Sarlo (2003), em texto hoje canônico na Argentina, sua versão pessoal dos clássicos de Carl Schorske e Marshall Bermann, fala de uma *modernidade periférica*. Porém, se o universo é pascaliano, uma esfera cujo centro está em todas as partes, todo lugar pode ser centro, se pensarmos em termos de ideias³⁶. Borges poderia ser um autor póstumo, escrevendo para pessoas da geração seguinte, e do Velho Mundo, sobre as estranhas fantasias que lhe ocorreram de tanto ler, sem que se lhe ressecassem o cérebro e perdesse o juízo, como aquele outro bibliômano da Mancha.

Mario Vargas Llosa (2020) foi testemunha e partícipe dessa redescoberta em Paris, em 1963. Da surpresa provocada por aquela insólita figura, um senhor de idade, cego e tartamudo, falando num francês castiço e cadenciado, vindo de um rincão do Terceiro Mundo, que discorria sobre Walt Whitman e Poe, Shakespeare e Dante Alighieri, Buda e as 1001 Noites, heresiarcas e cabalistas, Homero e as Sagradas Escrituras. Aquele inesperado escritor que se iniciou nas letras na Europa, aprendeu o alemão por sua conta para ler Schopenhauer, e cedo defendeu a inovação do Modernismo de Ruben Darío e sua influência na Espanha. Que, abandonando o culto ao local, pleiteou o Universo como seu patrimônio. Que vaticinou Buenos Aires como seu destino e depois reconheceu o carinho por outras cidades. E pôde, perto de morrer, dedicar um livro inteiro a Dante, uma das formas de sua felicidade³⁷. O paradoxo de um senhor de idade que lhes falava de extraordinárias novidades, um sul-americano que discorria sobre os clássicos da cultura ocidental e de antes até.

Outro paradoxo Borges que sentiu e repetiu em mais de um momento era o da definição da poesia entre os clássicos e os românticos. Os primeiros acreditavam romanticamente na musa; os segundos, e Poe era sua referência, em uma forma de princípio lógico para a criação artística³⁸. Percebera isso com o tempo. Ser contemporâneo é, com certeza, ser anacrônico. Ser extemporâneo corre o risco de um dia ser contemporâneo. Roberto Arlt, retratista dos tipos humanos, ambientes e fala portenha, dizia menos que aquele outro escritor que buscara cedo um espanhol mais abrangente, e temas universais disfarçados em textos antigos.

Borges foi reconhecido tardiamente. Não pelos temas mais permanentes do tempo e da eternidade, o uno e o múltiplo, ou da linguagem e da poesia, mas sim pelos seus desvãos, os paradoxos e polissemias, os jogos com a ficção e o labirinto formado pelos reflexos das versões, que hoje é referido pelo árido nome de intertextualidade. Como sempre ocorre, foi lido a partir dos interesses de momento dos seus leitores.

Aquele senhor, escrevendo em Buenos Aires, era um milagre secreto, tanto por sua explosão na literatura mundial como pelo ato prosaico da fantasia do escritor operar nas sombras.

É comum na história da literatura, essa arte tão discreta, a figura do escritor em sua casa e pequena rotina diária, que a fama depois torna famosa. A história concebe como parte de uma outra Escola de Atenas lugares como a Paris e a *Rive Gauche* do Sena, dos *roaring twenties* e da *lost generation*, descrita por Ernest Hemingway em *Paris é uma Festa*. Na Argentina, em uma escala mais modesta, o que seriam as tertúlias de Macedonio Fernandez ou a “confraria de los galanes”, de Roberto “El Negro” Fontanarrosa, em Rosário. Na maioria das vezes não é assim.³⁹

³⁶ *La Esfera de Pascal*, publicado em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b).

³⁷ *Nueve Ensayos Dantescos* (1982) (Borges, 2011c).

³⁸ Como no *Prólogo de La Rosa Profunda* (1975) (Borges, 2011c).

³⁹ Não necessariamente sozinho. Borges teve a companhia de seu amigo, o escritor Adolfo Bioy Casares, com quem escreveu muito a quatro mãos. O diário dele revela a pequenez intelectual do meio em que viviam, entre famílias abonadas da cidade (Bioy Casares, 2006).

Nada mais comum, e ao mesmo tempo mais extraordinário, que o poeta anonimamente tentando condensar o que existe ao seu redor, ou criando mundos próprios. Kafka com seus manuscritos, Mikhail Bulgákov com o seu *O Mestre e a Margarida*, refeito e escondido em sua casa, publicado após sua morte, e após passada a censura stalinista, como um último pedido mudo à sua esposa. Nathaniel Hawthorne é descrito e transcrito por Borges, em alguma medida, como uma versão dele mesmo, ou de quem ele será:

En uno de los días de 1840 escribió: “Aquí estoy en mi cuarto habitual, donde me parece estar siempre. Aquí he concluido muchos cuentos, muchos que después he quemado; muchos que sin duda, merecen ese ardiente destino. Esta es una pieza embrujada, porque miles y miles de visiones han poblado su ámbito, y algunas ahora son visibles al mundo.” (BORGES, 2011b, p.65).⁴⁰

Em um recôndito do mundo, o escritor faz seu milagre, e reescreve o mundo.

A conquista do deserto, como chamam os argentinos a sua expansão geográfica, foi um longo e intrincado período histórico. no entanto, aquilo que lhe deu a forma na memória foi o poema *El Gaucho Martín Fierro*, de José Hernández: “Estas cosas, ahora, son como si no hubieran sido, pero en una pieza de hotel, hacia mil ochocientos sesenta y tantos, un hombre soñó una pelea”⁴¹. Isso foi o que ficou, exércitos reduzidos a duelos singulares de facção.

É uma operação mágica encaixar a complexa realidade em símbolos, e este em palavras, e estas numa página, e estas num livro, para poder, depois, ser aberta e expandir-se na mesa do leitor.

Ora, a isso se somavam as estranhas empreitadas dos escritores, em especial os modernos. Alquimistas que em vez de buscarem o elixir da longa vida, a pedra filosofal, a transmutação dos metais (*crisopeia*), o solvente universal (*alkahest*) ou o remédio universal (*panacea*), eles almejavam ora o *Überroman*, o super-romance⁴². Ou a escrita enciclopédica, que reunisse o mundo inteiro. Ou o Novíssimo Testamento, o quinto evangelho. Ou a escrita secreta do mundo ou o mapa dos reinos superiores e inferiores. Ou o papel mais tímido de, ao fazer a coletânea, a crônica, da vida ao redor, compor o retrato da sociedade, por mosaico ou por uma amostra ou retrato simbólico. Thomas Mann e Jacob Wasserman, Nietzsche, Benjamin e Proust, Swedenborg, Balzac e Nelson Rodrigues, cada qual teve seu quinhão, sua porção de *aurum potabile*. Borges queria apenas fazer algumas variações sobre alguns poucos e modestos temas: o infinito, o tempo, a identidade, a memória...

O bom escritor é, de uma certa maneira, um dos Justos da tradição judaica. Borges redime a Argentina, e a justifica aos olhos da Divindade.

A Vida como Gênero Fantástico

Borges desistiu de falar abertamente de Buenos Aires, mas resolveu povoá-la do absurdo, do extraordinário, do atroz. Depois de Leopoldo Lugones e seu *Las Fuerzas Extrañas* (1906), pensou na Argentina e em sua capital como um ambiente válido como

⁴⁰ Nathaniel Hawthorne, publicado em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b).

⁴¹ *Martin Fierro*, em *El Hacedor* (1960) (Borges, 2011b, p.186).

⁴² Em *Notas sobre Walt Whitman*, publicado em *Discusión* (1932), comenta sobre “la ambición de construir un libro absoluto, un libro de los libros que incluya a todos como un arquetipo platónico, un objeto cuya virtud no aminoren los años” (Borges, 2011a, p.530). Apenas seria antiga, e cada escritor buscaria temas grandiosos o bastante para justificar sua obra, e fazê-la justificar-se diante dos homens e dos deuses. Apolônio de Rodas narrou os argonautas, Camões, as grandes navegações lusitanas, Milton, a história da Queda, dos anjos rebeldes e do homem.

tantos outros, como qualquer outro em verdade, para o fantástico. Para seus objetos impossíveis: o *Aleph*, um ponto onde se concentra, holisticamente, a visão de todo o Universo; o Livro de Areia, que possui páginas infinitas; as pedras chamadas *tigres azuis*, que possuem uma quantidade variável e nunca previsível; o *Zahir*, o objeto, ou propriedade do objeto ou ser que se torna um *zahir*, que não pode jamais ser olvidado por quem o observou, a ponto de ocupar toda sua consciência.⁴³

Tais objetos são versões poéticas da própria realidade. O Livro de Areia é tão infinito como é o menor dos segmentos de reta, que possui em si mesmo um número ilimitado de pontos. É tão absurdo como o menor dos pedaços da realidade, que possui infinitos intervalos dentro de si. O *Aleph* é tão espantoso quanto qualquer fato da realidade, que, por trás de si, exige toda a vasta cadeia de causa-e-efeito, até o início dos tempos, como apontado em *La Creación y P.H. Gosse*⁴⁴. As pedras chamadas de tigres azuis podem ser uma bela ironia com o fato de que “cálculo” significava originalmente, em grego, “pedra”. Estas pedras, estes cálculos, impediam a conta, o cálculo, por infringirem esse aspecto do princípio da identidade que é a constância de sua quantidade. O *Zahir* é uma forma exótica e maravilhosa da insônia, como ele mesmo confessou, mas poderia ser ainda entendida como um símbolo da monomania. Herman Melville a corporificou como um cachalote branco.

Esses objetos são símbolos e concreções absurdas do cotidiano, da vertigem do infinito que existe em cada canto da realidade. Podemos, então, ou ver o absurdo que está em cada coisa, ou reconhecer o absurdo apenas nessas concreções literárias, que agora estão espalhadas por Buenos Aires

Em Turderas, Lomas de Zamora, próximo à capital, está a casa assombrosa com mobiliário insólito que abrigava algo incompreensível. O *Aleph* estava numa velha casa da Rua Garay, demolida. Não sei como era a Biblioteca Nacional. Se acaso me encontrasse defronte do prédio, não conseguiria reconhecê-lo. No entanto, sei que, oculto em um dos escaninhos, está o Livro de Areia.

Mais de uma vez explícita o que já se entrevia: “estimar las ideas religiosas o filosóficas por su valor estético y aun por lo que encierran de singular y de maravilloso”⁴⁵. Afinal, essas invenções “no son menos fantásticas que las del arte”⁴⁶. Sua obra mostra o oposto: que são mais fantásticas. Mais abrangentes, mais surpreendentes, mais assustadoras. Vide o caso da Santíssima Trindade: “su concepción de un padre, un hijo y un espectro, articulados en un solo organismo, parece un caso de teratología intelectual, una deformación que sólo el horror de una pesadilla pudo parir”⁴⁷. Em certo conto, chama a Suma Teológica de “conto fantástico”⁴⁸. Na palestra *La literatura fantástica*, de 1967, diz:

Pensemos en las hipótesis de la filosofía, harto mas extrañas que la literatura fantástica [...] y llegaremos así a la terrible pregunta, a la pregunta que no es meramente literaria, pero que todos alguna vez hemos sentido o sentiremos. ¿El universo, nuestra vida, pertenece al género real o al género fantástico? (BORGES, s/d, p.19).

A pergunta retórica é um bom fecho para a exposição, e não é absurda.

43 O *aleph* aparece no conto *El Aleph*, publicado no livro homônimo, de 1949; no mesmo livro está o conto *El Zahir*. O conto *El Libro de Arena* saiu no livro de mesmo título de 1975. *Tigres Azules* foi publicado pela primeira vez em 1977, no jornal *La Nación*, e depois reunido na pequena coletânea *La Memoria de Shakespeare*, de 1983. Este conto saiu originalmente com o título *El milagro perdido*. Não é um acidente.

44 Publicado em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b).

45 Epílogo de *Otras Inquisiciones* (Borges, 2011b, p.161).

46 *Magias Parciales del “Quijote”*, em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b, p.49).

47 *Una Vindicación de la Cábala*, publicado em *Discusión* (1932) (Borges, 2011a, p.490).

48 *Utopia de un hombre que está cansado*, publicado em *El Libro de Arena* (1975) (Borges, 2011c).

Em *Utopia de un hombre que está cansado*, o seu alter ego de um futuro distante aponta que na Era Moderna o mundo “estaba poblado de espectros colectivos, el Canadá, el Brasil, el Congo Suizo y el Mercado Común”⁴⁹. De fato, os homens matam e morrem por entes platônicos, como a Nação, a Sociedade, a Religião. O próprio cerne de nossa realidade seria fantástico.

Todos os seres humanos vivem esse tipo de vida. O artista, sobretudo. Porque um dos temas capitais da literatura fantástica é o *Doppelgänger*, o duplo.

Em mais de um momento identifica aqueles escritores que criaram um personagem de si mesmo. O caso de Walt Whitman, modesto jornalista, que imaginou a Walt Whitman, o vasto escritor que abrigava multidões e todos os cantos da América. Paul Valéry, que criou a persona do poeta infinitamente sensível a tudo que era humano, lúcido e clássico em uma época de exaltação e exuberância.⁵⁰

E o singular caso de Jorge Luís Borges, que, para poder dar vazão a roteiros que nunca desenvolveria, comentava filmes e livros jamais escritos, criava personagens literatos que eram ele mesmo, atribuía a distantes poetas persas achados poéticos de sua lavra. Fez coletâneas onde compilava, junto com obras de escritores diversas, suas e de Bioy Casares sob rubricas apócrifas. Tornou seus amigos e familiares personagens explícitos de sua obra. E percebeu a tensão inerente ao personagem que criara, ou que seus textos criaram, pelo simples fato de existirem, que permitem entrever um indivíduo que se interessava por espelhos, labirintos, punhais e tigres, quando a vida real seria sempre mais ampla.

Ensaiei contos onde se defronta com ele mesmo. Em *El Otro*, o jovem Borges encontra-se com o Borges que escrevia aquelas páginas, futuro⁵¹. Por trás da fantasia, estavam a severa autocrítica – como autor, e como ser humano – e um passeio pelas características da memória. Repete o expediente em *Agosto 25, 1983*⁵² e *Utopia de un hombre que está cansado*, onde flerta ainda com *A Máquina do Tempo* de H. G. Wells, livro de sua estima. A cada nova menção ao ser humano que se espantava com a fama internacional daquele outro, expresso nos livros, e este se tornava um personagem, e uma máscara – que, como sabia, era o significado original da palavra grega “personagem”. Como escreve no pungente *Borges y Yo*, “*Al otro*, a Borges, es a quien le ocurren las cosas [...] Hace años yo traté de librarme de él [...] Así mi vida es una fuga y todo lo pierdo y todo es del olvido, o del otro. No sé cuál de los dos escribe esta página”.⁵³ Nesse momento, ele se torna, efetivamente, personagem, tanto a sua persona como aquela que deveria ser o eu real, apontando para uma vertiginosa regressão potencialmente infinita.

Suas entrevistas eram mais uma etapa dessa cadeia. Nelas, sempre retomava os mesmos temas. Vargas Llosa acredita que falava não a um interlocutor específico, mas à sombra que lhe estava defronte – a cegueira conferia a devida forma difusa a essa abstração que é o leitor, abstrato e plural, a quem sempre um autor escreve – em um incessante monólogo.

Mas, no final, somos feitos de memória⁵⁴. De esquecimentos (do contrário seríamos o atormentado Funes). E acreditamos nos sonhos alheios.

E, ao final, a própria forma do universo e do tempo forçosamente será fantástica, seja qual for. Esperemos que não atroz

⁴⁹ Borges, 2011c, p.62.

⁵⁰ Valery como Símbolo, publicado em *Otras Inquisiciones* (1952).

⁵¹ Publicado em *El Libro de Arena* (1975) (Borges, 2011c).

⁵² Publicado pela primeira vez no jornal *La Nación*, em 1983 (Borges, 2011c).

⁵³ Publicado em *El Hacedor* (1960) (Borges, 2011b, p.197).

⁵⁴ “Somos nuestra memoria/ somos ese quimérico museo de formas inconstantes,/ ese montón de espejos rotos” (Borges, 2011b, p.386). De *Cambridge*, do *Elogio de la Sombra* (1969).

O Homem e Seus Símbolos

Borges, desde cedo, debate a alegoria. A Modernidade via com alguma precaução o seu emprego, que havia chegado a cansativos exercícios em outros tempos. No entanto, repetidamente invoca o argumento de G.K. Chesterton: se as palavras, e seus sons manchas, são símbolos arbitrários para designar um sentido qualquer, metáforas específicas desempenhando o mesmo papel não seriam substancialmente diferentes.⁵⁵

O escritor lembra que “Homero no ignoraba que las cosas deben decirse de manera indirecta. Tampoco lo ignoraban sus griegos, cuyo lenguaje natural era el mito”⁵⁶. Sem ignorar esse recurso, ele travestia de imagens fantásticas, o que eram experiências humanas reais – corriqueiras, porque comuns a todos, mas não menos intensas, porque pessoais. Atribuir a Borges um caráter matemático na escritura é ignorar essa dimensão, ou deixar-se iludir pela eficiência do símbolo⁵⁷. O Zahir é uma das faces da insônia, como também o memorioso Ireneo Funes, com sua prodigiosa capacidade de reter cada ínfimo instante em sua extraordinária riqueza de detalhes a ponto de ser incapaz da menor das generalizações. Pensar que o Zahir é a insônia o empobrece, assim como Funes é muito mais que uma vítima desse mal.

No percurso contrário, especula que o encanto da literatura fantástica reside em que “son símbolos de nosotros, de nuestra vida, del universo, de lo inestable y misterioso de nuestra vida”⁵⁸. Se fossem invenções aleatórias, seu número seria incontável, quando o que ocorre é que rondam em torno a um punhado de temas. E, de um modo geral, a força da arte está na sua pluralidade potencial, e na inevitável colaboração do leitor: “La obra que perdura es siempre capaz de una infinita y plástica ambigüedad; es todo para todos, como el Apóstol; es un espejo que declara los rasgos del lector y es también un mapa del mundo”.⁵⁹

Sobre a lenda de Buda, diz Borges que “La realidad puede ser demasiado compleja para la transmisión oral; la leyenda la recrea de una manera que sólo accidentalmente es falsa y que le permite andar por el mundo, de boca en boca”⁶⁰. Os símbolos são, para os demais e para a posteridade, o que era uma realidade intrincada e inabarcável, e permitem evocar essa memória coletiva. Esta é a realidade da ficção e o caráter ficcional da realidade. A realidade se funde com a ficção, e os opostos se amalgamam. É inevitável que assim o seja. Reconhece Borges esse processo, e em sucessivos poemas, canta indistintamente lugares que conheceu ou que jamais conheceu, por meio do expediente de enumerar seus símbolos, coletivos e ao mesmo tempo pessoais.

Andaluzia é a mesquita, os touros, os cabalistas, Góngora, “Cuántas voces y cuánta bazaría/ y una sola palabra. Andalucía”⁶¹. Espanha, os bisontes de Altamira, aquela do mito de Ulisses, dos celtas, romanos e visigodos, dos pátios e catedrais⁶². Sobre a França, escreve: “No diré la tarde y la luna; diré Verlaine./ No diré el mar y la cosmogonía; diré el nombre de Hugo./ No la amistad, sino Montaigne./ No diré el fuego; diré Juana”⁶³. E

⁵⁵ Ele aborda a alegoria em textos como *Nathaniel Hawthorne* e *De las Alegorias a las Novelas*, ambas de *Otras Inquisiciones* (1952).

⁵⁶ Un Escollo, em *Historia de la Noche* (1977) (Borges, 2011c, p.194).

⁵⁷ Como é o caso de Vargas Llosa (2020).

⁵⁸ Borges, s/d, p.19.

⁵⁹ *El Primer Wells*, em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b, p.80).

⁶⁰ *Formas de una Leyenda*, publicado em *Otras Inquisiciones* (1952) (Borges, 2011b, p.124).

⁶¹ *De la Diversa Andalucía*, publicado em *Los Conjurados* (1985) (Borges, 2011c, p.531).

⁶² *España*, publicado em *El Otro, El Mismo* (1964) (Borges, 2011b).

⁶³ *A Francia*, publicado em *Historia de la Noche* (1977) (Borges, 2011c, p.212).

o Oriente, seu querido Oriente, tema de palestras, será o *I-Ching*, a peça de seda que tocou Virgílio, os rios fabulosos do país de Prestes João, os *hai-kai*, o *djinn* preso em uma garrafa pelo selo de Salomão, os navios lusitanos e Goa, o odor de sândalo e o tigre nas florestas da noite.⁶⁴

Arriscaria ser uma enumeração de guia turístico, apenas, se não fosse sincera, na forma, meios e conteúdo: na enumeração pretensamente caótica, oriunda de Walt Whitman e com essa ordem secreta que se acreditava organizar as enumerações; nas referências a coisas vividas ou lidas; e na intensidade com que as sentira. Aceitava Borges que nossa vida é, em quase sua totalidade, mediada: “Pocas cosas me han ocurrido y muchas he leído. Mejor dicho: pocas cosas me han ocurrido más dignas de memoria que el pensamiento de Schopenhauer o la música verbal de Inglaterra”⁶⁵. Seria algo de bibliômano, se não fosse um destino mais comum: poucas coisas nos ocorreram, e muitas vimos, em telas dos mais variados tamanhos.

Ora, se esses panegíricos desnudavam ao ponto da caricatura tal procedimento, não seria menos falso: “cuando decimos «el tiempo de Rosas» no pensamos en el admirable libro de Ramos Mejía *Rosas y su tiempo*; pensamos en el tiempo de Rosas que describe esa admirablemente chismosa novela *Amalia*, de José Mármol”⁶⁶. Observa o mesmo da obra de José Hernandez: que a epopeia da conquista do deserto se transmutou pela arte nos duelos de um gaucho singular: “los visibles ejércitos se fueron y queda un pobre duelo a cuchillo; el sueño de uno es parte de la memoria de todos”.⁶⁷

A memória de todos necessita de símbolos claros, funde e dissocia suas partes, e as recombina de modo a fazer esses grandes agregados contraditórios e plurais, sintetizados em palavras como Andaluzia, Espanha, França...

E aqui chegamos a uma das ironias centrais da situação de Borges com Buenos Aires.

No conto *Los Teólogos*, narra a história de um duelo teológico, de duas doutrinas frontalmente opostas, e do final dos antagonistas, mortos por heresiarcas. O final é desconcertante: “en el paraíso, Aureliano supo que para la insondable divinidad, él y Juan de Panonia (el ortodoxo y el hereje, el aborrecedor y el aborrecido, el acusador y la víctima) formaban una sola persona”⁶⁸. Sem ser no reino dos Céus, similar ocorreria com Cervantes. Cansado da banalidade, ou da aridez poética, de sua própria terra, concebeu um leitor que, enlouquecido pelas paisagens mirabolantes que tanto vira em livros, passava a interpretar em clave fabulosa o que seria corriqueiro. Vendo gigantes em moinhos, maravilhas no cotidiano.

Para los dos, para el soñador y el soñado, toda esa trama fue la oposición de dos mundos: el mundo irreal de los libros de caballerías, el mundo cotidiano y común del siglo XVII.

No sospecharon que los años acabarían por limar la discordia, no sospecharon que la Mancha y Montiel y la magra figura del caballero serían, para el porvenir, no menos poéticas que las etapas de Simbad o que las vastas geografías de Ariosto. (BORGES, 2011b, p.188).⁶⁹

Cervantes e o Quixote se tornaram símbolos da Espanha, maneiras como os demais se lembram desse país, e signos que os próprios intelectuais espanhóis tentam decifrar, como Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset.

⁶⁴ *El Oriente*, publicado em *La Rosa Profunda* (1975) (Borges, 2011c).

⁶⁵ *Epílogo a El Hacedor* (Borges, 2011b, p.248).

⁶⁶ *Palestra La Ceguera*, em *Siete Noches* (1980) (Borges, 2011c, p.304).

⁶⁷ Borges, 2011b, p.186.

⁶⁸ *Los Teólogos*, publicado em *El Aleph* (1949) (Borges, 2011a, p.857).

⁶⁹ *Parábola de Cervantes y de Quijote*, publicado em *El Hacedor* (1960) (Borges, 2011b, p.188).

O que vem a seguir o leitor já deduziu.

Jorge Luís Borges se tornou um dos símbolos pelos quais identificamos seu país, sua cidade, e pelos quais os próprios portenhos e argentinos se reconhecem. Podemos pensar, como escreveu em *La Fruición Literaria*, que “Tierna y segura inmortalidad [...] es la del poeta cuyo nombre está vinculado a un lugar del mundo”⁷⁰, como ocorreria com Robert Burns na Escócia, e Evaristo Carriego na Argentina. Tal foi seu destino.

Sua figura se tornou uma das estátuas de pessoas notáveis do lugar que povoam Buenos Aires, espectros sólidos nos espaços abertos, método banal e universal pela qual as cidades tentam dizer que são singulares, um sórdido lugar-comum. E seus objetos impossíveis e expressões lapidares, mesmo adjetivos como “atroz”, passaram a figurar como a maneira como os argentinos falam e se reconhecem. Para seu horror, nunca deixam de sentir que o que lhes une não é o amor, mas o espanto.

Assim como os teólogos, inimigos mortais, se tornaram um só na mente divina, Borges se amalgamou com o tango da época de Gardel e de Dicepolo (que ele deplorava) assim como aquele de Astor Piazzolla (a quem, após uma breve parceria, apelidou de Astor Pianola), compadritos e gauchos, o apolítico Borges e político Sábato (a quem costumava espezinhar), todos se tornaram uma coisa única, condensada nessa palavra: Buenos Aires.

Epílogo

Uma última conjectura. Borges e suas criações, em especial as mais assombrosas – a Biblioteca de Babel, o microcosmo dos alquimistas que é o Aleph, o Disco de Odin – se incorporaram na grande tapeçaria da literatura fantástica. Suas ideias se tornaram de todos. No futuro, poderá ter se somado de pleno direito àquela longeva estirpe de indivíduos, os autores anônimos das admiradas *As 1001 Noites*, os *confabuladores nocturni*, os rapsodos da noite que, no deserto, contavam as histórias que formaram aquele livro infinito.⁷¹

Referências

BIOY CASARES, Adolfo. **Borges**. Buenos Aires: Destino, 2006.

BORGES, Jorge Luis. **Conferencia sobre James Joyce**. Variaciones Borges n45, 2018, pp-207-2020. Revista do Centro Borges da Universidade de Pittsburgh. [Conferencia originalmente ministrada na Universidad Nacional de La Plata, 1960]. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/e26476365>. Último acesso em 30 nov 2023.

BORGES, Jorge Luís. **La literatura fantástica**. Ediciones Culturales Olivetti. [Versão taquigráfica de conferência na Escola Camillo y Adriano Olivetti, 7 de abril de 1967].

BORGES, Jorge Luís. **O Livro dos Seres Imaginários**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas 1 (1923-1949)**. 1ed. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2011a.

⁷⁰ Em *El Idioma de los Argentinos* (1928) (Borges, 2011a, p.311).

⁷¹ Menciona esses anônimos personagens no poema *Alguien*, publicado em *Historia de la Noche* (1977) (Borges, 2011c, e na conferência *Las Mil y Una Noches*, publicada em *Siete Noches* (1980) (Borges, 2011c).

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas 2 (1952-1972)**. 1ed. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2011b.

BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas 3 (1975-1985)**. 1ed. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2011c.

SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica: Buenos Aires, 1920 y 1930**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2003.

VARGAS LLOSA, Mario. **Medio Siglo con Borges**. S/d: Penguin Random House Grupo Editorial/ Alfaguara, 2020.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 27/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

MÁRCIO CORREIA CAMPOS

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

La iglesia de Ajuda en Salvador de Bahia y el desplazamiento del lugar de habla del Padre Antônio Vieira

Márcio Correia Campos

Professor Adjunto de Projeto, Teoria e Crítica de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da UFBA. Arquiteturo e Urbanista por esta mesma Universidade (1993) e Mestre em Arquitetura pela Universidade Técnica de Viena (TU-Wien), Áustria (1999). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Pesquisador nas áreas de projeto, teoria, crítica e história da arquitetura dos séculos XX e XXI e patrimônio cultural edificado, desenvolve pesquisa na área de Tipologia de Arquitetura Contemporânea, tendo lançado o livro *Minha Vaga, Minha Morada, arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia* (EDUFBA, 2019). Experiência docente nas áreas de Projeto, Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e História da Arte e, como profissional de projeto, em escritórios de arquitetura no Brasil e na Áustria.

*Professor of Architecture Design, Theory and Criticism at the Faculty of Architecture of UFBA. He has a degree in Architecture and Urbanism from the same university (1993) and a Master's degree in Architecture from the Technical University of Vienna (TU-Wien), Austria (1999). PhD student in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at UFBA. Researcher in the areas of design, theory, criticism and history of 20th and 21st century architecture and built cultural heritage, he is working about Contemporary Architecture Typology, having released the book *Minha Vaga, Minha Morada, arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia* (EDUFBA, 2019). He has teaching experience in the areas of Design, Theory and History of Architecture and Urbanism and History of Art and, as a design professional, in architectural offices in Brazil and Austria.*

*Profesor de Proyecto, Teoría y Crítica de la Arquitectura en la Facultad de Arquitectura de la UFBA. Licenciado en Arquitectura y Urbanismo por la misma universidad (1993) y Máster en Arquitectura por la Universidad Técnica de Viena (TU-Wien), Austria (1999). Cursa el Doctorado en el Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo de la UFBA. Investigador en las áreas de diseño, teoría, crítica e historia de la arquitectura y del patrimonio cultural construido de los siglos XX y XXI, desarrolla investigaciones en el área de Tipología de la Arquitectura Contemporánea, habiendo publicado el libro *Minha Vaga, Minha Morada, arquitetura para pessoas e automóveis em Salvador, Bahia* (EDUFBA, 2019). Tiene experiencia docente en las áreas de Diseño, Teoría e Historia de la Arquitectura y Urbanismo e Historia del Arte y, como profesional de proyecto de arquitectura, en estudios de arquitectura en Brasil y Austria.*

mcorreiacampos@gmail.com

Resumo

Há cem anos era inaugurada a nova igreja da Ajuda em Salvador, Bahia, após a original ter sido demolida como parte do processo de modernização do centro da cidade liderado pelo governador J. J. Seabra e desencadeado a partir do bombardeio de 1912. A importância da igreja da Ajuda, primeira construção religiosa na cidade alta e lugar onde o padre Antônio Vieira proferiu alguns dos seus sermões, deu origem à época a um debate na imprensa local que não conseguiu impedir seu desaparecimento para dar lugar ao novo traçado das ruas que formavam a mais antiga área urbanizada intramuros de Salvador. O artigo apresenta uma compreensão crítica do deslocamento espacial a que a igreja da Ajuda foi submetida: precisando-o através da comparação da situação da nova igreja com os registros cartográficos e textuais da igreja antiga e tomando como centro de atenção a decisão de preservação do púlpito original no interior da nova igreja, a redefinição da estrutura espacial urbano-arquitetônica decorrente da demolição seguida de reconstrução é submetida às tensões entre arquitetura e escrita, como apresentadas por Peter Eisenman, no esforço de elucidação do que o autor denomina "os afetos do desastre". Esta imanência de um evento espacial traumático diante do púlpito conservado na nova igreja da Ajuda abre, desta maneira, mais uma vez para certa reavaliação do mito da presença na arquitetura, e para uma percepção mais acurada dos mecanismos através dos quais a modernização do espaço urbano atuou e negociou com a modulação de relações antes estabelecidas, intermediadas, reafirmadas através do próprio espaço da cidade.

Palavras-chave: Igreja da Ajuda. Salvador. Modernização. Padre Antônio Vieira.

Abstract

One hundred years ago, the new Ajuda church was inaugurated in Salvador, Bahia, after the original one had been demolished as part of the process of modernizing the city center led by Governor J. J. Seabra and triggered by the bombing of 1912. The importance of the Ajuda church, the first religious building in the upper city and the place where Father Antônio Vieira delivered some of his sermons, gave rise at the time to a debate in the local press that failed to prevent its disappearance to make way for the new layout of the streets that formed the oldest urbanized area within Salvador. The article presents a critical understanding of the spatial displacement to which the Ajuda church was subjected: clarifying it by comparing the situation of the new church with the cartographic and textual records of the old church and taking as its focus the decision to preserve the original pulpit inside the new church, the redefinition of the urban-architectural spatial structure resulting from the demolition followed by reconstruction is subjected to the tensions between architecture and writing, as presented by Peter Eisenman, in an effort to elucidate what the author calls "the affections of disaster". This immanence of a traumatic spatial event in front of the pulpit preserved in the new church of Ajuda thus once again opens up a certain reassessment of the myth of presence in architecture, and a more accurate perception of the mechanisms through which the modernization of urban space acted and negotiated with the modulation of relationships previously established, mediated and reaffirmed through the city space itself.

Keywords: Ajuda Church. Salvador. Modernization. Father Antônio Vieira.

Resumen

Hace cien años, se inauguró en Salvador de Bahía la nueva iglesia de Ajuda, después de que la original fuera demolida en el marco del proceso de modernización del centro de la ciudad dirigido por el gobernador J. J. Seabra y desencadenado por el bombardeo de 1912. La importancia de la iglesia de Ajuda, primer edificio religioso de la ciudad alta y lugar donde el padre Antônio Vieira pronunció algunos de sus sermones, suscitó un debate en la prensa local e la época que no consiguió evitar su desaparición para dar paso al nuevo trazado de las calles que formaban la zona urbanizada más antigua dentro de las murallas de Salvador. El artículo presenta una comprensión crítica del desplazamiento espacial al que fue sometida la iglesia de Ajuda: aclarándolo mediante la comparación de la situación de la nueva iglesia con los registros cartográficos y textuales de la antigua iglesia y tomando como centro de atención la decisión de conservar el púlpito original en el interior de la nueva iglesia, la redefinición de la estructura espacial urbano-arquitectónica resultante de la demolición seguida de la reconstrucción se somete a las tensiones entre arquitectura y escritura, tal como las presenta Peter Eisenman, en un esfuerzo por dilucidar lo que el autor denomina "los afectos del desastre". Esta inmanencia de un acontecimiento espacial traumático delante del púlpito conservado en la nueva iglesia de Ajuda abre así, una vez más, una cierta reevaluación del mito de la presencia en la arquitectura, y una percepción más precisa de los mecanismos a través de los cuales actuó la modernización del espacio urbano.

Palabras clave: Iglesia de Ajuda. Salvador de Bahía. Modernización. Padre Antônio Vieira.

Introdução

A antiga igreja da Ajuda foi a primeira igreja construída na cidade alta em Salvador e, como templo jesuítico, destacou-se como o lugar onde o padre Antônio Vieira proferiu vários de seus sermões. Tal importância histórica não a livrou de demolição no âmbito das obras de modernização do centro da cidade, junto a outros edifícios como a igreja da Sé e a de São Pedro. Onze anos após a demolição, era inaugurada em 1923 a nova igreja da Ajuda, em local próximo ao da antiga igreja. Após uma síntese da contextualização histórica da demolição, que foi parte das obras de remodelação do centro da cidade desencadeado pelo bombardeio de 1912, o presente artigo se utiliza de elementos cartográficos para, inicialmente, precisar a relação espacial entre a igreja antiga e a nova, uma vez que várias descrições desta relação contêm equívocos ou incompreensões. À luz de dois escritos de Peter Eisenman, é elaborada então uma interpretação crítica deste preciso deslocamento espacial marcado pela demolição e reconstrução da igreja da Ajuda, sua articulação com os processos de modernização e os limites de sua pretensão de continuidade através da conservação e instalação na igreja nova de parte do mobiliário e estatuária da igreja antiga, a exemplo do púlpito original usado por Antônio Vieira.

A demolição da primeira igreja da cidade alta de Salvador

No dia 15 de setembro de 1912 iniciaram-se os trabalhos de demolição da antiga igreja da Ajuda em Salvador, Bahia; no dia anterior, havia sido lançada e benzida pelo Arcebispo Dom Jerônimo Thomé da Silva a pedra fundamental para a construção da nova igreja da Ajuda, projeto do arquiteto italiano Júlio Conti, que veio a ser concluída após pouco mais de dez anos, em 1923 (Assunção, 2019: 149; Lins/Santana, 2012: 190).

A mais antiga igreja da cidade alta, erguida como uma pequena capela ainda em 1549 como parte dos trabalhos de fundação da cidade, reconstruída já em 1552 em taipa por solicitação de Manuel da Nóbrega (1517-1570), chefe da primeira missão jesuítica às Américas, e substituída em 1579 por uma edificação de pedra e cal (Assunção, 2019: 149; Lins/Santana, 2012: 189), sucumbia assim às obras de modernização do centro de Salvador executadas por José Joaquim Seabra entre 1912 e 1915. Não bastasse ter sido a primeira igreja da cidade alta, a antiga igreja da Ajuda foi ainda o lugar onde o Padre Antônio Vieira (1608-1697) proferiu alguns de seus sermões, o que lhe conferia, sem dúvida alguma, a importância de patrimônio histórico.

As obras que remodelaram a área mais antiga do centro de Salvador incluíram a abertura da avenida Sete de Setembro, o que levou à demolição de uma série de quarteirões e edifícios na área da expansão da cidade em direção ao sul que ocorrera dos séculos XVII ao XIX, e à intervenção na área mais central da cidade, em especial na forma do alargamento da rua Chile, que havia sido severamente destruída após os bombardeios que encerraram a crise política que levou Seabra ao governo do Estado.¹ Ainda que no conjunto destas transformações a demolição mais emblemática tenha sido a da igreja da Sé, ocorrida somente no ano de 1933, as obras conduzidas por Seabra ameaçaram também a igreja e mosteiro de São Bento e levaram à demolição e reconstrução em outro lugar da igreja de São Pedro, ambas fora dos muros da cidade antiga.

¹ J. J. Seabra (1855-1942) havia sido o responsável pelas obras de remodelação e ampliação do porto de Salvador, quando exercia o cargo de ministro no governo federal, e governou a Bahia por dois períodos, entre 1912 e 1916 e entre 1920 e 1924, época que ficou marcada pelas grandes obras de modernização de Salvador (Lins/Santana, 2012: 54, 190).

Situada em imediata vizinhança da rua Chile, em uma dupla esquina na inflexão principal da quadricula original derivada da adaptação ao terreno, a antiga igreja da Ajuda é sacrificada exatamente por que, devido ao alargamento modernizante daquela que passaria então a ser a rua mais importante da cidade até os anos de 1970, seu sítio, que a tornava um edifício isolado no conjunto urbano, foi incorporado pelo traçado regulador das ruas ao quarteirão adjacente, como compensação pelo alargamento da rua Chile.

Enquanto a defesa da Sé, como edifício monumental de destaque, levou a um debate público que se estendeu até o ano de 1933, quando finalmente a igreja e dois quarteirões a ela adjacentes são arrasados para dar lugar à Praça da Sé, cuja função era abrigar o terminal das linhas de bondes (Assunção, 2019: 158), certa resignação se abateu sobre a demolição da igreja da Ajuda, que não contou com o empenho de peso que teve na mesma época a defesa vitoriosa da igreja de São Bento, tendo à frente o empenho obstinado do abade do mosteiro.²

A igreja da Ajuda que havia chegado de pé a 1912, além ter sido o mais antigo edifício religioso do pequeno núcleo original da cidade fortificada no alto da montanha, guardava em seus muros uma muito particular história: tendo assumida a condição de Sé por ocasião da chegada do primeiro bispo à cidade (Lins/Santana, 2012: 189-190), o templo foi propriedade da Companhia de Jesus até a expulsão da ordem do Brasil, em 1759, “ficando abandonada até 1823, quando a Irmandade do Senhor do Bom Jesus dos Passos e Vera Cruz aí se instalou, obtendo, posteriormente, em 1827, a doação do Governo Imperial” (Lins/Santana, 2012: 189-190). Como igreja jesuítica no núcleo original da cidade, a sua importância para a história da cultura residia seguramente no fato de o seu púlpito ter sido frequentemente usado pelo Padre Antônio Vieira.

Esta peça de mobiliário do século XVII, sinalizada especialmente através de uma placa com os dizeres “A Academia de Letras da Bahia mandou assentar esta lápide no púlpito em que pregou o insigne Padre Antônio Vieira”, assim como os altares principal e laterais e as imagens de santos dos séculos XVII e XVIII compõem hoje o espaço interior da nova igreja da Ajuda, inaugurada somente em 1923 (Lins/Santana, 2012: 190).³ Esta preservação de parte do mobiliário como forma de oferecer alguma continuidade da ambiência do espaço interior da igreja antiga pode vir a ser compreendida como uma espécie de compensação à sua demolição, já que boa parte do debate à época, mesmo que em vão, chamava a atenção para a unicidade do edifício religioso como registro importante da história e cultura da cidade (Assunção, 2019: 124, 131).

A reconstrução da igreja da Ajuda, não exatamente no mesmo lugar

É assim que, apesar da preservação destas peças importantes, a igreja antiga foi demolida, como já descrito aqui, passando seu sítio original a ser incorporado ao quarteirão lindeiro à rua Chile que lhe era imediatamente vizinho. Já o lugar da reconstrução da nova igreja da Ajuda é registrado na bibliografia de maneira nebulosa ou ambígua, quando não imprecisa ou incorreta, em parte pelos efeitos espaciais

2 Gabriela de Andrade L. M. Assunção (2019) descreve em sua tese de Doutorado intitulada *Imagens Dissolventes da Narrativa de Modernidade: Interpretações sobre a tradição a partir de casos de demolições em Recife e Salvador (1909-1933)* todo o debate nos jornais sobre as propostas de demolição das igrejas da Ajuda, São Bento e Sé, elucidando as estratégias argumentativas e a participação dos atores nas polêmicas estabelecidas, sublinhando as considerações sobre a defesa de distintos valores patrimoniais das igrejas.

3 Assunção (2019) registra à página 150 o ano de 1913 como da inauguração da nova igreja.

gerados pelo alargamento da rua Chile no redesenho da área, em parte porque a nova igreja se encontra efetivamente em sítio muito próximo ao da igreja antiga.

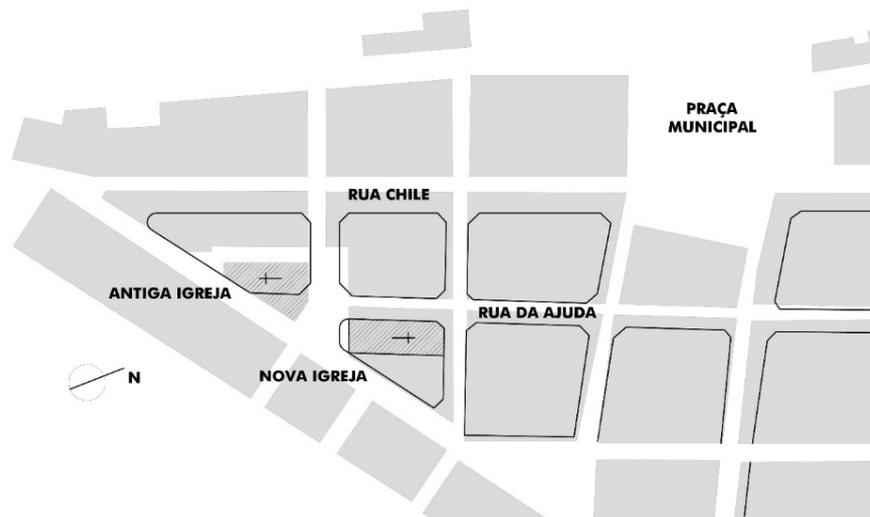
Gabriela Assunção repete em sua tese de doutorado, que trata da elaboração das noções de tradição e modernidade através dos argumentos apresentados em artigos na imprensa da época das demolições em Salvador e Recife, a informação de que a nova igreja teria sido construída no mesmo lugar da antiga: “Na freguesia da Sé, a Igreja da Ajuda terminou demolida em 1912, sendo construída no mesmo terreno com feições ecléticas” (Assunção, 2019: 24).⁴

Entretanto, uma consulta à planta intitulada Melhoramentos Municipais no Distrito da Sé, de 1912, reproduzida por Assunção à página 157 de sua tese, comparando-a com a situação atual da nova igreja da Ajuda, que pode ser verificada em bases de imagens como Google Maps ou Google Earth, o quarteirão de forma triangular que ela hoje compartilha com o edifício eclético construído também após as obras de alargamento e regularização de 1912 era originalmente ocupado por seis casas e não pela igreja antiga.

E levando-se em consideração a localização da nova igreja da Ajuda, coincidente portanto com o quarteirão de desenho triangular na esquina da rua do Tesouro com a rua da Ajuda, tampouco parece precisa a informação que traz o Guia de Arquitetura e Paisagem de Salvador e Bahia de Todos os Santos de que a nova igreja foi construída “nos terrenos que compunham o pequeno largo que, em forma de trapézio, ficava diante da igreja desaparecida” (Lins/Santana, 2012: 190)

FIGURA 1 - Centro de Salvador, localização das igrejas da Ajuda, antiga e nova, e indicação do novo traçado dos quarteirões decorrente das obras de alargamento das ruas Chile e da Ajuda.

Fonte:



Se reunirmos as informações constantes dos desenhos da evolução da ocupação do centro histórico, produzidos pelo CEAB (Simas Filho, 1988), através dos quais é possível perceber a localização da igreja antiga e seu adro, e da planta de Melhoramentos Municipais no Distrito da Sé, é evidente que, enquanto o terreno da antiga igreja foi incorporado parcialmente ao primeiro quarteirão entre as ruas Chile e da Ajuda, hoje ocupado parcialmente pelo Hotel Palace, e parcialmente à área de conexão entre as ruas da Ajuda e do Tesouro, o espaço de seu adro foi incorporado pelo processo de regularização do traçado das ruas tanto ao segundo quarteirão entre as ruas Chile e da Ajuda, hoje parcialmente ocupado pelo edifício Martins Catharino, como ao novo traçado da Travessa da Ajuda.

⁴ Citando um trecho de um dos artigos de jornal tratados na tese, Assunção reafirma à página 146 que a igreja nova substituiria “o santuário ali mesmo onde estava.” À página 149, esta noção é mais uma vez reforçada, ao descrever a demolição/reconstrução da seguinte maneira: “nova edificação que seria erguida no mesmo terreno da que haveria de ser demolida.” Entretanto, sem que a autora tematize o assunto, ela cita à página 138 outro artigo de jornal, onde se lê que a igreja da Ajuda estaria “prestes a ser arrancada de seus alicerces e removida para outro local.”

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

La iglesia de Ajuda en Salvador de Bahía y el desplazamiento del lugar de habla del Padre Antônio Vieira

Como é possível observar no desenho elaborado por Mariana Vaca Cevallos para a seu trabalho de Especialização em Restauração, em 1988, é evidente que a nova Igreja da Ajuda está do lado oposto da rua da Ajuda, em relação à antiga igreja, e que ela não ocupa o terreno que antes era ocupado pelo seu adro (Vaca Cevallos, 1988: s. p.). Se é possível descrever em termos de deslocamento espacial a relação entre as igrejas antiga e nova, a nova corresponde a uma rotação de aproximadamente 180 graus seguida de espelhamento do volume ao redor de seu eixo, tomando como ponto central o cruzamento dos eixos da Travessa e da rua da Ajuda.

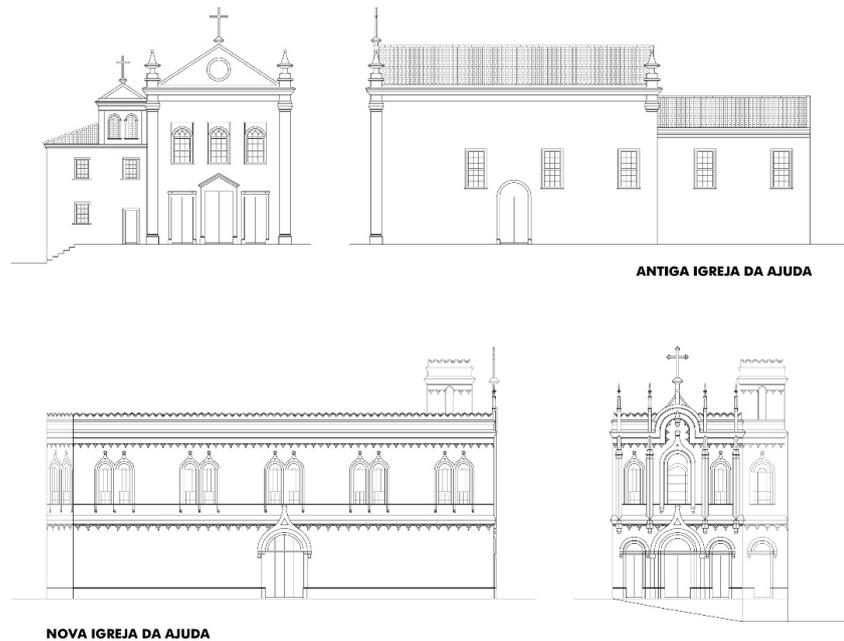


FIGURA 2 - Esquema das fachadas principal e lateral das igrejas da Ajuda, antiga e nova.

Fonte:

Esclarece-se assim um ponto importante: a nova igreja da Ajuda está orientada de maneira exatamente oposta em relação à antiga; enquanto esta estava voltada para o norte, aquela abre-se, desde sua inauguração há cerca de cem anos, em direção ao sul. Esta mudança radical de orientação tem, entretanto, implicações não menos importantes para o filólogo ou estudioso de letras que procure a nova igreja da Ajuda para conhecer o púlpito usado pelo Padre Antônio Vieira. A primeira dela diz respeito à maneira como as igrejas tomavam parte na organização da arquitetura da cidade e seus espaços abertos e públicos, ou seja, seu sistema de praças e ruas, até o século XIX.

Situada no alto da falésia que se estende diante da Baía de Todos os Santos em sentido aproximado sudoeste – nordeste, Salvador se desenvolveu, a partir do núcleo original do povoamento, expandindo-se linearmente sobre a falésia, nas duas direções, mais do que em direção a sudeste, para o interior, tendo como limite claro as águas do Dique do Tororó. Observando-se esta área central da cidade, ocupada até o século XVIII, quando a cidade deixa de ser capital da colônia, o sistema de igrejas não somente reservou para si pontos elevados estratégicos, conferindo a suas torres a posição mais alta na hierarquia da organização espacial, senão também apresenta uma regra muito clara, que determina dois grupos, quanto à orientação de sua nave: o primeiro grupo é formado pelas igrejas implantadas perpendicularmente à falésia; estas igrejas podem estar portanto voltadas para sudeste ou para noroeste, ou seja, com suas fachadas principais ou com os fundos voltados para a baía. É nestas duas disposições que se encontram a Catedral, antiga igreja dos jesuítas, e a igreja de São Francisco, uma de frente para a outra, ambas voltadas para a praça do Terreiro de Jesus.

Já as igrejas do outro grupo, de orientação nordeste ou sudoeste, ou seja, implantadas longitudinalmente acompanhando a falésia, trazem uma regra de orientação dependente da sua posição em relação à Praça Municipal, marco central da cidade, onde se encontram a Câmara Municipal e o Palácio do Governo, sede dos poderes do Estado desde a fundação da cidade: as igrejas que se situavam ao norte da praça estavam voltadas para o sudoeste e, ao contrário, as igrejas situadas ao sul da praça estavam voltadas para o nordeste. Ao norte da Praça Municipal é exemplo desta regra a igreja de São Domingos, ao sul, a igreja de São Bento.

Assim, o sistema de espaços públicos, a continuidade entre praças, largos e igrejas, pode ser compreendido como uma irradiação a partir da Praça Municipal para o qual se abria em direção ao centro o conjunto de igrejas da cidade. Mesmo a reconstrução da igreja de São Pedro, demolida à mesma época que a igreja da Ajuda, manteve esta orientação do espaço da nova igreja, na Praça da Piedade, em direção à Praça Municipal. É assim que a nova igreja da Ajuda representa uma radical mudança da compreensão espacial do sistema de espaços públicos na cidade no início do século XX. Reorientada em direção contrária à Praça Municipal, ela passa a ser um registro único do espírito de modernização, menos pela sua arquitetura atualizada em estilo manuelino, mas principalmente por romper a organização espacial anterior, que vinculava a orientação do espaço interior das igrejas em direção ao centro do poder público: a modernização, com a regularização das ruas para a passagem das linhas de bondes, rompe espacialmente também as relações entre os poderes religioso e estatal, desfigurando a irradiação a partir do centro do poder.

Literatura e espaço: a questão do afeto



FIGURA 3 - Púlpito em madeira utilizado pelo Padre Antônio Vieira na antiga igreja da Ajuda, como se encontra hoje instalado na nova igreja.

Fonte:

Como lugar de onde o Padre Antônio Vieira leu muitos dos seus sermões, a reorientação da nova igreja da Ajuda assume um interesse especial para os filólogos que a visitam para conhecer o púlpito histórico usado pelo importante autor da língua portuguesa. Por mais que a manutenção de parte importante do mobiliário antigo, para o qual o espaço da nova igreja foi concebido, e por mais que a atualização estilística do novo imóvel guardem uma leitura tipológica que mimetiza tamanho, número e ritmo de aberturas e outras regras compositivas da antiga igreja, o fato de o púlpito encontrar-se hoje em direção oposta ao que ele se encontrava na antiga igreja desfaz a possibilidade de ter a experiência espacial do lugar de fala do Padre Antônio Vieira, que do púlpito da igreja da Ajuda dirigia seus sermões ao centro do poder civil.

Peter Eisenman, arquiteto norte-americano e autor de uma vasta obra teórica que dialoga aberta e profundamente com os campos da filosofia e da linguística, apresenta em seu texto intitulado *The Author's Affect: Passion and the Moment of Architecture* a possibilidade de um autor de uma obra de arquitetura definido como um construto do *selfe* da língua, distinto portanto da definição tradicional, capaz assim de ser relacionado à aproximação entre língua e presença do objeto, sendo esta presença a qualidade especial que define a aura da arquitetura (Eisenman, 2003a: 215).⁵ Para argumentar em favor desta noção de autor, Eisenman demarca a diferença entre arquitetura e escrita, que não deixa de ser particularmente interessante para a aproximação a uma arquitetura tão vinculada à literatura, como é o caso da igreja da Ajuda, acrescida da complexidade determinada pela sua história de demolição e reconstrução como a descrevemos, sua descontinuidade como edifício físico e sítio, sua continuidade através da sagração à mesma santa, dos móveis e imagens. Segundo Eisenman:

A diferença entre arquitetura e escrita é geralmente definida como uma entre as coisas e os sinais. Coisas e sinais pertencem a sistemas de diferimento [deferral], e estes dois sistemas contêm um momento de transgressão, uma transgressão que é também um diferimento deste momento. Esta também é sua diferença: a diferença entre o sistema da coisa e o sistema do sinal corresponde à diferença entre o momento da recepção de uma palavra e o momento da recepção de uma coluna (Eisenman, 2003a: 216).⁶

Para construir a noção do momento da paixão que pode vir a ser o momento do olhar do outro em direção ao autor, para se chegar à condição de uma “escrita que não é mais o puro registro da experiência de objetos. Ela é antes um afeto, uma condição intransitiva e passiva de eventos que não possui um tempo real e tampouco um espaço real, senão que é propriamente o afeto de espaço e tempo” (Eisenman, 2003a: 219),⁷ Eisenman sublinha a condição de interioridade da recepção da arquitetura:

A aura da arquitetura envolve o olho e o corpo de forma diferente de um texto escrito. Esta diferença se baseia no fato de que o corpo e o olho estão sempre dentro da arquitetura de uma forma que não é o caso da escrita. É esta qualidade de estar dentro que é determinante para a aura da arquitetura, sua interioridade e presença, que a distingue da aura da escrita. A aura da arquitetura sempre implicou o olho

⁵ Para a redação deste artigo foi usada a tradução ao alemão publicada por Gerd de Bruyn e Stephan Trüby sob o título *Der Affekt des Autors: Leidenschaft und der Moment der Architektur*.

⁶ Na versão em alemão: “Der Unterschied zwischen Architektur und Schrift wird gewöhnlich als einer zwischen Sachen und Zeichen bestimmt. Sachen und Zeichen gehören Systemen des Aufschiebens [deferral] an, und diese beiden Systeme beinhalten einen Moment des Überschreitens, ein Überschreiten, das zugleich auch ein Aufschieben dieses Moments ist. Darin besteht auch ihre Verschiedenheit: Der Unterschied zwischen dem System der Sache und dem System der Zeichen entspricht dem Unterschied zwischen dem Moment der Rezeption eines Wortes und dem Moment der Rezeption einer Säule.”

⁷ Na versão em alemão: “Dieses Schreiben ist nicht mehr nur eine Aufzeichnung der Erfahrung von Objekten. Es ist vielmehr ein Affekt, eine intransitive und passive Bedingung für Ereignisse, die weder eine reale Zeit noch einen realen Raum besitzt, sondern eher der Affekt von Zeit und Raum ist.”

e o corpo porque a arquitetura tem sido tradicionalmente definida por uma forma monocular de ver que fez do sujeito o centro do espaço perspectivado tridimensional (Eisenman, 2003a: 216).⁸

Ainda que Eisenman não indique explicitamente, a condição de interioridade que ele apresenta nesta passagem foi definida por August Schmarsow em seu fundamental ensaio *Das Wesen der architektonischen Schöpfung* (Schmarsow, 2006: 472-474), publicado em 1894, no qual o historiador de arte descreve que esta condição de interioridade, ocupada pelo usuário da arquitetura, é prevista de maneira virtual pelo arquiteto, na condição de autor, no momento de projeto, ou seja, ao ser capaz de se colocar virtualmente na posição do futuro usuário do espaço arquitetônico, o arquiteto tenta operar, nos termos de Eisenman, com a condição que nada mais é que o afeto de espaço e tempo.

Se há um motivo especial em geral que leva filólogos a visitarem os espaços de cultura onde se dá a produção e recepção inicial dos textos que constituem o interesse de seu trabalho, ainda mais se se trata de escritos históricos, como é o caso aqui da obra do Padre Antônio Vieira, está claro a partir do que Eisenman apresenta que este motivo é a tentativa de, uma vez no interior destes espaços, colocando-se como usuário ao assumir a visão em perspectiva, tridimensional, ser capaz de experimentar a aura da arquitetura, através dela reativar a paixão do momento da arquitetura, experimentar o olhar do outro “que pode se tornar um olhar do excesso passivo, um momento de diferimento no presente” (Eisenman, 2003a: 217).⁹

Atrás do mito da presença, um passado de desastres

O visitante atual da nova igreja da Ajuda realmente seria capaz de, diante do púlpito usado pelo Padre Antônio Vieira, ter esta experiência, em um espaço arquitetônico distinto daquele onde o púlpito se encontrava quando ali os sermões foram lidos, um espaço efetivamente novo, orientado de maneira diametralmente oposta ao anterior? Ou a imanência criada pelo conjunto dos altares e imagens da igreja antiga reinstalados na igreja nova, a proporção aproximada do espaço interior, a vizinhança imediata entre o sítio novo e o antigo são exemplos de um sucesso de negociação cultural entre modernização e tradição operada no início do século XX, ao serem capazes de, ao menos tangencialmente, fazer valer o olhar do outro, articular o diferimento no presente e ativar o momento da paixão da arquitetura?

Esta presença na interioridade de uma arquitetura, que mais se destina à construção de um simulacro ou de uma virtualidade de um passado que não mais existe na forma da especificidade das paredes, estilo e acúmulo de registro histórico, uma vez que deixaram de existir com a demolição da antiga igreja, logicamente parece, assim apresentada, vulnerável à questão de sua autenticidade, sua veracidade, o que nos levaria a uma pouco frutífera e desgastada oposição que, em sua versão extrema, contrapõe uma sacralidade atribuída a qualquer original a uma blasfêmia a qualquer modo de intervenção em um edifício histórico.

⁸ Na versão em alemão: “Die Aura der Architektur bezieht Auge und Körper anders ein als ein geschriebener Text. Dieser Unterschied beruht auf der Tatsache, dass sich der Körper und das Auge immer auf eine Weise innerhalb der Architektur befinden, wie es bei der Schrift nicht der Fall ist. Es ist diese Eigenschaft des innerhalb, die für die Aura der Architektur bestimmend ist, ihre Interiorität und ihre Präsenz, die sie von der Aura der Schrift unterscheidet. Die Aura der Architektur hat immer das Auge und der Körper impliziert, weil Architektur traditionell durch eine monokulare Sehweise definiert wurde, die das Subjekt zum Mittelpunkt des dreidimensionalen perspektivischen Raumes machte.”

⁹ Na versão em alemão: “Dieses Zurückblicken kann zu einem Blick des passiven Exzesses werden, wenn dieser Moment von einem Zustand des Aufschubs in der Gegenwart handelt.”

O próprio Eisenman, em outro texto no qual ele analisa um modo distinto do senso comum para o emprego da palavra 'desastre' a partir da incapacidade da linguagem em geral em expressar os excessos contidos em eventos como o Holocausto, fornece as pistas para escaparmos à sedução desta avaliação, digamos assim, redutora da experiência espacial. Afinal, há algo que subsiste e persiste diante do púlpito preservado no interior da nova igreja da Ajuda. Em *The Affects of Disaster*, Eisenman parte dos efeitos da recepção midiática do ataque terrorista contra as Torres Gêmeas em Nova Iorque no dia 11 de setembro de 2001 para desenvolver seu argumento que irá opor a linguagem da expressão à linguagem da criação. Segundo ele, a cobertura ao vivo em escala mundial do ataque à segunda torre é o marco do

embaçamento da realidade pela mídia [que] afeta, portanto, a arquitetura, que historicamente tem sido considerada o locus da realidade e o repositório de uma metafísica de presença. Hoje a suposta verdade desta metafísica de presença é vista como ficção histórica, contribuindo assim para o desastre metafórico que a arquitetura enfrenta (Eisenman, 2003b: 60).¹⁰

À esta reconhecida incapacidade da linguagem de expressão, à qual Eisenman atribui as qualidades do que é teatral e subjetivo, do que produz afetos subjetivos e um observador mais passivo, o texto contrapõe a linguagem da criação, capaz de criar afetos originais, autônomos, que produz condições objetivas fora da história da metafísica da presença (Eisenman, 2003b: 61). Defendendo em sua conclusão que a ruptura entre as instâncias da expressão e da criação abre a possibilidade para algo entre as duas que libere a arquitetura da metafísica da presença para efeitos que sejam novos e originais, Eisenman irá sublinhar a condição de desastre, marcada pela perda de diferenciação entre fato e ficção, entre a coisa e sua representação que está na base da crise de unidade que atinge toda linguagem, inclusive a arquitetônica (Eisenman, 2003b: 60).

Visto desta perspectiva, o conjunto de operações no espaço que estabelecem uma continuidade aberta, interpretativa, entre as igrejas antiga e nova da Ajuda assume no mínimo uma condição ambígua em relação à metafísica da presença. Esta ambiguidade reside na maneira como o movimento de duplo espelhamento do volume do edifício em relação à rua da Ajuda articula as abstrações que transferem elementos estruturantes da arquitetura do edifício antigo para o novo e tensiona, assim, o que poderia ser descrito como um campo magnético de metafísica da presença e que fez a nova igreja ser construída em um sítio em vizinhança imediata da antiga.

As obras de modernização do centro de Salvador executadas por J. J. Seabra têm como condição para sua realização o bombardeio da cidade em 1912: a partir dos fortes de São Marcelo, São Pedro e Barbalho bombas foram lançadas em direção ao núcleo mais antigo do centro, o que levou à destruição e incêndio do Palácio do Governador – e da mais antiga biblioteca do país, nele abrigada – assim como dos quarteirões que lhe eram vizinhos. Este bombardeio possibilitou a chegada ao poder de J. J. Seabra e a destruição que ele causou é a base material sobre a qual são realizadas as obras de alargamento da rua Chile e de abertura da avenida Sete de Setembro. Visto deste ângulo, um particular desastre, o da destruição causada pelo bombardeio, desestabiliza todo o sistema espacial e social da cidade e abre os caminhos para o seu processo de modernização.

¹⁰ No original: "The media's blurring of reality therefore affects architecture, which historically has been thought to be the locus of reality and the repository of a metaphysics of presence. Today the assumed truth of this metaphysics of presence is seen as historical fiction, thus contributing to the metaphoric disaster that architecture faces."

Enquanto a antiga Sé, que se encontrava em ruínas no início do século, é demolida finalmente em 1933, encerrando assim o primeiro ciclo de modernização de Salvador, as ações de reconstrução de edifícios como o Palácio do Governador e as igrejas de São Pedro e da Ajuda, aquele no mesmo sítio original, estas duas em sítios diferentes do original, e os debates registrados nos jornais da época e analisados por Gabriela Assunção, devem ser lidos como elaborações de afetos relacionados ao desastre, exatamente por constituírem esforços de compreensão de uma ruptura que abala a unidade entre arquitetura e o sistema de espaço público na cidade mais antiga do país.

Conclusão

É possível assim, em primeiro lugar, tentar compreender a tensão entre o estilo neomanuelino, modernizante, da nova igreja da Ajuda, entendido aqui como um plano onde a linguagem de expressão tenta conferir afetos subjetivos através de uma construção estilística, e a capacidade de montagem eclética que compõe seu interior a partir da composição tipológica de alguns dos elementos que constituíam a arquitetura da antiga igreja, como uma tentativa de operar entre as duas linguagens da arquitetura apontadas por Eisenman. Incapaz obviamente de restaurar ou sequer se contrapor ao desastre que desfaz o sentido de uso dos espaços públicos da cidade, a nova igreja da Ajuda apoia-se na presença da escrita em sua história – talvez seja mais preciso referir-se à palavra falada –, no lugar da fala do Padre Antônio Vieira, para ser reerguida. Entretanto, avançando nas consequências advindas da abordagem através das ideias de Eisenman, seu deslocamento no espaço, seu duplo espelhamento, faz a nova igreja situar-se, de maneira interessante, diante e ao lado de um vazio construído, o espaço da rua da Ajuda, antes ocupado pela antiga igreja: é possível que décadas antes da transmissão ao vivo da destruição da segunda torre das Torres Gêmeas em Nova Iorque a reconstrução de uma simples e pequena igreja no centro de Salvador indique, precisamente através de sua ambiguidade, a dissolução do mito de presença. Afinal, boa parte do grande esforço que suporta sua reconstrução já está alicerçada em uma presença que apenas pode ser um traço, um vestígio, que é o da palavra escrita e falada, uma presença que por si só já elide a diferença entre o sistema da coisa e o sistema do sinal apontada por Eisenman como tradicionalmente usada para distinguir a arquitetura da escrita. Se há transgressão na nova igreja da Ajuda é uma que já aponta tão cedo para o ficcional do mito histórico da presença para, criando um segundo plano de ficção através de uma interioridade autônoma, tentar fazer ecoar no novo espaço, articular através dele um diferimento no presente do espaço da antiga igreja e, com ele, por ele, as palavras de Antônio Vieira. O espelhamento da igreja, a mudança da direção da fala do mais importante pregador do Brasil colonial, é, ao mesmo tempo, um dos primeiros registros na cidade dos radicais meios de rompimento e conciliação da modernização caracterizada pela fluidez das novas tecnologias, em especial do transporte, sua reestruturação espacial, a imposição da nova ordem sobre a antiga, desfazendo a cartografia acústica das relações entre igreja e Estado.

Referências

ASSUNÇÃO, Gabriela de Andrade Lira Mota. **Imagens dissolventes da narrativa de modernidade. Interpretações sobre a tradição a partir de casos de demolições em Recife e Salvador (1909-1933)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

A igreja da Ajuda em Salvador, Bahia e o deslocamento do lugar de fala do Padre Antônio Vieira

The church of Ajuda in Salvador, Bahia and the displacement of Father Antônio Vieira's place of speech

La iglesia de Ajuda en Salvador de Bahia y el desplazamiento del lugar de habla del Padre Antônio Vieira

EISENMAN, Peter. Der Affekt des Autors. Leidenschaft und der Moment der Architektur, in: De Bruyn, Gerd; Trüby, Stephan (eds.). **architektur_theorie.doc texte seit 1960**. Basel et al.: Birkhäuser, 2003a, pp. 215-219.

EISENMAN, Peter. The Affects of Disaster, in: Tschumi, Bernard; Cheng, Irene (eds.). **The State of Architecture at the Beginning of the 21st Century**. New York: The Monacelli Press, 2003b, pp. 60-61.

LINS, Eugênio de Ávila; SANTANA, Mariely de (eds.). **Salvador e a Baía de Todos os Santos. Guia de Arquitetura e Paisagem**. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Viviendas; Dirección General de Rehabilitación y Arquitectura, 2012.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Arquitetura militar em Salvador da Bahia - séculos XVI a XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAUUSP, 2011.

SCHAMRSOW, August. Das Wesen der architektonischen Schöpfung, in: Dünne, Jörg; Günzel, Stephan (eds.). **Raumtheorie. Grundlagentexte aus Philosophie und Kulturwissenschaft**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006, pp. 470-484.

SIMAS Filho, Américo. **Evolução física de Salvador 1549-1800**. Salvador: Fundação Gregório de Mattos; Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, 1998.

VACA Cevallos, Mariana. **Igreja da Ajuda, Salvador, Brasil. Proyecto de Conservación y Puesta en Valor**. Trabalho de conclusão do VI Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos. Salvador: Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, 1988.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 22/10/2023

Aprovado em 11/12/2023

DANIEL MILAGRES NASCIMENTO E FABIOLA DO VALLE ZONNO

Ações Poéticas nas Paisagens do Rio Faria, caminhos de encantamento e memória

Poetic Actions in Faria River's landscapes, paths of enchantment and memory

Acciones Poéticas en los paisajes del río Faria, caminos de encanto y memoria

Daniel Milagres Nascimento

Doutorando (Bolsista da CAPES) no PROARQ/FAU-UFRJ, onde é membro do Laboratório de Narrativas em Arquitetura e da Pesquisa “Entre Arquitetura, Arte e Paisagem – teoria e crítica da complexidade contemporânea”. Mobilizado por questões entre memória, práticas artísticas e culturas de terreiro, desenvolve processos poéticos como via crítica em paisagens. Organizador, em conjunto com Manuela Müller e Maria Laura Rosenbusch, do livro “Autoria Crítica: conversas sobre a posição do autor no campo ampliado da arquitetura”(2020). Mestre em Arquitetura pelo PPGArq/DAU/PUC-Rio. Arquiteto e Urbanista pela mesma instituição.

Phd candidate (CAPES Scholarship) at PROARQ/FAU-UFRJ, where he is a member of the Laboratory of Narratives in Architecture and the Research “In-Between Architecture, Art and Landscape – theory and criticism of contemporary complexity”. Mobilized by issues between memory, artistic practices and terreiro cultures, he develops poetic processes as a critical paths in landscapes. Organizer, with Manuela Müller and Maria Laura Rosenbusch, of the book “Autoria Crítica: conversas sobre a posição do autor no campo ampliado da arquitetura”(2020). Master in Architecture from PPGArq/DAU/PUC-Rio. Architect and Urban Planner from the same institution.

Candidato a Doctorado (Beca CAPES) em PROARQ/FAU-UFRJ, doned es miembro del Laboratorio de Narrativas em Arquitectura y de la Investigación “Entre Arquitectura, Arte y Paisaje – teoría y crítica de la complejidad contemporánea”. Movilizado por cuestiones entre memoria, prácticas artísticas y culturas de terreiro, desarrolla procesos poéticos como caminos crítico en los paisajes. Organizador, junto con Manuela Müller y Maria Laura Rosenbusch, del libro “Autoria Crítica: conversas sobre a posição do autor no campo ampliado da arquitetura”(2020). Magíster en Arquitectura por PPGArq/DAU/PUC-Rio. Arquitecto y Urbanista de la misma institución.

daniel.nascimento@fau.ufrj.br

Fabiola do Valle Zonno

Professora Associada da Fau UFRJ e docente do quadro permanente do PROARQ, onde coordena a Pesquisa “Entre Arquitetura, Arte e Paisagem – teoria e crítica da complexidade contemporânea”, dedica-se, atualmente, em especial, ao tema da memória e processos poéticos ligados ao tempo nos lugares. Autora do livro “Lugares Complexos, poéticas da complexidade – entre arte, arquitetura e paisagem” (2014). Doutora e Mestre em História Social da Cultura e Especialista em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio. Arquiteta e Urbanista com diplomação magna cum laude pela Fau UFRJ.

Associate Professor at Fau UFRJ and Full Professor of PROARQ, where she coordinates the research “In-Between Architecture, Art and Landscape – theory and criticism of contemporary complexity”, currently dedicates herself, in particular, to the theme of memory and poetic processes related to time in places. Author of the book “Lugares Complexos, poéticas da complexidade – entre arte, arquitetura e paisagem” (2014). PhD and Master in História Social da Cultura and Specialist in Comunicação e Imagem from PUC-Rio. Architect and Urban Planner with a magna cum laude degree from Fau UFRJ.

Profesora Asociada de la Fau UFRJ y profesora permanente del PROARQ, donde coordina la investigación “Entre Arquitectura, Arte y Paisaje – teoría y crítica de la complejidad contemporánea”, actualmente se dedica, em particular, al tema de la memoria y procesos poéticos vinculados al tiempo en lugares. Autora del libro “Lugares complejos, poéticas de la complejidad – entre arte, arquitectura y paisaje” (2014). Doctora y Magister en História Social da Cultura y Especialista en Comunicação e Imagem por la PUC-Rio. Arquitecta y Urbanista com título magna cum laude de la Fau UFRJ.

fabiolazonno@fau.ufrj.br

Resumo

Este artigo busca elaborar uma reflexão sobre o desdobramento de memórias nas frestas de paisagens do rio Faria, localizado nos subúrbios do Rio de Janeiro, a partir de uma pesquisa artística que constrói ações poéticas como gestos encantados neste corpo d'água urbano em grave processo de desencanto, capazes de expor questões sobre a relação de artistas-arquitetos com os múltiplos sentidos e significados possíveis em um lugar.

Palavras-chave: Gestos. Encantamento. Ações poéticas. Paisagem. Rio Faria.

Abstract

This paper aims to discuss the unfolding of memories in the landscapes of Faria River, located in the suburbs of Rio de Janeiro, based on artistic research that constructed poetic actions as enchanted gestures in this urban river in an extreme process of disenchantment, that is capable of exposing questions about the relationship between artists-architects and the multiple senses and meanings in a place.

Keywords: Gestures. Enchantment. Poetic Actions. Landscape. Faria River.

Resumen

Este artículo busca elaborar una reflexión sobre el despliegue de memorias en los paisajes del río Faria, ubicado en los subúrbios de Río de Janeiro, a partir de investigaciones artísticas que construyeron acciones poéticas como gestos encantados en este cuerpo de agua en un proceso urbano serio de desencanto, capaz de exponer interrogantes sobre la relación entre artistas-arquitectos y los múltiples sentidos y significados posibles en un lugar.

Palabras clave: Gestos. Encantamiento. Acciones poéticas. Paisaje. Río Faria.

Entre gestos e restos, memórias sobreviventes nas frestas do rio Faria



FIGURA 1 –Imagens de restos no fundo do rio Faria e de homem descendo muro que margeia um dos trechos deste rio, no bairro Encantado, Rio de Janeiro, em montagem.

Fonte: Acervo do autor

A urgência de uma proximidade maior entre paisagens ribeirinhas e sua dimensão de memória, dada a destruição das águas doces banháveis nas cidades, nos implica em uma disposição para imergir no campo de sentidos e significados que a presença destes corpos hídricos pôde construir no vivido destes lugares. Há algo nas múltiplas relações possíveis com a memória de um ente como um rio, produzidas por meio de uma pesquisa artística, que pode auxiliar um processo de reparação nestes lugares, pela criação de caminhos de cuidado e forja de outros olhares sobre suas paisagens.

Os processos de aniquilamento das águas doces nos cercam de várias formas. “O que é feito de nossos rios, de nossas florestas, nossas paisagens?” (Krenak, 2019, p. 23), Ailton Krenak nos questiona. O pensador indígena nos chama a refletir sobre como o capitalismo e as lógicas corporativas de consumo criam e mantêm os processos de exploração e destruição da terra, dos entes da natureza e das culturas neles forjadas, nos enredando, não somente em graves violências ambientais, mas, em especial, em processos de alienação sobre o que, de fato, precisamos sustentar para que possamos viver aqui juntos.

Elaborando uma intensa crítica ao que chama de criação de “ausência do sentido de viver e do próprio sentido de experiência da vida” (Krenak, 2019, p. 26), Krenak se opõe à lógica consumista-exploratória da terra e das subjetividades na contemporaneidade, nos fornecendo uma pista importante dos caminhos a seguir para uma reconexão com a vida ao dizer que:

Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (Krenak, 2019, p. 27)

No meio de tanta poluição das águas e invisibilização dos percursos do rio Faria – corpo d’água que começa nos altos da Serra dos Pretos Forros, percorre o subsolo de diversos subúrbios cariocas e deságua na Baía de Guanabara – vislumbramos a possibilidade de adiar este fim do mundo – anunciado e materializado a cada dia na condição atual das paisagens ribeirinhas urbanas – através da criação e do compartilhamento de histórias

com aqueles que encontram modos de sobrevivência a esta situação de violência ambiental. Esta aposta em modos de transmitir experiências ribeirinhas, como gestos poéticos num ambiente urbano que vira as costas para seus rios, nos parece ser algo a se valorizar, ou, utilizando as palavras de Krenak, algo que precisamos sustentar, no sentido de aprender com, para um desdobrar da memória nas paisagens suburbanas cariocas.

O sentido de dobra é aqui tomado de Gilles Deleuze, que define que o múltiplo é o que é dobrado de muitas maneiras, sendo a desdobra não o contrário da dobra, mas a possibilidade de crescer, “entrar no afundamento de um mundo” (Deleuze apud Zonno, 2020, p.102). Assim, reconhecendo o rio Faria como múltiplo e a dobra também como a própria subjetividade, envergamento do Fora no Dentro que cria uma interioridade, entende-se o potencial da prática artística aqui proposta como experiência de encontro com estas paisagens a desdobrar temporalidades e sentidos, a provocar-nos devir-rio. Um desdobrar que parte da busca por uma relação de proximidade, como nos mobiliza a pensar Paul Ricoeur, com o rio Faria, isto é, de memórias construídas num “plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos” (Ricoeur, 2007, p. 141), que é sempre uma relação de variação das distâncias entre si e os outros. Um desdobrar que também se abre aos movimentos inconscientes da memória, aqueles que insurgem inesperadamente, de modos específicos e produzem anacronias e estranhamento no contato com estas paisagens. Um desdobrar que se relaciona com as múltiplas temporalidades que a memória destas águas, outrora fonte da vida tupinambá, pode convocar, como Krenak nos diz, “o rio Doce [...] nosso avô, é uma pessoa, não um recurso [...]” (Krenak, 2019, p. 40).

Como nos ensina Walter Benjamin, a memória guarda profunda vinculação com a História, sobretudo com a escrita da História, por sua vez, sempre narrada, sob sua ótica, por aqueles que venceram, a partir dos fios narrativos de suas memórias. Compete, assim, ao historiador – materialista histórico, a seu tempo – uma escrita da história a contrapelo: que emerge do trabalho com os restos, com os farrapos, por memórias e por uma história dos vencidos; daqueles fraturados e sedimentados na terra por alguma violência, no entanto, sobreviventes.

No campo da história, este trabalho a contrapelo foi executado em larga medida na relação com as imagens, compreendendo-as como complicadoras de nossa relação com o tempo. Como elabora Georges Didi-Huberman, a partir de um intenso diálogo com as ideias de Benjamin, “sempre diante da imagem, estamos diante do tempo” (Didi-Huberman, 2019, p. 15), sendo ela, portanto, peça chave para pensarmos sobre como as paisagens do rio Faria podem, num processo de desdobramento de memórias, de produção de anacronias em constelações de imagens, ter reconhecidas outras temporalidades em sua composição.

No movimento de aproximação da paisagem por esta via da memória nos restos e vestígios de outrora e, em especial, nas imagens deles criadas, portanto, o filósofo alemão, nos mobiliza a pensar as experiências corporificadas em sua relação complexa com as temporalidades. Benjamin recupera, para isto, um conceito fundamental na história para operar na produção destas memórias sobreviventes: o de montagem.

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazê-los justiça da única maneira possível: utilizando-os (Benjamin, 2006, p. 502).

Seja por choque ou por estranheza, como nos coloca Didi-Huberman, o conhecimento por montagem pressupõe o deslocamento das certezas sobre algo, instaura a dúvida e a faz de material para reflexão crítica.

A montagem enquanto tomada de posição ao mesmo tempo tópica e política, a montagem enquanto recomposição das forças nos ofereceria assim uma imagem do tempo que faz explodir a narrativa da história e a disposição das coisas [...] Maneira de dizer que ela reexpõe a história à luz de sua memória mais recalcada, como de seus desejos mais informados. (Didi-Huberman, 2017, p. 118)

Produz, assim, em sua dialética de montagem-desmontagem-remontagem, um rico campo de temporalidades simultâneas, que nos permite repensar as certezas da História deste rio, mais próximos dos movimentos da memória inconsciente ou involuntária, que insurgem no vivido de nossas experiências, seja no cheiro, nas imagens, nos sons, e, sobretudo, nos pequenos gestos que movem as forças de sobrevivência às situações de grande violência ambiental.

Na disposição de instaurar dúvidas sobre a predominância de uma lógica estagnante do rio Faria como um valão, e de re-escrever este desdobrar de memórias, imergimos, através do caminhar errante, em diversas de suas paisagens, atentos ao vasto campo espaço-temporal, de significados e sentidos miúdos que estes lugares podem absorver. Encontramos, entre os restos cotidianamente arrastados, sedimentados e revolvidos nas margens do rio, pessoas que habitam estas paisagens, mais especificamente, que habitam as frestas destas paisagens. São canoeiros, pescadores, andarilhos, escaladores, trapeiros, erveiros, caçadores... Pessoas que, de formas diversas, sustentam a vida em múltiplos gestos de cuidado com os restos, furos, rastros de outrora, arquiteturas vegetais, valorizando memórias da terra e memórias ancestrais, como nos inspira a dizer Krenak, ligadas a este corpo hídrico. Práticas que desdobram a memória de um lugar através do cultivar – no sentido de construção de culturas – um rio, por exemplo.

O rio Faria, outrora local em que diversos tabas tupinambás assentaram suas vidas, como os de Piráúasu, mesmo nesta condição de degradação profunda, possui, em suas frestas, nas temporalidades de seus fundos, gestos de cuidar através de múltiplas gestualidades sobreviventes que, na relação a contrapelo com a história dessas águas, se repetem, sempre de modos diferentes. O remar, o pescar, o caminhar, o re-parar, o re-colher, o banhar-se, o escalar, o demarcar, o beber, o caçar, o plantar. Gestos em ações que remontam relações ancestrais com estas águas; que as cultuam, na medida em que praticam seus espaços geográficos, transformando-os em lugares com significados específicos a cada caso.

Podemos aproximar estas práticas do que os pesquisadores Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, também movidos pelo conceito de história a contrapelo de Benjamin, chamam de culturas de síncope, forjadas nas frestas urbanas:

As culturas de síncope nos fornecem condições para praticarmos estripulias que venham a rasurar a pretensa universalidade do cânone ocidental. Impulsionados pelas sabedorias destas culturas, temos como desafio principal a transgressão do cânone. Transgredi-lo não é negá-lo, mas sim encantá-lo cruzando-o a outras perspectivas. (Rufino; Simas, 2018, p. 19).

No drible, ou como nos propõem os autores, na “transgressão” deste rio não apropriado como parte da paisagem vivida, mas sim como um valão, os praticantes de culturas de síncope no rio Faria dobram o sentido de morte das águas a partir da possibilidade de ocupações imprevistas, de certa possibilidade de encantamento. A morte, para Rufino, “não está vinculada simplesmente aos limites da materialidade,

mas se inscreve como escassez, perda de potência, desencante e esquecimento”. De um modo direto, para estes autores brasileiros, que estabelecem um longo diálogo entre Benjamin e epistemologias afro-ameríndias, “O contrário da vida não é a morte, mas o desencanto”(Simas; Rufino, 2019, p. 7). Neste sentido, a possibilidade aberta por estas transgressões realizadas por corpos dissidentes, insurgentes na relação com o rio Faria, é a de potencialização das forças de re-encantamento destas paisagens ribeirinhas.

Neste campo de luta contra os processos de desencantamento, desenvolvemos uma pesquisa artística que nos implica a pensar, entre os gestos e restos encontrados e produzidos nas experiências corporificadas, ações poéticas como vias de re-encantamento destes lugares. Imergir em sua condição de entropia profunda de suas águas, com singularidades e modos múltiplos de habitar suas frestas com as quais podemos forjar veredas para re-encantar. Buscar sabedorias e, sobretudo, memórias de um maior cuidado com a potência de renovação da vida que um rio guarda. Encantar paisagens através destas experiências que tomaram, nesta pesquisa artística, a forma de ações poéticas.

Como Vilém Flusser nos inspira a pensar, o gesto de pesquisar é ato humano, por isto, vital, livre de qualquer pretensão de pureza e, simultaneamente, ético, estético e político. Sendo assim, o gesto da pesquisa com Ações Poéticas no rio Faria nos implica no processo de entendimento do gesto de escrever como meio de construção de uma ética, estética e política de re-encantamento, sendo a arte um modo possível de conhecimento, sensibilização e transformação do mundo. É através dela que buscamos, nas frestas de um rio, gestos de encantamento, de reconvocação da força de vida, gestos encantados.

Ações Poéticas como via de re-encantamento das águas



FIGURA 2 - Imagem de ação poética nas margens do rio Faria, Rio de Janeiro

Fonte: Acervo do autor

Na busca por dobrar as forças que provocam o processo de desencantamento do rio Faria, acreditamos na potência poética e política de ações artísticas como via de re-encantamento nas paisagens pesquisadas. As possibilidades de experimentação foram elaboradas em modos de agir específicos em cada lugar, que buscaram criar condições para o reconhecimento das paisagens em sua multidimensionalidade, e, nesta trilha, para trabalhar caminhos de re-encantamento. Porém, de onde partimos para a materialização de outros modos de agir?

A pesquisadora Fabiola do Valle Zonno, desdobrando sua reflexão sobre a complexidade da paisagem como dispositivo, quando mobilizara Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, aprofunda o tema da memória e das experiências do tempo, convocando a indicialidade nos fragmentos e a potência das imagens a partir de Benjamin e Didi-Huberman. Zonno convoca a pensar a partir da compreensão da paisagem como intertextualidade, isto é, “como um conjunto de textos (de diferentes tempos) justapostos, continuamente produzidos e interpretados por indivíduos e coletividades [...] (pressupondo) a ideia de influência de um texto sobre o outro”(Zonno, 2020, p. 87-88); e do artista-arquiteto como um tipo de arqueólogo, que “faz emergir diferentes vozes como parte de um jogo de significações que se altera permanentemente” e que “é ao mesmo tempo intérprete do contexto e criador de novas possibilidades atuando em um dispositivo”(Zonno, 2020, p.95).

Artisticamente, podemos atuar no dispositivo-paisagem – este grande novelo de forças que nos molda e é moldado por nós na experiência do rio Faria – buscando, como lança Zonno, “dobrar as forças”(Zonno, 2020, p. 98), ou seja, produzir des/dobramentos sensíveis e críticos, criar linhas de fuga que abrem ali possibilidades de experimentação e de acontecimentos como possibilidades de vida com o rio.

Abre-se ainda a questão: como elaborar um modo de atuar, entre os gestos e restos nestas paisagens?

A primeira via é o caminhar, em um sentido ampliado da compreensão de sua prática. Francesco Careri nos coloca o caminhar como uma prática estética, como uma “pré-arquitetura da paisagem” que é, simultaneamente, “leitura e escrita do território”. E ainda diz,

Hoje se pode construir uma história do caminhar como forma de intervenção urbana que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico. (Careri, 2016, p. 28)

Subtende-se com esta afirmação de Careri, que o ato de caminhar é mais do que a percepção de um lugar, ele é escrita na paisagem, ele molda e é moldado por certa arquitetura da paisagem, atuando diretamente nela, transformando-a cotidianamente. Esta prática é aqui muito utilizada associada a outra, a de errância, que, por sua vez, como nos diz Paola Berenstein Jacques “emerge como uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia de empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade”(Jacques, 2014, p. 27).

Caminhar é também a possibilidade de imergir, física e simbolicamente, nos lugares deste rio feitos para não serem acessados. Por isso é também uma prática política que nos permite insurgir contra certos limites que invisibilizam os percursos destes fios d'água. Neste sentido, ele se constitui como a possibilidade de produzir encontros e, como nos coloca Fernanda Eugênio, como um gesto de curadoria nos lugares:

[...] enquanto gesto de cuidado-curadoria [...] (enquanto) uma modulação não-reactiva de desobediência civil; um instrumento de regeneração e curadoria colectiva

[...] uma força de strangership: de acolhimento do desconforto inevitável implicado nesse esgarçar do possível, do pensável e, sobretudo, do sensível; de acompanhamento no risco e de sustentação do desconhecido [...] (Eugênio, 2019, p. 10)

Portanto, estamos falando de uma prática que assume as dimensões ética (de cuidado e reparação), estética (de abertura da sensibilidade como leitura e escrita) e política (por permitir insurgências contra os limites no dispositivo-paisagem do rio Faria). Tais dimensões remontam o que consideramos como o gesto de pesquisar com Flusser, isto é, em sua humanidade, como gesto vital, impuro e fruto de valores.

A segunda via mobiliza a força dos gestos primeiramente reconhecida no encontro com as pessoas que forjam a vida nas frestas das paisagens do rio Faria, e consequente recriação de gestos de outrora nestas águas a partir do encontro com indícios de sua presença, como o remar nas águas paradas da Baía e as práticas de pesca dos Piráúasu; como o escalar paredes de pedra para acessar pontos miúdos do rio Faria onde há fontes de água limpa e as passagens fluidas de acesso ao rio do início do século XX; como o reconhecer e recolher as ervas que protegem trechos das margens ribeirinhas e a busca por alimento nas floresta indígenas alimentadas por estas águas doces; como o refazer percursos em busca das nascentes do rio Faria e a realização de rituais, ainda hoje presentes em comunidades de matriz afro-ameríndia, às suas forças ancestrais. Gestos que remontam relações de memória com estas águas. Estamos próximos da elaboração feita por Jacques ao desdobrar ideias de Warburg, Benjamin, Deleuze e Guattari, do conceito de gestos aberrantes como um tipo de sobrevivência, isto é, de anacronismo gestual que “quebra a linearidade do tempo positivista [...] ao mostrar o cruzamento, o choque entre tempos heterogêneos em um mesmo objeto ou espaço urbano” (Jacques, 2017, p. 297).

A terceira via é a prática de montagem. Ao desdobrar o conceito a partir de Aby Warburg, Benjamin e Bertolt Brecht, Didi-Huberman nos traz o entendimento da montagem como um procedimento que nos possibilita a disposição das diferenças e uma recomposição das forças. Para o autor, trata-se de um processo de “dispor [...] suas diferenças, seus choques mútuos, suas confrontações, seus conflitos” (Didi-Huberman, 2017, p. 79). A possibilidade de desmontagem e remontagem de fragmentos e as múltiplas variações dos intervalos entre os fragmentos de imagem agenciados, nos abre para reinterpretações de lugares. Jacques soma à discussão também a partir de Benjamin, compreendendo a montagem não somente como um procedimento formal que lida com o informe, com o agenciamento de fragmentos, mas, sobretudo, como um modo de conhecimento e de pensamento sobre a complexidade temporal das cidades.

Neste sentido, compreendemos a montagem, seja ela de imagens, de vídeos, de restos encontrados nas experiências corporificadas no rio Faria, como uma possível ação poética na medida em que é parte de um processo artístico que desdobra elaborações críticas destas paisagens.

A quarta configura-se na escrita textual em articulação com imagens, históricas e criadas nas ações, em processo de montagem. Inspirados por Benjamin, pelo artista Robert Smithson e pelo historiador-artista Thiago Florêncio, elaboramos o exercício de escrita de experiências e experiências de escrita com textos poéticos e imagens montadas como gestos que expõem temporalidades, dispõem diferenças e recompõem forças ao desdobrarem memórias na experiência das paisagens.

Pensando tanto os processos como os produtos envolvidos nas vias deste trabalho artístico, pretende-se explorar a transversalidade entre meios. Neste sentido, Robert Smithson constrói poéticas a partir de um trânsito entre escritos, imagens e ações ligadas ao caminhar que apontam intensa crítica ao processo de entropia

materializado nas cidades e paisagens no final dos anos 1960, início de 1970. O artista inspira a pensar sobre a dialética da paisagem, compreendendo-a a partir de sua condição entrópica, atraído por ruínas, edifícios abandonados e locais em processo de transformação profunda. Especialmente em *A tour of the monuments of Passaic* (1967) e em *Hotel Palenque* (1972), conseguimos perceber a prática de montagem entre imagens e textos que criam, através de caráter ficcional, outras possibilidades de interpretação para estes lugares, menos desencantadas, isto é, presas em sua condição de estagnação de significados, pois estes são os novos monumentos, como nos provoca Smithson.

De modo distinto, podemos ver o trânsito encantado entre montagem, práticas do caminhar e escrita em *O nativo ausente* (2020) de Thiago Florêncio, que elabora, a partir de caminhadas feitas em diversas cidades, escritas como feitiços, isto é, como modo de

inscrever-se corporalmente no ritmo da imprevisibilidade cósmica, ou seja, na linha de repetição de singularidades cujos movimentos são capazes de tornar presentes coisas que estão ausentes e ausentes coisas que estão presentes [...] (de operar) pela matéria, os invisíveis. Assumir a escrita-despacho. (Florêncio, 2020, p. 31)

À escrita das experiências, assim como às experiências da escrita, somam-se as imagens que registram as montagens realizadas com restos catados pelo autor em seus percursos urbanos. A escrita-despacho acontece como uma oferenda ao poder dos encontros, às ressonâncias de memórias ancestrais no vivido, e à capacidade de reconhecimento e desconhecimento que uma apreensão incorporada da cidade pode nos prover.

Entre o estranhamento e o encantamento, as ações poéticas configuram-se a partir destas quatro vias: por um sentido ampliado do caminhar, pelos gestos urbanos, por montagens e escritas textuais, em que se reconhece o trânsito entre meios artísticos. Caminhar, Re-colher, Re-parar, Estranhar, Montar, Demarcar, Re-traçar, Re-imaginar, Encantar, são ações simultâneas, em pontos distintos destas paisagens, que refletem modos tentativos de manuseio de temporalidades e de reativação da potência de vida a partir (e nas) frestas do rio Faria. Insistir em ações miúdas como modo de ampliar gestos de cuidado e de re-invenção no precário através da dialética de montagem configura-se como a possibilidade de des/dobrar memórias com estas águas, por outros caminhos de compartilhamento de sua sabedoria para desaguar sensibilidades, para manter o pulsar da terra e para renovar a vida.

Marés, Re-fluxos, Minagens: re-escritas, montagens, deságues poético-críticos no rio Faria

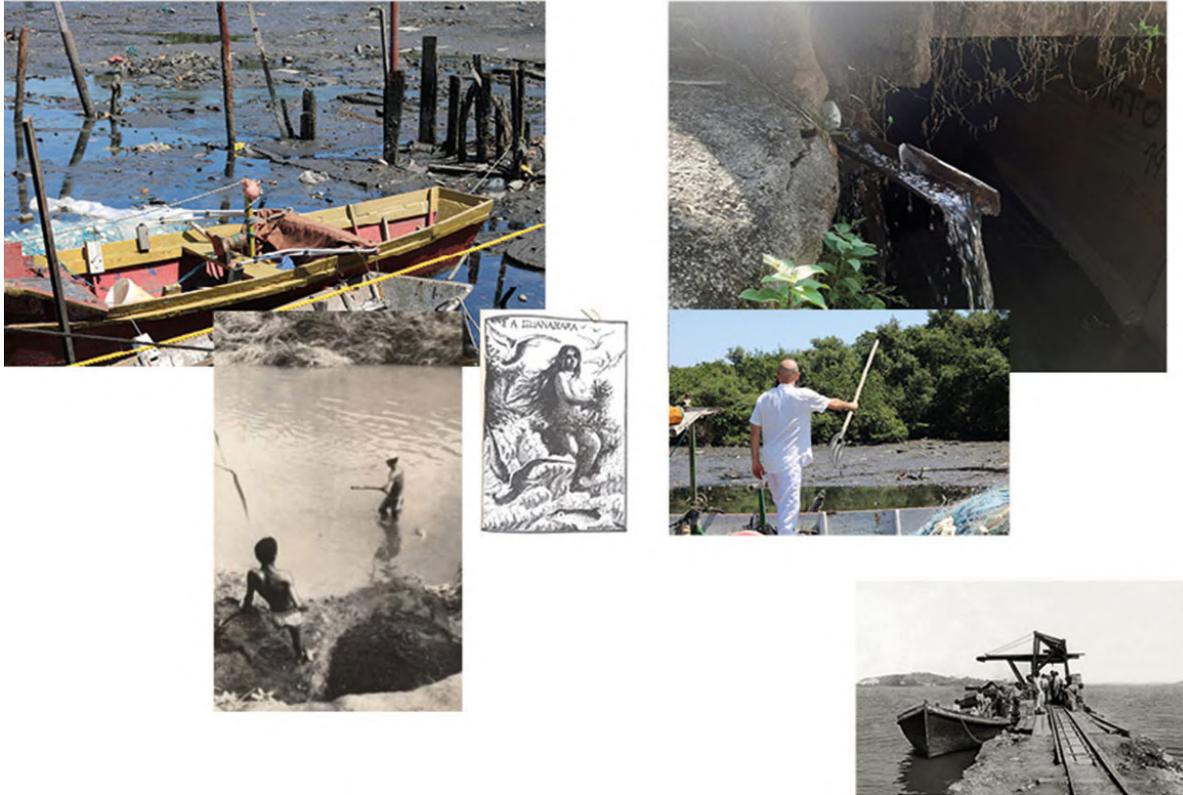


FIGURA 3 - Montagem Marés desveladas

Fonte: Acervo do autor

As inscrições na lama eram muitas.

Preferimos começar por aquele que catava a boneca da lama e disse que iria lavar e dar de presente para sua filha. As mãos eram luva e lama que brotava como o suor que pingava de seu rosto.

Caminhar no píer acidentado ladeado pelas canoas atracadas. Quantos pescadores chegam até aqui? As redes estão amarradas, emboladas em tonéis aguardando as mãos e braços e corações cheios de águas da Guanabara para estendê-las ao sol, preparando-as para outros mergulhos. Tábuas que balançam a cada passo dado mostram a água rasa abaixo de nós. Rasa e escura. Rasa, escura e cheia de mistérios que a Guanabara conhece. Onde estão os canoeiros? Perguntar ao rapaz que corta os peixes tirados de um isopor com gelo que molhava o cimento no início do píer. “Agora é hora de trabalhar, mas daqui a pouco alguém chega por aí.” Balançar ao pisar de um lado para o outro do píer. Agachar para ver de perto as águas escuras e sentir que há muito mais por debaixo das águas.

O som dos pássaros. Levantar a cabeça e ver, finalmente, o maço da tijuca e o Cristo Redentor. Rememorar as distâncias entre as matas e nuvens que envolvem o Cristo e o sol que agora nos banha com toda a força nestes fundos do Fundão, onde, depois de um muro cinza baixo, encontramos estas águas e ficamos. O que estas águas calmas e turvas têm a nos dizer? Como encontrar este abraço que elas nos dão junto com as águas do rio Faria? Fique mais tempo. Espere encontrar aqueles que vão, em trechos distintos das águas calmas, enfiando as varas de remo e sentindo como estão as águas por baixo. Água parada nunca para, sempre move, lentamente, junto com as lamas de seu fundo. Esperar os canoeiros.

O sentido de velar um corpo nos remonta a um processo de reconhecimento de que há algo que precisa ser cuidado. Assim como o simples ato de acender uma vela para guardar e cuidar de algo, como fazemos na cultura popular, as marés da Guanabara nos ensinam sobre este cuidado a partir de certa dialética do velar – velar/desvelar/revelar – que nos insere nos vastos e invisíveis ciclos destas águas doces. As marés velam e desvelam os fundos da baía de Guanabara, nos mostrando, temporária e parcialmente, os fundos que sustentam estas águas.

Para apreender e aprender com estes movimentos aquosos nos cabe a incorporação de uma temporalidade lenta na ação, para entrar em sintonia com estes saberes. A constituição das superfícies lamacentas remonta um tempo ancestral da formação destas terras, carregando com isto a necessidade da lentidão como via de engajamento com suas forças. Deleuze e Guattari nos lembram que a lentidão não é necessariamente um meio quantitativo, de medição das velocidades, mas qualitativo: “Lento e rápido não são graus de movimento, mas dois tipos de movimento qualificados, seja qual for a velocidade do primeiro, e o atraso do segundo” (Deleuze; Guattari, 2017, p. 41). A errância configura-se como via de lentidão, de reconhecimento e imersão em temporalidades que nos permitem uma relação de maior proximidade com os movimentos mais sutis e miúdos de um lugar.

Demorar-se, portanto, no encontro com estas imagens criadas pela ação poética é entrar em sintonia com estas águas lentas que atravessamos, nos mostrando como o processo de velar um rio se articula tanto nos pequenos fios d'água que brotam das nascentes do rio Faria, na Serra dos Pretos Forros, quanto no grande abraço invisível entre o rio Faria e a baía de Guanabara, sua foz. Krenak nos diz que, quando o rio doce foi violentado e desencantado, fez-se necessário um ritual que durou um longo tempo para velá-lo, pois seu corpo, assim como os que habitam a região dos Krenak, precisou deste gesto de cuidado. O abraço entre rio e baía, assim como os pequenos fios de água que escorrem da serra onde ele nasce, nos provocam a pensar nas íntimas articulações entre o desvelar de águas escuras e a lentidão, como um processo de recomposição das forças do rio. Recomposição de tempos ancestrais guardados no mistério de sua lama, de suas águas em terra, da terra em água, destas superfícies em que os limites aquosos perdem nitidez. Mistério que aponta, no remar dos canoieiros, que revolve lentamente suas águas lamacentas e cheias de fragmentos de outrora, a possibilidade de remoldar a vida. Há de se remar lentamente.



FIGURA 4 - Montagem Re-fluxos
(in)visíveis

Fonte: Acervo do autor

Por onde ele caminha? Pode circular, serpentear, fundear, raspar o tacho que ele não mostra tudo. Chegar perto, errar o trajeto. É difícil encontrar outros caminhos com este cheiro. Deixar fluir. Chão. Caminhar. Tapete de folha. Pega! Juntar, seguir o ritmo das águas. Quem conseguiu ver? Onde o caminho nos leva, iremos. As aparições são muitas, mas foram desorientadas e para isto precisamos conseguir errar e entrar. Aprender com a água que há sempre um caminho para seguir, seja por terra ou pelo vento que nos guia. Onde estão as forças do rio Faria? O Encantado tem esse rio aberto, lá conseguimos ver uma curva de leito e sentir um pouco de seus traçados e logo ele caminha pelos fundos do chão.

Pelos fundos de chão seguimos com os pés escorregando na sola da sandália rasgada no fundo com as dobras do caminhar por estes caminhos fundos de calçada. Por onde ele caminha? Ao lado da linha amarela, da casa com bouganville na porta, a passagem nos chama como a poeira que voa com o vento dos carros atravessando em alta velocidade ao lado do meu ombro direito. A vala é no meio da grama. A grama é no meio da fresta. A fresta é no meio de um resto. Um resto que é no meio de restos de um lugar que um dia pode ter sido parte de uma praça, ou de uma calçada, mas agora ecoa como fundos do chão. Lá-aqui o onde o rio escorre e ninguém vê.

Andar é difícil, precisamos de um apoio. Galho. Outro galho. A montanha de restos de vegetais secos. Quebrar o galho. Apoiar e seguir o fluxo. O caminho de fresta é escuro, mesmo na luz do sol que escorre no suor que pinga por trás da cabeça. Nuca. Onde posso me equilibrar?

Encontrar a luz do sol e o ar fresco. Cruzar do alto da rampa de onde podemos ver o caminho a seguir. Sentia que ia clarear, mesmo que por dez segundos, onde tivemos o tempo de sentir o som do ônibus que parava para buscar as pessoas logo ali acima e perceber que os galhos e folhas que nos cercam puderam sentir o tempo neste lugar por mais do que dez segundos. Catar os galhos, montá-los como forma de recompor suas energias temporais neste lugar. O tempo que eles sentem é o tempo que andamos nos fundos do chão profundo, nas frestas deste lugar que nos parece apontar segredos sobre futuros a frente.

Seguir. Mas, por onde ele caminha? Por onde eles caminham, os andarilhos?

O sentido de fluir experimentado no rio Faria remonta, de modo inteiramente fragmentário, os percursos traçados no invisível do subsolo suburbano pelos quais ele caminha. Percursos que nos aparecem como linhas de fuga a qualquer tentativa de reordenação de seus leitos, são linhas imaginárias que se movem em nossas ações.

A fluência deste rio, porém, aparece em determinadas aberturas, como bocas por onde se pode deixar o ar invadir, momentos em que ele pode respirar. As práticas do caminhar errante – parte das experiências poéticas realizadas – nos colocam em um movimento de devir-rio, também a partir de Deleuze, como um “furtar-se ao presente”, um “avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo” (Deleuze, 2011, p. 1), como afetar-se, sendo possível pensarmos que os trechos de leitos invisíveis, em que as águas arrastam o que nelas é jogado pela cidade, são re-traçados e re-fluem nos percursos materializados por nossas ações. As passagens por trechos de bairro e os pequenos arrastamentos de restos e remontagens feitas no meio dos trajetos operam como re-fluxos deste rio, como caminhos aquosos imprevisíveis.

Instaura-se neste devir-rio uma temporalidade das passagens. E o tempo constelar, que Benjamin nos mobiliza a pensar, insurge nas montagens realizadas com os restos nas ações e nos choques anacrônicos entre as imagens aqui expostas.

Ações Poéticas nas paisagens do rio Faria, caminhos de encantamento e memória

Poetic Actions in Faria River's landscapes, paths of enchantment and memory

Acciones Poéticas en los paisajes del río Faria, caminos de encanto y memoria



FIGURA 5 - Montagem Minagens em furos

Fonte: Acervo do autor

Era possível que nós caíssemos. A parede estava quebrada e nós fomos até a beira para enxergar o rio fluindo por um ângulo mais amplo do horizonte.

Ficar mais um pouco e o vento cortou os olhos com os carros que atravessaram a linha amarela a toda velocidade. Como iremos atravessar? De repente o sol esquentou e a possibilidade foi aberta. Correr! Pular a mureta! Olhar para a parede! Cuidado para não cair.

Os cacos de vidro na mureta que separava o rio de nós, nos unia. Onde estão aqueles que o quebraram? Os carros passam atrás de mim. Espere aí. Fique aí. E um boné vermelho acompanhado de um bom cheiro aparece subindo dos fundos do fundo do rio. As pedras tornam-se escada, os furos oportunidades de amparo para as mãos que apareceram na mureta a minha frente junto com um sorriso. Quer descer?

Encontrar uma grade de ferro, agachar e entrar. Onde estamos? As árvores a frente, brotando dos furos no concreto me mostraram o que devia fazer. Vire para a parede e encontre os furos. Ali é possível minar. Onde estamos? Seguir aprendendo com os escadares. Folhas, troncos e sorriso.

O sentido de minar é pouco trabalhado na construção das experiências urbanas. O processo tem a ver com um tempo de oportunidades, caro aos que buscam modos de entrar em lugares como as paisagens inacessíveis do rio Faria. Minar nos conecta com a possibilidade, inerente às águas, de sempre encontrar um caminho para desaguar. As paredes de concreto que vemos na maioria dos trechos em que o rio Faria acontece, carregam marcas, vestígios do movimento de minagem das águas, um movimento no sentido vertical ao rio, que o faz acontecer de modos imprevistos.

Esta ação nos vincula a um processo de atenção e identificação dos furos miúdos nestes grandes paredões, muito praticado por pessoas que escalam estes elementos urbanos para ativar o rio de alguma forma. Estes são furos que permitem a entrada das águas por outros caminhos, que permitem outros modos de habitar o rio que, nesta ação poética, nos convoca o que chamamos de tempo das oportunidades. É quando, no momento mais imprevisível, podemos encontrar caminho. Nos aproximamos da temporalidade do acontecimento, com Deleuze, que instaura na atualidade de sua experiência uma irrupção. É o tempo de Aion, segundo Muniz Sodré, desdobrado

também pelo autor como tempo de Exu, divindade africana, senhor das encruzilhadas: aquele reinventado, que dobra passado, futuro e presente em um instante e abre caminho para outros possíveis.

No meio deste deserto de paredões de concreto, onde o rio Faria é canalizado, há possibilidades de escalar e descer através destes furos miúdos, fazendo destes quase-abismos, dobras da Serra dos Pretos Forros em que as minas se espalham floresta a dentro. As minagens são, portanto, instauradas num tempo de oportunidades e criam lugares em que a vida, e com ela, as sabedorias das culturas de síncope – que sabem driblar e dobrar as supostas dificuldades – podem se dar de modos imprevisíveis, intumescendo, a cada prática miúda, o leito do rio Faria. Como o provérbio africano centro-oriental nos ensina, “Quanto mais cheio o rio, mais ele tenta crescer”(Lopes; Simas, 2020, p. 109). Quem sabe com estes gestos encantados, que trazem as águas consigo, o rio cresce ainda mais e recompõe suas forças de vida pública e comunitária?

Gestos encantados, por uma ética do cuidado e da reparação nas paisagens ribeirinhas dos subúrbios cariocas

Como construir e utilizar outros arquivos no contemporâneo? Esta é a questão que nos ronda, assim como as diversas práticas artísticas em sintonia com a urgência de mudarmos os modos de ver os processos urbanos complexos em que estamos imersos, que tornam invisíveis modos de habitar criadores de culturas de síncope nas frestas das paisagens. Esta busca por produzir outros arquivos com ações poéticas, constituem-se como uma valorização de certa postura arqueológica que nos implica numa abertura para o reconhecimento das diferenças em paisagens que, muitas vezes, assumem na memória pública, assim como na memória individual, certo caráter totalizante.

Os modos de escrita aqui elaborados, na memória dos próximos entre os gestos e os restos neste rio, são tentativas de agir e refletir sobre o rio Faria para além da lógica de valão que insiste em desencantá-lo, buscando operar com as diferenças geradoras da complexidade que nos enlaça neste movimento, sempre paradoxal, de lidar com o contemporâneo. Sendo esta pesquisa artística, de viés arqueológico, a possibilidade de expor e abrir outros sentidos e significados deste rio, as poéticas dos canoeiros, dos andarilhos e dos escaladores são modos possíveis de encantamento, de atualização deste dispositivo-paisagem no qual atuamos.

O reconhecimento crítico de temporalidades existentes por meio das remontagens realizadas, nos fala da urgência de abrir espaços para a criação de táticas de percepção e experimentação nos lugares que valorizem as longas durações, os encontros e as culturas de síncope que acontecem sempre nas frestas. Elas nos informam sobre um espaço praticado da cidade fundado, sobretudo, numa ética do cuidado e também de reparação que nos implica num grande gesto de curadoria, fundamental para pensarmos a contemporaneidade.

Reparação e cuidado, portanto, através destas ações poéticas, num movimento de busca por culturas hidrocomuns, que possam nos aproximar novamente das forças simbólicas e indiciais da água. Velar, Fluir e Minar nos sentidos aqui pensados são uma busca por modos de amparo e encantamento destas memórias sobreviventes em práticas de fresta, que re-existem porque aprenderam com a dimensão invisível do rio a driblar; somem aos olhos dos que só praticam os espaços das grandes luzes e

aparecem na escuridão da mata, como os vaga-lumes relatados por Didi-Huberman, feitos

de matéria sobrevivente – luminescente, mas pálida e fraca, muitas vezes esverdeada – dos fantasmas. Fogos enfraquecidos ou almas errantes. Não nos espantemos de que o voo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções. (Didi-Huberman, 2014, p. 14)

Gestos Encantados que, por fim, são gestos de cuidado com as forças que podem pavimentar o caminhar para uma re-educação ecológica – ambiental, social e subjetiva (Guattari, 2020) – e espiritual: tanto no sentido de reconhecer que a justa utilização dos restos urbanos deve servir também à luta por direitos negados aos vencidos, como nos ensina Benjamin, quanto no sentido elaborado por Krenak, como sendo ritos de memória que nos tornam parentes das árvores, da terra e, sobretudo, das águas, de modo que a caminhada com elas nos auxilia a compreender, respeitar e criar meios para proteger a multiplicidade de sentidos e significados que uma paisagem, no mundo e em nós, pode possuir.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2014.

_____. **Passagens**. 1ª reimpressão. São Paulo: UFMG, 2007.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

_____. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CORRÊA, Armando Magalhães; VIEIRA, Antônio Carlos Pinto (Org); **A Guanabara como Natureza: Águas Cariocas**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

DELEUZE, Gilles. Primeira Série de Paradoxos: Do puro Devenir. In: DELEUZE, Gilles.; **Lógica do Sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011, p. 1-4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia** 2 Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 11-118.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

_____. **Quando as Imagens Tomam Posição: o olho da História I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017b.

_____. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

EUGÊNIO, Fernanda. **ANDLAB Arte-pensamento & políticas da convivência**. Caixa-livro And. Rio de Janeiro: Fada inflada, 2019.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2013.

FLORÊNCIO, Thiago. **O Nativo Ausente**. Rio de Janeiro: Amandai edições e Coletivo Janga, 2020.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: Edufba, 2014.

_____. Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. IN: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. (Org.). **Experiências Metodológicas para compreensão e apreensão da cidade contemporânea**. IV. Memória Narração História. Salvador: Edufba, 2015, pp. 47-83

_____. Heterocronias urbanas e gestos aberrantes. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. (Org.). **Gestos Urbanos**. Salvador: Edufba, 2017, p. 294-349.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. A sabedoria dos provérbios. In: LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p. 108-123.

RICOUER, Paul. **A memória, a História e o Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio; **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SILVA, Rafael Freitas da. **O Rio antes do Rio**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SMITHSON, Robert. A tour of the monuments of Passaic, New Jersey. In: Flam, Jack. (Ed.). **Robert Smithson: the collected writings**. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 68-74.

SODRÉ, Muniz. Exu inventa seu tempo. In: SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017, p. 171-192.

ZONNO, Fabiola do Valle. Complexidade-Memória: experiências do tempo. In: NASCIMENTO, Daniel Milagres; ROSENBUSCH, Maria Laura.; MÜLLER, Manuela. **Autoria Crítica: conversas sobre a posição do autor no campo ampliado da arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora Numa, 2020, p. 84-128.

_____. **Lugares Complexos, poéticas da complexidade – entre arte, arquitetura e paisagem**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ZONNO, Fabiola do Valle; PAMPLONA, Lis Dourado; NASCIMENTO, Daniel Milagres; NÓBREGA, Claudia; **In-Between Art, Architecture and Landscape: Experiments on Poetic Ways of Research-creation in Rio de Janeiro**. In: Anais do 4º International Congress Ambiences, Aloesthesia: senses, inventions, worlds, Proceedings: v. 2, p.278-283, 2020.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 23/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

ANA CAROLINA DE FREITAS TRINDADE E FERNANDO DINIZ MOREIRA

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife

Ana Carolina de Freitas Trindade

Arquiteta pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2008), mestrado em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2012), é doutora Desenvolvimento Urbano pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano (UFPE, 2023) na linha de Arquitetura e Urbanismo, fez doutorado sanduíche com bolsa (Capes) no Departamento de História da Arte e Arquitetura da Brown University.

Architect graduated from the Federal University of Pernambuco (UFPE, 2008), master's degree in Urbanism from the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ, 2012), and holds a Ph.D. in Urban Development from the Graduate Program in Urban Development (UFPE, 2023) with a focus on Architecture and Urbanism. She conducted a sandwich Ph.D. program with a scholarship from Capes at the Department of Art History and Architecture at Brown University.

Arquitecta graduada por la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE, 2008), máster en Urbanismo por la Universidad Federal de Río de Janeiro (UFRJ, 2012), y doctora en Desarrollo Urbano por el Programa de Posgrado en Desarrollo Urbano (UFPE, 2023) con énfasis en Arquitectura y Urbanismo. Realizó un programa de doctorado sanduíche con beca de Capes en el Departamento de Historia del Arte y Arquitectura de la Brown University.

acarol.freit@gmail.com

Fernando Diniz Moreira

Arquiteto pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 1990), Historiador pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 1991), Mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE (1994), Ph.D. em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É Professor Titular do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE e Pesquisador 1-D do CNPq. Foi Coordenador Geral da Docomomo Brasil (2016-2017) e Conselheiro Federal do CAU/BR (2012-2017). A sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura moderna e contemporânea, história do urbanismo moderno, tendo publicado numerosos artigos sobre estes temas. Atualmente desenvolve estágio de pós-doutorado na Brown University.

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife

Architect graduated from the Federal University of Pernambuco (UFPE, 1990), Historian from the Catholic University of Pernambuco (UNICAP, 1991), Master's in Urban Development from UFPE (1994), Ph.D. in Architecture from the University of Pennsylvania (2004). He is a Full Professor in the Department of Architecture and Urbanism at UFPE and a Researcher 1-D of CNPq. He served as the General Coordinator of Docomomo Brazil (2016-2017) and Federal Councilor of CAU/BR (2012-2017). His area of interest lies in the theory and history of modern and contemporary architecture, and the history of modern urbanism, and he has published numerous articles on these topics. Currently, he is conducting post-doctoral research at Brown University.

Arquitecto graduado por la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE, 1990), Historiador por la Universidad Católica de Pernambuco (UNICAP, 1991), Maestría en Desarrollo Urbano por la UFPE (1994), Doctorado en Arquitectura por la University of Pennsylvania (2004). Es Profesor Titular en el Departamento de Arquitectura y Urbanismo de la UFPE e Investigador 1-D del CNPq. Fue Coordinador General de Docomomo Brasil (2016-2017) y Consejero Federal del CAU/BR (2012-2017). Su área de interés se centra en la teoría e historia de la arquitectura moderna y contemporánea, la historia del urbanismo moderno, y ha publicado numerosos artículos sobre estos temas. Actualmente, realiza un posdoctorado en la Brown University.

fernando.moreira@ufpe.br

Resumo

A complexidade da vida urbana pode ser representada e entendida através de diversas formas artísticas ao longo da história. Em determinados tempos e contextos essa relação se intensificou como foi durante as primeiras décadas do século XX com os movimentos de arte vanguardas e entre os anos 1950 e 1970, período conhecido como o das neovanguardas. O artista pernambucano Paulo Bruscky (1949) emergiu em meio a essa cena artístico-cultural, que encontra no espaço urbano do Recife matéria para produzir arte como a realidade vivida. Explorando diferentes meios e procedimentos, o artista produziu inúmeros trabalhos planejados e produzidos que nos ajudam não apenas a pensar a arte nacional e internacional como nos abrem janelas de leitura sobre a experiência urbana no Recife. É nesse sentido, que realizou a performance Enterro Aquático I em 1972 no coração do centro do Recife, na qual simula um cortejo fúnebre da Arte. A partir da análise deste trabalho de Bruscky, este artigo tem como objetivo refletir como a performance de arte pode ser uma ferramenta para pensarmos o corpo [do artista] e a experiência na cidade. Para isso, o estudo foi estruturado em três partes. A primeira compreende um panorama geral sobre o Recife, focando sobre ações modernizadoras na região central, de onde o artista coletou matéria prima e tem como local para vários de seus trabalhos. A segunda abrange a ação artística, na qual buscaremos identificar que elementos simbólicos e conceituais são utilizados pelo artista e como eles se relacionam com a dinâmica da cidade. Por último, faremos os paralelos entre as técnicas utilizadas pelo artista como as propostas da Internacional Situacionista para pensar e intervir na cidade.

Palavras-chave: Performance. Paulo Bruscky. Internacional Situacionista. Recife.

Abstract

The complexity of urban life can be represented and understood through various artistic techniques throughout history. In certain times and contexts this relationship intensified, as it did during the first decades of the 20th century with the avant-garde art movements and between the 1950s and 1970s, period known as the one of the neo-avant-garde. The Brazilian artist Paulo Bruscky (1949) emerges within this artistic-cultural scene, finding in the urban space of Recife material to produce art that reflects lived reality. Exploring different media and techniques, the artist produced numerous planned and executed works that not only help us contemplate national and international art but also provide windows into the urban experience in Recife. It is in this sense that he performed the performance Enterro Aquático I in 1972 in the heart of the center of Recife, in which he simulates a funeral procession of Art. Based on the analysis of this work by Bruscky, this article aims to reflect on how art performance can be a tool for us to think about [the artist's] body and the experience in the city. To achieve this, the study was structured into three parts. The first comprises a general overview of Recife, focusing on modernizing actions in the central region, from where the artist collected raw materials and is the location for several of his works. The second covers artistic action, in which we will seek to identify which symbolic and conceptual elements are used by the artist and how they relate to the city's dynamics. Finally, we will draw parallels between the techniques used by the artist and the proposals of the Situationist International to think about and intervene in the city.

Keywords: Performance. Paulo Bruscky. International Situationist. Recife.

Resumen

La complejidad de la vida urbana puede ser representada y comprendida a través de diversas formas artísticas a lo largo de la historia. En ciertos momentos y contextos, esta relación se intensificó, como ocurrió durante las primeras décadas del siglo XX con los movimientos vanguardistas y entre los años 1950 y 1970, un período conocido como el de las neovanguardias. El artista pernambucano Paulo Bruscky (1949) emergió en medio de esta escena artística y cultural, encontrando en el espacio urbano de Recife la materia prima para producir arte que reflejara la realidad vivida. Explorando diferentes medios y procedimientos, el artista creó numerosas obras planeadas y producidas que no solo nos ayudan a reflexionar sobre el arte nacional e internacional, sino que también abren ventanas de lectura sobre la experiencia urbana en Recife. Es en este sentido que llevó a cabo la performance *Enterro Aquático I* en 1972 en el corazón del centro de Recife, simulando un cortejo fúnebre del Arte. A partir del análisis de esta obra de Bruscky, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre cómo la performance artística puede ser una herramienta para pensar el cuerpo [del artista] y la experiencia en la ciudad. Para ello, el estudio se estructura en tres partes. La primera comprende un panorama general sobre Recife, centrándose en acciones modernizadoras en la región central, de donde el artista recopiló materia prima y utilizó como lugar para varios de sus trabajos. La segunda abarca la acción artística, donde buscaremos identificar qué elementos simbólicos y conceptuales utiliza el artista y cómo se relacionan con la dinámica de la ciudad. Finalmente, estableceremos paralelos entre las técnicas utilizadas por el artista y las propuestas de la Internacional Situacionista para pensar e intervenir en la ciudad.

Palabras clave: Performance. Paulo Bruscky. Internacional Situacionista. Recife.

Introdução

Uma cidade não pode ser plenamente compreendida sem as imagens de arte produzidas pela pintura, fotografia ou cinema, que a tiveram como objeto ou como motivo, pois estas são representações que iluminam a relação do homem com a paisagem urbana, seus edifícios e estruturas, e as formas de vivenciá-los e habitá-los. Os artistas não apenas têm a habilidade de capturar os detalhes, emoções e vivências urbanas, mas desempenham um papel importante na criação de imagens e histórias que buscam traduzir as complexidades das cidades e moldar a maneira como as pessoas enxergam, interpretam e se conectam com os ambientes urbanos.

Na era moderna, a percepção do movimento formigante de pessoas e veículos, máquinas, fábricas, postes de energia e novas estruturas foram fundamentais para a expressão de diversos movimentos de vanguarda, como atestam as pinturas de Boccioni e Delaunay de Milão e Paris, respectivamente, ao redor da década de 1910. Elas oferecem pistas como estas cidades foram percebidas pelos artistas e das pressões que estas impunham ao indivíduo que estava submetido ao seu ritmo frenético, provocando deformações e representações oníricas. Nos anos 1950 e 1970, esta aproximação entre artistas e o ambiente urbano ganhou destaque com os Movimentos de Arte Neovanguardas¹ e a Internacional Situacionista que utilizaram a performance como uma técnica comum. Neste momento, toma forma uma mediação entre o do corpo artista e o ambiente urbano, do transeunte com a obra de arte e a consequente associação entre obra, espectador e a cidade ganha novos contornos, criando formas de reimaginar a cidade

O artista pernambucano Paulo Bruscky (1949), que emerge em meio a essa cena artística-cultural, que encontra no espaço urbano do Recife matéria para produzir arte como a realidade vivida. Considerado uma figura seminal na arte contemporânea brasileira, Bruscky dedicou sua carreira a desafiar essas barreiras da expressão artística e a explorar novos meios de comunicação². Ora explorando o contexto de controle da durante a ditadura militar, ora através das especulações lúdicas com os objetos recolhidos do cotidiano, sua produção reúne inúmeros trabalhos planejados e produzidos que transitam por diferentes meios e procedimentos que nos ajudam não apenas a pensar a arte nacional e internacional, mas por abrirem janelas de leituras da experiência urbana no Recife.

Ainda que muitos de seus trabalhos dialoguem direta e indiretamente com o espaço urbano e sobretudo com o do Recife, direcionamos nosso estudo uma de suas performances, em que o artista não apenas propôs o rompimento de padrões de práticas e representações artísticas, por levar arte para as ruas da cidade e convidar o público para participar e intervir no espaço urbano. A partir da análise da performance *Enterro aquático I*, realizada em 1972 no coração do centro do Recife, em que simula um cortejo fúnebre da Arte, este trabalho tem como objetivo refletir como a performance de arte pode ser uma ferramenta para pensarmos o corpo [do artista] e a experiência na cidade.

Para atingir esse objetivo, este estudo foi estruturado em três partes. A primeira compreende um panorama geral sobre o Recife, focando sobre ações modernizadoras na região central, de onde o artista coletou matéria prima e tem como local para vários de seus trabalhos. A segunda abrange a ação artística, na qual buscaremos

1 Segundo Bürger (2017), a Neovanguarda foi uma arte surgida no contexto do segundo pós-guerra, no Ocidente, que retomou procedimentos de vanguardas dos anos 1910 e 1920. A arte neovanguarda seguia o mesmo desejo de superação dos primeiros movimentos de vanguarda pela busca da autonomia da arte e não indiferente ao cotidiano social. A busca pela conexão com o cotidiano ordinário fazia da relação arte x cidade indissociável.

2 A obra de Bruscky tem sido objeto de diversos estudos recentes que procuram explorar a relação de sua obra e vida (FREIRE, 2006; TEJO, 2009; NAVAS, 2012), e sobretudo sobre série de arte postal (TRINDADE, 2012).

identificar que elementos simbólicos e conceituais são utilizados pelo artista e como eles se relacionam com a dinâmica da cidade. Por último, faremos os paralelos entre as técnicas utilizadas pelo artista como as propostas da Internacional Situacionista para pensar e intervir na cidade.

O Centro do Recife entre as décadas de 1950 e 70

Entre as décadas de 1930 e 1970, os bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista foram alvo de grandes intervenções com a abertura de grandes avenidas e com um intenso processo de verticalização. Nascido em 1949, no bairro da Boa Vista, Bruscky foi testemunha deste processo, pois toda sua obra revolve em torno desses locais, que também sediaram boa parte de suas ações artísticas. Assim, para entender as *intenções*³ do artista com a sua obra na cidade, é preciso retroceder um pouco no tempo para compreender a formação desta paisagem da área central.

Após a reforma do bairro portuário na segunda década do século XX e a criação de novas conexões viárias na cidade, o bairro de Santo Antônio tornou-se o mais dinâmico do Recife e passou a ter uma importância fundamental como centro de irradiação e ligação entre os outros três bairros centrais (Recife, São José e Boa Vista) e para toda a cidade: quase todos os deslocamentos no município passavam por ele. Ele foi objeto de uma grande reforma urbana levada a cabo entre 1937 e 1942, que criou a atual Avenida Guararapes, um conjunto cuidadosamente planejado com edifícios seguindo o chamado estilo *Art Déco* ou protorracionalista que abrigavam escritórios nos andares superiores e bancos, lojas e cinemas nas amplas galerias cobertas do térreo (MOREIRA 2016, 2022).

Desde 1932, estava em curso um longo processo, que se arrastaria até 1973, de abertura de uma outra avenida, a Avenida Dantas Barreto, rasgando o mesmo bairro, mas no sentido norte-sul, com o objetivo ligar o bairro à zona sul da cidade (PONTUAL, CAVALCANTI, 2003). Ao longo da área já aberta da avenida, entre a Praça da Independência e o Pátio do Carmo, uma série de edifícios altos de uso prioritariamente de comércio e serviços foram erguidos (OLIVEIRA, 2022, p. 250-252).

No mesmo período, era efetivada a abertura Avenida Conde da Boa Vista, um prolongamento da Avenida Guararapes ao longo do bairro da Boa Vista. Iniciada em 1946, sua abertura se deu por fases e foram demolidas diversas construções que guardavam características desde o período colonial. A avenida tornou-se um importante eixo metropolitano da cidade e um cobiçado espaço para o emergente mercado imobiliário local, que tratou de erigir uma série de edifícios verticais ao longo da avenida, ofertando escritórios, habitações para vários segmentos sociais⁴ e lojas comerciais no térreo. A avenida se transformou em um eixo simbólico para a cidade, abrigando importantes escritórios, bancos, lojas de departamentos, boutiques, sorveterias, livrarias, cinemas, bares, restaurantes, instituições públicas, imponentes edifícios residenciais de alto padrão e edifícios do tipo *habitação mínima*.

3 Segundo o historiador da arte Michael Baxandall (2006), as intenções são o conjunto de fatores artísticos, histórico, culturais, políticos, sociais dos quais o artista é exposto e que orientam o seu processo de produção da obra de arte. Para Baxandall, quando se lê uma obra de arte não compreende apenas perceber seus aspectos visíveis (materiais), mas um conjunto de relações que envolvem aspectos sociais e culturais entre o artista e seu contexto, que motivam as escolhas do artista. Nesse sentido, entender o que acontecia no Recife daqueles anos, ajude nos a entender a escolha de determinados lugares - cartografia - e modo de atuação - criação de situações - que reconduziam a arte à práxis vital.

4 A mistura de perfis habitacionais era uma novidade para a época. Uma série de edifícios foram pensados na lógica da habitação mínima, ou seja, apartamentos compactos e quitinetes em edifícios verticais para grupos sociais de classe média e setores mais econômicos. Tal tipologia se tornou característica dessa região central, conforme levantaram Ferraz, Moreira e Mota (2023).

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife

Apesar do trauma causado pelas demolições, o espaço criado pela conjunção destas três avenidas reforçou o papel simbólico dos bairros centrais como local de convergência de diferentes perfis sociais e como rota obrigatória de passagem para circulação entre as diferentes regiões da cidade. Ainda sim, essa nova imagem do Recife monumental tomado de carros e ônibus foi apropriada como símbolo, como se pode ver pela quantidade de cartões postais e fotos tiradas ao longo das últimas décadas [1 e 2].



FIGURA 1- Postal do Bairro de Santo Antônio, anos 1970.

Fonte: Acervo do autor.



FIGURA 2 - Vista da Ponte Duarte Coelho e Av. Conde da Boa Vista e Rua da Aurora. Na esquina estão os edifícios que abrigam o Cinema São Luiz (à esquerda) e o Recife Plaza (à direita).

Fonte: Vila Digital – Fundaj.

É nessa cartografia que Bruscky direciona sua ação artística, uma paisagem que tem o Rio Capibaribe como elemento articulador e as pontes como locais privilegiados e simbólicos. Se o eixo Guararapes-Boa Vista remetia ao fluxo caótico e fervilhante do vai e vem dos carros, ônibus e de uma multidão diversa que tomava as ruas do centro, o *Enterro Aquático* buscou romper com esta dinâmica -- experiência -- cotidiana. Seguindo o ritmo das águas do Capibaribe ou como aquele que acompanha um cortejo fúnebre, a performance propôs uma nova experiência urbana.

Enterro aquático

Bruscky realizou diversos trabalhos que dialogam direta e indiretamente com o Recife. Foi na região central, sobretudo nos bairros de Santo Antônio e Boa Vista, que o artista tomou como lugar para suas performances. Os bairros não eram apenas onde o artista cresceu, mas, conforme vimos anteriormente, foram alvos de grandes intervenções e para onde os diversos perfis sociais convergiam. Ao analisarmos a ação artística *Enterro Aquático*, realizada no início da década de 1970 no Rio Capibaribe, buscaremos entender como sua obra pode nos abrir modos de pensar e de intervir no espaço urbano.

Sabendo que a performance tem a efemeridade como essência e partido, isto não anula sua possibilidade de leitura e análise, uma vez que o artista se preocupou em realizar o registro do planejamento e execução da ação artística. Logo para análise das imagens que compõe o álbum, fizemos uma leitura das imagens bem como sua organização, buscando entender como as técnicas artísticas podem ajudar a entender e intervir no espaço urbano.

De acordo com o historiador Roger Chartier (2002), buscamos tratar a obra de arte como um documento histórico passível de leitura e interpretação, considerando-a como um objeto material e não só um abstrato emissor semiótico, ou seja, entendendo-a como “coisas que participam das relações sociais e, mais que isto, como *práticas materiais*”, nas palavras de Ulpiano Meneses⁵ (2002, p. 143-144). Isto porque a obra de arte, mesmo a fotografia, não pode ser entendida como algo mimético, uma cópia pura e simples, como substituição ou como a realidade, mas deve incluir os vários modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, mas não se restringir a eles (CHARTIER, 1991, p. 184). A obra de arte, nos seus diversos meios, são representações de “como em diferentes lugares e momentos do passado uma determinada realidade social é [foi] construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Meneses (2002) fornece algumas ferramentas para a leitura da obra de arte, considerando-a a obra de arte como um documento histórico e um objeto material. Meneses sugeriu, primeiramente, o estudo morfológico da obra seguida pela investigação da circulação da imagem para, então, se entender o processo de transformação da obra em uma imagem emblemática. Seguindo esse roteiro, buscaremos entender como Bruscky se inseriu no cotidiano da região central para criar sua situação artística. A leitura dessa obra pode, portanto, revelar suas várias camadas de representações e narrativas do artista sobre seu tempo e espaço como daquele que está diante da obra de arte: o público que participou, como o pesquisador que anos depois procura entender a experiência do centro do Recife dos anos 1970.

Espanto, curiosidade e ironia são algumas palavras que exprimem as reações do que foi a performance que atraiu a curiosidade dos transeuntes que circulavam entre os bairros de Santo Antônio e Boa Vista. Era um caixão com a inscrição ARTE que fora lançado sobre as

⁵ No artigo *A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico*, Meneses (2002) apresentou uma detalhada contribuição metodológica do tratamento da imagem fotográfica como um documento histórico. Por meio de uma análise morfológica de uma fotografia documental realizada por Robert Capa durante a Guerra Civil Espanhola em 1936, Meneses desenvolveu um guia para leitura e interpretação da fotografia. Este começa pela observação do caráter de instantâneo que a imagem assume, ou seja, são abordados os elementos que constroem a cena do ponto de vista técnico como compositivo da fotografia.

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife

águas do Rio Capibaribe. A ação à qual deu nome de *Enterro Aquático I*⁶ realizada no dia 24 de maio de 1972. Segundo memórias da época, uma multidão se formou para observar o movimento do caixão levado pelo movimento da maré, até que o Corpo de Bombeiros o retirou, após vários minutos de comoção popular. A ação englobava tudo isto, desde o conceito, a preparação, a cidade, a performance e a reação e a participação do público e por fim o seu registro.

Como muitos trabalhos do artista, a obra foi planejada e esboçada por meio de desenhos esquemáticos, dos quais também são apresentados como partes da obra, além da performance em si, e fotografias que compõem um livro de artista (álbum) com 18 páginas compõe o registro-obra da performance⁷, além de anotações que mostram o processo de planejamento do da ação/obra. Ainda que o trabalho tenha o nome do artista como autor [3], a ação envolveu a parceria de Angelo José [4], colega de Bruscky, que foi responsável por documentar com fotos a ação e as reações dos transeuntes [8 e 9].

Como em vários trabalhos do artista, o álbum tem uma capa que anuncia o título da obra, ano e artista [3]. A segunda página é uma foto aérea do Recife, típica dos cartões postais, sobre a qual [4], o artista riscou o percurso do caixão descendo as águas do Rio Capibaribe. Planejada com antecedência, a obra abrangia a performance, as fotografias e vídeos que documentaram o evento.

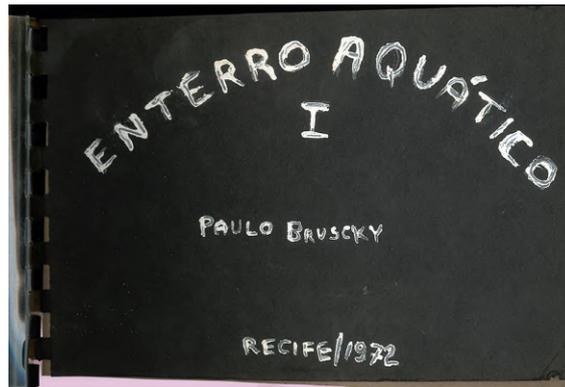


FIGURA 3 - Capa do álbum.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

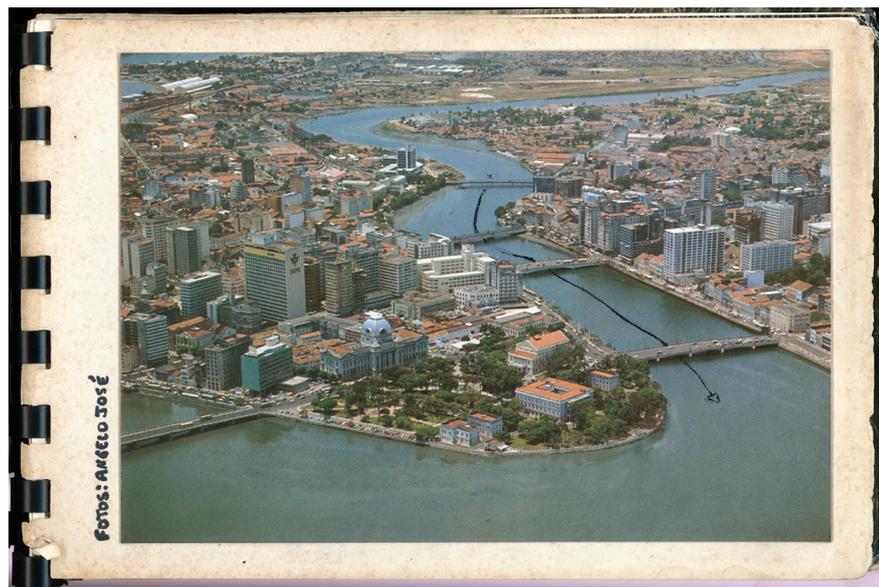


FIGURA 4 - Foto aérea dos bairros de Santo Antônio, à esquerda do Rio Capibaribe, e da Boa Vista, situado à margem direita do Rio. Marcação em caneta do percurso do caixão.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

6 A obra enterro aquático foi realizada duas vezes. A edição I aconteceu em 1972 e a II em 1973.

7 As imagens do álbum [3-10] apresentadas neste trabalho seguem a sequência montada pelo artista no álbum.

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife



FIGURA 5 - Imagem da performance. Ao centro está o artista caminhando na ponte Duarte Coelho, ao fundo está a Av. Conde da Boa Vista.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.



FIGURA 6 - Imagem do caixão com a inscrição arte na tampa

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

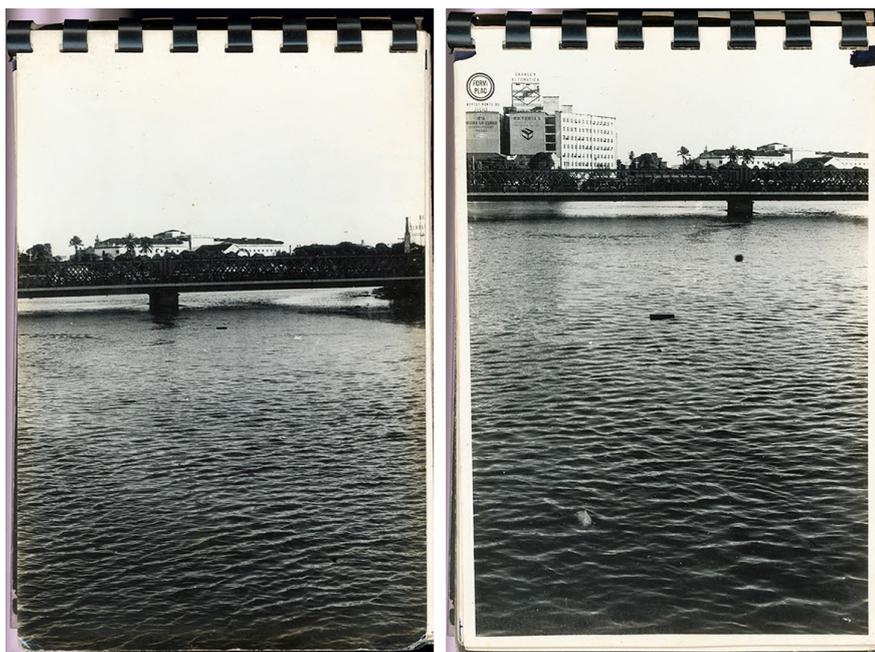


FIGURA 7 - Imagem do caixão flutuando sobre o Rio Capibaribe, ao fundo a Ponte da Boa Vista ou de Ferro e atrás Casa de Detenção e edifícios com neons de propaganda.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife

As outras imagens são fotografias em preto-branco com planos mais fechados que não revelam grandes visadas panorâmicas do centro do Recife, ainda que a localização privilegiada, a partir da ponte, dê vista para as outras pontes e as margens do Capibaribe e seu monumental conjunto arquitetônico. As fotos, todavia, apresentam fragmentos dessa paisagem que, devido a proximidade do fotógrafo e em meio à ação, registram os diferentes elementos que compõem a performance: pessoas, carros, pontes, o rio, multidão, fluxos. Não há um cuidado compositivo típico das fotos de arte, são imagens de tensão provocada pela aglomeração de pessoas que passavam e se concentravam na ponte. Ainda que como peças de um quebra-cabeça, elas nos oferecem pistas não apenas de como foi a ação, mas sobretudo nos revelam imagens do Recife e de seus transeuntes. Bruscky adentrou as ruas com seu Enterro impactando quem estava passando por ele. Não era apenas a arte que ia às ruas, mas uma arte que se fazia na experiência na cidade realizada a nível do chão, como aquela que se experiencia em um cortejo fúnebre.



FIGURA 8 - Imagens do público que se aglomerou na Ponte Duarte Coelho.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

A ação partia da Ponte Velha e seguia até a Ponte Princesa Isabel, onde o Capibaribe se encontra com o Rio Beberibe [4], mas foi na Ponte Duarte Coelho onde o artista escolheu para interagir com o público que passava conforme se vê nas imagens [5, 8 e 9]. A escolha desta não se devia apenas pela posição estratégica geográfica – por estar no meio do caminho –, mas pelo seu simbolismo por fazer parte do principal eixo viário da cidade da época. Pelas fotos [4, 7 e 10], vê-se as outras pontes que ligam os bairros de Santo Antônio e da Boa Vista e parecem ligar diferentes tempos, como portais, para os vários Recifes.

A performance como técnica urbana. Uma experiência artística de Paulo Bruscky no Recife

The performance as an urban technique. An artistic experience by Paulo Bruscky in Recife

La performance como técnica urbana. Una experiencia artística de Paulo Bruscky en Recife



FIGURA 9 - Imagens do público que se aglomerou na Ponte Duarte Coelho. Ao fundo estão os edifícios do conjunto da Av. Guararapes.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

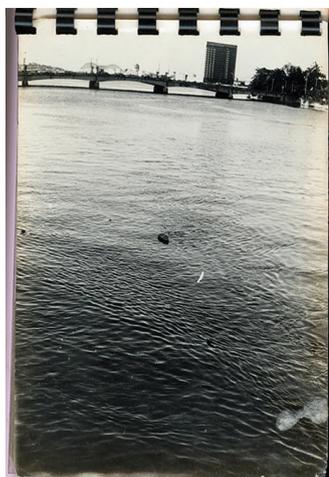


FIGURA 10 - Imagens do caixão flutuando sobre o Rio Capibaribe. Ao fundo estão a Ponte Princesa Isabel e o edifício-sede da prefeitura (em construção) localizado no Bairro do Recife.

Fonte: Cortesia do artista e Galeria Nara Roesler.

A escolha da ponte como lugar para essa performance como em outras performances enfatizava seu uso como passagem, mas também lugar de parar e observar a cidade. A simbologia resgatada por Bruscky da ponte como elemento que articula um mundo ao redor foi explorada por Martin Heidegger (2001). A ponte, para o filósofo, pende com leveza e força sobre o rio, ainda que ligue margens previamente existentes, é somente na sua travessia que as margens surgem como margens e “lugar” humano. A ponte sobre o rio, surgindo da paisagem, dá passagem aos carros para os arredores, conduzindo os caminhos hesitantes e apressados dos homens de forma que eles cheguem em outras margens. Ela, portanto, cumpre uma reunião integradora do mundo ao seu redor. Logo, a performance de Bruscky enfatiza justamente a ponte não apenas como se situa um lugar, mas é na própria ponte que se surge um lugar.

A situação criada era uma cena imprevisível - um caixão flutuante -, que, conforme mostram as fotografias, atraiu e provocou reações diversas daqueles que passavam a pé ou em seus veículos, formando uma aglomeração ou espécie de tumulto sobre a ponte. Conforme lembrou o artista:

eu fiz o Enterro aquático também, uma coisa inédita. Eu jogava um caixão fora da cidade, depois de estudar a maré, e ele voltava ... eu vedava todo o caixão e botava uma frase irônica sobre a história da arte ou em relação ao governo militar brasileiro. Depois descobriram, foram associando a outras coisas, descobriram que esse trabalho era meu. Foi uma confusão danada ... vinha bombeiro, polícia para retirar o caixão... eu tenho uma série de fotos documentando isso.⁸

Bruscky chamava atenção dos transeuntes não apenas para a morte da arte, conforme estava estampado na tampa do caixão a palavra “arte” [6]. Utilizando da ironia como linguagem, Bruscky fez uma dupla provocação: aos teóricos da arte que estavam preocupados com os rumos da arte moderna; e era estratégia para continuar produzindo arte crítica ao regime militar que controlava o país. Ao evocar o cortejo fúnebre como um evento coletivo, Bruscky evidenciava a importância e potência da reunião e do encontro de pessoas nas ruas. O seu cortejo, portanto, era também uma alegoria para a formação da multidão - a massa - conforme Benjamin (2009) qualificou a multidão que se escondia atrás das barricadas na Paris de meados do século XIX. A multidão formada pelas ações de Bruscky também se concentravam em espaços estratégicos da cidade e que lemos como a representação de técnica de resistência e empoderamento de uma população diante de um regime controlador que privou a sociedade de usufruir dos espaços públicos como local como lugar de encontro, expressão e da comunicação. O controle do território era fundamental na lógica da ditadura, e a ação de Bruscky buscava romper esse controle. A formação da multidão não apenas buscava conscientizar a população dessa situação, como permitia que os transeuntes, uma vez reunidos, experimentassem a potência da multidão e enxergassem também como uma forma de organização e mobilização com força social e política.

Conforme vimos anteriormente, o centro era, ainda nos anos 1970, um local ativo, para onde diferentes perfis da população se deslocavam. Pelas fotografias [5, 8 e 9], podemos ver os diferentes personagens que trazem significado aquele espaço, para além dos seus edifícios que dão pistas dos tempos que a cidade acumula. Portanto, sua escolha, revelavam variadas camadas de representações, era onde havia um grande montante de variados perfis sociais, bastava só motivos para despertar seu poder, como significava a retomada da cidade como local de expressão e encontro.

Ainda que o artista negue, Freire (2006), Tejo (2009) e Navas (2012) insinuam proximidades entre suas excursões urbanas e as estratégias Situacionistas.

⁸ Trecho de conversa entre Adolfo Montejo Navas e Paulo Bruscky, ver: Navas e Bruscky (2012, p. 233).

Aparentemente desprezíveis, as excursões urbanas de Bruscky exploraram lugares banais da cidade, assim como o movimento Dadá revelou da Paris do início do século XX⁹. Não era apenas a ampliação do campo como explicou Rosalind Krauss (1979), esse encontro com o urbano significou uma virada da “representação do mote à construção de uma ação estética a ser representada na realidade da vida cotidiana”, explicou Careri (2017, p. 71). Percorrer o espaço urbano significava substituir a representação [objetificação] e atacar frontalmente o sistema de arte. Deixava-se “de levar um objeto banal ao espaço da arte e passou a levar a arte - na pessoa e nos corpos dos artistas - a um lugar banal da cidade”. Esta tática abria uma nova possibilidade de agir sobre a cidade, utilizada também pelos surrealistas e retomada pelos situacionistas (CARERI, 2017, p. 75).

Performance: um programa de exploração e atenção à cidade.

O encontro do artista com o ambiente urbano, do transeunte com a obra de arte e a consequente associação entre obra, espectador e a cidade ganha novos contornos no contexto dos anos 1960-70. As ações urbanas de Bruscky tem pontos de confluência com as estratégias situacionistas, não apenas por propor a caminhar como prática artística mas também por seu potencial revolucionário de quebrar maneiras de responder ao ambiente material, como defendem Freire (2006, p. 80) e Navas (2012), que pretendiam “uma recondução da arte à práxis vital” (Bürger, 2017).

As perambulações ou ambulações como definiu a imprensa local sobre as ações de Bruscky nas ruas ou locais incomuns escolhidos pelo artista se alinhavam com as experiências da errância, uma herança vinda dos surrealistas e dadaístas e que, retomadas pelos situacionistas, sugeriam um programa de exploração e de atenção à cidade e seus personagens urbanos, conforme defendeu Careri (2017) ao elaborar uma cronologia do caminhar como prática artística. Para Careri (2017), é em períodos de profunda mudança das cidades, que a Arte volta sua atenção para a cidade, como aconteceu como destacou com as experiências surrealistas nas primeiras décadas do século XX que, conforme Benjamin exaltou, guardavam um potencial revolucionário pela percepção e crítica sobre a experiência da modernidade, “mobilizar para a revolução as forças da embriaguez”¹⁰(1929, p. 33). É deixar-se perder na cidade, como um organismo que produz e esconde no seu seio territórios a serem explorados, paisagens nas quais se perder é experimentar a sensação de maravilhamento do cotidiano ordinário, como Bruscky também buscou nos espaços lúdicos do Recife: a ponte sobre o rio.

Comumente associada às performances urbanas, a Internacional Situacionista não pretendeu ser visto como um grupo artístico propriamente dito, ainda que afirmem

⁹ A primeira excursão Dadá aconteceu no dia 14 de abril de 1921. A ação foi esteticamente consciente, dotada de muitos comunicados da imprensa, proclamações, panfletos e documentação fotográfica, e, segundo Careri, foi a mais importante operação Dadá sobre a cidade por se o primeiro passo de uma longa série de excursões, deambulações e derivas que atravessaram vários outros movimentos artísticos ao longo do século (2017, p. 71-74).

¹⁰ A metáfora da embriaguez alude uma experiência sensorial intensa e transformadora que acontece quando se entra em contato com novos fenômenos da vida urbana moderna, como a arquitetura, a multidão e as novas formas de comunicação. Benjamin (1929) associou a embriaguez a uma ruptura com a realidade cotidiana, permitindo que os indivíduos experimentem um novo estado de consciência e compreensão do mundo ao seu redor. A embriaguez representa uma forma de despertar e de enxergar além das aparências superficiais, buscando uma compreensão mais completa da condição humana.

a importância dos movimentos Dadá e Surrealistas para suas teorias¹¹, todavia sua ligação com a política e o urbanismo era muito mais forte. Atuantes como críticos do Urbanismo Moderno, através de seu Urbanismo Unitário (UU)¹², os situacionistas propuseram uma nova forma de apropriação e percepção da arte, arquitetura e urbanismo, segundo uma ótica que os aproximava da vida cotidiana, mas, ao mesmo tempo, buscava trazer à tona a paixão e a emoção relacionadas à cidade, técnicas semelhantes às praticadas por Bruscky.

Alguns procedimentos desenvolvidos pelos Situacionistas nos ajudam a compreender como a experiência urbana proposta por Bruscky podem ser lidas como técnicas de leitura e intervenção no espaço urbano do centro do Recife. Segundo Careri (2017) e Jacques (2003), os situacionistas partem de uma cidade existente para chegar à proposta de uma cidade situacionista, através de novos procedimentos como a prática da deriva, a experiência da psicogeografia e, principalmente, da “construção de situações” como experiências¹³. Para Constant, integrante da IS,

Estamos inventando técnicas novas; examinando as possibilidades que as cidades existentes oferecem; fazemos maquetes e mapas para as cidades futuras. Estamos conscientes da necessidade de aproveitar todas as invenções técnicas e sabemos que as construções futuras que desejamos precisarão ser suficientemente maleáveis para corresponder a uma nova ação dinâmica da vida, criando nosso ambiente em relação direta com modos de comportamento em constante mudança (CONSTANT, 1959b, p. 114-115)

No Enterro aquático, não apenas o artista e sua obra se inseriram no fluxo de pedestres e veículos que cruzavam as pontes, mas o espectador transeunte era convidado a participar e acompanhar a ação, sendo assim, a caminhar pelas ruas. Era o artista, que cuidadosamente planejou seu trajeto, e conseqüentemente seu público que faziam do caminhar uma possibilidade de deriva. Para os situacionistas, a deriva é uma operação construída que aceita o destino, mas não se funda nele, uma vez que propunha aos habitantes das cidades apreender o entorno urbano de uma forma mais livre: é como caminhar sem uma direção pré-estabelecida, descondicionando-se de hábitos e conceitos corriqueiros. A prática, nesse sentido, era uma poderosa ferramenta e estratégia por oferecer possibilidades de, simultaneamente, realizar o emprego qualitativo do tempo no espaço urbano de modo lúdico - o cortejo fúnebre - e identificar todo o peso do planejamento capitalista no espaço¹⁴.

11 Os situacionistas davam continuidade ao desejo de propor uma revolução cultural mais ampla a partir da abolição da alienação cotidiana proposta pelas vanguardas do início do século XX. Os ideais do movimento foram publicados entre 1958 e 1969 em 12 números da revista IS, cujos primeiros seis volumes (até 1961) tratavam basicamente da arte e depois passando para uma preocupação mais centrada no urbanismo. Segundo Jacques (2003, p. 18), as preocupações se deslocaram “naturalmente” para a esfera política e, sobretudo, revolucionária, culminando na ativa participação do movimento nos eventos de Maio de 1968 em Paris. Além dos números da revista IS, inúmeros panfletos e das ações públicas foram realizados pelos situacionistas para divulgar suas ideias.

12 O Urbanismo Unitário compreende a teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento. Ver: Jacques, 2003, p. 100.

13 No primeiro volume da revista IS (1958), os situacionistas escreveram um glossário (Definições) onde resumidamente são explicadas algumas das formas de ação do grupo como, por exemplo, a deriva, a psicogeografia, o urbanismo unitário, a situação construída, o desvio e a decomposição. Ver: Jacques (2003, p. 65-66).

14 Os situacionistas viam a deriva como uma técnica que revelava a pobreza estrutural da cidade funcional e a monotonia da sobrevivência, mas também como uma oportunidade para transformar o mundo. Eles buscavam uma revolução que não se limitasse ao modelo tradicional de esquerda. Em vez disso, usavam práticas como deriva, situações, desvio e psicogeografia para criar um laboratório de transformação que unia a vida cotidiana presente com a visão de uma vida totalmente diferente. Eles acreditavam que essa transformação não deveria esperar a destruição do capitalismo, mas sim começar no presente e continuar após a revolução.

O planejado cortejo de Bruscky implicou um estudo dos hábitos e relações que os indivíduos - transeuntes - estabeleciam com o lugar de forma inconsciente¹⁵. Por isso a psicogeografia, segundo Debord, era um importante artifício, uma vez que compreendia “o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico planejado conscientemente ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (DEBORD, 1955, p.39). Um artifício que permite acessar diferentes elementos do ambiente urbano e que estão em direta ligação com as sensações que eles provocam, como

a brusca mudança de ambiência numa rua, numa distância de poucos metros; a divisão patente de uma cidade em zonas de climas psíquicos definidos; a linha de maior declive – sem relação com o desnível – que devem seguir os passeios a esmo; o aspecto atraente ou repulsivo de certos lugares; tudo isso parece deixado de lado. Pelo menos, nunca é percebido como dependente de causas que podem ser esclarecidas por uma análise mais profunda, e das quais se pode tirar partido. As pessoas sabem que existem bairros tristes e bairros agradáveis. Mas estão em geral convencidos de que as ruas elegantes dão um sentimento de satisfação e que as ruas pobres são deprimentes, sem levar em conta nenhum outro fator (DEBORD, 1955, p. 41).

A ideia de construir situações propõe que a vida cotidiana poderia incitar paixões que provocam um sentido de jogo no espaço urbano, onde, apesar da repetição de hábitos, abre-se sempre um espaço para o aleatório, o incontrolável, o apaixonante.

A vida do homem é uma seqüência de situações fortuitas e, embora nenhuma delas seja exatamente semelhante a outra, são em sua imensa maioria tão indiferenciadas e insossas que dão a impressão de serem iguais. O corolário desse estado de coisas é que raras situações interessantes que conhecemos numa vida retêm e limitam rigorosamente essa vida. Devemos tentar construir situações, isto é, ambiências coletivas, um conjunto de impressões determinando a qualidade de um momento (DEBORD, 1957. p. 56).

Logo, entendemos que assim como a situação proposta por Bruscky dialoga com a noção de situação dos situacionistas, uma vez que para ambos há a necessidade de se pensar a sua inserção na cidade. Se a situação pressupõe uma relação espaço-tempo, é o espaço urbano que vai ser escolhido pela IS como âmbito de sua atuação. A situação construída, a performance na ponte, por exemplo, trata todo espaço como performance e os espectadores [transeuntes] como performers. “A situação é feita de modo a ser vivida por seus construtores. O papel do público, senão passivo pelo menos de mero figurante, deve ir diminuindo, enquanto aumenta o número dos que já não são chamados de atores, mas num sentido novo do termo “vivencia dores”” (IS, 1958, p. 62)¹⁶.

¹⁵ No volume 2 da revista IS, Guy Debord apresentou a Teoria da Deriva, em que explica os diversos procedimentos que compreendem a técnica da deriva. Segundo ele, o conceito da deriva está indissolivelmente conectado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo. O texto não pretendia fechar ou reduzir quais procedimentos determinam a técnica. (JACQUES, 2003, p. 87-91).

¹⁶ É importante destacar que a criação de situações dentro do pensamento situacionista se propõe ir além do “uso unitário de meios artísticos” como foram as ações de surrealistas, dadaístas ou como a de vários artistas que saíram para ruas e espaços livres das cidades. Para Debord “as perspectivas de ação sobre o cenário chegam, no seu último estágio de desenvolvimento, à concepção de um urbanismo unitário” (1957, p. 57). Ainda que amplamente citado e apontado como elemento chave para os situacionistas, seu conceito não é preciso, ainda que haja um esforço em detalhá-lo como está no ensaio Questões preliminares à construção de uma situação, em que a noção de situação é posta como forma ampliada aos meios artísticos e sim para a formação de uma ambiência, ao envolver “concomitantemente uma unidade de comportamento temporal”, ou seja “gestos contidos no cenário de um momento” (IS, 1958b, p. 62-64). Conforme destacam Sadler (1999, p. 105-107) e Grossman, (2006, p. 67-83), não há uma noção clara ou registro sobre como as situações efetivamente funcionam ou como elas deveriam funcionar.

Assim, criar situações no ambiente urbano seria como “jogar”, que para os situacionistas, compreende uma atividade relacionada com o perceber, vivenciar e construir as cidades. A performance, logo, conduziria o transeunte ordinário à esfera de produtor. Esse jogar, significava, portanto, sair deliberadamente das regras e inventar as próprias regras. Tanto para o grupo francês como para o contexto brasileiro, e sobretudo periférico do Recife, representava a libertação criativa das construções socioculturais por projetar ações estéticas e revolucionárias que agiam contra o controle social. Por isso, a construção de situações era o modo mais direto de realizar na cidade novos comportamentos e de experimentar na realidade urbana os momentos do que teria podido ser a vida numa sociedade mais livre.

Considerações finais

Com seu *Enterro Aquático*, Bruscky mostrou como a arte pode ser uma possibilidade pela qual se adentra a cidade revelando todas as suas camadas, mas também um modo do qual se constrói um meio lúdico de reapropriação do território. Atento ao cotidiano vivido nas ruas e sobretudo, Bruscky buscou técnicas de enfrentamento que pudessem traduzir a complexidade da cidade e (re)conectar a arte ao cotidiano. Para isso, foi às ruas, se misturou com os transeuntes, revisitou pontos simbólicos da cidade como revelou novos - a ponte -, que nos revelou outras experiências da cidade. Por meio da ação artística, o a experiência urbana no Recife densificava-se e ganhava espessura. Não interessam somente os traçados das ruas, a morfologia dos edifícios ou os desenhos urbanos monumentais. Ao caminhar e criar situações, acessa-se novos usos, apropriações, gestos, cheiros, sons, e conseqüentemente novas práticas, enfim, as performances da vida cotidiana.

Referências

- BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**. A explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia [1929]. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 2016.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**. O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural - Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- CONSTANT. Outra cidade para outra vida [1959b]. In: JACQUES, Paola Berenstein. (org). **Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 114-117.
- DEBORD, Guy-Ernest. Introdução a uma crítica da geografia urbana [1955]. In: JACQUES, Paola Berenstein. (org). **Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 39-42.
- DEBORD, Guy. Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional [1957]. In: JACQUES, Paola Berenstein. (org). **Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 43-59.

FERRAZ, Bruno; MOREIRA, Fernando Diniz; MOTA, Ênio Laprovitera. **Arquitetura da moradia alta no Recife (1940-2020)**. Manuscrito, 2023.

FREIRE, Cristina. **Paulo Bruscky: Arte, Arquivo e Utopia**. São Paulo: Companhia Editora de Pernambuco, 2006.

GROSSMAN, Vanessa. **A arquitetura e o urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Definições [1958b]. In: JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 65-66.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Questões preliminares à construção de uma situação [1958]. In: JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 62-64.

JACQUES, Paola Berenstein. (org). **Apologia da Deriva. Escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein. Delírios ambulatórios e derivas urbanas. **Revista Risco**. São Paulo, v. 20, p. 8-36, 2022.

MENESES, Ulpiano. A fotografia como documento - Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. **Tempo**, n. 14, Niterói, 2002.

MOREIRA, Fernando. A transformação do bairro de Santo Antônio no Recife (1938-1949). In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 14., 2016, São Carlos. **Anais**. São Carlos: IAUSP, 2016. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/shcu2016/anais/wp-content/uploads/pdfs/31.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2022.

MOREIRA, Fernando. Avenidas, arranha-céus e mocambos: o Recife nas décadas de 1930 e 1940. In: MOREIRA, Fernando Diniz. (org). **Recife: cinco séculos de cidade e arquitetura**. Recife: Cepe, 2022.

NAVAS, Adolfo; BRUSCKY, Paulo. **Poesis Bruscky**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

OLIVEIRA, Patrícia. Recife, cidade moderna e vertical: décadas de 1950 e 1960. In: MOREIRA, Fernando Diniz. (org). **Recife: cinco séculos de cidade e arquitetura**. Recife: Cepe, 2022.

PONTUAL, Virgínia; CAVALCANTI, Rafaela. Abertura da Avenida Dantas Barreto: a modernização do centro do Recife, 1930 – 1970. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais**. João Pessoa: ANPUH, 2003.

PONTUAL, Virgínia. **Uma cidade e dois prefeitos: narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2001.

SADLER, Simon. **The Situationist City**. Cambridge; Londres: The MIT Press, 1999.

TEJO, Cristiana. **Paulo Bruscky: arte em todos os sentidos**. Recife: Cepe, 2009.

TRINDADE, Ana Carolina de Freitas. **O artista como sismógrafo: a experiência urbana de Paulo Bruscky**. 2012. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de pós-graduação em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 08/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

LIS DOURADO PAMPLONA, PEDRO BANDEIRA E GUSTAVO ROCHA-PEIXOTO

Construção de imagens, imagens para construção: casos da arquitetura em Portugal

Construction of images, images for construction: cases of architecture in Portugal

Construcción de imágenes, imágenes para la construcción: casos de arquitectura en Portugal

Lis Dourado Pamplona

Doutoranda em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019-2023); mestre em Arquitetura (2019) e graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFRJ 2015). Tem experiência profissional na área de Arquitetura e Urbanismo e atua no Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA), colaborando em diversas pesquisas vinculadas principalmente aos temas: representação de arquitetura, pensamento, história e crítica da arquitetura e da cidade, patrimônio universitário, patrimônio cultural no subúrbio do Rio de Janeiro e métodos de ensino de teoria e história da arquitetura.

PhD student in Architecture at the Federal University of Rio de Janeiro (2019-2023); Master in Architecture (2019) and graduated in Architecture and Urbanism (UFRJ 2015). She has professional experience in the area of Architecture and Urbanism and works at the Laboratory of Narratives in Architecture (LANA), collaborating in several researches mainly linked to the themes: representation of architecture, thought, history and criticism of architecture and the city, university heritage, cultural heritage in the suburbs of Rio de Janeiro and teaching methods of theory and history of architecture.

Estudiante de Doctorado en Arquitectura en la Universidad Federal de Río de Janeiro (2019-2023); Magíster en Arquitectura (2019) y licenciada en Arquitectura y Urbanismo (UFRJ 2015). Tiene experiencia profesional en el área de Arquitectura y Urbanismo y trabaja en el Laboratorio de Narrativas en Arquitectura (LANA), colaborando en varias investigaciones vinculadas principalmente a los temas: representación de la arquitectura, pensamiento, historia y crítica de la arquitectura y la ciudad, patrimonio universitario, patrimonio cultural en el suburbio de Río de Janeiro y métodos de enseñanza de teoría y historia de la arquitectura.

lispamplona@gmail.com

Pedro Bandeira

Arquiteto (FAUP 1996), é Professor Associado na Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho e membro investigador do Lab2PT. Autor de diversas publicações no âmbito da cultura arquitetónica e é também coeditor da série Fascículos de Fotografia da editora Pierrot le Fou. Na qualidade de curador, colaborou com instituições como a Casa da Arquitetura, a Trienal de Arquitetura de Lisboa, a Câmara Municipal do Porto ou o CIAJG. Em 2015 foi

Construção de imagens, imagens para construção: casos da arquitetura em Portugal

Construction of images, images for construction: cases of architecture in Portugal

Construcción de imágenes, imágenes para la construcción: casos de arquitectura en Portugal

galardoado com o Prémio de Crítica de Arquitetura da AICA. Representou Portugal nas bienais de arquitetura de Veneza (2004) e de São Paulo (2005). Mais informação: www.pedrobandeira.info

Architect (FAUP 1996), is Associate Professor at the School of Architecture of the University of Minho and researcher member of Lab2PT. Author of several publications in the field of architectural culture and is also co-editor of the Fascículos de Fotografia series of Pierrot le Fou publishing house. As a curator he collaborated with institutions such as the Casa da Arquitetura, the Lisbon Architecture Triennale, the Porto City Council or the CIAJG. In 2015 he was awarded the Architecture Critics Prize of AICA. Represented Portugal in the architectural biennials of Venice (2004) and São Paulo (2005). His latest project for a Rotating House in Coimbra was nominated for the 2019 EU Mies van der Rohe Prize. More information: www.pedrobandeira.info

Construção de imagens, imagens para construção: casos da arquitetura em Portugal Arquitecto (FAUP 1996), es profesor asociado de la Escuela de Arquitectura, Arte y Diseño de la Universidad de Minho y miembro investigador de Lab2PT. Autor de varias publicaciones en el ámbito de la cultura arquitectónica y también coeditor e la serie Fascículos de Fotografía de Pierrot le Fou. Como comisario colaboró con instituciones como la Casa da rquitectura, la Trienal de Arquitectura de Lisboa, el Ayuntamiento de Oporto o el CIAJG. En 2015 recibió el Premio de Crítica de Arquitectura AICA/Fundação Carmona e Costa. Representó a Portugal en las bienales de arquitectura de Venecia (2004) y São Paulo (2005). Su más reciente proyecto de Casa Rotativa en Coimbra ganó el Premio a la Obra de Sostenibilidad e Innovación del Fondo Ambiental y la Orden de Arquitectos y fue nominado al Premio Mies van der Rohe 2019. Más información: www.pedrobandeira.info

pbandeira@eaad.uminho.pt

Gustavo Rocha-Peixoto

Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro; graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFRJ 1980); especialista em filosofia (UFRJ 1985); mestre em Arquitetura (UFRJ 1995); doutor em História Social (UFRJ 2004); pós-doutoramento (University of Pennsylvania - 2014). Tem experiência profissional na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Urbanismo, e Preservação e pesquisa do Patrimônio Cultural. Atua principalmente nos temas: pensamento,

história e crítica da arquitetura e da cidade, arquitetura e urbanismo no rio de janeiro, patrimônio cultural, restauração arquitetônica. Entre 2006 e abril de 2010 foi o diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo entre 2010-2012. Entre 2013 e 2014 Visiting scholar na Universidade da Pensilvânia - EUA. Pesquisador subsidiado pela Fundação CAPES, Ministério da Educação, Brasil. Docente do quadro permanente do PROARQ, líder do Laboratório de Narrativas em Arquitetura -LANA.

Architect Full professor at the Federal University of Rio de Janeiro; PhD in Social History (UFRJ 2004) MSc in Architecture (UFRJ 1995); specialist in philosophy (Aesthetics); Architect and Urbanist (UFRJ 1980). Has experience in Architecture and Urbanism, focusing on History of Architecture and Urbanism, teaches and searches on history, theory and criticism of architecture and ity, especially on Brazilian architecture of the 19th and 20th centuries. Dean of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Universidade Federal do Rio de Janeiro between 2006 and april 2010. President of the National Association of Research and Post-graduation in Architecture and Urbanism (ANPARQ) between 2010 and 2012, Visiting scholar at the University of Pennsylvania - US. Researcher sponsored by the CAPES Foundation, Ministry of Education, Brazil.

Profesor Titular de la Universidad Federal de Río de Janeiro; Licenciado en Arquitectura y Urbanismo (UFRJ 1980); especialista en filosofía (UFRJ 1985); maestría en Arquitectura (UFRJ 1995); Doctorado en Historia Social (UFRJ 2004); posdoctorado (Universidad de Pennsylvania - 2014). Tiene experiencia profesional en el área de Arquitectura y Urbanismo, con énfasis en Historia de la Arquitectura y Urbanismo, y Preservación e investigación del Patrimonio Cultural. Trabaja principalmente en los siguientes temas: pensamiento, historia y crítica de la arquitectura y la ciudad, arquitectura y urbanismo en Río de Janeiro, patrimonio cultural, restauración arquitectónica. Entre 2006 y abril de 2010 fue director de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la UFRJ y presidente de la Asociación Nacional de Investigación y Posgrado en Arquitectura y Urbanismo entre 2010 y 2012. Entre 2013 y 2014 Visiting Scholar en la Universidad de Pennsylvania - USA. Investigador subvencionado por Fundação CAPES, Ministerio de Educación, Brasil. Profesor permanente del PROARQ, líder del Laboratorio de Narrativas en Arquitectura -LANA.

gustavopeixoto@fau.ufrj.br

Resumo

O presente artigo é resultado da pesquisa de doutorado que trata da relação entre imagens de arquitetura e obra projetada, nem sempre construída, na prática de quatro ateliês em Portugal. Os escritórios Fala Atelier, Nuno Melo Sousa, Corpo Atelier e Ponto Atelier foram selecionados como situações de estudo por meio dos quais conseguimos desenvolver o problema da tese: os caminhos que se separam entre o que se destina à construção física de uma obra e o que se destina ao exercício criativo e autoral do arquiteto. Para o artigo, iremos propor um recorte sobre a reflexão mais focada na construção de imagens, que ao longo do texto também chamaremos de desenhos -> imagem, ou seja, desenhos que tem como fim sua condição de imagem. Nessa oportunidade iremos propor uma reflexão sobre a apropriação intencional dessa fuga criativa pelos meios que legitimam as obras nas media, assim como esta se insere na ambiguidade inerente às obras de arte, da arquitetura e da cultura em geral, complexificando o debate em torno da autoria.

Palavras-chave: Imagem. Cultura. Arquitetura. Autoria. Portugal.

Abstract

This article is the result of doctoral research that deals with the relationship between architectural images and project, not always built, inside the practice of four ateliers in Portugal. The offices Fala Atelier, Nuno Melo Sousa, Corpo Atelier and Ponto Atelier were selected as study situations through which we were able to develop the problem of the thesis: the paths that separate between what is intended for the physical construction of a work and what is intended for the architect's creative and authorial exercise. For the article, we will propose an excerpt on the reflection more focused on the construction of images, which throughout the text we will also call drawings -> image, that is, drawings that aim to be images. On this opportunity we will propose a reflection on the intentional appropriation of this creative escape by the means that legitimize works in the media, just as this is part of the ambiguity inherent to works of art, architecture and culture in general, complexifying the debate around authorship.

Keywords: Image. Culture. Architecture. Authorship. Portugal.

Resumen

Este artículo es el resultado de una investigación doctoral que aborda la relación entre imágenes arquitectónicas y obras diseñadas, no siempre construidas, en la práctica de cuatro estudios en Portugal. Las oficinas Fala Atelier, Nuno Melo Sousa, Corpo Atelier y Ponto Atelier fueron seleccionadas como situaciones de estudio a través de las cuales pudimos desarrollar el problema de la tesis: los caminos que separan entre lo que se pretende para la construcción física de una obra y lo que se destina al ejercicio creativo y autoral del arquitecto. Para el artículo propondremos un foco de reflexión más centrado en la construcción de imágenes, que a lo largo del texto también llamaremos dibujos -> imagen, es decir, dibujos que pretenden ser imágenes. En esta oportunidad propondremos una reflexión sobre la apropiación intencional de esta fuga creativa por los medios que legitiman las obras en la media, así como esto es parte de la ambigüedad inherente a las obras de arte, arquitectura y cultura en general, complicando el debate en torno a la autoría.

Palabras clave: Imagen. Cultura. Arquitectura. Autoría. Portugal.

Introdução

Partimos do pressuposto que a arquitetura tem como atividade essencial a construção. Construir ou a mera ideia de construir movimenta as imagens de arquitetura como conhecimento disciplinar pela possibilidade de sua materialização física, mesmo quando representam obras fantásticas que não serão nunca executadas. Visto por esse ângulo, o saber específico da arquitetura se faz como conjunto de meios e fins direcionados às oportunidades abertas pela ação de construir.

O problema que iremos colocar aqui não procura contestar essa afirmação, mas mapear certas dinâmicas da prática em que a construção de imagens se torna também uma dimensão da profissão, para além do saber direcionado à construção de uma obra. Dizemos “construção de imagens” no sentido de pensar certas imagens de arquitetura como produção que se encaminha paralela à construção física da obra e que inclusive é diferente da produção de imagens que existem para que uma obra se realize. Elas muitas vezes não são ilustração ou análise de uma obra, mas fogem do direcionamento à construção para serem elaboração de si mesmas. Por isso falamos construção de imagens, pois nos referimos a uma conscientização do ato de fazer imagens como produtora de sentido na arquitetura e muitas vezes como obra em si. Como veremos ao longo do trabalho essa autoconscientização por meio de imagens disputa com a crença da construção de edifícios como atividade ainda essencial ao conhecimento da disciplina.

A produção de imagens como exercício autorreflexivo da arquitetura não é algo exclusivo do nosso tempo ou de um único lugar, mas hoje se dá em meio a circunstâncias singulares que devemos levar em conta para nosso recorte de pesquisa. Entre elas podemos considerar a crise da construção civil que abalou a Europa após 2008, a juridicização da construção que dita normas fixas aos projetos, à demanda por renders como principal meio de apresentação e a alta concorrência no mercado europeu que afunila novos escritórios. Esse cenário configura um ambiente de disputa do que se constrói e quem constrói, o qual alimenta, ou pelo menos torna evidente, a proliferação de imagens realistas de projetos não construídos que confundem qualquer pessoa entre o que é ou não executado. Sendo assim, a construção física das obras, como atividade que garante a relevância da profissão na sociedade e que proporciona a sobrevivência financeira de um escritório, deixa de ser um lugar de criação e autonomia do arquiteto para ser uma atividade otimizada e que deve se adaptar às restrições dos contratos e à produção de imagens inequívocas, sem subjetividade ou expressão autoral.

No entanto, as construções de imagens que fogem às obras como fim não são estranhas à cultura digital que produz e publiciza imagens de renders que vão em direção à representação inequívoca de obras. Pelo contrário fazem parte de uma mesma dinâmica de adaptação aos novos contratos e oportunidades de agir no espaço construído. Enquanto a produção de imagens realistas se refere a uma face da prática mais pragmática, o exercício criativo da autoria responde como fuga em imagens de outra vocação, que por sua vez passam a expressar processos e sentidos que não participam mais da atividade voltada à construção e elaboração de projetos. Dito de outra forma, são imagens que elaboram a autoria que não está legível no realismo dos *renders* ou no edifício físico.

Logo, o problema do artigo se colocará entre essas duas atividades constantes da prática: construir imagens e criar imagens para construções. Isso posto, a relação imagem x edifício torna-se o cerne dessas disputas e alternâncias que, no momento presente, atualizam a prática a partir daquilo que até hoje foi o cerne do exercício profissional: construir e fazer imagens para tal. Como contraponto vemos a partir dos

ateliês selecionados como certas imagens fogem por completo da pretensão de ilustrar um edifício para poderem ser outra coisa. Na tese de doutorado nos propomos a pensar como essas duas atividades (construir e fazer imagens) se bifurcam em práticas ora sobrepostas ora paralelas dentro da atuação profissional de certos arquitetos. Em sua dinâmica contemporânea configuram o problema central da pesquisa: os caminhos que se separam entre o que se destina à construção física de uma obra e o que se destina ao exercício criativo e autoral do arquiteto. Para o artigo, iremos propor um recorte sobre a reflexão mais focada na construção de imagens, que ao longo do texto também chamaremos de desenhos -> imagem, ou seja, desenhos que tem como fim sua condição de imagem.

Iremos levantar questões sobre autoria, soberania e destino das imagens de arquitetura a partir dos casos de arquitetos e arquitetas desenvolvidos na tese, os quais iniciaram sua prática na última década em Portugal durante a recuperação econômica após a crise de 2008. São eles: Fala Atelier, Corpo Atelier, Ponto Atelier e Nuno Melo Sousa. Cada um a seu modo, exploram o exercício das imagens de arquitetura a partir da última dualidade apontada, assim como levantam perguntas sobre os processos de globalização da arquitetura e a produção de narrativas nas media. Ao final do artigo iremos propor uma reflexão sobre as suas práticas tendo em vista o que chamaremos de ambiguidade nas obras da cultura, que é a divisão interna que ocorre nas obras de arquitetura entre utilidade e inutilidade; ao que Georges Bataille nomeou “*l'équivoque de la culture*”¹.

Construção do quê?

A relação construção de imagem x imagens para construção que iremos discutir está intrínseca ao cenário pós-crise do mercado financeiro de 2008 e junto a ele o caldeirão de jovens arquitetos que ingressaram no mercado nacional saturado e com crescimento negativo do setor da construção civil. Eis a crise do qual surgem os ateliês dos Fala, Corpo, Ponto e Nuno Melo Sousa e que configura o contexto no qual a recuperação econômica provocou o arruinamento das tradicionais estruturas de autoria frente aos limites do setor da construção.

Em 2015, com a economia ainda em lenta recuperação, Portugal era o segundo país da Europa com mais arquitetos por habitante, com 2 arquitetos a cada mil habitantes, perdendo somente para a Itália (Espaço de Arquitectura, 2015)². Em outro estudo realizado no ano de 2020 sobre a economia da construção civil, no período entre 2008 e 2014, Portugal demonstrou valores decrescentes e muitas vezes negativos tanto para o investimento do setor no PIB, para a quantidade de empregados na construção, assim como para o número de empresas do setor. No período de 2008 a 2012 “a produção do setor registou uma queda de 42% e no pessoal ao serviço 35%, sendo a construção de edifícios (residencial e não residencial) o segmento mais afetado, evidenciando quedas de 42% e 56% no emprego e na produção respetivamente” (Costa, Afonso, Pereira, Inácio, 2020)³. Já de 2014 a 2018 o mesmo estudo mostrou momentos de maior estabilização, ainda assim majoritariamente negativo, apontando para um longo

1 BATAILLE, Georges. *L'équivoque de la culture*. Extrait de la revue « Comprendre » n° 16, Société Européenne de culture, Venise 1956. Disponível em : <<http://www.fabriquedesens.net/L-EQUIVOQUE-DE-LA-CULTURE-texte-de>> Acesso em: 01 out. 2023.

2 Disponível em: < <https://espacodearquitetura.com/noticias/portugal-e-o-segundo-pais-da-europa-com-mais-arquitectos-por-habitante/> >. Acesso em jul 2023.

3 COSTA, Eugénia, AFONSO, Catarina, PEREIRA, Francisco, INÁCIO, Paulo. *Evolução do setor da construção em Portugal, 2008 a 2018*. Lisboa: Gabinete de Estratégias e Estudos do Ministério da Economia, 2020. Disponível em: < <https://www.gee.gov.pt/pt/documentos/estudos-e-seminarios/temas-economicos/9106-te84-evolucao-do-setor-da-construcao-em-portugal-2008-2018/file>>. Acesso em jul 2023.

caminho de recuperação que segue em andamento. Atualmente o setor da construção em Portugal opera de forma menos eficiente que a média da União Europeia.

A crise na construção civil implicou diretamente no que significou ser arquiteto na impossibilidade de construir. Em seguida, durante a recuperação do setor, a crise se desdobrou como conflito sobre a pertinência do papel social, político e autoral do arquiteto em um contexto que se impôs mais forte, mais poderoso e indiferente às suas ambições criativas e ideológicas. Nesse contexto, muitas possibilidades de trabalho ficaram submetidas aos contratos de natureza inespecífica, diferente da tradicional relação cliente-arquiteto. Há de se ter em vista que a recuperação da economia trouxe novas demandas de projetos, entre eles os arrendamentos temporários como Airbnb e encomendas de projetos genéricos para revenda. Ambos se especializaram em reduzir custos de obra e replicar modelos de espaços vendáveis no menor tempo possível. Logo, para muitos jovens profissionais as opções de atuar no mercado se tornaram abrir um negócio que adere à nova máquina da construção civil, trocar de profissão ou tentar um emprego melhor remunerado fora do país. Para aqueles que permaneceram e começaram seu próprio escritório, como o caso dos ateliês selecionados, foi imprescindível a criação de estratégias de rotina de trabalho que otimizassem os custos de produção de um projeto, tornassem a comunicação com o cliente mais eficiente (muitas vezes um cliente que não irá usufruir da obra) e reduzissem custos e tempo de construção.

Com isso, o que consideramos ponto fundamental para nossa narrativa é o surgimento de uma inteligência no processo de projeto que reavalia seus próprios meios suficientes e necessários que o determine. Sendo uma resposta à necessidade de adequação às novas dinâmicas da construção civil, esses ateliês passam a determinar sua especificidade no que lhe resta de controle autoral, ou seja, criam estratégias que definem onde afinal está a obra de arquitetura em meio a tudo que a desfaz. É nesse sentido que a elaboração de imagens digitais junta-se aos tradicionais esboços, colagens e demais técnicas de desenho para emergirem primeiro como uma economia de meios e em seguida como arquitetura em si – desenhos->imagens -, enquanto os desenhos para construção e o edifício construído passam a responder a um duplo destino que se direciona ao pragmatismo da encomenda e ao retorno como acervo de imagem do escritório.

Desenho -> imagem⁴

As imagens de arquitetura enquanto determinação de uma obra contém aquilo que é de mais essencial à disciplina e que, no Renascimento, alavancou a arquitetura como ofício mental, distanciado das artes mecânicas. Dito isso, vamos dar um passo atrás e voltarmos brevemente nossa atenção para as funções reconhecidas do desenho como comunicador do edifício.

Evidentemente, ao separarmos o desenho em duas categorias, notacionais (desenhos descritivos) e utópicas (ilustrações do edifício ideal), teremos a primeira atualmente dominada pela eficiência dos desenhos digitais e a segunda como um rastro ideológico da vocação criativa de um gênio artista em vias de desaparecer. Em contrapartida, ao nos questionarmos sobre os desenhos como instrumentos notacionais e/ou imaginativos encontraremos exemplos que ao longo da história contrariam a imagem

⁴ Desenho -> imagem: desenhos que tem como finalidade sua condição como imagem, elaborada e divulgada sem ter necessariamente algum vínculo com um projeto específico. Esses desenhos se diferenciam dos demais desenhos que tem como objetivo a elucidação e construção de um projeto, os quais chamaremos desenhos -> construção.

como descrição transparente do edifício ou realização plástica pessoal⁵. Não vamos entrar no mérito dos exemplos na história, mas sim em como podemos trazer à discussão os desenhos de trabalho como uma dimensão que se soma aos desenhos prescritivos ou ilustrativos das obras. Os desenhos de trabalho, diferentemente de imagens finais, são estruturas organizadoras de sentidos da obra que podem não estar acessíveis quando estamos diante do edifício, sendo ele imagem ou construção. Como disse Sonit Bafna em artigo sobre a recepção crítica de desenhos canônicos: “o propósito da representação não é tanto usar um artefato -ou seja um edifício - para delimitar uma proposição, mas antes ajudar a dar uma estrutura perceptual que sustente um envolvimento imaginativo” (Bafna, 2008, p. 535).

Assim, vamos pensar esses desenhos como “figura”, no sentido que Joaquim Moreno explora como aquilo “que é nomeável enquanto objecto de representação sem determinar o que representa no interior da sua estrutura” (Moreno, 2012, p. 29). Desse modo, sendo o projeto processo de invenção, ele não se resumiria à fixação de um código ou explicitação inequívoca de sua proposição, mas faz dos desenhos de trabalho a manifestação da inventiva que extravasa a função de ilustração de comandos. Logo, o desenho será o espaço contínuo de redesenhos, projetos dentro de projetos e o meio, dentre tantos, “no qual historicamente a arquitectura esteve mais próxima da essência de si” (Moreno, 2012, p. 27).

Os desenhos -> imagem dos ateliês selecionados compartilham essa natureza dos desenhos de trabalho e, por operarem dentro do contexto de crise da construção civil e dos limites dos novos contratos, propõem respostas ao caminho bifurcado entre autoria versus pragmatismo da construção. Por meio de tipos distintos de desenhos, esses ateliês nos ajudam a perceber uma radicalização do desenho como algo que não é mais descrição, ilustração ou comando, mas aquilo que guarda os princípios renascentistas do desenho como essência da profissão ao mesmo tempo que perverte o direcionamento desenho -> edifício para se tornarem cada vez mais desenho -> imagem. Ou seja, a construção de imagens elaborada como o fim em si.

Por sua vez, Fala Atelier, Nuno Melo Sousa, Ponto Atelier e Corpo Atelier não configuram uma nova geração da arquitetura portuguesa, não apresentam semelhanças nas suas escolhas projetuais, não compartilham uma ideologia ou missão profissional, muito menos tem a mesma projeção entre os pares. No entanto, nos interessou uni-los para criar uma possível cartografia de como as imagens de arquitetura circulam entre esses diferentes destinos: a construção de edificações e os experimentos criativos que, não sendo em si o projeto, o alimentam como potência ilimitada. Desse modo, Ponto Ateliê aproveita sua localização fora do continente para explorar imagens que partem de nexos com a geologia, com a tradição de materiais locais e com a paisagem imaginária da Ilha da Madeira; Nuno Melo Sousa cria tipologias para seus projetos a partir de famílias de estruturas primárias que criam ruídos de comunicação com o projeto a partir de desenhos contra-explicativos; Corpo Atelier parece sedimentar as imagens na matéria construída, dando substância às imagens, que faz o jogo coisa-que-vira-imagem retornar para a imagem-que-vira-coisa sem que isso tenha um início decifrável, como um tipo de profanação da cultura de projeto racionalista. Já os Fala são um caso emblemático por si, que radicalizam o discurso da disciplina dentro das possibilidades de representação, se abrindo para uma cena muito diversa e estranha da chamada “arquitetura portuguesa”.

⁵ Ver o artigo de Sonit Bafna que usa o exemplo da Brick Country House de Mies Van der Rohe para analisar a recepção crítica das imagens como cânone da arquitetura moderna, sendo sempre comparada a outros edifícios construídos como se ela também o fosse. No caso, ele também analisa as incongruências entre planta, cortes e perspectivas demonstrando que não é possível formar uma imagem única do edifício, mas que essa ambiguidade foi sempre algo que alimentou as interpretações e análises críticas. BAFNA, Sonit. How architectural drawings work and what that implies for the role of representation in architecture. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/13602360802453327?needAccess=true&role=button>> Acesso em jul 2023.

Os desenhos -> imagens desses ateliês muitas vezes estão acompanhados de publicações nos seus websites, portfólios ou plataformas especializadas (por exemplo a drawingmatter.org) com textos de reflexão sobre a prática de criar essas imagens e sua relação com o que vivenciam na arquitetura enquanto escritório ativo. Entre esses textos temos os Fala a criar uma taxonomia de imagens que as dividem em: *single line*, *comprehensive*, *wireframe*, *execution drawing*, *renders*, *photography* e *butterflies*⁶; temos o livro portfólio do Corpo Atelier com seus textos poéticos sobre pensar imagens e obras como ruínas⁷; e temos também o exercício de reflexão de Nuno Melo Sousa sobre os seus diferentes formatos de desenhos em telas que podem ser papéis ou paredes das construções.⁸

A propagação de imagens vem acompanhada da elaboração dessas narrativas que constroem sentidos para suas práticas. Elas podem vir em formatos de textos, como os exemplos acima, ou em exposições (que é o que acontece com o Ponto Atelier). Logo, encontramos nesses discursos sobre imagens as operações que movimentam a prática para além das circunstâncias ditadas pelo contexto da construção civil local, o que impulsiona os ateliês para um circuito da cultura visual mais ampla que movimenta as redes sociais, revistas, exposições, eventos de arquitetura e galerias.

Os desenhos -> imagem instauram então um espaço duplo: 1) o ato de criação como potência que liberta a obra de seu pragmatismo; 2) o caminho para visibilidade e legitimação das obras dentro dos circuitos midiáticos. Ou seja, essas imagens de arquitetura reclamam pelo inapropriável da arquitetura enquanto tem em vista a sua reapropriação nas media. Para esse segundo ponto, veremos como essa consciência da reapropriação do inapropriável opera como desejo de participar do sistema hegemônico de legitimação das obras da cultura. Mas vamos por partes.

Voltando ao primeiro ponto dos desenhos -> imagem como ato de criação vã, recorreremos à releitura de Giorgio Agamben em “O que é o ato de criação?”. Agamben reconstrói a ideia de criação a partir de Aristóteles como potência-do-não-ser, no qual em toda obra residiria uma inoperosidade que nunca se esgotaria. Assim, consideramos que realização, inoperosidade, potência e liberação serão aspectos participantes da construção das imagens como fim. Daí que os desenhos -> imagem também poderão se revelar como geradores de um resto inútil que abre novos caminhos para a disciplina, um fazer despido, nu, que empurra seus limites para fora, às vezes aumentando-o, outras vezes saindo dele e proporcionando novas reflexões sobre o que de fato é essencial e seu. Basta nos atermos por mais tempo nas imagens de Nuno Melo Sousa (Figuras 4 e 5) para vermos como inúmeros desenhos se identificam com mais de uma obra sem serem exatamente sobre um projeto específico; ou como as *butterflies* (Figura 1) dos Fala procuram o essencial das soluções para serem reaproveitadas em contextos diversos; como os mesmos recortes de fachadas do Corpo Atelier circulam entre variadas colagens e se repetem nos edifícios (Figuras 6 e 7); ou como as soluções de projetos do Ponto Atelier emergem do reaproveitamento de fragmentos de suas montagens (Figuras 8 e 9).

A verdade é que as imagens de modo geral sempre foram refúgio da criação que os arquitetos utilizaram para explorar os próprios limites de suas ideias. Elas são imunes ao prefixo post (pós-moderno, pós-história, pós-verdade...) e conseguem dar vida às coisas obsoletas, são anacrônicas e sem território, preferem o “após-viver” (*Nachleben*)⁹ dos desejos e por isso se comportam como o fio tênue sobre o qual os arquitetos se

6 Disponível em: < <https://drawingmatter.org/series/fala/> > Acesso em 3 out. 2023.

7 Alguns dos textos estão disponíveis no seu website: < <https://www.corpoatelier.com/writing> > Acesso em 3 out. 2023.

8 Disponível em: < <https://drawingmatter.org/nuno-sousa-drawing/> > Acesso em 3 out. 2023.

9 Termo utilizado por Aby Warburg em sua pesquisa de imagens no Atlas Mnemosine.

equilibram no meio do vazio. Além disso, reconhecer nas imagens de arquitetura a “economia anacrônica de tempos heterogêneos que se conjugam, se entrecrocam ou entram em conflito em cada novo gesto, em cada novo trabalho” (Didi-Huberman, 2019, p. 66) é não se prender a um determinismo tecnológico das ferramentas digitais, pelo contrário, ver como a inventiva do arquiteto sempre foi um laboratório de diferentes técnicas que estão a seu alcance para repensar os meios e os fins de uma obra. Nesse sentido, Fala Atelier, Corpo Atelier, Nuno Melo Sousa e Ponto Atelier, fazem o que historicamente arquitetos sempre fizeram.

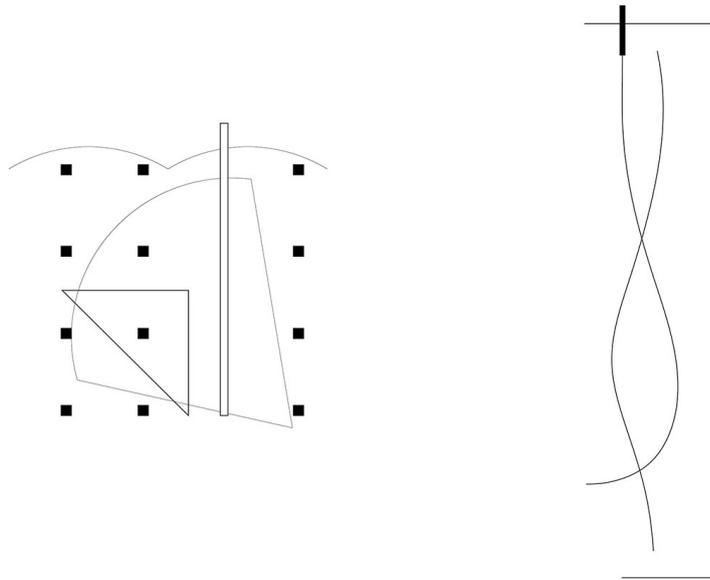


FIGURA 1 – Butterflies 097.

Fonte: Fala Atelier, s/ data.

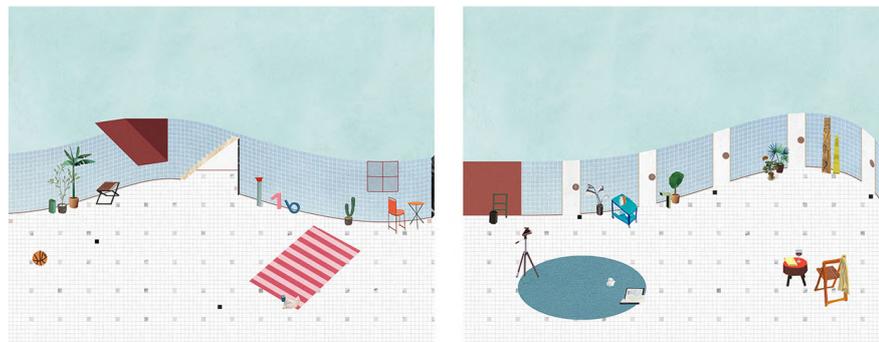


FIGURA 2 – Colagem 097.

Fonte: Fala Atelier, s/ data.

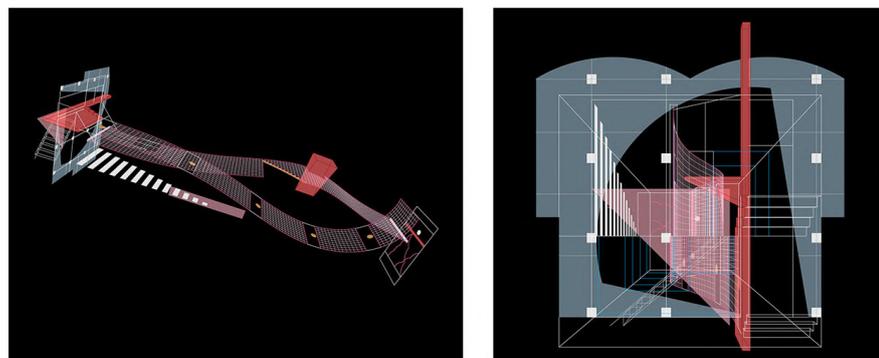


FIGURA 3 – Wireframe 097.

Fonte: Fala Atelier, s/ data.

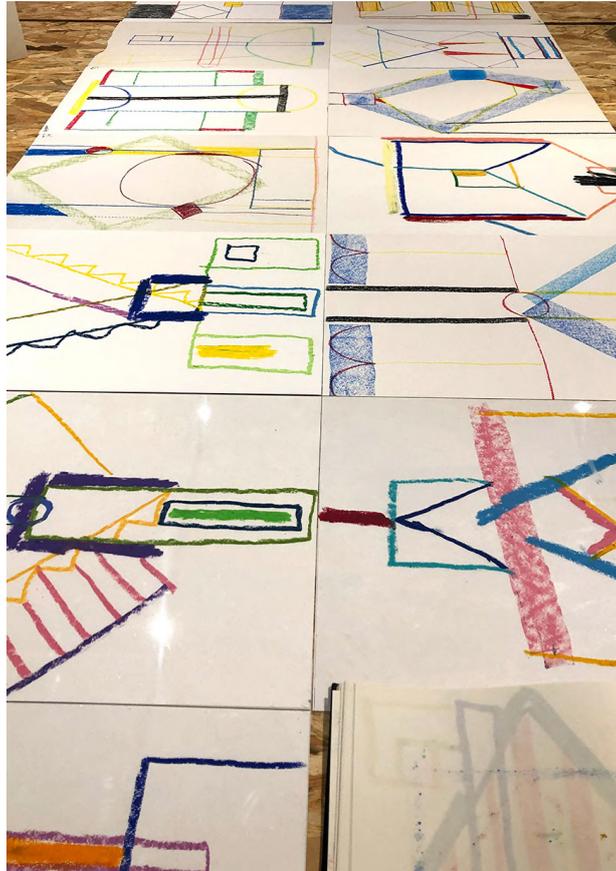


FIGURA 4 – Exposição de trabalhos de Nuno Melo Sousa, Casa das Artes, Porto, 2022.

Fonte: Lis Pamplona, 2022.

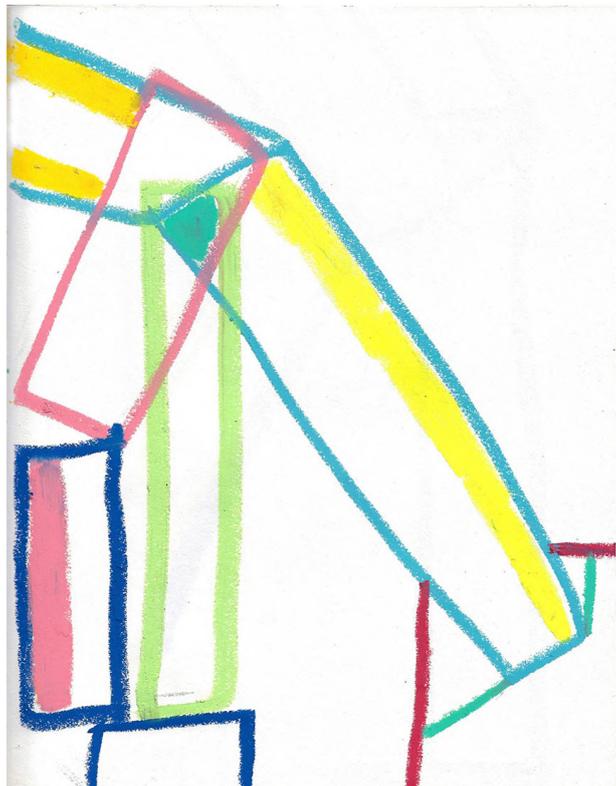


FIGURA 5 – Substrato, Nuno Melo Sousa.

Fonte: Nuno Melo Sousa, s/ data.



Construção de imagens, imagens para construção: casos da arquitetura em Portugal

Construction of images, images for construction: cases of architecture in Portugal

Construcción de imágenes, imágenes para la construcción: casos de arquitectura en Portugal



FIGURA 7 – Desenho Filipe Paixão (Corpo Atelier).

Fonte: Corpo Atelier, 2020.



FIGURA 8 – Desenho Filipe Paixão (Corpo Atelier).

Fonte: Lis Pamplona, 2022.

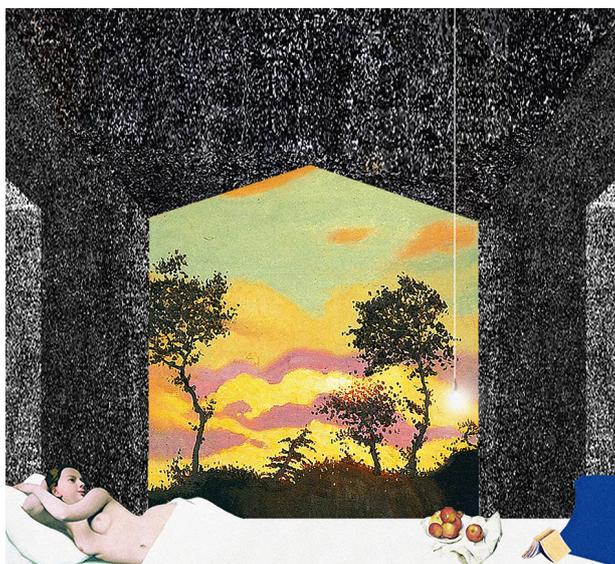


FIGURA 9 – Montagem para projeto Abrigo, Ponto Atelier.

Fonte: Ponto Atelier, 2016.



FIGURA 10 – Imagens impressas no escritório Ponto Atelier.

Fonte: Lis Pamplona, 2023.

No entanto, mesmo repetindo o refúgio histórico nas imagens, por meio deles somos capazes de observar como as imagens de arquitetura se reelaboram em uma natureza a mais no fazer projetos: os desenhos -> imagem como algo duplamente inoperante e conscientemente utilizado para inserção nas media. Dito isso, é importante acrescentar que todos eles conseguiram, através da circulação de seus desenhos -> imagens, participar de exposições e eventos antes mesmo de terem obras construídas, ou quando já tinham, não serem elas o motivo principal dos convites. Por meio de suas imagens autorais, esses arquitetos conseguiram ser “pescados” pela crítica como profissionais que tinham algo a acrescentar à profissão e ao contexto português, ao mesmo tempo que ganharam mais projeção nas redes sociais. É este aspecto útil dos desenhos -> imagem como caminho legitimador da autoria que nos interessa para a reflexão crítica a seguir.

A soberania do autor e o equívoco da cultura

(...) o status contemporâneo do artista ocidental não é, portanto, nesse aspecto, fundamentalmente diferente daquele que reivindicaram, sete séculos atrás, os primeiros teóricos humanistas das artes liberais, essas “artes liberais” que não se afirmava nada menos do que a soberania do artista, uma soberania a que não paramos, hoje mais que nunca, de nos agarrar para exprimir tudo o que esperamos da arte como espaço de liberdade radical.¹⁰

A partir das “artes liberais”, tais como estabelecidas na Itália pré-renascentista, podemos diferenciar a soberania do artista e do arquiteto separando-o do seu viés revolucionário, de sua concepção romântica e libertária. “Pois a soberania do artista é antes de tudo um fenômeno estrutural de longa duração” que é elaborada no renascimento sobre a maestria do artista e retomada por Leon Battista Alberti “em páginas que transparece a relação antropológica fundamental, já estabelecida por Plínio, o Velho, em referência à República romana, **entre a noção de imagem (imago) e a de dignidade cívica (dignitas)**” (Didi-Huberman, 2019, p. 26, grifo nosso).

Assim nos perguntamos: mas que soberania autônoma é essa? Até onde e sob quais condições ela ocorre alheia ao mundo? A potência da arte e da arquitetura não estaria justamente na relação de constante confronto com as instituições de poder? Assim, para discorrer sobre essa soberania e suas dificuldades inerentes, Didi-Huberman

¹⁰ Didi-Huberman, 2019, p. 25.

no livro *Sobre o fio*, recorre à Georges Bataille e o que nomeou como “l'équivoque de la culture”. Esse equívoco, que poderíamos traduzir como ambiguidade, é a divisão que as obras da cultura criam no interior da economia do poder onde, a partir delas, somos desviados das necessidades úteis, da utilidade em si e do trabalho humano funcionalista (Didi-Huberman, 2019). “Portanto, uma obra só seria soberana na medida em que se mostrasse vã” (Didi-Huberman, 2019, p. 27), mas isso se manifestaria apenas tendo em vista a ambiguidade das forças produtivas que movem cultura e poder em seus efeitos diversos (Bataille, 1956).

No entanto, a ambiguidade da soberania do autor e de sua obra frente às inúmeras apropriações funcionais, políticas, religiosas e jurídicas da sociedade, para além do mundo da arte que o filósofo analisa, também está latente no cerne da prática arquitetônica em toda sua história. Assim, a fusão arquitetura e poder, também descrita por Bataille em “*Architecture*” (1929), tem muitas matizes e, se na tradição podemos recorrer ao que são os monumentos e os ícones da arquitetura (visto o caso das pirâmides que Bataille constantemente se refere), hoje, diante os exemplos de práticas menores e corriqueiras da profissão, podemos ver tal “equivoco” à luz da soberania estremeçada do arquiteto. Logo, essa perda de controle e dignidade do autor se manifesta nesses ateliês como retorno aos meios de produção e circulação das imagens e a capacidade das mesmas de tornar visível processos e elementos da obra que se perdem no edifício construído.

De certa forma ligada à dignidade cívica renascentista das artes liberais, a elaboração de imagens como centro do discurso desses arquitetos liberta suas práticas do utilitarismo e dos limites da construção formatada pelos seus agentes externos, indo em direção ao que seria a manifestação genuína da arquitetura como obra da cultura, vã e válida em si mesma¹¹. No entanto, enquanto pouco a pouco os desenhos -> imagem fogem de seu destino comunicador do edifício e abrem-se para sua inutilidade, podemos constatar que a mesma liberdade afasta esses arquitetos de atuarem como agentes das mudanças necessárias ao próprio sistema econômico que reifica o mundo. Vale realçar que a escolha que fazem de exaltar suas imagens como soberania de ser arquiteto participa do desejo comum de estar inserido nos sistemas que reproduzem a cultura como mercadoria, ou, pelo menos, como fortalecimento de instituições tradicionais de controle da mesma. Ou seja, alimentam a tradicional máquina de legitimação da cultura que nos acostumamos chamar de *star system* e o circuito de eventos midiáticos, revistas monográficas e galerias, que exaltam uma arquitetura de autores e vende novos nomes para os mesmos mecenas.

Se podemos supor que essas imagens surgiram a princípio como refúgio criativo, também podemos constatar que os ateliês estão atentos ao seu poder de reprodução e circulação que os validam. Assim, passam a instrumentalizar os desenhos -> imagem como obra em si de igual importância (ou mais) que seus projetos para construção. Logo, é curioso como o próprio desvio do pragmatismo dos projetos cria uma divisão interna nas imagens desviantes. Elas, desprendidas do utilitarismo e das restrições dos contratos, são livres e soberanas ao mesmo tempo que são um novo produto que os ajuda a estabelecer seu status entre os pares. Conscientes de sua rápida reapropriação nas mídias, elas complexificam a trama de valores da obra vã assumindo para si uma condição ambígua na cultura visual: de ser inútil, vã enquanto deseja participar dos sistemas de poder.

¹¹ Encontramos afirmação similar em Federico Soriano: “a validade da arquitetura está na sua inutilidade”. Em: SORIANO, Federico. 100 Hipermínimos. Madrid: Lampreave, 2009.

Considerações Finais

Não é nosso intuito acusarmos arquitetos que estão a se estabelecer em meio a tantas dificuldades econômicas e sociais, pelo contrário, é ver nesses jovens ateliês quais perguntas podemos fazer sobre a profissão e suas relações tensas entre soberanias. Nesse sentido o contexto português propiciou um recorte rico e possível para fazer visitas aos ateliês, conversar pessoalmente com os arquitetos selecionados e entender suas preocupações. A partir deles foi possível levantar na tese perguntas sobre as relações das imagens e os edifícios, o início da trajetória desses arquitetos em meio à crise, assim como a capacidade de circulação das imagens nas *media* e como elas os auxiliaram a ganhar relevância em meio à saturação da construção civil.

Atualmente existe em Portugal um espaço-tempo exprimido e sobreposto entre mestres e discípulos, moderno e pós-moderno, idealismo e crise, onde os principais nomes do que se consagrou como “arquitetura portuguesa” exercem a profissão ao lado de novos profissionais. Estes, não disputando os mesmos clientes, inevitavelmente disputam sua identidade autoral frente às referências dominantes no imaginário coletivo, reproduzidas exaustivamente em revistas, exposições e demais eventos. Hoje, é possível dizer que o Fala Atelier, como jovem escritório português com maior projeção internacional, abriu um novo caminho para pequenos escritórios em Portugal, mas também para outros tantos ao redor do mundo que se veem com poucos mecanismos de escape ao pragmatismo da construção e ao exercício da autoria. Também é possível reconhecer em Nuno Melo Sousa uma autoanálise dos instrumentos de projeto tradicionais herdados dos cânones pela qual transforma o desenho em experiências mais radicais sem negar a tradição. Na Ilha da Madeira, o Ponto Atelier nos coloca o problema do específico da paisagem, do isolamento territorial e da identidade local frente às conexões globais proporcionadas por suas imagens, do mesmo modo que se enunciam como prática de resistência a tantos “arquitetos de resort” na ilha. Já no Corpo Atelier podemos ver como, por meio de suas colagens/pinturas, a arquitetura se abre sem pudores para fora da disciplina, assumindo para si um entrelaçamento com técnicas artísticas que visam registrar os processos de projeto como obra em si.

Estando em localidades diferentes em Portugal, esses arquitetos se encontraram nas redes sociais e gerenciam suas imagens como diálogo permanente. Neles, vemos se perder a ideia de periferia já que todos estão conectados via divulgação de imagens nas redes. Convites para eventos são compartilhados; montam suas próprias exposições; assim como unem-se para fazer publicações, como o caso do mais recente livro do Corpo Atelier, “Levante”, com prefácio escrito por Filipe Magalhães (Fala Atelier). Apesar das evidentes diferenças entre eles, esses arquitetos e arquitetas compartilham o interesse comum na construção de imagens desviantes ao pragmatismo a fim de criar modos de produção autênticos que os ajudam a se estabelecerem na cultura hegemônica.

Desde seus desenhos -> imagem somos chamados a rever a capacidade vocacional da arquitetura de despertar imagens e afirmar a soberania da profissão. Quais imagens e para quem são perguntas que esses ateliês fazem diante as relações de forças externas que cercam suas práticas. Logo, consideramos que os desenhos -> imagem desses ateliês emergem de um contrato cívico similar ao que existia entre o artista e seu mecenas, ou, ao que podemos chamar de confrontação de soberanias, tal como dizia Aby Warburg. Aqui esse confronto se divide em dois tipos de mecenas, ou receptores: os agentes da construção civil e os agentes legitimadores da cultura arquitetônica.

Certamente são confrontos extremamente complexos e capazes de gerar inúmeras outras perguntas sobre a realidade para além do recorte da pesquisa. Aqui nos permitimos refletir sobre como essas práticas localizadas em Portugal atualizam os confrontos e dilemas históricos constantes na arquitetura enquanto exercício

criativo. Mas, afinal, o que esses ateliês desejam construindo imagens como obra em si? O que podemos destacar dessas atividades que iluminem aspectos da condição contemporânea de autoria e obra de arquitetura?

Podemos recorrer ao que Didi-Huberman chama de “andar sobre o fio”. Ele reconhece no ato de subir em um fio suspenso, como um acrobata de circo, a possibilidade de caminhar na corda bamba das imagens e resguardar para si o escape e o retorno ao mundo. Em seu texto o filósofo cita Goethe: “Não há meio mais seguro do que a arte para escapar do mundo, e também não há meio mais seguro de voltar a estar ligado a ele” (Goethe apud Didi-Huberman, 2019, p. 73).

Devemos dar a chance de pensar as práticas desses ateliês como andar sobre um qualquer fio, um fio que é corda de separação e ligadura entre interior e exterior de suas rotinas. Podemos nos propor a perceber o quão perto estão todos de cair e o quão frágil é essa dança de estar intencionalmente apartado do chão para reformular seu espaço subjetivo e devolvê-lo como produto aos meios de reprodução das media. Por ora podemos deixar de ver a corda e observar o que ela divide: o refúgio livre e soberano do autor e o chão abaixo, cheio de imperativos utilitaristas e mercadorias. Esses arquitetos estão nesse fio, vendo turvamente isso que nos propomos a ver com eles: um mundo que está difícil tocar e vale ficar nem que seja 10cm suspenso para decidir quando descer. É sobre essa corda que os aparta do chão que esses arquitetos têm conseguido produzir imagens que passeiam entre o que está acima e o que está abaixo, entre inutilidade criadora e utilidade da criação.

Por fim, por mais que o título do artigo suponha duas naturezas de imagens de arquitetura – as voltadas para seu destino como imagem e as direcionadas para a construção – não acreditamos que sejam de fato universos separados. Se podemos constatar que sim, há uma bifurcação na rotina dos ateliês entre um exercício autoral e a sobrevivência no mercado da construção civil, as imagens ainda se perseguem, ou caçam umas às outras, como parte de uma mesma inventiva. Pelo menos por enquanto, as construções de imagens se alimentam de uma inteligência adquirida de fazer imagens para construção, pois partem delas e só assim tornam-se outras, por vezes estranhas outras familiares. Costuram-se e até então instauram um fio suspenso e tenso que paira entre as funções pré-determinadas da construção e a inutilidade criativa da obra. Disso, fazem emergir uma função historicamente útil da ação criativa: sua apropriação pelos sistemas que reproduzem a cultura capazes de trazer mais visibilidade ao autor.

No futuro outras distâncias entre utilidade e inoperosidade criativa surgirão a partir dessas práticas e nos vão exigir mais reflexões que ultrapassam as fronteiras de uma cultura específica para ir em direção às operações de circulação de uma cultura visual cada vez mais indiscriminada. Até lá, vale observarmos como esses ateliês sobem, descem ou se mantêm no fio imaginário que os socorre, e, se o mundo – esse chão compartilhado de confrontos –, reagirá a essa distância afastando-se mais, aproximando-se mais, ou exigindo deles um contato diferente.

De todo modo, sendo parte dos confrontos de soberanias e poder, esses ateliês auxiliam implicitamente a elucidar a ambiguidade dentro do desejo de resguardar a prática criativa e autoral. O que ainda vamos descobrir é o quanto dessa exposição implícita se volta exclusivamente para a noção de soberania utópica de seis séculos atrás ou, se seu retorno às imagens, confrontará a prática da arquitetura como ação crítica aos modos de produção da construção civil e reprodução da cultura. Agora, independente de suas intenções atuais não diferirem das ambições do star system da arquitetura, eles ainda assim abrem uma perspectiva poética sobre a profissão. Exploram o limite da impotência do arquiteto que há muito não é herói, há tempos pode ser vilão, mas sobretudo é uma peça importante no “equivoco da cultura”.

Os desenhos -> imagem, sendo também equívocos na utilidade e inutilidade inventiva, cartografam novos espaços criativos e atualizam problemas sobre autoria, obra e funções da arquitetura, visto que ela exigiu e cada vez mais exige estratégias de confronto complexas com seus diferentes agentes e receptores.

Agradecimentos

Agradecemos ao Corpo Atelier, Fala Atelier, Nuno Melo Sousa e Ponto Atelier por terem concedido as imagens para publicação deste artigo. Agradecemos a CAPES pela bolsa científica de doutorado.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o ato de criação? In: AGAMBEN, G. **O fogo e o relato**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BAFNA, Sonit. How architectural drawings work and what that implies for the role of representation in architecture. **The Journal of Architecture**, pp. 535-564, 2008.

BATAILLE, Georges. **L'équivoque de la culture**. Extrait de la revue « Comprendre » n° 16, Société Européenne de culture, Venise 1956. Disponível em :< <http://www.fabriquedesens.net/L-EQUIVOQUE-DE-LA-CULTURE-texte-de> > Acesso em: 01 out. 2023.

CORPO ATELIER. **Writing**. Disponível em::< <https://www.corpoatelier.com/writing> > Acesso em: 3 out. 2023.

COSTA, Eugénia, AFONSO, Catarina, PEREIRA, Francisco, INÁCIO, Paulo. **Evolução do setor da construção em Portugal**, 2008 a 2018. Lisboa: Gabinete de Estratégias e Estudos do Ministério da Economia, 2020. Disponível em: < <https://www.gee.gov.pt/pt/documentos/estudos-e-seminarios/temas-economicos/9106-te84-evolucao-do-setor-da-construcao-em-portugal-2008-2018/file>>. Acesso em jul 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobre o fio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.

FALA. **Fala**. Disponível em: < <https://drawingmatter.org/series/fala/>> Acesso em: 3 out. 2023.

MORENO, Joaquim. "Pescar tainhas e devolvê-las ao rio lavadas". In: **Desenho Projecto de desenho**. Ministério da Cultura / Instituto de Arte Contemporânea: Porto, pp. 22-30, 2002.

PORTUGAL É O SEGUNDO PAÍS DA EUROPA COM MAIS ARQUITECTOS POR HABITANTE. **Espaço de Arquitetura**, 2015. Disponível em: < <https://espacodearquitetura.com/noticias/portugal-e-o-segundo-pais-da-europa-com-mais-arquitectos-por-habitante/>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

SORIANO, Federico. **100 Hiper mínimos**. Madrid: Lampreave, 2009.

SOUSA, Nuno Melo. **On Authority**. Disponível em: < <https://drawingmatter.org/nuno-sousa-drawing/> > Acesso em: 3 out. 2023.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 18/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

CLÁUDIO VALENTIM ROCHA LEAL E GLAUCO DE PAULA COCOZZA

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual

Cláudio Valentim Rocha Leal

Arquiteto e Urbanista. Mestre em Arquitetura e Urbanista pela Universidade Federal de Uberlândia.

Architect and urbanist. Master in Architecture and Urbanism (Federal University of Uberlândia).

Arquitecto y urbanista. Maestría en Arquitectura y Urbanismo (Universidad Federal de Uberlândia).

arquitetoclaudioleal@gmail.com

Glauco de Paula Cocozza

Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP.

Associate Professor at the Faculty of Architecture and Urbanism and Design at the Federal University of Uberlândia. PhD in Architecture and Urbanism (FAUUSP).

Profesor Asociado de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo y Diseño de la Universidad Federal de Uberlândia. Doctorado en Arquitectura y Urbanismo por la FAUUSP.

glauco.cocozza@ufu.br

Resumo

Este artigo trata da temática da análise imagética da paisagem urbana, com foco em paisagem férrea e seus desdobramentos morfológicos e sociais. Possui como recorte espacial o entorno da linha férrea de Teresina, capital do Piauí. Entende-se como entorno a o espaço urbano cuja conformação morfológica e visual seja afetada pela linha férrea, através de barreiras, transposições, observações de segregação socioespacial, percepções espaciais e sensoriais e raízes históricas de formação dos bairros. Objetiva-se apresentar um procedimento metodológico de análise visual do espaço e seus resultados para percepção da imagética da área de estudo. Como metodologia, realizou-se breve revisão referencial e bibliográfica sobre paisagem e imagética urbana, a fim de situar o leitor nos conceitos que servirão de base para compreensão dos resultados e conclusões. Em um segundo momento, realiza-se a análise visual do espaço, respaldada em visitas in loco, relatório fotográfico e análise descritiva. A análise baseou-se nos seguintes elementos morfológico-espaciais: padrão, escala, textura, cor, complexidade, longinquidade, unidade, forma, abertura e dinâmica visual. O recorte espacial, o entorno da linha férrea de Teresina, foi organizado em Unidades de Paisagem, a partir da qual foi aplicada a metodologia de análise. Observou-se que a partir aplicação da análise visual junto às imagens do levantamento fotográfico foi possível vislumbrar a conexão entre as Unidades de Paisagem e o imagético urbano da paisagem férrea. As cores, materiais e texturas materializam-se visualmente segundo a formação morfológica do ambiente urbano, resultando na paisagem vislumbrada. A partir da análise, foi possível também analisar o grau de conectividade, inserção na paisagem e na vida das pessoas e de segregação da linha férrea em relação ao seu entorno.

Palavras-chave: Paisagem urbana. Análise visual. Metodologia.

Abstract

This article deals with the theme of image analysis of the urban landscape, focusing on the iron landscape and its morphological and social developments. It has as a spatial cut the surroundings of the railway line of Teresina, capital of Piauí. Surroundings are understood to be the urban space whose morphological and visual conformation is affected by the railway, through barriers, transpositions, observations of socio-spatial segregation, spatial and sensory perceptions and historical roots of the formation of neighborhoods. The objective is to present a methodological procedure of visual analysis of the space and its results for the perception of the imagery of the study area. As a methodology, a brief referential and bibliographic review was carried out on landscape and urban imagery, in order to situate the reader in the concepts that will serve as a basis for understanding the results and conclusions. In a second moment, a visual analysis of the space is carried out, supported by on-site visits, photographic report and descriptive analysis. The analysis was based on the following morphological-spatial elements: pattern, scale, texture, color, complexity, remoteness, unity, shape, openness and visual dynamics. The spatial cut, the surroundings of the Teresina railway line, was organized into Landscape Units, from which the analysis methodology was applied. It was observed that from the application of the visual analysis together with the images of the photographic survey, it was possible to glimpse the connection between the Landscape Units and the urban imagery of the iron landscape. Colors, materials and textures materialize visually according to the morphological formation of the urban environment, resulting in the envisaged landscape. From the analysis, it was also possible to analyze the degree of connectivity, insertion in the landscape and in people's lives and the segregation of the railway line in relation to its surroundings.

Keywords: Urban landscape. Visual analysis. Methodology.

Resumen

Este artículo trata de la temática del análisis imagético del paisaje urbano, con foco en el paisaje terrestre y sus desdoblamientos morfológicos y sociales. Possui como recorte espacial o entorno da linha férrea de Teresina, capital do Piauí. Entende-se como entorno al espacio urbano cuja conformação morfológica e visual seja afetada pela férrea, através de barreiras, transposições, observações de segregação socioespacial, percepções espaciais e sensoriais e raízes históricas de formação dos bairros. Objetiva-se apresentar un procedimiento metodológico de análisis visual del espacio y sus resultados para la percepción da imagética del área de estudio. Como metodologia, realizou-se breve revisão referencial e bibliográfica sobre paisagem e imagética urbana, a fim de situar o leitor nos conceitos que servirão de base para compreender dos resultados y conclusiones. En un segundo momento, realice un análisis visual del espacio, respaldado en visitas in loco, relato fotográfico y análisis descriptivo. A análise baseou-se nos seguintes elementos morfológico-espaciales: padrão, escala, textura, cor, complexidade, longinquidade, unidade, forma, abertura e dinâmica visual. El recorte espacial, el entorno de la línea ferroviaria de Teresina, están organizados en Unidades de Paisagem, a partir de la calidad aplicada a la metodología de análisis. Observe que a partir de la aplicación de análisis visual junto con imágenes del levantamiento fotográfico es posible vislumbrar la conexión entre Unidades de Paisagem y el imaginario urbano del paisaje férreo. Como núcleos, materiales y texturas se materializan visualmente en segundo lugar a la formación morfológica del ambiente urbano, resultando en un paisaje vislumbrado. A partir del análisis, también es posible analizar el grado de conectividad, la inserción en el paisaje y la vida de las personas y la segregación de la línea de conexión en la relación con su entorno.

Palabras clave: Paisaje urbano. Análisis visuales. Metodología.

Introdução

Este artigo deriva de pesquisa realizada durante o mestrado do autor, a qual trata das narrativas da paisagem da linha férrea de Teresina, capital do Piauí. A pesquisa em questão partiu de inquietações sobre o papel das linhas férreas no contexto da formação da paisagem urbana contemporânea, com foco na paisagem férrea teresinense. Entende-se paisagem férrea teresinense como toda a área do entorno da linha férrea do por onde passa o VLT da cidade [1], cuja conformação morfológica e visual fosse afetada por esse elemento da infraestrutura urbana, através de barreiras, transposições, observações de segregação socioespacial, percepções espaciais e sensoriais e raízes históricas de formação dos bairros.

Em justificativa a esta pesquisa, coloca-se como necessário ao processo de valorização dessa paisagem e dos elementos que a compõem, como as pessoas e os lugares, a visibilização destes através de um estudo que possibilite a sua apresentação à sociedade e o seu reconhecimento como parte integrante do espaço urbano para que, assim, possam ser feito um planejamento urbano que considere essa paisagem não como o resultado de uma costura qualquer e aleatória do tecido urbano, mas uma área de integração urbana. Portanto, ao partir da hipótese de que a linha férrea, como forte elemento segregador antrópico do espaço, possui influência determinante na forma como a paisagem se constrói, reconstrói e se transforma, buscou-se realizar um inventário imagético da área, a fim de promover uma educação urbana da população. O recorte espacial estudado passou por um processo de esquecimento e isolamento do restante da cidade, resultando em espaços com alta vulnerabilidade social.

Compreendendo assim a necessidade de análise da paisagem com fins de educação urbana, este artigo objetiva apresentar os resultados da análise visual do espaço realizada para percepção da imagética da paisagem férrea de Teresina-PI. Como metodologia, realizou-se breve revisão referencial e bibliográfica sobre paisagem e imagética urbana, a fim de situar o leitor nos conceitos que servirão de base para compreensão dos resultados e conclusões. Em um segundo momento, realiza-se a análise visual do espaço, baseada em Cullen (2013). Esta foi uma das etapas do procedimento metodológico da pesquisa de mestrado e possui resultados próprios, respaldados em visitas *in loco*, relatório fotográfico e análise do autor. A análise baseou-se nos seguintes elementos morfológico-espaciais: padrão, escala, textura, cor, complexidade, longinquidade, unidade, forma, abertura e dinâmica visual. Esses termos serão mais bem explicados nos tópicos seguintes.

Paisagem e imagética urbana

A paisagem é um termo de abordagem polissêmica no campo conceitual e, ao mesmo tempo para cada um, a paisagem é única, em conceito e formação imagética. Para Sandeville Júnior (2005), a paisagem vai além do espaço observado, abarcando também a vivência desses espaços. Swanwick (2002) corrobora com essa ideia e trata a paisagem como resultado da percepção visual que se tem da interação entre elementos naturais e culturais e leva em consideração as dimensões morfológica (objetiva) e simbólica (subjativa) que formam e caracterizam essa percepção. Em outras palavras, para Swanwick, é a percepção das pessoas, a partir da visão, do olfato, da audição, dos sentimentos, das memórias e associações, que transforma um lugar na paisagem.

A partir dessa multiplicidade de entendimentos, passa a existir uma variedade de aspectos que interferem na essência da paisagem, como a estética, a cultura, as formas de apropriação dos espaços e as identidades coletivas. Tomando como exemplo

a metodologia de análise da paisagem de Cullen (2013) a narrativa urbana construída pela leitura da paisagem será única para cada observador, pois são diferentes as sensações, visões e experiências de cada ator urbano. Em outras palavras, conjunto de narrativas será múltiplo, corroborando com a abordagem polissêmica aqui citada.

Assim, passou-se a trabalhar a paisagem através de conceitos padronizados por entidades e departamentos de pesquisa. Citam-se para efeitos de exemplificação o catálogo elaborado pela *Countryside Agency em parceria com a Scottish Natural Heritage*, no Reino Unido em 2002, denominado *Landscape Character Assessment* (SWANWICK, 2002) e o Convênio Europeu da Paisagem publicou, na Espanha, os Catálogos da Catalunha em 2005 (LUCA E SANTIAGO, 2015).

O Convênio Europeu (COUNCIL OF EUROPE, 2008) supracitado entende a paisagem como parte do território, natural e/ou cultural, percebida, em todos os seus aspectos, pela população. Isso implica que, para o estudo da paisagem proposto pelo Convênio, a visão global se sobrepõe aos elementos isolados. O documento, conforme quadro, estabelece as etapas a seguir para a realização dos estudos de paisagem [1]:

Etapa 1	Conhecimento das paisagens; identificação, caracterização e qualificação;
Etapa 2	Formulação de objetivos de qualidade da paisagem;
Etapa 3	Alcance desses objetivos por meio de ações de proteção, gestão e gestão da paisagem ao longo do tempo (medidas e ações excepcionais e medidas e ações ordinárias);
Etapa 4	Acompanhamento das transformações, avaliação dos efeitos das políticas, possível redefinição de opções.

FIGURA 1 – Quadro com procedimento de estudo da paisagem do Convênio Europeu da Paisagem.

Fonte: Convênio Europeu da Paisagem (2008), adaptado pelos autores.

O Convênio (COUNCIL OF EUROPE, 2008) estabelece orientações teóricas, metodológicas e práticas para o tratamento da paisagem, tendo por base os seguintes princípios: considerar o território em sua totalidade, isto é, os espaços naturais, rurais, urbanos e periurbanos; analisar a paisagem sob os aspectos morfológico, histórico, cultural e natural, bem como levar em consideração a percepção da população sobre a paisagem; promover à população o conhecimento sobre a paisagem de forma acessível e compreensível; formular estratégias nos diferentes níveis administrativos (nacional, regional e local); integrar a paisagem às políticas territoriais e setoriais (administração holística); pôr em prática a participação pública; respeitar os objetivos da qualidade paisagística; e desenvolver a assistência mútua e o intercâmbio de informações entre os pesquisadores da paisagem. Para Vattimo (1992), a era pós-moderna caracteriza-se pela descontinuação da ideia de linearidade da evolução cultural, entendendo-se a realidade do tecido urbano como a formação de um mosaico diverso de narrativas de histórias locais. Lypovetsky (2011) corrobora com essa ideia e, segundo ele, um mesmo território apresenta realidades imagéticas diferentes, influenciadas sobretudo pelo choque entre agentes locais e as sucessivas manifestações dos agentes globais.

Essa realidade, identificada nas últimas décadas, se contrapõe à cidade moderna do século XX, caracterizada pela morfologia e traçados tecnocráticos, com baixo nível de urbanidade (LEFEBVRE, 1999) e que possuía uma narrativa única em qualquer local em que fosse implantada, a narrativa do zoneamento monótono. A cidade pós-moderna, por sua vez, apresenta-se como multicultural, fruto de território complexo e de difícil leitura urbanística (HARVEY, 2008).

Lynch (2011) ainda acrescenta mais complexidade às narrativas que são possíveis de se identificar nas cidades: não só os elementos físicos e fixos fazem parte da composição, mas também as pessoas e suas atividades. Além disso, segundo o autor, a apreensão da paisagem é “parcial, fragmentária, envolvida noutras referências”, impregnada de “memórias e significações” pessoais de cada observador (p. 11-12). Depreende-se dessa ideia de Lynch que a apreensão da paisagem pode ter resultados diversos não apenas

porque o tecido urbano é diverso, mas também porque os observadores/leitores da paisagem são também diversos, com relações diferentes com cada território. Conclui-se que a narrativa vem da paisagem e a leitura vem do observador, como em um texto esperando para ser lido. Portanto, para a compreensão da narrativa que a paisagem conta, é necessário, primeiramente, realizar a sua leitura.

Alguns fatores que contribuem para a leitura visual do ambiente urbano, como a qualidade urbano-ambiental dos espaços públicos, elementos socioeconômicos do transeunte e até mesmo o seu estado emocional. O primeiro relaciona-se à sinestesia trazidas pelo ambiente urbano: paisagens mais confortáveis para os sentidos são melhor vistas e experimentadas pelo usuário, favorecendo permanência. O segundo elemento diz respeito a espaços urbanos mais voltados para determinadas realidades sociais e econômicas, como os Shopping Centers. O terceiro, por fim, trata-se de aspecto subjetivo, em que cada usuário, fruto de uma vivência anterior, tende a reagir de uma forma à paisagem devido a fatores emocionais, podendo não perceber lugares por falta de prioridade visual, afinal pessoas com pressa ou estressadas tendem a deixar passar despercebidos significativos elementos da paisagem (LYNCH, 2011; CULLEN, 2013).

É importante ressaltar a leitura histórica da paisagem, pois esta é construída a partir da sobreposição, em camadas, de momentos passados e não se trata de uma leitura que possui como resultado um presente material, mas um passado em memória. Neste aspecto, também, o entendimento de paisagem se ramifica, podendo ocorrer diversas conformações imagéticas oriundas dessa leitura, da forma como ela é feita e com que objetivo ela é feita. Assim, a paisagem, como cenário de construção histórica a partir de seus espaços, especialmente os espaços públicos, apresenta-se como imagem real e imagem-memória (BERTRAND, 2004).

Cullen (2013) apresenta as diversidades possíveis de apreensão de narrativas, pautada em três aspectos sob o ponto de vista do observador: ótica, local e conteúdo. A ótica trata-se da visão serial do espaço, a qual entende que a paisagem urbana é uma “sucessão de surpresas ou revelações súbitas” (p. 11), isto porque, apesar de o observador poder atravessar a cidade numa velocidade uniforme, os pontos de vista do observador são diferentes. O segundo aspecto, o local, refere-se ao senso de localização e a reação do expectador a essa sensação, como lugares muito altos ou lugares subterrâneos, por exemplo. O último aspecto, o conteúdo, diz respeito ao que individualiza a cidade, como a percepção visual da sucessão de estilos arquitetônicos executados ao longo de sua história. Estes aspectos de leitura da paisagem apontados por Cullen serão amplamente utilizados na elaboração dos resultados desta pesquisa.

Lamas (2004), por outro lado, entende a leitura da paisagem como a percepção dos elementos morfológicos, como em um paralelo à análise e interpretação arquitetônica. Para o autor, fazem parte da leitura urbana os seguintes elementos morfológicos: solo-pavimento, edifícios, lote, quarteirão, plano marginal, logradouro, traçado, a praça, o monumento, a vegetação e o mobiliário urbano. Essa divisão não significa hierarquização de conjunto de elementos menores em um conjunto de elementos maiores, mas a partir do que é possível identificar em cada escala. A leitura se dá pela compreensão de um conjunto desses elementos (e não de seus elementos isolados) e a partir da escala de análise escolhida (escala da rua, escala do bairro e escala urbana).

Essas vias delimitarão as quadras, que por sua vez delimitarão os lotes. Cada lote poderá ter um uso diferente, desde que amparado pela lei. Um determinado uso poderá se tornar mais predominante que outro, por características diversas físicas (relevo, cursos hídricos, áreas de proteção ambiental) ou sociais (perfil histórico, gentrificação), tornando, por exemplo, determinada área em residencial ou comercial. Caso a diversidade se mantenha, poderá ser uma área de uso misto. Em resumo, a morfologia urbana é resultado da ação de diversos elementos, responsáveis pela construção da paisagem (LAMAS, 2004).

Uma observação importante é a sinonímia que Lamas (2004) dá aos termos “traçado” e “ruas” (p. 98), considerando-os como um mesmo elemento. Isso porque é a partir do traçado das vias que, segundo Lamas, inicia-se o planejamento de uma cidade. O autor cita como exemplo o traçado ortogonal greco-romano, amplamente utilizado nas cidades planejadas. Essa sinonímia, no entanto, se aplica às vias rodoviárias. As vias férreas, temática desta pesquisa, também realizam demarcações no tecido urbano das cidades, porém, historicamente, aparecem mais como ruptura do que fazem parte da composição do tecido urbano de maneira harmoniosa, como acontece com as ruas para carros ou passeios.

A imagética da paisagem férrea de Teresina-PI

Realiza-se aqui o estudo da paisagem férrea de Teresina como um estudo de seu entorno. Considerou-se entorno toda a área cuja conformação morfológica e visual fosse afetada pela linha férrea intraurbana. Foram consideradas para análise barreiras, transposições, observações de segregação socioespacial, percepções espaciais e sensoriais e raízes históricas de formação dos bairros. É dessa linha férrea intraurbana que faz uso o VLT, o qual compreende um percurso 13,5km e liga o bairro Centro ao bairro Itararé. A via férrea de que esse veículo faz uso, porém, é parte de um conjunto maior de vias ferroviárias interestaduais, que ligam a cidade de São Luís (MA) a Fortaleza (CE) para transporte cargueiro. A ideia primeira da implantação de um transporte urbano por trilhos em Teresina ocorreu na década de 1980, durante o governo Alberto Silva e ficou popularmente conhecido como metrô. A propaganda, à época, era de que o reuso da linha férrea pré-existente seria o grande trunfo, reduzindo o valor de implantação de 1,5 bilhão de dólares para 22 milhões de dólares. Tratou-se, portanto, de uma iniciativa do poder público estatal do Piauí (LEAL, 2022). A figura 2 apresenta a relação ramal, tempo e uso das vias férreas de Teresina.

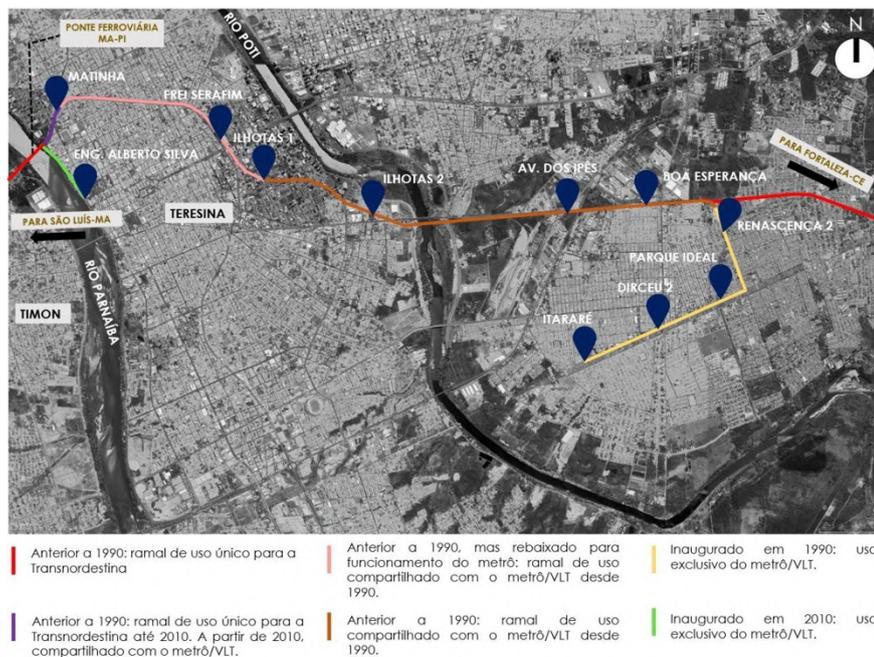


FIGURA 2 – Esquema de uso dos ramais tendo como referência o ano de inauguração do “metrô”, em 1990.

Fonte: Leal e Lopes, 2020.

O estudo da paisagem férrea de Teresina utilizou como método organizacional as Unidades de Paisagem, daqui por diante também chamadas de UPs. Estas são recortes espaciais com características morfológicas marcantes e comuns (AMORIM; COCOZZA, 2016). Dessa forma, foram catalogadas 7 UPs ao longo da linha férrea, cada uma catalogada de forma descritiva em texto e imagem. Tal classificação levou em consideração uma ficha de caracterização aplicada em visitas in loco e imagens do Google Street View. Dentre os critérios de classificação, estão os critérios de análise visual, conceituados a seguir [3]:

Padrão: este critério avalia a manutenção do padrão visual da área em dominante, forte, quebrado ou fraco. Quanto mais segregada a área, por exemplo, mais fraco será o seu padrão visual.
Escala: relaciona-se diretamente ao quanto é possível observar da paisagem a partir de determinado ponto de observação. Áreas mais fechadas podem necessitar de escalas menores e sua mensuração pode ser feita em escalas íntima, pequena, média e grande.
Textura: pode ser caracterizada como suave, texturizada, áspera ou muito áspera e leva em consideração os cheios e vazios. Quanto maior a existência de cheios, mais áspera é a paisagem.
Cor: mensura a diversidade de cores da paisagem (monocromático, cores suaves, colorido e vibrante) e relaciona a arquitetura e os espaços livres.
Complexidade: uniforme, simples, diversa e complexa
Longinquidade: do inglês <i>remoteness</i> , este item busca qualificar o espaço em relação à sua proximidade a centros urbanos complexos e ativos, caracterizando-o em rural, remoto, vazio urbano e ativo.
Unidade: deve ser mensurada a partir da continuidade do tecido urbano. Os graus desse critério são: unificado (tecido contínuo), interrompido (apresenta, de forma isolada, ruas sem continuidade, terrenos e campos vazios), fragmentado (apresenta diferentes conformações) e caótico (sem um critério de desenho definido).
Forma: referenciada a partir do tipo de traçado urbano, podendo ser reta, angular, curva e sinuosa.
Abertura: definida a partir da percepção do usuário quanto à amplitude da paisagem, podendo ser classificada em ampla, aberta, fechada e confinada.
Dinâmica Visual: definido a partir do quando a vista do observador consegue alcançar. Pode ser medido em extenso (com poucas edificações), disperso (edificações e espaços livres intercalados) e canalizado (edificações paralelas próximas umas das outras). Quando mais espaços livres e menor o número de construções, mais extenso e menos canalizado.

FIGURA 3 – Glossário de termos utilizados na análise visual do espaço.

Fonte: adaptado pelo autor (2022 apud Swanwick 2002).

A figura 4 sistematiza o recorte espacial de cada uma das UPs, bem como as suas denominações.

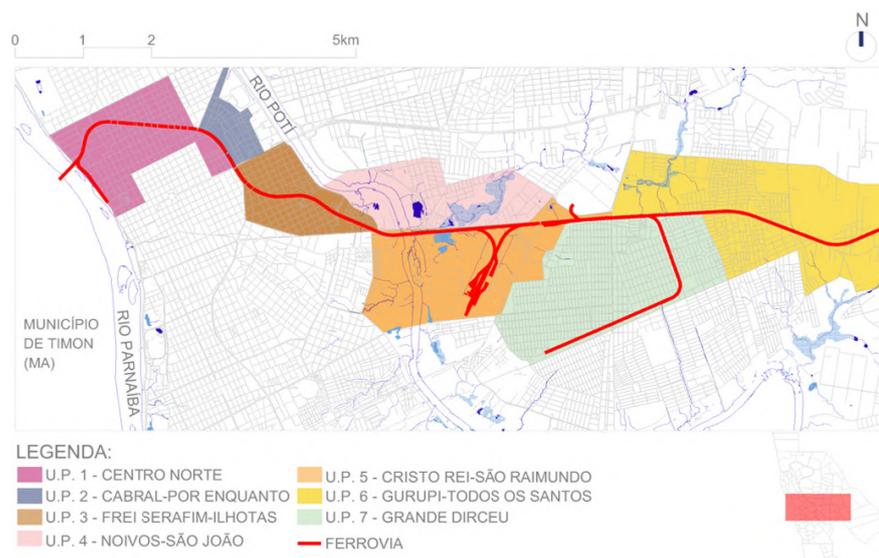


FIGURA 4 – Identificação das Unidades de Paisagem da linha férrea de Teresina.

Fonte: autoria própria.

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual

De forma geral, na escala da cidade, é possível perceber a seguinte gradação imagética ao longo das sete UPs [5], na qual é possível compreender as mudanças de cores, materiais e texturas ao longo da paisagem:

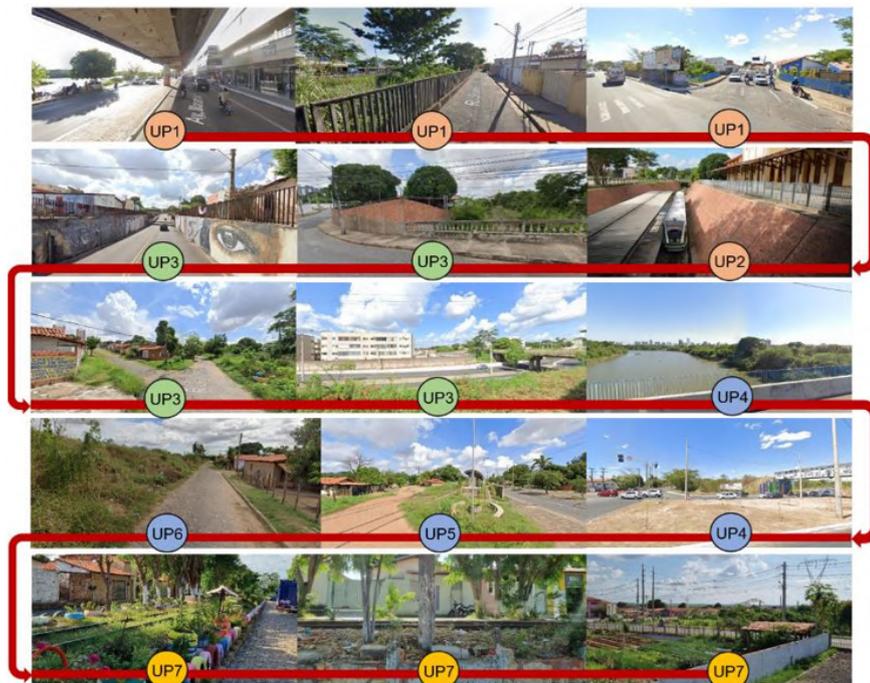


FIGURA5 – Visão serial da paisagem férrea, onde se percebe a gradação de cores, texturas e materiais da paisagem.

Fonte: autoria própria (2022).

LEGENDA

- GRUPO 1: ÁREA HISTÓRICA CONSOLIDADA
- GRUPO 2: ÁREA DE VULNERABILIDADE SOCIAL
- GRUPO 3: ÁREA DE VAZIOS URBANOS E VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAIS
- GRUPO 4: ÁREA DE EXPANSÃO URBANA BASEADA EM CONJUNTOS HABITACIONAIS COM VULNERABILIDADE SOCIAL

A UP 1 caracteriza-se, primordialmente, pelas marcas das transformações do tempo sobre Teresina, pois foi o primeiro lugar da cidade desenhada em 1852 pelo Plano Saraiva, às margens do rio Parnaíba na Chapada do Corisco. A localização geográfica no vale do Parnaíba proporciona ao local uma topografia descendente rumo ao rio. As edificações variam bastante entre as tipologias térrea e vertical, esta última originada em substituição às casas mais antigas em um processo de descaracterização da paisagem histórica. Os principais sítios patrimoniais do bairro Centro ficam no entorno das praças Marechal Deodoro da Fonseca, Pedro II e Saraiva. É nessas praças também onde é possível encontrar algum nível significativo de maciços arbóreos, considerados as áreas verdes do bairro (LOPES, LEAL E BRUNA, 2020). O Centro possui a peculiaridade de ter seu limite definido, a Norte e Nordeste, pela linha férrea, a qual opera em diferentes níveis: elevado da avenida Maranhão, ao nível da via em parte da avenida Miguel Rosa e o restante do percurso mergulhada em um fosso pelo restante do perímetro do Centro até a avenida Frei Serafim. O rebaixamento da linha férrea com a construção do fosso objetivou mitigar os conflitos entre rodovia e ferrovia, apesar de limitar as possibilidades de passagem transversal do Centro para a Zona Norte. Foram construídos pequenos viadutos em várias partes da avenida Miguel Rosa. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [6], bem como o mosaico da UP1 [7].

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual

FIGURA 6 – Análise visual da Unidade de Paisagem 1 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 1:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simple	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado



FIGURA 7 – Mosaico da imagética da UP 1.

Fonte: autoria própria (2022).

A UP 2 caracteriza-se por estar entre o Centro e o Rio Poti, portanto possui como principal característica topográfica pequenos morros e uma áreas de talvegue junto ao vale do rio supracitado. Os bairros possuem corredores de comércio, mas são primordialmente residenciais. As edificações variam desde a tipologia residencial horizontal (predominante) às tipologias verticais (de forma espaiada). Além do residencial, conta com usos institucional público, educacional, comércio e serviços, estes dois últimos contidos em um shopping center.

A UP 2 também possui um parque urbano, o Parque da Cidadania. Juntamente à linha férrea, o Parque da Cidadania é um elemento de segregação espacial devido à sua extensão e à ausência de elementos espaciais suficientes para integração com seu entorno, muito embora sua presença, ao mesmo tempo, tenha ajudado a integrar a área com uma via construída. Durante todo o trajeto da linha férrea nessa UP, os trens não são elementos constituintes da paisagem, pois sua circulação ocorre dentro do fosso, já explicado na UP anterior. Por isso, a faixa de domínio caracteriza-se como barreira transposta historicamente com viadutos para carros e pedestres. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [8], bem como o mosaico da UP 2 [9].

FIGURA 8 – Análise visual da Unidade de Paisagem 2 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 2:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simple	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual



FIGURA 9 – Mosaico da imagética da UP 2.

Fonte: autoria própria (2022).

A UP 3 é caracterizada pela distribuição segregada de edificações de alto padrão e comunidades de famílias de baixa renda. A disposição espacial é fortemente definida por essas características socioeconômicas, pois as famílias mais pobres estão de forma mais concentrada próximas à linha férrea, ao passo que as habitações de alto padrão encontram-se próximos a avenidas ou ruas, no mínimo, pavimentadas. É nessa localidade que predomina a deposição de lixo na faixa de domínio e um dos locais em que esta se encontra mais escondida do restante da cidade. A linha férrea constitui-se fortemente como um elemento segregador do espaço, possuindo alguns poucos gargalos de comunicação entre esses bairros e o centro. Está presente nessa UP o aglomerado subnormal Ferroviária. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [10], bem como o mosaico da UP3 [11].

FIGURA 10 – Análise visual da Unidade de Paisagem 3 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 3:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simple	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado



FIGURA 11 – Mosaico da imagética da UP 3.

Fonte: autoria própria (2022).

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual

A UP 4 caracteriza-se pela relação de proximidade com o rio Poti e a existência de vazios urbanos devido à presença de áreas importantes à drenagem urbana, como córregos, lagoas e suas áreas inundáveis. Enquanto o bairro Noivos é marcado pela verticalização, o bairro São João é composto majoritariamente por edificações térreas. Os usos comerciais estão dispostos nos principais eixos viários dos bairros, ao passo que o restante é predominantemente residencial, pontuado por instituições públicas e privadas.

A linha férrea não está inserida propriamente na região, mas é uma marca da paisagem. A estação que atende a área, denominada estação São João, na verdade encontra-se no bairro vizinho São Raimundo. Entretanto, visa atender a área mais adensada, do São João. Estão presentes na região como elementos marcantes da paisagem parques ambientais, áreas de proteção ambiental, uma Zona de Especial de Uso Sustentável (Zeus) e os aglomerado subnormais Do Céu e Mandacaru. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [12], bem como o mosaico da UP 4 [13].

FIGURA 12 – Análise visual da Unidade de Paisagem 4 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 4:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simple	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado



FIGURA 13 – Mosaico imagético da UP 4.

Fonte: autoria própria (2022).

A UP 5 é a região com maior área de espaços livres desqualificados. Caracteriza-se pela baixa presença de pessoas e habitações devido a fatores ambientais (Áreas de Proteção Permanente e Zonas Especiais de Uso Sustentável) e antrópicos, este último motivado pelo pátio de manobras da Rede Ferroviária Federal (REFESA). Possui um aglomerado subnormal, o São Raimundo, e um aglomerado urbano isolado. A estação do VLT presente na UP não visa atender a população dessa comunidade isolada, o que é evidenciado pela falta de conexão direta entre as residências e a estação. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [14], bem como o mosaico da UP 5 [15].

A imagética da paisagem férrea de Teresina: aplicação metodológica de análise visual

The imagery of Teresina's railway landscape: methodological application of visual analysis

La imagen del paisaje ferroviario de Teresina: aplicación metodológica del análisis visual

FIGURA 14 – Análise visual da Unidade de Paisagem 5 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 5:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simple	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado



FIGURA 15 – Mosaico imagético da UP 5.

Fonte: autoria própria (2022).



A UP 6 caracteriza-se principalmente pelo tipo de longinquidade apresentada, do tipo remoto, onde predominam os aglomerados urbanos isolados e já apresentando indícios da transição da zona urbana para a zona rural. Trata-se, portanto, de uma paisagem dispersa, em que há intermitência entre aglomerados e vazios urbanos. A monotonia e a baixa complexidade são características da área, que possui algum comércio concentrado em duas vias principais e apenas a nível local. A relação com a centralidade do Grande Dirceu torna a área ainda mais distante do Centro da cidade, muito embora a linha férrea seja uma barreira que propicia a formação de uma paisagem diferente da UP 7, a qual será tratada a seguir. Por fim, é importante ressaltar que parte da linha férrea dessa Unidade de Paisagem não compreende, até 2022, o trajeto do VLT, apenas o trem de carga da Transnordestina. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [16], bem como o mosaico da UP 6 [17].

FIGURA 16 – Análise visual da Unidade de Paisagem 6 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 6:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simple	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado

FIGURA 17 – Mosaico imagético da UP 6.

Fonte: autoria própria (2022).



A UP 7, em relação à linha férrea, caracteriza-se principalmente pela relação mais próxima pessoas-ferrovia, muito embora prevaleça a sua característica de elemento segregador do espaço. A região é a mais bem abastecida com o sistema VLT, possuindo cinco estações, quase a metade do total de 11. Conforme já apresentado no capítulo 1, foi em direção a essa região que a linha férrea foi primeiramente ampliada, a fim de que o transporte para pessoas por trem na cidade pudesse ser iniciado. Essa escolha se deu pelo fato de o bairro Itararé ser o mais populoso de Teresina, característica essa que permaneceu até o último recolhimento de dados pelo IBGE, em 2010.

A UP 7 comporta-se como uma centralidade à parte da cidade, possuindo ampla oferta de comércio, serviços e atividades culturais de forma praticamente autossuficiente. Encontra-se, inclusive, isolada geograficamente por áreas de preservação e pelo Rio Poti, o que impulsionou essa dinâmica na região. A seguir, encontra-se descrita a análise visual [18], bem como o mosaico da UP 7 [19].

FIGURA 18 – Análise visual da Unidade de Paisagem 7 segundo os parâmetros pré-estabelecidos e conceituados para a pesquisa.

Fonte: autoria própria (2022).

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO VISUAL UP 7:				
PADRÃO	Dominante	Forte	Quebrado	Fraco
ESCALA	Íntima	Pequena	Média	Grande
TEXTURA	Suave	Texturizada	Áspera	Muito áspera
COR	Monocromático	Cores suaves	Colorido	Vibrante
COMPLEXIDADE	Uniforme	Simples	Diversa	Complexa
LONGINQUIDADE	Rural	Remoto	Vazio urbano	Ativa
UNIDADE	Unificado	Interrompido	Fragmentado	Caótico
FORMA	Reta	Angular	Curvo	Sinuoso
ABERTURA	Ampla	Aberta	Fechada	Confinada
DINÂMICA VISUAL	Extenso	Espalhado	Disperso	Canalizado



FIGURA 19 – Mosaico imagético da UP 7.

Fonte: autoria própria (2022).

Considerações Finais

Observou-se que a partir da aplicação da análise visual junto às imagens do levantamento fotográfico foi possível vislumbrar a conexão entre as Unidades de Paisagem e o imagético urbano da paisagem férrea. As cores, materiais e texturas materializam-se visualmente segundo a formação morfológica do ambiente urbano, resultando na paisagem vislumbrada. A partir da análise, foi possível também analisar o grau de conectividade, inserção na paisagem e na vida das pessoas e de segregação da linha férrea em relação ao seu entorno. Sobre as ferramentas de trabalho e pesquisa utilizadas, ressalta-se a importância das ferramentas gratuitas disponíveis para trabalho, além da análise in loco, como o Google Street View, o qual permite uma maior celeridade no processamento da análise de dados, bem como

uma análise temporal da paisagem em um mesmo ponto, possibilitando observar suas transformações. Ressalta-se, no entanto, que é importante que o pesquisador tente trabalhar com dados atualizados e, por isso, é necessário minimamente uma visita ao local para verificar as transformações e persistências da paisagem estudada e confrontá-las com os dados recolhidos com a Street View. Dessa forma, essa ferramenta auxilia na catalogação de áreas inseguras ao pesquisador para realização do relatório fotográfico. Nesses casos, optou-se pela utilização do Street View para obtenção das imagens e reconhecimento posterior da área dentro de veículo próprio do pesquisador.

Constatou-se que os principais desafios encontrados dizem respeito à configuração da linha férrea como elemento antrópico de segregação espacial que incorre de tráfegar áreas social e/ou ambientalmente vulneráveis, do que se depreende a necessidade de um planejamento urbano holístico e humanizado para a integração mútua entre linha férrea e cidade e, dessa maneira, se possa resolver os problemas urbanos e utilizar das potencialidades de cada área para o desenvolvimento da qualidade urbana. Antes de finalizar, é importante salientar que essa pesquisa contribui grandemente, ainda, como aparato teórico-metodológico para futuros estudos da paisagem ao apresentar variadas possibilidades metodológicas que compreendem as transformações da paisagem e suas nuances, através da revisão e síntese metodológica apresentada e aplicada, bem como das estratégias específicas desenvolvidas para a própria pesquisa. Entretanto, cabe ressaltar também que pesquisas que trabalhem a realidade urbana e local se ajustarão melhor ao método final aqui trabalhado, muito embora o caminho para a escolha do método pode ser replicado também para estudos em outras escalas e, assim, novos métodos possam ser criados e/ou utilizados.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo apoio durante desenvolvimento da pesquisa. À CAPES pelo financiamento através de bolsa de fomento.

Referências

AMORIM, Nayara; COCOZZA, Glauco de Paula. As Unidades de Paisagem enquanto ferramenta de diagnóstico urbano ambiental e zoneamento da paisagem. **Cadernos de Arquitetura**, v. 23, n. 33, p. 132-153, 2016.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Curitiba: Editora UFPR, n. 8, p. 141-152, 2004.

COUNCIL OF EUROPE. **Recomendación del Comité de Ministros a los estados miembros sobre las orientaciones para la aplicación del Convenio Europeo del Paisaje (versão em castelhano)**. Disponível em: https://www.mapa.gob.es/es/desarrollo-rural/planes-y-estrategias/desarrollo-territorial/09047122800d2b4d_tcm30-421588.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2013.

DE LUCA, V.G.; SANTIAGO, A. G.. Avaliação do caráter da paisagem: abordagens europeias. **Paisagem e Ambiente**, v. 36, p. 36-46, 2015.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. 3ed. WMF Martins Fontes, 2011.

SANDEVILLE JR., Euler. PAISAGEM. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 20, p. 47-60, 2005.

SWANWICK, Carys. **Landscape Character Assessment**: guidance for England and Scotland. Scottish Natural Heritage & The Countryside Agency, 2002.

VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 27/08/2023

Aprovado em 29/11/2023

CRISTIANE MARTINS BALTAR PEREIRA, CAROLINE GANZERT AFONSO E PAULO SERGIO SCARAZZATO

O uso das janelas na história da arquitetura

The use of windows in the history of architecture

El uso de ventanas en la historia de la arquitectura

Cristiane Martins Baltar Pereira

Doutoranda em Tecnologia da Arquitetura pela Universidade de São Paulo – FAUUSP; mestre em Engenharia da Construção Civil pela universidade Federal do Paraná; especialista em Metodologia do Ensino Superior e Arquiteta e Urbanista, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Foi coordenadora do curso de pós-Graduação em Arquitetura de Iluminação e professora dos cursos de Arquitetura e Design no Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba (2011- Atual). Professora do curso de Design da Universidade Positivo (2011-2020). Professora da Faculdade da indústria (SENAI, 2021-Atual); professora do Centro Universitário Unidombosco. Autora dos livros: Arquitetura Gastronômica, Arquitetura Neovernacular de Curitiba, Design de Interiores Comercial.

PhD student in Architectural Technology at the University of São Paulo – FAUUSP; master in Civil Construction Engineering from the Federal University of Paraná; specialist in Higher Education Methodology and Architect and Urban Planner, from the Pontifical Catholic University of Paraná. She was coordinator of the postgraduate course in Lighting Architecture and professor of Architecture and Design courses at Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba (2011- Current). Professor of the Design course at Universidade Positivo (2011-2020). Professor at the Faculty of Industry (SENAI, 2021-Current); professor at Centro Universitário Unidombosco. Author of the books: Gastronomic Architecture, Neovernacular Architecture of Curitiba, Commercial Interior Design.

Estudiante de Doctorado en Tecnología Arquitectónica en la Universidad de São Paulo – FAUUSP; maestría en Ingeniería de Construcción Civil de la Universidad Federal de Paraná; especialista en Metodología de la Educación Superior y Arquitecto y Urbanista, de la Pontificia Universidad Católica de Paraná. Fue coordinadora del posgrado en Arquitectura de Iluminación y profesora de los cursos de Arquitectura y Diseño en el Centro Universitario Curitiba – Unicuritiba (2011-Actualidad). Profesor del curso de Diseño de la Universidade Positivo (2011-2020). Profesor de la Facultad de Industria (SENAI, 2021-Actualidad); Profesor del Centro Universitario Unidombosco. Autor de los libros: Arquitectura Gastronómica, Arquitectura Neovernacular de Curitiba, Diseño de Interiores Comerciales.

cristianebaltarpereira@gmail.com

Caroline Ganzert Afonso

Doutora em Geografia, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; mestre em Tecnologia, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; especialista em Arte Educação, pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP-PR; especialista em História da Arte, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), e especialista em Restauração de Arquitetura, pela Unyleya; Arquiteta e Urbanista, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e Tecnóloga em Design de Móveis, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design (nas diversas especialidades), no Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba (2009 – atual), na Faculdades Estácio Curitiba (2021 – atual). Autora do livro: Gerenciamento de obras para o Designer de Interiores.

PhD in Geography, from the Federal University of Paraná – UFPR; master in Technology, from the Federal Technological University of Paraná – UTFPR; specialist in Art Education, from the Faculty of Arts of Paraná - FAP-PR; specialist in Art History, from the Pontifical Catholic University of Paraná (PUC-PR), and specialist in Architectural Restoration, from Unyleya; Architect and Urban Planner, from the Federal University of Paraná – UFPR and Technologist in Furniture Design, from the Federal Technological University of Paraná – UTFPR. Professor of Architecture and Urbanism and Design courses (in the various specialties), at Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba (2009 – current), at Faculdades Estácio Curitiba (2021 – current). Author of the book: Construction Management for the Interior Designer.

Doctor en Geografía, por la Universidad Federal de Paraná – UFPR; maestría en Tecnología, de la Universidad Tecnológica Federal de Paraná – UTFPR; especialista en Educación Artística, de la Facultad de Artes de Paraná - FAP-PR; especialista en Historia del Arte, de la Pontifícia Universidad Católica de Paraná (PUC-PR), y especialista en Restauración Arquitectónica, de Unyleya; Arquitecto y Urbanista, de la Universidad Federal de Paraná – UFPR y Tecnólogo en Diseño de Mobiliario, de la Universidad Tecnológica Federal de Paraná – UTFPR. Profesor de los cursos de Arquitectura y Urbanismo y Diseño (en las diversas especialidades), en el Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba (2009 – actualidad), en las Faculdades Estácio Curitiba (2021 – actualidad). Autor del libro: Dirección de Obra para el Diseñador de Interiores.

cgarquitetura@gmail.com

Paulo Sergio Scarazzato

Arquiteto. Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Tem participação ativa nas seguintes entidades: CIE (Commission Internationale de L'Éclairage), IES (Illuminating Engineering Society, SBLuz (Sociedade Brasileira de Luz e Iluminação) e ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Tradutor do livro seminal "Learn to See. A matter of light", de Howard Brandston, publicado no Brasil em 2010 com o título "Aprender a Ver: a essência do design da iluminação" (ISBN 978-85-63292-00-1). Palestrante convidado de universidades e outras entidades no Brasil, EUA, Portugal, e Israel. Autor de projetos de arquitetura e de iluminação, para distintas tipologias de edificação, em diferentes escalas (pequena, média e grande).

Architect. Associate Professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at the University of São Paulo (FAUUSP). He has active participation in the following entities: CIE (Commission Internationale de L'Éclairage), IES (Illuminating Engineering Society, SBLuz (Sociedade Brasileira de Luz e Iluminação) and ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Translator of the seminal book "Learn to See. matter of light", by Howard Brandston, published in Brazil in 2010 with the title "Learning to See: the essence of lighting design" (ISBN 978-85-63292-00-1). Guest speaker at universities and other entities in the Brazil, USA, Portugal, and Israel. Author of architectural and lighting projects, for different types of buildings, on different scales (small, medium and large).

Arquitecto. Profesor asociado de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo (FAUUSP). Tiene participación activa en las siguientes entidades: CIE (Commission Internationale de L'Éclairage), IES (Illuminating Engineering Society, SBLuz (Sociedade Brasileira de Luz e Iluminação) y ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Traductor del libro seminal "Learn to Ver. cuestión de luz", de Howard Brandston, publicado en Brasil en 2010 con el título "Aprender a ver: la esencia del diseño de iluminación" (ISBN 978-85-63292-00-1). Orador invitado en universidades y otras entidades. en Brasil, EE.UU., Portugal e Israel. Autor de proyectos arquitectónicos y de iluminación, para diferentes tipos de edificios, en diferentes escalas (pequeñas, medianas y grandes).

pasezato@usp.br

Resumo

As janelas são um importante elemento da arquitetura na composição da fachada, volumetria externa e principalmente para a contribuição de ventilação, iluminação e bem-estar para os ocupantes das edificações. Elas estiveram presentes nas construções desde as primeiras edificações e ao longo dos anos sofreram alterações de tamanho, formatos, materiais e função. O objetivo do estudo é demonstrar os diferentes papéis que esse elemento arquitetônico assumiu durante a evolução da arquitetura e apresentar como ela ainda continua a evoluir atendendo às necessidades contemporâneas da sociedade, sendo um elemento fundamental para a qualidade do espaço interno. Foi realizada uma revisão bibliográfica da literatura para coleta dos dados e realizado um panorama geral sobre a utilização desse elemento nas transformações da arquitetura. Foi verificado que as janelas acompanharam as mudanças da humanidade e da arquitetura ao longo dos anos, refletindo as alterações das necessidades, sejam elas culturais, estéticas, tecnológicas ou estruturais. Além disso, elas contribuem para a saúde e bem-estar dos ocupantes, atingindo diretamente o rendimento dos usuários, estado psicológico e relação com o ambiente externo. As investigações apresentam como a arquitetura trabalha neste sentido, criando visuais, soluções estéticas e urbanas e relações com o ambiente externo através das janelas. Novas pesquisas surgem para recriar as qualidades físicas e psicológicas das janelas, janelas virtuais, para utilização em espaços pouco iluminados e insalubres, demonstrando assim que a presença desse elemento, mesmo que de maneira virtual, impacta na qualidade de vida das pessoas. Conhecer as transformações deste elemento arquitetônico possibilita entender as suas características não apenas técnicas, mas também sua influência sobre o fazer arquitetônico e sobre seus usuários.

Palavras-chave: História da Arquitetura. Janelas. Janelas Virtuais. Conforto ambiental.

Abstract

Windows are an important element of architecture in the composition of the facade, external volumetry and mainly for the contribution of ventilation, lighting, and well-being for the occupants of the buildings. They have been present in buildings since the first buildings and over the years have undergone changes in size, format, materials, and function. The objective of the study is to demonstrate the different roles that this architectural element has taken during the evolution of architecture and to present how it continues to evolve, meeting the contemporary needs of society, being a fundamental element for the quality of internal space. A bibliographical review of the literature was carried out to collect data and a general overview of the use of this element in architectural transformations. It was verified that windows have accompanied the changes of humanity and architecture over the years, reflecting changes in needs, whether cultural, aesthetic, technological or structural. Furthermore, they contribute to the health and well-being of occupants, directly affecting users' performance, psychological state, and relationship with the external environment. The investigations show how architecture works in this sense, creating visuals, aesthetic and urban solutions and relationships with the external environment through windows. New research is emerging to recreate the physical and psychological qualities of windows, virtual windows, for use in poorly lit and unhealthy spaces, thus demonstrating that the presence of this element, even in a virtual way, impact people's quality of life. Knowing the transformations of this architectural element makes it possible to understand not only its technical characteristics, but also its influence on architectural work and its users.

Keywords: History of Architecture. Windows. Virtual Windows. Environmental comfort.

Resumen

Las ventanas son un elemento importante de la arquitectura en la composición de la fachada, el volumen exterior y principalmente por el aporte de ventilación, iluminación y bienestar de los ocupantes de los edificios. Han estado presentes en los edificios desde las primeras construcciones y con el paso de los años han sufrido cambios de tamaño, formato, materiales y función. El objetivo del estudio es demostrar los diferentes roles que este elemento arquitectónico ha asumido durante la evolución de la arquitectura y presentar cómo continúa evolucionando, satisfaciendo las necesidades contemporáneas de la sociedad, siendo un elemento fundamental para la calidad del espacio interno. Se realizó una revisión bibliográfica de la literatura para recolectar datos y se realizó un panorama general del uso de este elemento en las transformaciones arquitectónicas. Se constató que las ventanas han acompañado los cambios de la humanidad y de la arquitectura al largo de los años, reflejando cambios en las necesidades, ya sean culturales, estéticas, tecnológicas o estructurales. Además, contribuyen a la salud y el bienestar de los ocupantes, afectando directamente al rendimiento de los usuarios, al estado psicológico y a la relación con el entorno exterior. Las investigaciones muestran cómo la arquitectura funciona en este sentido, creando soluciones y relaciones visuales, estéticas y urbanas con el entorno exterior a través de las ventanas. Nuevas investigaciones están surgiendo para recrear las cualidades físicas y psicológicas de las ventanas, las ventanas virtuales, para su uso en espacios poco iluminados e insalubres, demostrando así que la presencia de este elemento, incluso de forma virtual, impacta en la calidad de vida de las personas. Conocer las transformaciones de este elemento arquitectónico permite comprender no sólo sus características técnicas, sino también su influencia en la obra arquitectónica y sus usuarios.

Palabras clave: Historia de la Arquitectura. Ventanas. Ventanas Virtuales. Confort ambiental.

Introdução

O significado da palavra “janela” tem origem no latim – *januella* - diminutivo de *janua*, que significava porta, passagem, entrada, acesso (JORGE, 1995). As janelas são consideradas elementos complexos, dinâmicos e ao mesmo tempo discretos da arquitetura por fazerem parte do cotidiano da sociedade atual, porém é um importante elemento para a qualidade do ambiente interno assim como, para a qualidade volumétrica e compositiva da edificação (SILVA, 2008). Também desempenham papel importante quando a eficiência energética e qualidade de vida dos ocupantes.

Elas podem assumir um papel funcional para auxiliar na ventilação, iluminação, acústica, isolantes térmicos, ou podem assumir um papel simbólico como os vitrais das igrejas góticas que contam a história bíblica, ou ainda podem assumir um papel de efeitos cênicos, como as janelas projetadas pelo arquiteto Tadao Ando na igreja da luz ou as vidraças da Capela de Peregrinação de Ronchamp de Le Corbusier, onde as janelas se assemelham a buracos vazados numa caverna para inundar de luz e significados o ambiente.

Do ponto de vista social, a janela também adquire significado, é a ligação à rua, o lugar por excelência para observar tudo o que nos rodeia e, até quem sabe, para ver sem ser visto. Como afirma Jane Jacobs em seu livro, Morte e vida das grandes cidades (1961), as janelas são os olhos da rua, conferindo segurança para quem circula nas cidades. As janelas também podem contribuir para ampliar a sensação de dimensões dos ambientes internos, pois estabelecem uma conexão com exterior ampliando o campo de visão. Além disso, servem de moldura para uma paisagem externa dinâmica e mutável que varia de acordo com horas do dia e épocas do ano.

A luz natural recebida através de uma janela, devido à sua variabilidade, possui a característica de produzir uma ambiência inesperada, seja pela distribuição da luz no espaço, seja pela vista proporcionada através da janela, e, portanto, pode ter certa influência no estado de humor das pessoas, afetando indiretamente a produtividade das mesmas. (ALBERTINI, SCARAZZATO, 2015)

O objetivo geral do trabalho é apresentar as transformações que esses elementos tiveram no decorrer da história da Arquitetura e sua importância para os espaços internos e para os usuários. Como objetivos específicos o trabalho apresenta as informações do uso das janelas na arquitetura vernacular, durante os períodos posteriores da história, e as alternativas mais recentes para o uso de janelas, que foram realizadas para atender a espaços enclausurados, na busca pela qualidade ambiental e a saúde dos usuários.

Com as transformações da sociedade e evolução dos materiais e tecnologias, as janelas assumem diferentes tamanhos, formatos e diferentes significados na arquitetura. Para Silva (2008) as janelas já foram locais de namoro de conversa e convívio, e se manifestam pela presença das velhas e gastas conversadeiras. Muitas vezes é a liberdade para alguém que, por algum motivo, não pode frequentar a rua.

Alguns autores estudam a importância da janela para satisfação com a qualidade da vista exterior, aumento da permanência no espaço e tolerância ao ofuscamento (BOYCE et al., 2003; 2004; VEITCH, 2012).

Em estudo recente Farley e Veitch (2021) reforçaram a importância da presença da janela nos ambientes para a saúde fisiológica e psicológica dos ocupantes, mas além disso, eles destacaram no estudo a qualidade visual externa. Foram criados critérios para análise da qualidade do visual e contribuição na sensação de bem-estar do ocupante. Os critérios foram: características do que se vê no exterior, acesso a visualização externa sob a posição do ocupante e clareza de visão.

Esses estudos demonstram que, não somente a presença da janela, mas o que se consegue captar através delas, são influências que os usuários estão sujeitos a utilizar os espaços, e que a qualidade do que se avista, influencia diretamente na qualidade de vida destes. Além da qualidade da vista que é conseguida através das janelas, estudos recentes destacam também a importância da luz natural proveniente das janelas na regulação dos ritmos circadianos do ser humano e o impacto na saúde do usuário (PEETERS, 2023).

Revisão da Bibliografia: Presença das Janelas na Arquitetura – Um passeio pela História

A história das janelas remonta há milhares de anos, tendo desempenhado um papel essencial na evolução da arquitetura e na forma como as pessoas vivem e interagem com o mundo exterior. Desde suas origens rudimentares até as modernas janelas de vidro duplo seletivo, elas passaram por diversas transformações.

De acordo com Le Corbusier (1998) “a história da arquitetura é também a história das janelas”. Porém o estudo histórico das janelas pode ser extenso, pois existem muitos elementos e materiais envolvidos, como as vergas, cornijas, elementos de proteção para água, tipos de vidros, caixilhos, ornamentos, peitoris, diferentes tecnologias, elementos de proteção solar (venezianas, cortinas, persianas, *brises*), tipos de aberturas, além das variações físicas desses elementos ela também podem assumir significados.

No período Neolítico as habitações tinham um ambiente único com apenas uma abertura, ou seja, a de acesso ao espaço interior. Com a descoberta do fogo, houve a necessidade de outras aberturas, para permitir a saída da fumaça, renovando o ar. Além disso, com apenas uma abertura não era possível ventilar, iluminar e ao mesmo tempo proteger os espaços internos, com isso foram criadas aberturas que eram capazes de satisfazer a essa necessidade. Eram aberturas pequenas, devido a fragilidade estrutural que causavam na parede, assim como na segurança (JORGE 1995).

Em muitas construções vernaculares foram agregadas às janelas, tecidos, peles, madeiras e outros materiais de maneira a proporcionar uma seletividade maior das condições que entram por esse orifício. Ao longo dos anos as aberturas foram sendo modificadas e se tornaram maiores exigindo muitas vezes um reforço estrutural, ainda que muito remoto (SILVA, 2008).

Na maioria dos casos na arquitetura vernacular buscava-se realizar as aberturas das edificações de acordo com o clima do local e através da observação sobre o ambiente, tentando assim, aproveitar as condições ambientais. Rudofsky (1964) destaca que os construtores sem estudo, vernáculos, mostraram um admirável talento em construir suas edificações sobre o meio natural que os cercavam. Em algumas regiões existem a presença de janelas pequenas, para minimizar a entrada de ar quente, enquanto em outras as aberturas eram grandes e sem proteção, para maximizar a ventilação. Essas diferenças aconteciam para uma maior adaptação das casas ao clima do local. Nas casas dos pescadores, por exemplo, também classificadas como vernaculares, existia sempre uma proteção vertical na frente das aberturas, minimizando assim a entrada de areia trazida pelos ventos. Esse fato demonstra o estudo sobre o ambiente para melhorar as condições internas das edificações (LIMA JUNIOR, 2006).

Outro exemplo sobre o estudo das janelas nas construções vernáculos são as construções sobre o vulcão, que explodiu na pré-história, na cidade histórica de Rugged. Na paisagem árida, as construções foram feitas de maneira clara no exterior – contrastando com as cores cinzas do vulcão – e apresentavam as superfícies claras

no interior também, para gerar mais luz através da reflexão desses planos, já que as janelas eram pequenas, maximizando assim a iluminação. Nesse exemplo é possível notar que a janela tinha também a função de iluminar e não somente de ventilar (RUDOLFSKY, 1964).

Mohammadabadi e Shimaossadat (2011) destacam que em algumas regiões de clima quente e seco fez-se o uso de chaminés de ventilação e de paredes com espessuras de um metro com o objetivo de atraso térmico. Nessas construções as janelas são muito pequenas e as aberturas acontecem na parte superior das torres, assim o ar quente não entra diretamente no ambiente, entrando pela parte superior e resfriando até chegar ao nível do usuário.

No Egito as construções continham aberturas horizontais estreitas, localizadas junto ao teto. Na cultura egípcia a falta de iluminação estava associada a crenças religiosas, além de o sistema construtivo impossibilitar grandes vãos (JORGE, 1995).

Segundo Jorge (1995) as primeiras grandes modificações nas janelas acontecem na Grécia. Para essa civilização as aberturas eram importantes para a ventilação e para a iluminação interna. Surgiram nessa época os átrios internos. As aberturas eram feitas voltadas para esse grande átrio, pátios internos ou peristilo. Assim, as paredes externas quase não tinham aberturas, e, se tivessem, elas eram altas e pequenas, para impedir a visibilidade vinda do exterior. Para Jorge (1995) essa estratégia era importante para separar o meio público do privado.

Contudo, como aponta Motta (2014, p.100), apesar de conhecerem o arco, os gregos não o utilizavam, mesmo tendo havido um experimento com a Ponte de Pergamon, construída em cerca de 500 a.C.

[...] a mais importante característica da arquitetura romana é, porém, o uso de arcos. Essa invenção teve reduzida ou nenhuma importância nas edificações gregas, embora possivelmente não fosse desconhecida dos arquitetos gregos. Construir um arco com pedras separadas em forma de cunha é uma difícilíssima façanha da engenharia. [...] os romanos tornaram-se grandes especialistas na arte da construção de abóbodas, graças a diversos expedientes de natureza técnica. (GOMBRICH, 1999, p.120)

Já no império Romano o uso e formato das janelas foi ampliado, em especial em construções religiosas e salas termiais. Isso se deve ao fato de os Romanos dominarem e aplicarem mais técnicas construtivas que permitissem grandes vãos do que os Gregos. Outras questões que influenciaram nesse processo foram as condições climáticas e a participação social, que exigiam maior iluminação dentro dos espaços (BECKETT, GODFREY, 1978).

Os romanos criaram o vocabulário completo para todas as estruturas duráveis de grandes vãos utilizadas até o século XIX (SILVA, 2008). A utilização do potencial estrutural dos arcos, o desenvolvimento das abóbodas de berço e de aresta em sua arquitetura monumental e um melhor aproveitamento dos materiais utilizados foram marcas de seu legado arquitetônico à humanidade. Dentre os materiais destacam-se a pedra, o tijolo e o concreto, este último de grande importância para a construção. (NUNES, 2009, p. 40)

O formato mais utilizado das aberturas pelos Romanos era o arco perfeito, pois ajudavam a estruturar os vãos, além das aberturas zenitais, que iluminavam muito o interior e geravam uma iluminação dinâmica e cênica, trazendo um simbolismo para o espaço interno. Essa estratégia pode ser bem exemplificada no Panteão. Nessa edificação um grande óculo foi aberto no topo da cúpula, e as paredes da rotunda eram cegas pelo exterior, e, no interior, apresentam nichos – janelas falsas coroadas por frontões estilizados – recriando uma praça no interior da edificação [1] (GLANCEY, FOSTER, 2000).

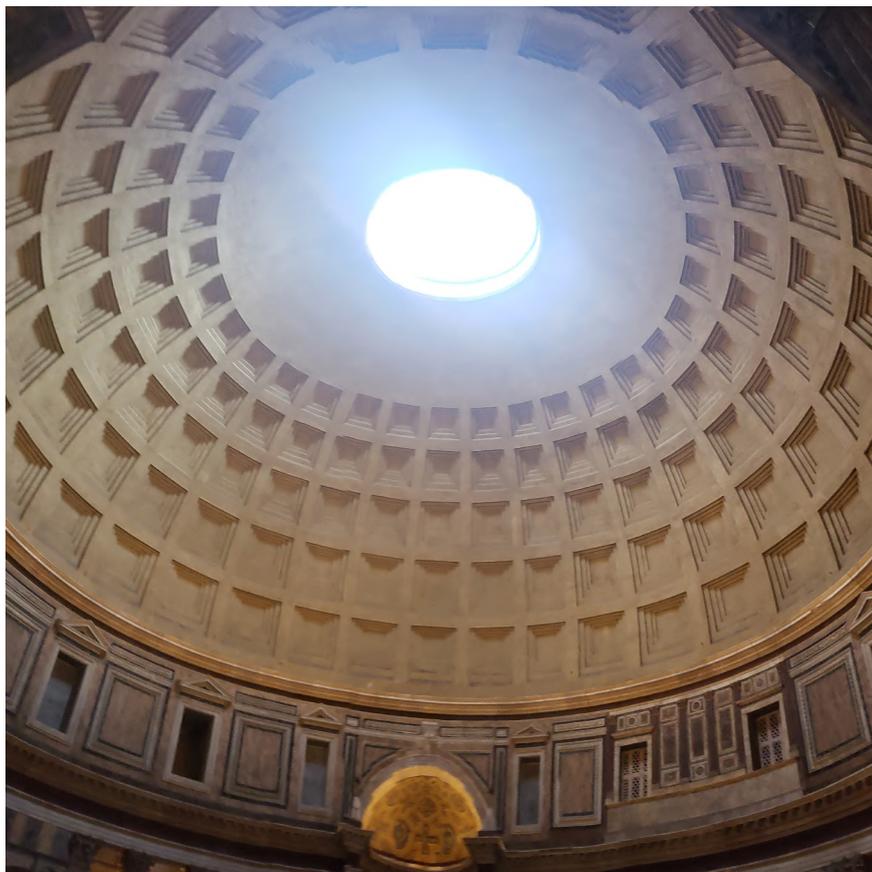


FIGURA 1- Panteão

Fonte: Das autoras (2019)

Na arquitetura residencial Romana as janelas eram abertas para o exterior, já nos meios urbanos as janelas eram altas e normalmente fechadas por venezianas para diminuir o ruído e conferir mais privacidade. No início essas aberturas eram pequenas e conhecidas como “*oculi*”, esses eram usados para ventilação. À medida que a arquitetura romana avançou, as aberturas ficaram maiores e se chamavam “*fenestrae*”. Às vezes tinham grades de madeira para proteção de intrusos (GLANCEY, FOSTER, 2000).

Assim como na arquitetura Grega, algumas casas Romanas tinham um pátio central para onde eram feitas as aberturas. Nas residências de pessoas mais ricas, eram feitas aberturas em óculos de concreto, muito similar a estrutura do Panteão, porém em menores proporções. As residências na cidade de Herculano, na Itália, tinham pátio central para facilitar a iluminação. A cidade foi destruída, assim como Pompéia, pela erupção de um vulcão (GLANCEY, FOSTER, 2000).

De acordo Boatwhight *et al* (2013) os romanos desenvolveram o uso de vidros a partir do século I d.C., mas era um material muito caro. Esse vidro era feito de mica – minério translúcido que minimizava a passagem de ruído e ventos indesejáveis. Essa técnica se espalhou pela Europa no período medieval, ainda que de forma remota.

Durante a época medieval, o uso das janelas continuou a se transformar, refletindo as mudanças na arquitetura, na tecnologia disponível e nas necessidades da sociedade. Nesse período, as janelas desempenhavam papéis práticos, estéticos e simbólicos. Nos castelos, que tinham poucas janelas em função da proteção, as aberturas eram chamadas de “seteiras” ou “frestas” e eram estreitas e verticais. Tinha o objetivo de permitir que os defensores disparassem contra os invasores, enquanto ofereciam proteção (SILVA, 2008).

Nas igrejas desse período, a estratégia de iluminação mais explorada era a zenital ou em clerestório - que é a parte alta da parede da nave de uma igreja, iluminada naturalmente por um conjunto de janelas laterais do andar superior, especialmente nas igrejas do estilo gótico. Muitas vezes as aberturas nas igrejas eram feitas em “arco de volta perfeita”, arco quebrado ou arcos ogivais referindo-se ao gótico, e eram divididas por colunas ou painéis. Nessa época surgiram os materiais vítreos coloridos, explorados nas igrejas para contar histórias bíblicas (SILVA, 2008).

Outro fator que foi explorado nessa época foi a posição dos vitrais nas fachadas de acordo com a insolação, de maneira que o sol iluminava a história dos vitrais de acordo com a hora do dia e com os símbolos desejados. Um exemplo disso pode ser observado na catedral Notre-Dame Chartres, uma catedral gótica, os vitrais localizados na fachada oeste contam a história do antigo testamento e a criação do mundo, enquanto os vitrais localizados na fachada leste contam a história da Encarnação de Cristo (MARTINS, 2017).

Nas residências medievais as aberturas de janelas eram simples em comparação com os edifícios religiosos e castelos. Em geral eram estreitas e sem vitrais, muitas vezes protegidas por grades ou tábuas de madeira e com peitoris altos. Era um importante indicativo da posição social e riqueza dos moradores (SILVA, 2008).

No século VII o sistema estrutural das construções utilizava os arcos ogivais, permitindo menor pressão nas paredes laterais, possibilitando às construções tornarem-se mais verticais e transparentes com uso de janelas longilíneas. Nesse período as janelas com vitrais eram filtros que diferenciavam o interior do exterior (ZEVI, 1998).

No Renascimento, que teve auge entre séculos XIV e XVI, a arquitetura passou por grande transformação. Esse movimento artístico e cultural buscou retomar os princípios da arquitetura clássica greco-romana, enfatizando a proporção, a simetria e a racionalidade (PROENÇA, 2006).

As janelas desse período geralmente seguiam princípios de proporção e simetria, tornando-se parte integrante da fachada dos edifícios. Elas eram projetadas para se encaixar harmoniosamente no conjunto arquitetônico. As principais características das aberturas desse período eram: simetria e proporção, arco clássico - arco de volta perfeita ou arco elíptico, janelas em colunas ou pilastras, sobre as janelas tinham entablamento ou frontões, vidros transparentes para entrada de luz natural e janela de sacadas ou janelas salientes para permitir uma vista panorâmica do entorno (JORGE, 1995).

Nas construções religiosas deste período, destacam-se as rosáceas e os grandes vãos nas fachadas orientando a luz para a nave. Também eram presentes as janelas cegas tanto no interior como no exterior da edificação (PROENÇA, 2006).

Pode-se perceber em palácios a presença de janelas de diferentes formatos com diferentes funções. As aberturas do térreo eram altas e serviam apenas para ventilação e iluminação indireta - sem visual para o exterior. Já as janelas do segundo e terceiro pavimento, eram trabalhadas em arco de volta perfeita e serviam para emoldurar a paisagem externa e trazer iluminação, além da ventilação (JORGE, 1995).

As janelas desse período, em geral, eram trabalhadas com frontões e varandas, essa estratégia era utilizada principalmente nos pisos nobres, pois a edificação era dividida de maneira hierárquica (BECKETT, GODFREY, 1978).

Os espaços arquitetônicos racionais do século XV foram se tornando mais plásticos e orgânicos nos séculos XVII e XVIII. No barroco, é marcante a presença pela busca dos jogos de luz e sombras nas construções e a influência dos diferentes tipos de aberturas no ambiente interno (SILVA, 2008).

No século XVII, no palácio de Versailles, nota-se as paredes como sendo meras molduras, pois a repetição de janelas faz com que tenha pouco espaço fechado. A ideia das janelas e dos espelhos era trazer o ambiente externo para dentro do interior da construção, gerando uma profundidade no espaço para o meio exterior (GLANCEY, FOSTER, 2000).

Em meados de 1790, as janelas eram vistas como elementos de identificação de riqueza em Paris. Isso por conta de uma lei que foi conhecida como a lei das portas e janelas. A lei estabelecia um imposto calculado em função do número de janelas do imóvel. Em função disso, a população passou a lacrar suas janelas e as construções novas tinham somente algumas janelas reais, e para dar unidade a fachada eram pintadas janelas falsas [2] (CONEXÃO PARIS, 2015). O escritor Victor Hugo denunciou esse fato em seu livro “Os Miseráveis”, onde fez uma crítica a essa lei, pois isso se tornaria um problema de saúde pública, “Deus dá ar aos homens, a lei o vende” (HUGO, 1862).



FIGURA 2 - Janelas pintadas nas fachadas de edifícios

Fonte: Das autoras (2023)

A Revolução Industrial trouxe mudanças significativas na fabricação das janelas. A produção em massa de vidro e molduras de metal tornou-as mais acessíveis a uma ampla gama de pessoas. Surgiram, nessa época, diferentes tecnologias e diferentes necessidades urbanas (JACKSON, 2016). As janelas de vidro, por exemplo, começaram a se tornar mais comuns, com o avanço das técnicas de fabricação e a disponibilidade de materiais mais acessíveis. No início tinham muitas imperfeições, como bolhas de ar e distorções curvas, após a patente de Henry Bessemer, em 1848, houve uma melhora significativa no processo de industrialização, em que era derramado o vidro líquido no estanho líquido, *float Glass*. Essa técnica foi aprimorada pela empresa Pilkington em meados do século XX e possibilitou que o vidro fosse de piso a teto (JACKSON, 2016).

Nessa época surgem as chamadas janelas higiênicas, utilizadas no hospital da universidade de Coimbra. Nesse modelo de janela a parede era rasgada até o piso. Os grandes panos de vidro com molduras simples e pintadas a óleo favoreciam a higienização (SILVA, 2008).

Após esse período, com a utilização de ferro forjado nas construções, surgiu o movimento *Art Nouveau*, na Bélgica, que se espalhou pelo resto da Europa com diferentes nomes. Nesse movimento as janelas são incorporadas aos diferentes desenhos decorativos da estrutura das construções. As composições eram orgânicas, sinuosas e assimétricas. Antoni Gaudi em suas construções explorou muito o desenho das janelas incorporado e indissociável ao desenho do edifício. Na casa *Batló* (1904) é possível perceber a integração entre materiais e o desenho orgânico das aberturas (SILVA, 2008).

Nos Estados Unidos um marco importante foi o estilo da escola de Chicago de arquitetura e urbanismo, também conhecida como estilo comercial. Após o grande incêndio, em 1871, grandes arquitetos foram para a cidade para reconstruí-la. Com isso a cidade se modernizou na área da arquitetura e o material até então utilizado, a madeira, foi substituído pelo aço. Os edifícios começaram a ter um aspecto de bloco com janelas tripartidas, sendo duas partes menores nos cantos com abertura em guilhotina e uma central maior fixa. Em algumas construções a janela se projeta para fora da fachada formando uma janela de sacada. A janela do estilo de Chicago combina iluminação e ventilação [3] (CONDIT, 1998).

Com o uso dos pilares em estrutura metálica foi possível abrir as paredes com grandes janelas – fenestração. A iluminação natural então começou a ganhar destaque nas construções e a área de janelas foi aumentando, porém estavam condicionadas à estrutura. Além disso, com o uso do aço, os arranhas céus puderam ser executados rapidamente, fazendo com que várias construções assumissem essa tipologia. Os arranha céus do estilo da Escola de Chicago tinham um embasamento mais trabalhado, normalmente com fechamento em tijolos na cor terracota, o corpo do edifício sem muitos ornamentos e os últimos andares coroados com uma cornija e com detalhes ornamentais (CONDIT, 1998).



FIGURA 3 - Edifício no estilo da Escola de Chicago. Janelas tripartidas.

Fonte: Das autoras (2018)

Em Viena, Adolf Loss reage contra a arte nova e defende o uso mínimo de ornamentos nas edificações. Ele condenava o uso do ornamento, tudo deveria ter uma função no edifício. As janelas nas obras de Loss eram tratadas como simples e frias pela parte externa e intimista para visão do interior. As obras de Adolf Loss eram realizadas com formas puras e de baixo custo (ZEVI, 1970).

Com o avanço das tecnologias dos materiais foi possível projetar a estrutura totalmente individual do resto do edifício, permitindo grandes panos de vidro. Esses panos foram muito explorados pela arquitetura moderna, após a formação da Bauhaus, em 1919, na Alemanha, por Walter Gropius (SILVA, 2008).

Simultaneamente a isso, as janelas perdem presença nos edifícios, pois com o expressionismo as fachadas assumem grandes panos de vidro em substituição as janelas isoladas, é uma simbiose entre a arquitetura residencial e industrial, como pode ser observado na fábrica Fagus (1911) de Walter Gropius.

Nessa edificação, Walter Gropius colocou as colunas de concreto dentro do edifício para liberar a fachada que sustenta armações de ferro com vidro, também foram colocados painéis de metais entre os vidros para esconder as lajes dos pavimentos. Uma inovação dessa edificação são os cantos livres de estruturas e totalmente envidraçados. Essa edificação se tornou patrimônio pela Unesco, em 2011, por ter influenciado tanto os modernistas da época.

Outros arquitetos exploraram também as grandes fachadas de vidro escondendo a estrutura, como no caso da Casa de Vidro da Lina Bo Bardi, e, a casa Farnsworth de Mies Van der Rohe. Ambas exploraram as fachadas de vidro expondo o interior da edificação, e dando pouca importância à intimidade dos moradores, aumentando, assim, a integração do meio interior e exterior (ARQUITETURACOMTEMPORÃNEA, 2020).

Nessa época ocorreram duas vertentes dentro do movimento moderno, o funcionalismo, representado por Le Corbusier; e o movimento orgânico, representado por Frank Lloyd Wright. Nos dois movimentos as janelas representam olhos para o exterior, olhos que permitem ver, sentir e observar o mundo (SILVA, 2008).

As janelas de Wright são cuidadosamente pensadas e desenhadas, emolduram a paisagem exterior e assumem um desenho importante na composição dos espaços e da fachada. Também se destaca o sistema de abertura das janelas pensado em forma de guilhotina para favorecer a ventilação. Nota-se vários mobiliários associados ao parapeito das janelas, o que mostra uma extensão do interior para o exterior. É também na arquitetura de Wright que são identificadas as janelas de canto para ganhar mais iluminação natural. Ele retira a estrutura do canto para liberar espaço para a abertura.

Wright desenhava em suas residências normalmente duas linhas de janelas, uma ao nível do corpo humano, para visualização do exterior, e uma mais acima para melhorar a ventilação no verão, e para captar a luz do sol e da Lua (RAMOS, 2020).

Além disso, Wright defendia a ideia do material na sua forma pura. Ele brinca com a união de materiais, sendo o vidro uma peça-chave na decoração. Nele o arquiteto realizava desenhos geométricos e vegetais, gerando diferentes entradas de luz e cor [4]. Em alguns projetos, realizava a janela infinita, unindo a visão do interior com a visão do exterior.

O uso das janelas na história da arquitetura

The use of windows in the history of architecture

El uso de ventanas en la historia de la arquitectura

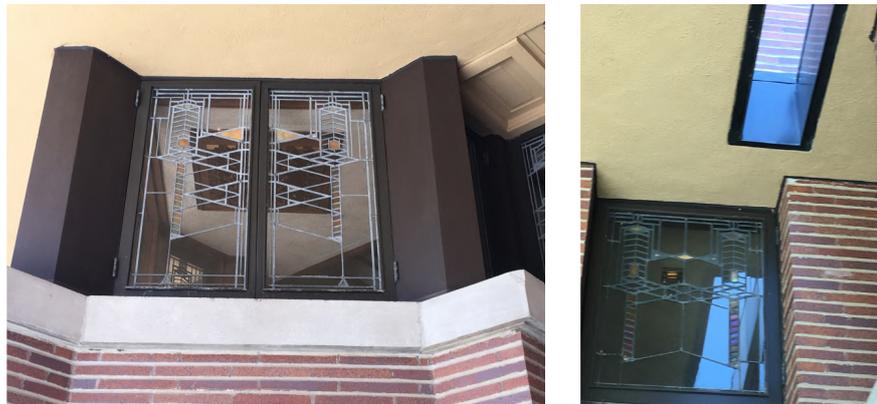


FIGURA 4 - Casa Robie, Chicago
Ilinois, Frank Lloyd Wright

Fonte: Das autoras (2018)

Frank Lloyd Wright desenvolve o estilo das casas de Pradarias, estas com janelas amplas, geralmente protegidas por grandes beirais, proporcionando conforto e proteção. As janelas das casas do arquiteto estavam na escala do ser humano, e geralmente eram sequenciais que podiam correr no nível do piso ou em clerestório, como nas igrejas medievais [5] (RAMOS, 2020).



FIGURA 5 - Detalhe das janelas
altas, Casa Robie, Chicago
Ilinois., Frank Lloyd Wright
(Ilinois, 1907-1908)

Fonte: autoras, 2018

Frank Lloyd Wright valorizava os materiais em sua essência, madeira, pedra, barro e vidro. Este era trabalhado com formas geométricas e cores para ornamento. Para o arquiteto a luz modela o espaço, sendo assim ele explora muito as aberturas para entrada de iluminação natural (RAMOS, 2020).

Na obra intitulada Casa da Cascata, localizada na Pennsylvania, é possível verificar a intenção do arquiteto em dar continuidade do meio exterior para o meio interior através do uso de panos, ou paredes, de vidros sem ornamentos.

Já nas obras de Le Corbusier a arquitetura era baseada na industrialização e na máquina. Para ele a janela é um elemento mecânico da casa, as paredes eram soltas das estruturas e era possível realizar a janela em fita, que proporcionava maior área de iluminação, ventilação e maior contato visual (LE CORBUSIER, 1995). Le Corbusier desenvolveu a janela modular e isso era a base para a fabricação de inúmeras janelas iguais, revolucionando assim a história das janelas e da arquitetura.

No ano de 1925, Le Corbusier lança os cinco pontos para uma nova arquitetura. Estes pontos baseavam-se nos novos sistemas estruturais que permitiam a dissociação entre parede e estrutura. Nos edifícios comerciais, Le Corbusier busca trabalhar a fachada com grandes panos de vidro, janelas em fita, para gerar uma economia nos materiais de revestimento e para garantir que todos os ambientes sejam iluminados de maneira natural. Porém essa solução de grandes panos de vidros cria um superaquecimento e ofuscamento dos ambientes dependendo da posição solar, sendo assim, ele desenvolveu o *Brise Solei*, uma proteção para o vidro de maneira a não receber a radiação solar diretamente. Com a mesma função, Le Corbusier começou a desenhar algumas janelas recuadas nas edificações, assim, o recuo gera sombra, protegendo o vidro (BAKER, 1998).

Através dos anos as tecnologias continuaram a avançar, e hoje é possível obter cálculos precisos sobre a espessura do vidro necessária para cada vão. É possível utilizar diferentes tecnologias do vidro mais adequadas a cada situação, como no caso dos vidros seletivos, que refletem a radiação solar, evitando o superaquecimento dos ambientes; os vidros duplos ou triplos, utilizados para ganhar maior isolamento térmico; além de sistemas de esquadrias altamente tecnológicas, capazes de fechar ou abrir de maneira automática, de acordo com a programação previamente feita.

Na arquitetura *high tech* pode-se destacar alguns projetos que inovaram, como o museu árabe, de Jean Nouvel, que utiliza uma releitura dos muxarabis vernaculares, com grande tecnologia para fechar a entrada de luz quando ocorre a incidência solar direta; a cidade da arte e da ciência, de Santiago Calatrava, que utiliza vidros curvados para captação de iluminação solar; a academia de ciências da Califórnia, que utiliza iluminação do dia através dos vidros curvos da cobertura, do arquiteto Renzo Piano.

Nas obras de Santiago Calatrava a introdução da luz natural é o partido arquitetônico, sendo as janelas o ponto focal da arquitetura, apesar de muitas vezes serem descaracterizadas de suas funções de ventilação e iluminação, e focando apenas na função de fechamento da arquitetura. Esta proposta segue um dos posicionamentos de Steven Holl, que defende que a luz é um material de construção, assim como o ferro, madeira e concreto (MOURA, 2017).

O arquiteto Álvaro Siza no seu projeto para a fundação Iberê Camargo, localizada em Porto Alegre, desenhou as janelas como sendo molduras de quadros para vista do rio da cidade. Uma pequena abertura faz com que o usuário pare diante da janela para espiar e deslumbrar a vista, tão importante para os residentes, conferindo mais importância e destaque ao rio Guaíba.

Para Frank Gehry e Zaha Hadid as janelas são rasgos que trazem diferentes perspectivas nos espaços internos e na volumetria externa. Muitas obras arquitetônicas hoje assumem uma simbiose entre parede e janela, aliados às diferentes tecnologias, possibilitam a obtenção do controle da iluminação, da capacidade térmica do invólucro e da espessura dos vidros conforme o tamanho dos vãos (SILVA, 2008).

De acordo com Fernandes (2016), muitos arquitetos como: Le Corbusier, Barragán, Legorreta, Tadao Ando, Álvaro Siza, buscavam uma perfeita relação entre luz e sombra, em um enquadramento perfeito nas aberturas de janelas e a visual externa, tornando-se uma estratégia de partido arquitetônicos.

Mesmo um espaço projetado para permanecer no escuro deve ter bastante luz vindo de alguma abertura misteriosa para nos mostrar o quão escuro ele realmente é (Arquiteto Louis Kahn). (SCHIELKE, 2013)

Essas obras, entre outras, comprovam que o uso das janelas e a captação de luz através delas, podem ser utilizadas como material de construção, retornando assim à tradição medieval e barroca. As janelas atuais são dinâmicas, moduladas, servem para ver e para ser visto, tem a função de compor uma fachada, assim como de iluminar, ventilar, criar sensações sob o efeito da luz, cor, sombra, forma e dar simbolismo para o meio interno. Independente da função que se dê a uma janela é indiscutível a importância dela para as edificações e para seus usuários.

Desenvolvimento tecnológico e janelas virtuais

Ao longo da história da arquitetura foi evidenciado que o uso de janelas torna os espaços mais salubres com a entrada de raios ultravioletas e pela ventilação cruzada do ar, além do benefício de bem-estar gerado nos usuários pelo contato com o exterior e pela percepção dinâmica do dia. Porém, alguns ambientes não possuem aberturas, e dependendo da sua localização nos edifícios, a iluminação e ventilação natural se tornam impossíveis. Para minimizar os impactos dessas condições nos usuários, muitas alternativas às janelas foram desenvolvidas. Algumas delas foram: ventilação forçada por equipamentos mecânicos, usos de espelhos para projetar a iluminação natural para o interior da edificação, uso de fibras ópticas, uso de tubos reflexivos e janelas falsas, também denominadas de sistemas virtuais de iluminação natural ou *Daylighting Virtual Systems* (DVS).

De acordo com Mangkuto *et al.* (2014), existem duas gerações de sistemas virtuais de iluminação natural. Na primeira geração a janela virtual foi realizada com iluminação artificial estática e na segunda geração a iluminação artificial é conseguida através do uso do led (diodo emissor de luz) com controle de cor, tornando a iluminação mais dinâmica. Na segunda geração de DVS foram estudadas distribuição, uniformidade e iluminância, porém não foram analisadas as percepções do usuário.

Alguns estudos agregaram no experimento das janelas falsas imagens, estáticas e dinâmicas, e foi percebido que as imagens relacionadas à natureza geram uma redução da pressão e frequência cardíaca, além de diminuírem o stress dos usuários, que no estudo eram pacientes (ULRICH, 1984; BILEY, 1996).

Mangkuto *et al.* (2014), concluíram que os protótipos de DVS produziam uma distribuição de iluminação de queda menos rápida e uma iluminação média maior que a janela real. Também foi observado que as DVS não apresentam uma luz direcional e somente uma luz difusa, o que faz com que elas não consigam simular a iluminação real. Porém, foi constatado que a luz que entra pela janela real é mais variável e muitas vezes depende do tempo e da latitude do local. Já com janela falsa, pode-se chegar a uma luminosidade azul, como simulando um céu azul de verão, o que causa um efeito positivo nas pessoas. No mesmo estudo foi destacado que foram realizados vários protótipos de DVS, um deles com a utilização de lâmpadas de halogênio, AR111, para simular o foco de luz do sol. Outros protótipos utilizaram telas de alta definição que geravam movimento (MANGKUTO ET AL., 2014).

Estudos realizados por Begemann *et al.* (1997) com aplicação das DVS em escritórios com plantas profundas onde trabalhadores trabalham longe da janela real, concluíram

que as pessoas preferem seguir um ciclo de luz de acordo com as horas do dia ao invés de receberem um nível constante de iluminação. Os níveis preferíveis, porém, são superiores aos existentes, concluindo que atender as necessidades biológicas é diferente de atender as necessidades visuais dos ocupantes. Também foi conclusão do estudo que os níveis de iluminação interno na maioria das vezes é baixo para a estimulação biológica e esse fator muitas vezes acarreta a dificuldade de sono, desempenho e até mesmo geram depressão afetivo sazonal (SAD), causando o que é conhecido como “síndrome da má iluminação”.

Avery *et al.* (2001) em um estudo realizado com 95 pessoas concluiu que a luz brilhante é eficaz no tratamento de transtorno afetivo sazonal – SAD. Foram selecionados os pacientes com SAD de maneira aleatória e submetidos a três condições de luz. Um grupo foi submetido a terapia com luz brilhante, 10.000 lux durante 30 minutos, das 6:00 a.m. às 6:30 a.m. Um segundo grupo foi submetido a uma simulação do anoitecer, 250 lux das 4:30 p.m às 6:00 p.m. E um terceiro grupo foi exposto a condições de placebo, luz vermelha fraca, 50 lux das 4:30 p.m às 6:00 p.m. A melhor resposta veio do primeiro grupo, que foi submetido a uma iluminação mais intensa e brilhante no período da manhã.

Também foram realizados estudos com DVS com projeção de telas de HDTV (telas com alta definição) em tempo real da cena externa imediata instaladas em escritórios de uma universidade. A conclusão desse estudo foi de que as pessoas tiveram uma conexão com o mundo natural e os funcionários relataram bem-estar psicológico, porém alguns relataram também preocupações sobre privacidade das pessoas cujas imagens foram capturadas (FRIEDMAN, 2008).

Estudos recentes das DVS apresentam tecnologias de iluminação circadiana, lâmpadas que variam a temperatura de cor e o espectro de luz conforme a variação natural da iluminação do sol. Estudos realizados pela PEETERS (2023) demonstraram que a DVS desenvolvida pela empresa, denominada de **NaturalConnect** - uma luminária de teto que simula uma iluminação zenital, é capaz de gerar bem-estar nos usuários e aumentar o tempo de permanência nas salas. No estudo foram simuladas duas salas de reunião, uma com iluminação padrão de escritórios com geração de 500 lux no plano horizontal. O foco do estudo foi na iluminação do plano vertical, pois esse é considerado como o mais importante para impacto no sistema visual e de bem-estar. O sistema de iluminação padrão das salas de reunião gerou 65 lx nos olhos enquanto a sala com o sistema **NaturalConnect** teve uma geração de 536 lx.

Pode-se perceber que existem inúmeras pesquisas que permeiam o assunto e tentam chegar em um modelo mais adequado de DVS para as situações em que a iluminação natural não é suficiente ou é inexistente dentro dos espaços.

Considerações Finais

Com o estudo da revisão bibliográfica referente a utilização das janelas na arquitetura ao longo dos anos é possível perceber como esse elemento traduz o momento histórico e técnicas construtivas disponíveis em determinado local e época. No decorrer da história pode-se concluir que sempre houve a busca por aberturas maiores e que possibilitassem uma integração com o meio externo, e quando esse fator não foi possível, nota-se uma busca por alternativas para tentar conectar o ser humano com a luz natural.

A conexão com a luz natural dentro dos ambientes é incentivo para muitas pesquisas na busca de tecnologias que possibilitem a criação de janelas similares às janelas naturais em função do conhecimento dos benefícios que ela traz para os usuários.

Um fato importante de destacar é que o sistema de DVS não deverá ser utilizada em substituição a janela real, porém quando não for possível a utilização dessa, pode ser uma alternativa para melhorar a qualidade de vida e bem-estar dos usuários. Ela também pode ser uma alternativa para ambientes localizados em altas latitudes, onde o transtorno sazonal afetivo é mais comum.

Portanto, conhecer a utilização das janelas ao longo dos séculos, bem como seus sistemas construtivos e tecnologias envolvidas, são uma importante ferramenta para o desenvolvimento de projetos e para a compreensão da relação humana com o espaço construído e suas conexões físicas, visuais e biológicas com o meio natural, especialmente através da luz.

Referências

A Arquitetura como limite da privacidade. ArquiteturaContemporânea, 2020. Disponível em: <https://arquiteturascontemporaneas.wordpress.com/2020/11/17/exposicao-contemporanea-a-arquitetura-como-limite-da-privacidade/> Acesso em: agosto de 2023

EVERY, D.H; DER, N.E; BOLTE, M.A; HELLEKSON. J; DUNNER, D.L; VITIELLO, M.V; PRINZ, N, P. **Dawn simulation and bright light in the treatment of SAD:** a controlled study. ScienceDirect. Volume 50, Issue 3, Agosto 2001. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0006322301012008>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2020

BAKER, Geoffrey. H **Le Corbusier Uma análise da Forma.** Martins Bontes, São Paulo, 1998

BECKETT, H.E; GODFREY, J.A. **Ventanas:** Función, diseño e instalación. Barcelona: Gustavo Gili, S.A. 1978

BEGEMANN G.J; BELD, V.D; TENNER, A.D. **Daylight, artificial light and people in an office environment, overview of visual and biological responses.** ScienceDirect, Volume 20, Issue 3, setembro 1997. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0169814196000534>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2020

BILEY, F. C. **Hospitals:** healing environments, Complementary Therapies in Nursing and Midwifery, v. 2, n. 4, p. 110-115, 1996.

BOATWHITGHT, Mary; Gargola, Daniel J.; LENSKI, Noel; TALBERT, Richard J.A.2013. **A brief history of the romans.** 2 ed. Oxford University Press

BOYCE, P. R.; HUNTER, C.; HOWLETT, O. **The benefits of daylight through windows.** New York: Rensselaer Polytechnic Institute, 2003

CONEXÃO PARIS. **História das Janelas Falsas.** 2015. Disponível em: <https://www.conexaooparis.com.br/historia-das-janelas-falsas/> Acesso em: julho, 2022

CORBUSIER, L. **Por Uma Arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1977

CONDIT, Carl W. **The Chicago School of Architecture:** A History of Commercial and Public Building in the Chicago Area, 1875-1925 University of Chicago Press, 1998.

CORBUSIER, LE. **Por uma arquitetura.** Editora Perspectiva, São Paulo, 1977

FALLINGWATER ORG. **Fallingwater:** Guided Architectural Tour. 2023©. Disponível em: <https://fallingwater.org/visit/fallingwater-tours/guided-architectural-tour-2023/>. Acesso em 28 ago. 2023.

FERNANDES, Julia Teixeira. **Qualidade da Iluminação Natural e o Projeto Arquitetônico**: A relação da satisfação do usuário quanto à vista exterior a janela e a percepção de ofuscamento. 2016. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2396>. Acesso em: julho, 2022

FRIEDMAN, B.; FREIER, N.G; JUNIOR, H.K; LIN, P.; SODEMAN, R.; **Office window of the future?** Field-based analyses of a new use of a large display, ScienceDirect. Volume 66, Issue 6 junho 2008. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1071581908000025>> Acesso em: 22 de fevereiro de 2020

GLANCEY, Jonathan; Foster, Norman. **A História da Arquitetura**. São Paulo, SP. Edições Loyola, 2000.240p.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HUGO, Vitor. **Os miseráveis, 1862**. ed. Martin Claret. São Paulo. tradução e adaptação Regina Célia de Oliveira. Xalcyr Carrasco Editora FTD, volume 4) disponível em: https://www.assisprofessor.com.br/documentos/livros/Os_Miseraveis_Victor_Hugo.pdf Acesso em: julho, 2022

JACKSON, Mike. 2016. **Pulling Back the Curtain: A Brief History of Windows**. Architectmagazine. Disponível em: <https://www.architectmagazine.com/technology/products/pulling-back-the-curtain-a-brief-history-of-windows>. Acesso em: julho, 2022

JORGE, Luiz. Antonio. **Desenho da Janela**. São Paulo. AnnablutMe. 1995

LIMA JUNIOR.G.C.B. **Arquitetura Vernacular Praieira**. 1.ed. Recife, 2006 V.1. 190p.

MARTINS, Santos Debora. **Entre o Imaginário e o Vivido** – as representações dos padeiros na Catedral de Chartres.2017.149p. Dissertação (pós-graduação stricto sensu em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn%3Aaaid%3Ascds%3AUS%3A6e1af6f5-eb05-312d-9d39-907a637c30e3&viewer%21megaVerb=group-discover>. Acesso em: julho de 2023

MOHADESEHSADAT, A,M; SHIMAOSSADAT,G. **Green Architecture in clinical centers with an approach to Iranian sustainable vernacular architecture (Kashan City)**. Procedia Engineering, [Elsevier] v.21, jan 2011, p.580-590. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877705811048879>. Acesso em: 06.mar.2023

MOTTA, Silvio Romero Fonseca. **Simulação estrutural e modelagem de formas arquitetônicas complexas**: a interação entre forma e estrutura através de ferramentas digitais, 2014, 256p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte..

MOURA, Ingridi Feitosa. **A LUZ SOBRE AS FORMAS**: corpo e experiência na arquitetura de Steven Holl. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, da Universidade Federal de Pernambuco, 2017.Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30932>. Acesso em: agosto, 2023

NUNES, Patrícia Cristina Cunha. **Teoria do Arco de Alvenaria**: uma perspectiva histórica. 2009. 160p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Faculdade de Tecnologia, Universidade de Brasília. Brasília.

PEETERS, Samantha. SIGNIFY. **The positive impacto f NatureConnect in meeting rooms with no natural daylight**, 2023

PROENÇA, Graça. **Descobrimo a história da Arquitetura**. 1 ed. 4. Impressão. São Paulo, SP. Ática, 2006 248p.

RAMOS, Fernando Guillermo Vázquez. 2020. **Uma pérola do pensamento de Frank Lloyd Wright. Vitruvius**. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.236/7616>. Acesso em: agosto, 2022

RUDOLFSKY, B. **Architecture without architects**: a short introduction to non-pedigreed architecture. Albuquerque: University of New México Press, 1987.

SILVA, S.B. de J. **A janela**: relações e transformações no contexto da história da arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologias, Coimbra, 2008. Tese (Mestrado em Arquitetura), 2008

SCHIELKE, Thomas. Tradução BARATTO, Romullo. **Light Matters**: Louis Kahn e o Poder da Sombra, 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-112181/light-matters-louis-kahn-e-o-poder-da-sombra#:~:text=Mesmo%20um%20espa%C3%A7o%20que%20busca,ao%20sil%C3%A2ncio%20e%20ao%20temor>. Acesso em: agosto, 2023

ULRICH, R. **View through a window may influence recovery**. Science, v. 224, n. 4647, p. 224-225, 1984.

ULRICH, R. S.; SIMONS, R. F.; LOSITO, B. D. **Stress recovery during exposure to natural and urban environments**. Journal of environmental psychology, v. 11, n. 3, p. 201-230, 1991.

VEITCH, J. A.; GALASIU, A. D. **The Physiological and Psychological Effects of Windows, Daylight, and View at Home**. NRC Institute for Research in Construction, Ottawa, 2012.

VEITCH, J. A., **Principles of Healthy Lighting**: Highlights of IE TC6-11's Forthcoming Report, National Research Council of Canada, Institute for Research in Construction, 2004.

VEITCH, J. A.; GALASIU, A. D. **The Physiological and Psychological Effects of Windows, Daylight, and View at Home**. NRC Institute for Research in Construction, Ottawa, 2012.

ZEVI, Bruno. **História da arquitetura moderna**. Editora Arcádia, 1970.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 03/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

CAROLINA FERREIRA DE CARVALHO

Autonomias: do desenho como “alienação” ao desenho como “libertação” da arquitetura

Autonomies: from drawing as “alienation” to drawing as “liberation” of architecture

Autonomías: del diseño como “alienación” al diseño como “liberación” de la arquitectura

Carolina Ferreira de Carvalho

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU/EA-UFGM) com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU-UFRJ, 2022), também bolsista da CAPES, e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2019), da qual foi bolsista pelo seu bom desempenho no vestibular. Sua pesquisa é dedicada às interfaces da arquitetura pós-moderna com os campos da literatura e da psicanálise.

PhD student in the Postgraduate Program in Architecture and Urbanism at Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU/EA-UFGM) with a scholarship from the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), master's degree in the Postgraduate Program in Architecture at the Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU-UFRJ, 2022), also with a CAPES scholarship, and graduated in Architecture and Urbanism at Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2019), from which she received a scholarship for her good performance in the entrance exam. Her research is dedicated to the interfaces of postmodern architecture with the fields of literature and psychoanalysis.

Estudiante de Doctorado en el Programa de Postgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU/EA-UFGM) con beca de la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), maestría en el Programa de Postgrado en Arquitectura de la Universidade Federal de Rio de Janeiro (PROARQ/FAU-UFRJ, 2022), también becaria CAPES, y graduada en Arquitectura y Urbanismo por la Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2019), de que recibió una beca por su buen desempeño en el examen de ingreso. Su investigación es dedicada a las interfaces de la arquitectura posmoderna con los campos de la literatura y del psicoanálisis.

carolina-carvalho@ufmg.br

Resumo

Este artigo pretende discorrer sobre duas formas de autonomia na arquitetura dadas através da mesma ferramenta: o desenho. O desenho de arquitetura é apresentado aqui através de duas visões distintas e contemporâneas entre si, sendo uma delas dada pela concepção de que ele opera de modo a **alienar** o trabalhador da construção, tal qual expõem as teorias de Sérgio Ferro (1938 -); e a outra sendo vista como uma maneira de **libertar** a arquitetura de certas determinações projetuais, as quais exporem através de ensaios de Peter Eisenman (1932 -). Ambos os usos de **autonomia** e de **desenho** são formulados em publicações do fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, mas que se dão de maneira distinta, senão antagônica. Contudo, em seus argumentos primais, partilham do intuito de combater postulações do **status quo** da atuação da arquitetura em uma sociedade capitalista, seja por sua veia decididamente prática, seja pela veia da linguagem disciplinar e estritamente acadêmica. Pretendemos, portanto, mostrar os distanciamentos processuais de cada uma das visões de autonomia, devido principalmente aos meios pelos quais os arquitetos se lançam para alcançá-la, identificando como principal disparidade o papel do desenho em suas formulações. Para tanto, o artigo divide-se em três partes: a primeira e a segunda desenvolvidas através de duas seções que expõem o conceito de “autonomia” para cada um dos arquitetos, contendo seus diagnósticos sobre como enxergam seus respectivos contextos da arquitetura e como identificam no desenho esta ferramenta ora de alienação, ora de libertação da arquitetura; seguidas e também concluídas pelo arco que enlaça ponderações sobre as reflexões de ambos os arquitetos, aliadas de outros comentadores do contexto da arquitetura dos anos 1970. Vale ressaltar que tanto Ferro quanto Eisenman são atuantes em publicações e em projetos, mas apenas seus textos foram analisados no presente artigo.

Palavras-chave: Desenho de arquitetura. Autonomia da produção. Autonomia disciplinar. Sérgio Ferro. Peter Eisenman.

Abstract

*This paper intends to discuss two forms of autonomy in architecture given through the same tool: drawing. Architectural drawing is presented here through two distinct and contemporary views, one of which is given by the conception that it operates in a way that **alienates** the construction worker, as exposed by the theories of Sérgio Ferro (1938 -); and the other seen to **liberate** architecture from certain design determinations, which we will expose through essays by Peter Eisenman (1932 -). Both uses of **autonomy** and **drawing** are formulated in publications from the late 1970s and early 1980s, but they occur in different, if not antagonistic, ways. However, in their primal arguments, they share the intention of combating postulations of the **status quo** of architecture's performance in a capitalist society, whether through its decidedly practical vein or through the vein of disciplinary and strictly academic language. We therefore intend to show the procedural differences between each of the visions of autonomy, mainly due to the means that architects propose to achieve it, identifying the role of drawing in their formulations as the main disparity. To this end, the paper is divided into three parts: the first developed through two sections that expose the concept of “autonomy” for each of the architects, containing their diagnoses on how they see their respective architectural contexts and how they identify the drawing as a tool that is responsible for alienation and for liberation of architecture; followed and also concluded by the arch that links reflections on the thoughts of both architects, combined with other commentators in the context of architecture in the 1970s. It is worth highlighting that both Ferro and Eisenman are active in publications and projects, but only their texts were analyzed in this paper.*

Keywords: Architectural drawing. Production autonomy. Disciplinary autonomy. Sérgio Ferro. Peter Eisenman.

Resumen

Este artículo pretende discutir dos formas de autonomía en arquitectura dadas a través de una misma herramienta: el diseño. El diseño arquitectónico se presenta aquí por dos miradas distintas y contemporáneas, una de las cuales está dada por la concepción que opera de manera a **alienar** al trabajador de la construcción, como lo exponen las teorías de Sérgio Ferro (1938 -); y el otro visto como una forma de **liberar** a la arquitectura de ciertas determinaciones proyectuales, que expondremos a través de ensayos de Peter Eisenman (1932 -). Ambos usos de la **autonomía** y del **diseño** se formulan en publicaciones de finales de los años 1970 y principios de los 1980, pero ocurren de maneras diferentes, si no antagónicas. Sin embargo, en sus argumentos primarios, comparten la intención de combatir los postulados del **status quo** del desempeño de la arquitectura en una sociedad capitalista, ya sea a través de su vena decididamente práctica o a través de la vena del lenguaje disciplinario y estrictamente académico. Nos proponemos, por tanto, mostrar las diferencias procedimentales entre cada una de las visiones de la autonomía, debido principalmente a los medios que los arquitectos proponen para alcanzarla, identificando el papel del diseño en sus formulaciones como la principal disparidad. Para ello, el artículo se divide en tres partes: la primera y la segunda se desarrollan a través de dos secciones que exponen el concepto de “autonomía” para cada uno de los arquitectos, conteniendo sus diagnósticos sobre cómo ven sus respectivos contextos arquitectónicos y cómo lo identifican en el diseño una herramienta a veces para la alienación, a veces para la liberación de la arquitectura; seguidas y también concluidas por el arco que vincula reflexiones sobre lo pensamiento de ambos arquitectos, combinadas con otros comentaristas en el contexto de la arquitectura de la década de 1970. Vale resaltar que tanto Ferro como Eisenman participan activamente en publicaciones y proyectos, pero solo sus textos fueron analizados en este artículo.

Palabras clave: Diseño de arquitectura. Autonomía de la producción. Autonomía disciplinar. Sérgio Ferro. Peter Eisenman.

Introdução

Este artigo parte da inquietação gerada em torno do termo “autonomia”, que, por definição, concede a alguém ou a algum grupo: “1. capacidade de se autogovernar”, “1.2. faculdade que possui determinada instituição de traçar as normas de sua conduta, sem que sinta imposições restritivas de ordem estranha”, “1.4. direito de um indivíduo tomar decisões livremente; liberdade, independência moral ou intelectual”, sendo essas algumas acepções oferecidas pelo Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2023, s.d.).

“Autonomia”, aqui, é explorada através de duas visões quase antagônicas na arquitetura pelo ponto de vista da produção, pois uma volta-se para a perspectiva do canteiro de obras, pautada nas teorias de Sérgio Ferro (1938 -); e a outra desprende-se da materialidade da arquitetura também sob o viés da autonomia, a qual exploraremos a partir dos escritos de Peter Eisenman (1932 -). Ambas as noções de autonomia, ainda que diametralmente opostas do ponto de vista da aplicação, possuem o mesmo elemento, ora como articulador do tolhimento de uma, ora como propulsão da outra: o desenho. Já adiantando o que seguirá no decorrer do artigo: para Ferro, a instituição do desenho mostrou-se como uma virada de chave para subordinar os agentes do canteiro de obras, bem como a ascensão da figura do arquiteto, tido como o regente do **projeto** de arquitetura. Em contrapartida, Eisenman enxerga no desenho a capacidade de libertar o exercício crítico da arquitetura, desprendido de materialidade física.

O que se tem por “crítica”, ponto importante para as duas concepções de autonomia, também vale ser bipartido. Uma delas gira em torno do conceito de “teoria crítica”, que embasamos na definição exposta por Silke Kapp em sua tese para aquisição do posto de professora titular da EA-UFMG, *Teoria crítica da arquitetura* (2023). Em suas palavras “a teoria crítica é uma proposta de teoria da sociedade que parte da premissa de reciprocidade entre economia, política, cultura e vida psíquica individual” (KAPP, 2023, p. 22). Pauta-se na concepção de “teoria crítica” de Theodor W. Adorno, na qual Kapp enxerga na teoria a responsabilidade de expor as contradições nos processos de produção, de modo que assim seja possível compreender e refletir criticamente sobre a estrutura que rege estes meios e, só assim, ser capaz de agir sobre o mundo material, conforme a autora expõe em uma publicação anterior, “Por que teoria crítica da arquitetura? Uma explicação e uma aporia” (2005). “O intuito [da teoria crítica] não é prescrever soluções, mas evidenciar problemas”, declara Kapp (2005, p. 126). Nessa lógica, a teoria só se faria ativa quando vertida em prática, voltada para a realidade material, de modo a ser capaz de transformá-la, mas sem que seja posta integralmente a serviço da práxis.

Como veremos, as proposições e atuações de Ferro estariam muito mais alinhadas a este ímpeto de mudança na prática arquitetônica, através do canteiro e por meio do trabalhador, do que o que será posto como crítica na concepção de Eisenman e de comentadores de seus projetos, como o historiador K. Michael Hays; ou mesmo com outros autores que discorrem sobre o tema da autonomia na arquitetura por meio de outras influências políticas e teóricas. Em outras palavras, o que se denomina como crítica quando tratarmos das teorias de Ferro, assim como autonomia, não possuirá a mesma acepção aplicada às formulações de Eisenman. Muito embora estes arquitetos atuem de maneira contrária às forças do capitalismo de suas épocas – adiantamos também que se trata do mesmo recorte temporal, da passagem da década de 1970 para 1980 –, ambos se debruçam sobre questões diferentes de um mesmo fenômeno global: a incorporação da arquitetura pelo capital. E, como dito, o desenho será, em ambos os casos, uma peça-chave de atuação – para um de alienação, e para o outro, de libertação –, centrados na busca por uma *autonomia*.

Autonomia da produção ou Desenho como alienação

A começar pela concepção de desenho como instrumento alienante da arquitetura, tal noção é tratada pelo ponto de vista da produção, no que se refere à capacidade dos agentes de autogovernarem-se no canteiro de obras. Sua autonomia dá-se em combate à heteronomia imposta pela hierarquização dada à produção da arquitetura, tendo o arquiteto como cume e figura central. Nesse discurso, tem-se em vista a perda de autonomia dos executores dos projetos, dos trabalhadores dos canteiros, dentre outros envolvidos, à medida em que a arquitetura também se torna campo da luta de classes quando incorporada à lógica do capital, subordinada a outros interesses que não os de seus agentes diretos; quando a produção e o trabalho nela envolvidos são subjugados através do desenho – e de sua linguagem de decodificação restrita.

Sérgio Ferro é um dos principais nomes que identifica o desenho como ferramenta responsável por distanciar o trabalhador do objeto em construção. Desde suas primeiras publicações, datadas dos anos 1970, suas pesquisas lidam com o peso dado ao desenho e com a importância cada vez maior que lhe é conferida na geração da arquitetura – a tal ponto que se descola do canteiro (de onde parte, originalmente). Para Ferro, o desenho é posto como aquele que distingue, na construção, o *fazer* e o *pensar*, como o próprio autor pontua em algumas de suas obras, a nomear, por exemplo, o desenho como “instrumento capital”, algo que gera a “[...] divisão desigual do trabalho que avança – e seu outro polo, o acordo a ser imposto aos componentes produzidos pelos trabalhadores divididos.” (FERRO, 1982, p. 63). Em *O canteiro e o desenho*, sua obra seminal, de 1979, Ferro (1982) traça uma dicotomia entre estas duas forças: aquela que produz, de fato, o mundo que habitamos e em que vivemos, orientada pelo *fazer*, e aquela que projeta, regulariza e ordena o que deve ser feito, pautada no *pensar*. Ou seja, há o descolamento da figura do arquiteto na prática construtiva. Torna-se a figura daquele que pensa e que atua (domina) no canteiro através do desenho técnico.

Na mesma lógica, tal hierarquização (e heteronomia, portanto) causada seria reflexo da absorção da arquitetura pelo capital, fazendo com que a própria arquitetura tenha sido transformada em um objeto de consumo e de exploração (notadamente, através da exploração do trabalho), perceptível na seguinte citação: “A função fundamental do desenho de arquitetura hoje é possibilitar a forma mercadoria do objeto arquitetônico que sem ele não seria atingida (em condições não marginais).” (FERRO, 1982, p. 10).

A partir de *O canteiro e o desenho*, os textos de Ferro girarão em torno do conflito entre a concepção e a produção do objeto arquitetônico, “[d]os sintomas de conflito entre a forma dada à arquitetura pelos agentes do poder e a técnica construtiva existente, ou, em termos mais genéricos, entre a ideia externa imposta à construção e a situação real da produção” (FERRO, 2021, p. 21), como o próprio autor introduz uma de suas publicações mais recentes, *Construção do desenho clássico*, de 2021. Nesse livro, Ferro aponta que a arquitetura nem sempre se pautou na relação de dominação entre aqueles que a concebem e aqueles que a executam.

Conforme seu próprio título sugere, o livro percorre os caminhos da “produção”¹ do desenho desde um canteiro ainda autônomo no sentido da execução, até a institucionalização do desenho como a base de concepção (e também de dominação) do projeto. O percurso parte das relações de trabalho no momento das construções

1 Colocamos entre aspas pelo fato do termo “produção”, aqui utilizado, englobar o momento em que concepção e produção da arquitetura, e também do desenho, partem dos mesmos agentes, aliado da “produção” na sua acepção de geração, o alçamento do desenho ao papel principal de mediação entre a concepção e a execução, isto é, produção, de fato.

das igrejas românicas e do período que Ferro (2021, p. 23) chama de “primeiro Gótico” – comumente chamado “primitivo”, em grande medida pela herança da classificação historiográfica de Erwin Panofsky, por ainda manter características plásticas românicas, e, dada a leitura de Ferro², ela ainda perpetua as relações comunitárias de trabalho –; até chegar ao auge de sua absorção pelo capital como mercadoria, perceptíveis já no “segundo Gótico”, no “gótico dito ‘escolástico’” (FERRO, 2021, p. 24) – chamado de “clássico”, cujo auge dá-se no “flamejante” [*flamboyant*] nos termos de Panofsky (1991 *apud* FERRO, 2021, p. 61) –, e consolidado no Renascimento. Isto é, o “clássico” que estampa o título do livro refere-se ao período de consolidação do desenho como forma de representação da arquitetura e dos seus processos de produção: “[...] período que chamo de *clássico*, mais ou menos do começo do século XV ao fim do século XIX, [em que] predomina na construção a forma manufatureira tradicional de produção.” (FERRO, 2021, p. 22).

Em resumo, Ferro (2021) explica que, durante o primeiro Gótico, havia uma relação de autonomia solidária entre os diversos ofícios empregados no canteiro, sendo eles o do pedreiro, o do carpinteiro, o do marceneiro e de tantos outros atuando de maneira colaborativa. Em suas palavras: “Importa que a cooperação nos canteiros do Românico e do primeiro Gótico é *simples*, porque não há divisão institucionalizada do trabalho [...], e é *desenvolvida* porque forma um trabalhador coletivo.” (FERRO, 2021, p. 42, grifos do autor). O que nos interessa aqui é que, embora reunisse vários trabalhadores de saberes distintos, que se complementavam para erguer as igrejas, não havia no canteiro uma disparidade hierárquica quanto à importância dos seus papéis.

O desenho em si também era aplicado de maneira a unir o *pensar* e o *fazer*, pois, conforme aumentava a complexidade, “[...] desenhos de todo tipo [eram] requeridos” (FERRO, 2021, p. 39), participando do processo de concepção e construção dos edifícios, principalmente se ocupando das fachadas. Ou seja, não havia um desenho totalizante, coordenador de toda a obra. Era elaborado a partir das necessidades *da construção* e inteiramente voltado *para ela*.

Contudo, tanto a divisão do trabalho (em suas instâncias hierárquicas) quanto a própria relevância que o desenho adquire passam a criar mediações nos processos que antes se davam de maneira complementar. “No fim do século XIII, começa a decomposição do trabalhador coletivo autônomo em camadas hierarquizadas e fileiras especializadas”, Ferro (2021, p. 47) ressalta. É neste momento que a figura do arquiteto começa a surgir, rompendo com a unidade de cooperação simples desenvolvida e concentrando os poderes de decisão (FERRO, 2021, p. 47), tornando o canteiro heterônomo, cuja “[...] determinação [a partir de então] vem de fora”, “consequência, entre outras, da separação entre meios e força de trabalho, entre vontade e ação, entre finalidade aparente e a eficaz” (FERRO, 1982, p. 48).

A partir das publicações de Ferro, podemos dizer que o desenho deixou de ser uma ferramenta de auxílio na formulação da arquitetura – enquanto facilitador de certas operações construtivas – para ser detentor de todas as informações que caberão ao *projeto*. Vemos, assim, o desenho ocupar este papel de antever o edifício construído, sob comando do arquiteto, o qual foi descolando-se do canteiro aos poucos, desprendendo-se da competência do saber-fazer para tomar a posição de comando. Tratadistas, como Leon Battista Alberti (1404-1472), e mesmo biógrafos, como Giorgio Vasari (1511-1574), contribuíram para a colocação da figura do arquiteto como intelectual, agora efetivamente distante do canteiro e ocupando-se apenas da *concepção* e da *resolução de problemas* do projeto.

² “O termo *gótico*, por exemplo, enquadra, como um único todo, duas etapas bastante distintas para as pesquisas interessadas na produção. Na primeira predominam ainda relações de produção do tipo da cooperação simples, características do período românico, nas quais pode haver divisão do trabalho ad hoc, mutável a todo momento. Na segunda etapa, ao contrário, surgem sinais evidentes de início da organização manufatureira imposta pelo capital, com divisão acentuada e permanente do trabalho.” (FERRO, 2021, p. 23-23, grifo do autor).

Devido a este novo caráter atribuído, a intelectualidade, o desenho passa a ser utilizado como uma maneira de restringir o conhecimento, dado que sua leitura é através de um código específico e voltado para um núcleo exclusivo – feito por arquitetos e voltado para arquitetos. Trata-se de uma linguagem abstrata cujas “instruções” podem ser seguidas pelos trabalhadores, segundo Ferro, mas enquanto operam alienados do todo, sem, de fato, entenderem ou participarem do objeto em sua completude a ser erguido (ou melhor, por eles erguido): “[...] o mesmo movimento que retira dos trabalhadores sua autodeterminação relativa e seu saber é também o que faz do desenho uma ‘ordem’ codificada que só os iniciados podem utilizar.” (FERRO, 1982, p. 62).

Por “alienação”, pode ser dito explicitamente pelas palavras “segregação” ou “exclusão”, como Ferro o faz ao descrever como entende a função do desenho: “[...] uma de suas funções [do desenho] é segregar – o que ajuda a explicar sua manutenção. Código é coisa de comunicação, mas também de exclusão. Seu uso lembra inevitavelmente guerra, e o inimigo é o excluído.” (FERRO, 1982, p. 38). Para Ferro, o canteiro é, assim, transformado em um campo de batalha para a luta de classes entre subordinados e seus patrões, todos a serviço do mercado.

Autonomia disciplinar ou Desenho como arquitetura crítica

O processo de descolamento entre o arquiteto e o desenho para com o canteiro prolonga-se desde meados do século XIII – marcado pela transição do primeiro Gótico para o segundo, como vimos através de Ferro (2021) – até chegar à sua completa desvinculação no século XX. O fenômeno não se dá apenas em questões espaciais, no sentido de o ofício do arquiteto ser desempenhado externamente ao canteiro. Referimo-nos à completa dissolução do canteiro como componente da “produção” da arquitetura, quando alguns arquitetos passam a propor projetos sem intenção de execução, tendo o desenho como a própria arquitetura, e não sua representação.

E aurificamos tal emergência [do desenho no período Românico e depois no Gótico], unificada pela separação do canteiro, transformando-a em volta a si, ao desenho em si. [...] Daí em diante, fala-se dele e somente dele como se fosse toda a arquitetura: o “uno, que se refere somente a si”, como diz Hegel. (FERRO, 2021, p. 109).

O diagnóstico dado por Ferro foi explorado por alguns arquitetos no Segundo Pós-Guerra, a partir da noção de **autonomia disciplinar** da arquitetura. Esta proposta parte da crítica voltada ao Movimento Moderno, principalmente no que concerne o funcionalismo, pautado na tão famosa premissa “a forma segue a função”, de Louis Sullivan.

Peter Eisenman é um dos principais defensores desta visão de **autonomia**, sobretudo ao identificar que muito do que vinha sendo produzido pela arquitetura não se referia a si própria, mas sempre a alguma demanda externa a ela. Autonomia aqui, portando, é tratada do ponto de vista da autonomia da linguagem, como auto-referencial dos seus códigos internos e de seus referentes. O editorial “O pós-funcionalismo”, de 1976 para a revista *Oppositions*, é um dos principais marcos desta distinção – entre o que seria uma pauta interna à arquitetura e o que viria como questão externa, voltada para a representação de outro referente que não a própria arquitetura. Como demandas externas, podem ser enquadrados o cumprimento de um programa, a adequação a um cliente, a incorporação da topografia etc. Tais questões são tratadas desde as experimentações de suas casas, as famosas casas brancas numeradas de I a

VI, que depois são acrescidas de outras críticas quanto à representação e à mimesis, marcadas pela *House X* e também *House 11a*.

Para Eisenman (2006a), as referidas demandas externas estariam sempre se reportando a idealizações. A persistência da dualidade entre programa e tipo, isto é, função e forma, seria um destes indícios, remetendo-se às necessidades do usuário ou à sua semelhança (edifícios pensados como mimesis do homem). Trata-se da tentativa de ruptura com a tradição humanista, pois ela seria a responsável por manter a ação referencial da arquitetura a questões externas à sua própria concepção interna.

A preocupação de Eisenman, portanto, é fazer da arquitetura uma disciplina centrada em si própria, sem que seja a **representação** de algo. “O fim do clássico: o fim do começo, o fim do fim” (1984), também de Eisenman, embasa toda a sua teoria de que os modos de concepção de projeto vigentes até o então (década de 1980) ainda eram pautados naqueles formulados e consolidados no Renascimento. Com isso, o autor diz que a arquitetura não só vinha sendo pensada restritamente na relação programa-tipo, como também era dada pela veiculação de mensagens externas à própria arquitetura, algo que Eisenman (2006b) já não reconhece no período Gótico, vendo nas construções daquele momento uma sincronia melhor definida entre o objeto arquitetônico e os valores a ele atribuídos:

Antes do Renascimento havia uma congruência entre linguagem e representação. O significado da linguagem era transmitido como “valor nominal” na própria representação; em outras palavras, o modo pelo qual a linguagem produzia significado podia ser representado no interior da linguagem. As coisas existiam; a verdade e o significado eram auto-evidentes. O significado de uma catedral românica ou gótica estava nela mesma; tinha existência de facto. O valor dos edifícios renascentistas, no entanto, e de todas as construções que depois deles pretenderam ser “arquitetura” provinha do fato de representarem uma arquitetura já dotada de valor, do fato de serem simulacros (representações de representações) das edificações antigas; tinham uma existência de jure. (EISENMAN, 2006b, p. 234, grifos do autor).

As relações estabelecidas (ou consolidadas) pelo Renascimento são tidas por Eisenman (2006b, p. 233) como “clássicas” na arquitetura por serem tomadas como referência pelas outras manifestações arquitetônicas que as seguiram. Assim, sua proposta alternativa – pela extinção do programa, ou da necessidade de construção, de noções como origem e fim do projeto e, principalmente, dissolução do seu caráter de representação – produziria uma arquitetura “não-clássica” (EISENMAN, 2006b, p. 242).

Esta visão da arquitetura opera, portanto, com uma auto-reflexão literal, ao ponto de um ensimesmamento que se nega, inclusive, à construção do projeto. É possível correlacionar essa proposição à maneira como Ignasi de Solà-Morales expõe a noção de autonomia na arte conceitual (à qual a visão de projeto de Eisenman deve muito), quando remarca a potência da autonomia dos procedimentos para a produção artística, ou mesmo quando afirma que “A arte não é o objeto, não pode ser identificada com um artefato de que nos apropriamos com **independência do processo** através do qual se chegou até ela [a arte]. Mais importante que a obra é o processo” (SOLÀ-MORALES, 2005, p. 83, grifos e tradução nossos). Ou melhor, assim como a arte, o edifício pode até ser executado, mas apenas como consequência do processo projetual, não como seu objetivo. Interessam as ideias e os processos envolvidos em sua concepção, “Mais importante do que o objeto acabado, isolado, são as ideias que o fizeram possível”, complementa Solà-Morales (2005, p. 83, tradução nossa). Apaga-se, assim, o **fazer**, pois, sob esta perspectiva, o “novo” **fazer** é tratado como o próprio **pensar**.

Mas de que maneira o desenho seria capaz de “libertar” a arquitetura? “*Representations of the limit: writing a ‘not-architecture’*” (1983), é outro ensaio em que Eisenman expõe elementos que considera limitadores da arquitetura, porém, muito mais focado em suas implicações semiológicas na distinção da comunicabilidade de signos e símbolos aplicados à arquitetura. Isto é, fugindo de certas convenções como o uso do desenho de arquitetura voltado apenas para a representação do edifício construído ou da noção de que uma arquitetura só pode ser considerada como tal ao desempenhar uma função. “Invocar [a noção de] ‘arquitetural’ por uma função é, novamente, procurar limites pelo seu interior, o retorno a uma forma na sua relação causal com a função”, declara o arquiteto (EISENMAN, 1993a, p. 35, tradução nossa).

A proposta de Eisenman para retirar qualquer aspecto de representação da arquitetura desloca o tratamento da arquitetura como *objeto* – atrelada a símbolos – para ser concebida como *texto*, sempre auto-referenciada e articulada em torno signos esvaziados de seus significados metafóricos. Para o arquiteto, esta seria a principal distinção entre objetos e textos: “Um texto não representa ou simboliza [...] outro objeto, ele tenta revelar ou simular sua estrutura” (EISENMAN, 1993b, p. 11, tradução nossa). Significados metafóricos lidariam, a seu ver, com a representação da arquitetura em imagens, como objetos que representam outros objetos. O que nos interessa nesta formulação é o papel desempenhado pelo desenho, como o exemplo dado por Eisenman (1993a) dos *Cárceres* (1745) de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), que fugiam propositalmente às convenções de representação e cuja construção não era possível, fazendo com que se desviassem de qualquer simbolização ou representação do mundo exterior, aproximando-se, assim, das propriedades de um texto. O desenho daria esta liberdade “textual” à arquitetura de poder exercitar outras maneiras de pensar o projeto para além de uma demanda pragmática (de representação e construção).

Cabe ressaltar que este movimento parte da crítica à arquitetura moderna, mas não diretamente às obras seminais das décadas de 1920 e 1930, e sim devido à absorção da arquitetura moderna pelo mercado imobiliário, resultando em uma profissionalização da *prática moderna*, como indica Alan Colquhoun (2004). De acordo com Colquhoun (2004), a arquitetura não só teria se afastado dos seus valores sociais das vanguardas, tão pregados no momento de sua origem, como também se mostrado rotineira, apenas reproduzindo em série um modelo formal voltado para a expansão imobiliária e para a aquisição da classe média. Em suas palavras: “Existe, neste momento, uma forte sensação de que essa vanguarda foi, de alguma maneira, ‘traída’, que seus ideais utópicos foram distorcidos pelo próprio sucesso na esfera da construção e da expansão imobiliária.” (COLQUHOUN, 2004, p. 187).

Esse seria o início de um processo do que K. Michael Hays (2010) aponta como uma reificação da arquitetura, que posteriormente seria potencializado pelo extremo consumo imagético das sociedades pós-modernas. A atuação de Eisenman através do desenho, por exemplo, seria uma maneira tanto de combate à reificação *imagética* como a negação à sua materialidade como mercadoria.

A arquitetura de Eisenman (junto de outros [arquitetos] da vanguarda tardia [late avant-garde]) é um sintoma elaborado [de uma doença histórica]. A doença, para não fazer mistério dela, é a reificação: um tipo de anomia epistêmica que resulta de fragmentação, quantificação e depreciação sistemáticas de todo domínio da experiência subjetiva, mas entendida aqui também como um efeito no próprio material arquitetônico. (HAYS, 2010, p. 53, grifo do autor, tradução nossa).

Conceber uma arquitetura que não se pretende como materialidade ou como representação, seja ela qual for – o desenho como representação do edifício, a forma como representação do progresso e assim por diante –, seria uma maneira de combate

à reificação da arquitetura dada pela imagem. A arquitetura descola-se do canteiro, principalmente a partir da sua formulação pelo desenho, mas ela própria não se coloca a problematizar esta questão – dos meios de produção. Ou melhor, distancia-se destas pautas, como veremos na próxima seção. Certamente, desse modo, provoca outro tipo de reificação, a fetichização ao extremo do desenho, como quando é incorporado por galerias de arte ao tentar aproximar-se da arte conceitual, criando, então, uma **arquitetura conceitual**. Maquetes, desenhos e mesmo **textos**³ passam a ser expostos como sendo a própria arquitetura. A célebre galeria de Leo Castelli, em Nova York, é notória por abrigar trabalhos de artistas conceituais como Robert Morris, Jaspers Johns, Andy Warhol, Donald Judd, Robert Rauschenberg, Richard Serra e Joseph Kosuth ao lado de produções de arquitetura, como nas exposições “**Architecture I – Abraham, Ambasz, Meier, Pichler, Stirling, Venturi & Rauch**”, “**Architecture II – Houses for Sales, Ambasz, Eisenman, Gregotti, Isozaki, Moore, Pelli, Price, Ungers**” e “**Architectural Follies, Drawings and Models**”, realizadas nos anos de 1977, 1980 e 1983, respectivamente, conforme mapeia Andrés Passaro (2009, p. 132).

Retomando a pauta do desenho como ferramenta, aqui, para uma certa “libertação” da arquitetura, ele é tido como um dos principais mecanismos para lhe conferir autonomia, além de ser capaz de desempenhar um papel crítico à produção da arquitetura vigente. Em casos de projetos, como os de Eisenman que se relacionam com o território e o passado de algumas cidades, a manipulação da arquitetura e deste conteúdo lhe permite fazer uma crítica aos processos de ocupação e atuação sofridos por estes lugares, a citar o projeto do **Cannaregio Town Square**, em Veneza, e o **IBA Social Housing**, na Berlim Ocidental (dentre outros nove que compõem a série das **Cities of Artificial Excavation**). Hays (2010, p. 63, grifo do autor, tradução nossa) destaca:

A centralidade do “desenho como desenho” para a problemática de Eisenman [...] não é meramente o resultado de contingências econômicas ou inabilidade de conseguir construir [tais] projetos, mas sim de que o desenho é o veículo da imaginação, da simbolização e autorreflexão da arquitetura, análogo à escrita para a linguagem; o desenho é talvez o mediador necessário da arquitetura crítica.

Reforçamos uma vez mais: trata-se de uma autonomia no seu sentido auto-reflexivo, enquanto exercício formal e conceitual apartado da ideia de representação. Autonomia como uma condição de “possibilidade”, de “possível ser”, “Autonomia, assim, **se torna um projeto crítico** quando performa esta vontade tanto para a figuração quanto para a abstração; isto é, como uma condição de **possível ser**. O que não é um julgamento externo, mas um **processo interno inevitável**.” (EISENMAN, 2007, p. 98, grifo e tradução nossos). Parte, portanto, de uma ação interna, auto-reflexiva, e é neste processo que Eisenman entende o exercício da crítica:

Enquanto tradicionalmente qualquer projeto de autonomia era primordialmente formal, a autonomia está sendo proposta aqui como forma de desmotivar o signo arquitetônico; isto é, um meio de cortar o signo de seu valor anterior em função e significado. Essa autonomia não é nem formal nem semiótica per se; ao contrário, abre os processos internos da arquitetura para suas próprias possibilidades internas. É a manifestação desses processos que constituirá a crítica. (EISENMAN, 2007, p. 97-98, tradução nossa).

Aqui, o termo “crítica” não coincide com exposto acima através das formulações de Kapp, relativo à “teoria crítica”, pois, ressaltamos: esta “crítica” não está interessada em discutir as forças de produção e de trabalho. É importante frisar também que não

³ Com destaque para o texto “Notes on conceptual architecture: towards a definition” (1970), de Eisenman, para o n. 78/79 do periódico *Design Quarterly*, propondo-se como arquitetura, arquitetura conceitual, tal qual *Sentences on conceptual art* (1968), de Sol LeWitt, propõe-se como arte conceitual, trabalho adquirido pelo MoMA.

se trata de um manifesto *contra* a arquitetura construída. É uma questão de mostrar propostas outras à disciplina da arquitetura que não aquela ligada ao pragmatismo dado pelo programa e pelo tipo ideais:

Acredito que, em última análise, a arquitetura tem que ser construída. Em última análise, [a arquitetura] depende de abrigo e recinto. Você pode atacar o discurso, mas se você destruir isso, você pode estar falando sobre mergulho em alto mar ou algo assim, você não está mais falando sobre arquitetura. (EISENMAN; BRESLIN, 1986, p. 64, tradução nossa).

Da “alienação” à “libertação”

Um dos pontos em comum entre essas duas concepções díspares de autonomia encontra-se no fato de que tanto a briga da autonomia da produção quanto a da autonomia disciplinar dão-se com as relações que se consolidam durante o Renascimento. Isto é, as questões que surgem de uma certa heteronomia (em sentidos distintos, como pudemos ver nas duas noções de autonomia apresentadas acima) são dadas através das novas maneiras de concepção do projeto de arquitetura formuladas durante o Renascimento. São elas a importância que é dada ao desenho, por exemplo, e como ele rege as relações entre o projeto e os executores, assim como o projeto e os observadores/usuários.

Decerto, as bandeiras não são as mesmas, visto que na autonomia disciplinar não são levadas em consideração pautas sobre as forças de produção, sobre o trabalho e os canteiros de obra dos projetos de arquitetura. Na verdade, há a extinção do canteiro através do estandarte da autonomia pela sua auto-reflexão, pela não-execução e também pela sua inutilidade prática. Os arquitetos-autores destas propostas também colocam como argumento o combate às forças capitalistas, mas se trata, notadamente, de uma questão *burguesa* (se usarmos os termos de Ferro), desinteressada dos reais agentes da construção e que, de fato, são postos à prova quanto à contradição modernista de viés socialista. Notemos que os textos aqui apresentados, como *O canteiro e o desenho* e os diversos artigos de Eisenman, são contemporâneos, elaborados em meados da década de 1970 e início da década de 1980. Eles apontam suas críticas à absorção da arquitetura pelo sistema capitalista, sobretudo a arquitetura moderna, que se pautava nas ideologias socialistas das vanguardas. No entanto, são maneiras diferentes de atuar, de a quem atingir e em qual campo pretendem focar.

Ou seja, a autonomia no sentido aplicado por Eisenman e muitos outros arquitetos atuantes na segunda metade do século XX, agrupados como *late avant-garde* por Hays, talvez se trate, sim, de uma autonomia dos agentes, isto é, dos próprios arquitetos, dotando de liberdade aos projetistas com relação às pressões mercadológicas das grandes empreiteiras e incorporadoras.

A autonomia do segundo caso, aquela que estamos chamando de “disciplinar”, não envolve questões de trabalho ou do trabalhador. É uma autonomia que parte de um desenho altamente ensimesmado, mas que, ao mesmo tempo, não implica na exploração alheia. Talvez se torne fetichizado como objeto de consumo, disponível em galerias e leilões, mas não opera no campo da alienação do trabalho. Pretende desenvolver uma especificidade do arquiteto, da profissão do arquiteto, fazendo dele um profissional diferente do gravurista, do pintor, do escultor, profissões estas que também partem do *projeto*. Talvez a chave de leitura principal seja da autonomia do discurso da arquitetura, não de sua prática. A autonomia da prática, da praxis, relaciona-se com o viés da junção daquele que concebe com aquele que executa a obra, aquele que está no canteiro.

Segundo Kapp (2023, p. 90, grifo da autora):

Essa defesa [da autonomia do campo arquitetônico] entrou em pauta na década de 1980, quando o campo havia perdido o prestígio que teve nas décadas de 1950 e 1960, e começava a encenar a si mesmo como resistência à comodificação da vida cotidiana, com o discurso de que a autonomia da forma arquitetônica restituiria um âmbito livre do capital, acima dele.

Na citação acima, Kapp reporta-se a um livro de Pier Vittorio Aureli, *The project of autonomy: politics and architecture within and against capitalism* (2008), no qual o autor traça as influências políticas em prol do termo “autonomia” aplicado por alguns arquitetos no contexto italiano dos anos 1970.

Após estipular as bases de alguns movimentos críticos e políticos na Itália dos anos 1960, que motivaram atuações principalmente acadêmicas e teóricas de arquitetos como Aldo Rossi, Manfredo Tafuri, grupos como Archizoom, Superstudio, entre outros nomes, Aureli finaliza seu texto concluindo que as repercussões desses movimentos para fora da Itália deram-se de maneira quase que invertidas daquelas difundidas pelos arquitetos originalmente. Em outras palavras, as reflexões que partiam das críticas à cidade burguesa, “tornando as coisas visíveis” através da teoria, nos termos de Aureli (2005, p. 72, tradução nossa) – por meio de proposições alternativas aos modos de produção e vivência da cidade capitalista, tal qual a *Non-stop city* (1968-1970), do grupo Archizoom –, quando exportadas, foram igualmente absorvidas como uma mercadoria pela elite intelectual, também burguesa.

No momento de sua concepção, a *Non-stop city*, por exemplo, constava de uma ironia aos avanços tecnológicos capitalistas, “um teste teórico das possibilidades de realidade selvagem emergindo de uma cidade concebida de um interior único e sem fim em que todas as funções dos habitantes fossem pressionadas ao seu maior e mais extremo desenvolvimento tecnológico” (AURELI, 2005, p. 72, tradução nossa). Ela lidava pela face do próprio capitalismo com as potencialidades de uso e apropriação da cidade pela classe trabalhadora. Por esta razão, foi exportada sob o rótulo de “Arquitetura radical” que, no entanto, foi muito mais celebrada e explorada por suas propriedades estilísticas do que por suas questões de ordem política, a citar a exposição de 1972 no MoMA, “*Italy: the new domestic landscape.*” Desse modo, foi “Mercantilizada [commodified] nas páginas de revistas de arquitetura como outro gesto de vanguarda, ela deixou de ser uma tentativa de criticar as formas existentes da produção teórica e construtiva” (AURELI, 2005, p. 81, tradução nossa).

As teorias de Rossi não se deram de maneira diferente. Politicamente munido de ideais de esquerda, a autonomia à qual se referia Rossi em seus textos e projetos lidava com a singularidade do *locus*, da particularidade de cada cidade, e de uma autonomia da forma dos edifícios em relação às funções às quais estavam atrelados, mas formas essas a serviço das classes dominantes, conforme ressalta Aureli (2005, p. 57, tradução nossa):

A hipótese de Rossi de arquitetura autônoma envolvia mais do que a rejeição à ingenuidade do funcionalismo, tampouco era uma chamada para a especificidade disciplinar. Era uma busca por uma linguagem racional: uma teoria da forma libertada da sequência de estilos formais a serviço das instituições burguesas dominantes.

Para além da publicação de sua obra seminal, *A arquitetura da cidade* (1966), a difusão de sua “autonomia” deu-se através da 15ª Trienal de Milão, em 1973, da qual foi curador e englobou trabalhos de outros arquitetos que não partilhavam das mesmas motivações políticas.

Ou seja, assim como Colquhoun aponta uma certa “traição” das vanguardas artísticas do início do século XX pela absorção que o mercado imobiliário fez da arquitetura moderna, o mesmo pode ser dito da exportação das “autonomias” praticadas pelos arquitetos italianos nos anos 1960 e 1970. Mas, desta vez, absorvidas por exposições e mostras intelectuais de cunho progressista. Talvez uma distorção academicistas de seus valores políticos primevos, diriam alguns.

A atuação da autonomia disciplinar parte, em grande medida, deste movimento contra o mercado, mas distanciado da verdadeira *praxis* da arquitetura, devido a seu caráter auto-referente e auto-reflexivo, como temos frisado; advindo de um impulso talvez um tanto ingênuo ao pensar esta crítica como mudança de rumos. Confinase nas universidades e lá dentro, possivelmente, produz resultados positivos, mas de lenta repercussão quando transpostos para a sociedade e construção de arquiteturas e de cidades. A autonomia disciplinar opera como exercício, de caráter *propositivo* e *alternativo* ao que se (re)produz comumente, mas afastado das massas.

Pensando pelo viés da teoria crítica, a autonomia disciplinar pregada por Eisenman (dentre alguns outros arquitetos da mesma época) reforça a manutenção do sistema separador do arquiteto como detentor do desenho. Mas não se trata mais de códigos para serem decifrados apenas por um grupo restrito. Trata-se de códigos destituídos de mensagens. Uma das principais crítica de Ferro é referente aos códigos alienantes presentes nos desenhos técnicos de arquitetura. Contudo, a proposta de Eisenman é justamente a de esvaziar este conteúdo, retirando qualquer comunicabilidade do *desenho de arquitetura*, da *arquitetura*.

A autonomia disciplinar propõe-se como a perpetuação do discurso combatido pela autonomia de produção. Ou seja, o fortalecimento de uma implica, necessariamente, no enfraquecimento da outra.

Recapitulando: a partir da leitura de Ferro, é possível dizer que o desenho criou uma relação cada vez maior de heteronomia no que se refere à construção, ou seja, a lida entre projeto e execução através do trabalhador. Este mecanismo sofisticou-se cada vez mais a partir das construções durante o Gótico, ganhando maior complexidade (e aumentando a exploração) ao longo dos séculos, algo que se mantém até hoje, notadamente. No Segundo Pós-Guerra, com o fortalecimento das críticas ao Movimento Moderno, sobretudo quanto às suas premissas funcionalistas, foi justamente o desenho, dentro das academias, uma das principais ferramentas de oposição ao modo vigente de se pensar arquitetura. Ou melhor, o desenho não como instrução ou portador de códigos para construção do edifício, da arquitetura, mas como a *própria arquitetura*. Vemos, assim, o descolamento do desenho como “instrumento de opressão” do trabalhador, no sentido da construção. Fica claro que ele, o desenho, torna-se cada vez mais um objeto elitizado, dado que sua manipulação, neste sentido, é tida apenas em âmbito acadêmico.

Neste movimento, percebemos que o descolamento do desenho do canteiro de obras chega a seu auge quando o próprio desenho é clamado como marca maior da *autonomia da arquitetura*. Ou melhor, da *autonomia disciplinar da arquitetura*. Autonomia que caminha para a completa desmaterialização da arquitetura, que chegou mesmo a ser chamada de “não-arquitetura” (EISENMAN, 1993a, p. 34) até se chegar ao termo “não-clássica” (EISENMAN, 2006b, p. 242) – posto nesses termos no intuito de propor algo alternativo ao que foi instituído como “clássico” no Renascimento. Alcança tamanha liberdade, neste sentido, que, conforme posto por Ferro (2021, p. 74), “a forma do desenho arquitetônico abandona seus compromissos com a construção no sentido da *soliditas* vitruviana”. No percorrer do mesmo caminho, o que tolhe para um, liberta para o outro. Uma corda que para se afrouxar em uma das pontas, é apertada no lado oposto. Duas autonomias distintas, mas centradas no mesmo instrumento, o desenho.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da presente pesquisa.

Referências

- AURELI, Pier Vittorio. **The project of autonomy**: politics and architecture within and against capitalism. New York: Princeton Architectural Press, 2008.
- COLQUHOUN, Alan. Uma maneira de ver a presente situação [1983]. In: **Modernidade e tradição clássica**. Ensaios sobre arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 185-190.
- EISENMAN, Peter. Representations of the limit: writing a ‘not-architecture’ [1983]. In: BENJAMIN, Andrew (Ed.). **Re : working Eisenman**. New York: St. Martin’s Press, 1993a. p. 34-36.
- EISENMAN, Peter. MiMiSes READING: does not mean a THING [1986]. In: BENJAMIN, Andrew (Ed.). **Re : working Eisenman**. New York: St. Martin’s Press, 1993a. p. 10-17.
- EISENMAN, Peter. O pós-funcionalismo [1976]. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac & Naify, 2006a. p. 97-101.
- EISENMAN, Peter. O fim do clássico: o fim do começo, o fim do fim [1984]. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica (1965-1995). São Paulo Cosac & Naify, 2006b. p. 233-252.
- EISENMAN, Peter. Autonomy and the will to the critical [2000]. In: **Written into the void**: selected writings, 1990-2004. New Haven: Yale University Press, 2007. p. 95-99.
- EISENMAN, Peter; BRESLIN, Lynne. Interview: on architecture of text. **Space Design**, Tokyo, n. 258, p. 63-65, mar. 1986
- FERRO, Sérgio. **O canteiro e o desenho**. 2. ed. São Paulo: Projeto, 1982.
- FERRO, Sérgio. **Construção do desenho clássico**. Belo Horizonte: MOM, 2021.
- HAYS, K. Michael. **Architecture’s desire**: reading the late avant-garde. Cambridge – London: The MIT Press, 2010.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. versão Beta. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- KAPP, Silke. Por que teoria crítica da arquitetura? Uma explicação e uma aporia. In: MALARD, Maria Lúcia (Org.). **Cinco textos sobre arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 115-167.
- KAPP, Silke. **Teoria crítica da arquitetura**. Tese (Professora titular em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2023.
- PASSARO, Andrés. Linguística e estruturalismo na arquitetura dos anos 70. In: OLIVEIRA, Beatriz S.; LASSANCE, Guilherme; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís (Org.). **Leituras em teoria da arquitetura**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009. v. 1, p. 128-161.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. De la autonomia a lo intempestivo. In: **Diferencias**. Topografía de la arquitectura contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. p. 79-99.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 23/10/2023

Aprovado em 30/11/2023

SIBELLE MEYER LANA

Por uma ruptura ou fissura possível: caminhos da produção arquitetônica

Due to a possible rupture or fissure: paths of architectural production

Debido a una posible rotura o fisura: caminos de la producción arquitectónica

Sibelle Meyer Lana

Arquiteta e Urbanista pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (1988) com mestrado em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração Teoria e Prática do Projeto de Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição (2008). Doutoranda no mesmo programa (término previsto: dezembro 2023). É sócia do escritório Meyer Consultoria e Projetos. Coordenou o curso de pós-graduação em Arquitetura de Interiores do Centro Universitário UNA, e hoje leciona na escola de cursos livres JANELATIVA, da qual é sócia fundadora. Atua nas áreas de arquitetura e urbanismo, interiores e gerenciamento de projetos e obra civil.

Architect and Urban Planner from the School of Architecture and Urbanism of the Federal University of Minas Gerais (1988) with a master's degree in Architecture and Urbanism, area of concentration Theory and Practice of Architecture and Urbanism Design from the same institution (2008). PhD student in the same program (expected completion date: December 2023). She is a partner at Meyer Consultoria e Projetos. She coordinated the postgraduate course in Interior Architecture at Centro Universitário UNA, and today teaches at the free course school JANELATIVA, of which she is a founding member. She works in the areas of architecture and urbanism, interiors and project management and civil works.

Arquitecto y Urbanista de la Escuela de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Minas Gerais (1988) con maestría en Arquitectura y Urbanismo, área de concentración Teoría y Práctica del Diseño de Arquitectura y Urbanismo de la misma institución (2008). Estudiante de doctorado en el mismo programa (fecha prevista de finalización: diciembre de 2023). Es socia de Meyer Consultoria e Projetos. Coordinó el posgrado en Arquitectura de Interiores del Centro Universitário UNA y hoy enseña en la escuela de cursos libres JANELATIVA, de la que es miembro fundador. Trabaja en las áreas de arquitectura y urbanismo, interiores y dirección de proyectos y obra civil.

sibelle@meyercp.com.br

Resumo

Observa-se, atualmente, o saturamento do campo de trabalho de arquitetura. A cada ano, cresce o número de profissionais disponíveis, em função de vários agentes, dentre eles o crescimento do mercado educacional, com qualidade controversa. A reclusão, imposta pela pandemia da COVID 19, trouxe à tona a discussão sobre as qualidades de nossas habitações. Soma-se a isso, o surgimento de um mercado imobiliário com demandas mercadológicas, as mais variadas, desde o menor custo, com o máximo de aproveitamento do potencial construtivo, sem preocupação com a ambiência¹ dos projetos, até a produção de uma cenografia do espetáculo, onde prevalece a imagem publicitária². E qual seria o papel do profissional de arquitetura e urbanismo dentro deste novo quadro? Qual a sua função como cidadão, já que é responsável pela organização do espaço urbano, qual seja a finalidade específica da profissão. O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a prática do profissional de arquitetura e urbanismo, em busca do entendimento do seu campo de trabalho e investigar sobre possibilidades de atuação do arquiteto dentro de uma outra *lógica da prática*³ possível. Para tal discussão utilizam-se os conceitos de *campo e prática*, da teoria social de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Arquiteto. Arquitetura contemporânea. Prática profissional. Pierre Bourdieu.

Abstract

Currently, the saturation of the architectural work field is observed. Every year the number of available professionals grows, due to several agents, including the growth of the educational market, with controversial quality. The confinement, imposed by the COVID 19 pandemic, brought to light the discussion about the qualities of our homes. Added to this, the emergence of a real estate market with the most varied marketing demands, from the lowest cost, with maximum use of the construction potential, without concern for the ambience of the projects, to the production of a scenography of the show, where prevails the advertising image. And what would be the role of the architecture and urban planning professional within this new framework? What is their role as a citizen, since they are responsible for organizing urban space, which is the specific purpose of the profession. The aim of this article is to discuss the practice of architecture and urban planning professionals, in search of an understanding of their field of work and to investigate possibilities for architects to act within another logic of possible practice. For this discussion, the concepts of field and practice, of Pierre Bourdieu's social theory are used.

Keywords: Architect. Contemporary architecture. Professional practice. Pierre Bourdieu.

1 Ver as críticas feitas por Ermínia Maricato em *O impasse das políticas urbanas no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

2 Ver ARANTES, Pedro. *Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma*. Tese Doutorado. FAUUSP. São Paulo, 2010.

3 MORADO, Denise. Uma leitura bourdieusiana da arquitetura. In: *Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação*. Organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 283-296.

Resumen

Actualmente se observa la saturación del campo laboral arquitectónico. Cada año, el número de profesionales disponibles crece, debido a varios agentes, entre ellos el crecimiento del mercado educativo, de calidad controvertida. El confinamiento impuesto por la pandemia del COVID 19 sacó a la luz la discusión sobre las calidades de nuestras viviendas. A esto se suma el surgimiento de un mercado inmobiliario con las más variadas exigencias de marketing, desde el menor costo, con máximo aprovechamiento del potencial constructivo, sin preocuparse por la ambientación de los proyectos, hasta la producción de una escenografía para el espectáculo. , donde prevalece la imagen publicitaria. ¿Y cuál sería el papel del profesional de la arquitectura y el urbanismo en este nuevo marco? ¿Cuál es tu papel como ciudadano, ya que eres el responsable de organizar el espacio urbano, cualquiera que sea el objeto específico de la profesión? El objetivo de este artículo es discutir la práctica de los profesionales de la arquitectura y el urbanismo, en busca de una comprensión de su campo de trabajo e investigar posibilidades para que los arquitectos actúen dentro de otra lógica de práctica posible. Para esta discusión se utilizan los conceptos de campo y práctica de la teoría social de Pierre Bourdieu.

Palabras clave: Arquitecto. Arquitectura contemporánea. Práctica profesional. Pierre Bourdieu.

Introdução

Segundo Benévolo (1972, p.223) o arquiteto e urbanista possui a atribuição de organizar o espaço da polis. A pandemia da COVID-19 ampliou o debate sobre a crise urbana, e, conseqüentemente, o papel do profissional de arquitetura na sociedade. Mais do que nunca, se faz necessária a existência de arquiteturas, cujos programas e estruturas urbanas estejam de acordo com as reais necessidades e interesses da sociedade. Diante do grande número de profissionais formados, todos os anos⁴, cabe compreender a relação entre a prática profissional e o mercado de arquitetura, bem como a interação do arquiteto com a obra arquitetônica, produto do seu ofício.

Considera-se, neste artigo, o sentido de trabalho dado por Hannah Arendt, o correspondente ao artificialismo da existência humana. De acordo com a autora:

O trabalho de nossas mãos (em contraposição ao labor corpo) – o homo faber que “faz” e literalmente “trabalha sobre” os materiais, em oposição ao animal laborans que labora e “se mistura com” eles – fabrica a infinita variedade de coisas cuja soma total constitui o artifício humano” (Arendt, 2007, p.149).

No entendimento da socióloga, o trabalho mental também se enquadra na qualidade do exercido pelo *homo faber*, uma vez que necessita das mãos para que seja transmitido. O trabalho produz um mundo *artificial* de coisas. Em arquitetura, as analogias para a compreensão de tal afirmação podem ser dispensadas. E, avançando-se um pouco além, pode-se dizer que o trabalho do arquiteto e seu produto, projeto, obra, pesquisa etc. - artefato humano - emprestem certa permanência e durabilidade à futilidade de vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano (Arendt, 2007, p.16).

A exemplo de Garry Stevens (2013), em o Círculo Privilegiado, utiliza-se a *caixa de ferramentas* de conceitos sociológicos, fornecida por Bourdieu, com os conceitos de *campo e prática*. O artigo tem por objetivo analisar o *modus operandi* dos agentes atuantes no campo onde se insere a arquitetura, objeto de trabalho, com vistas a formar um arcabouço que proporcione capital suficiente para o questionamento crítico da prática. Se não para uma ruptura, que seja ao menos uma fissura possibilitadora de abertura para outra *lógica da prática* possível.

O Campo

É certo que a arquitetura depende de fatos, porém seu verdadeiro campo de atividade se expande em significados. Espero que entendam que a arquitetura não tem nada que ver com a invenção de formas. Não é um campo de jogos para crianças, jovens ou adultos. A arquitetura é um verdadeiro campo de batalha do espírito. A arquitetura escreveu a história das épocas e as denominou. A arquitetura depende do seu tempo. É a cristalização da sua estrutura interior, o lento desdobrar de sua forma. Essa é a razão pela qual a tecnologia e a arquitetura estão tão intimamente ligadas. Nossa verdadeira esperança é que elas cresçam juntas, que algum dia uma seja a expressão da outra. Só, então, teremos uma arquitetura digna de seu nome: uma arquitetura como um símbolo do nosso tempo. (Mies van der Rohe apud Putuente, 2006, p.7)

⁴ Para dados, ver o artigo: Quase 300 cursos de Arquitetura e Urbanismo no país: como tratar a qualidade com tanta quantidade? Algumas questões sobre qualificação e ensino no Brasil de Gogliardo Vieira Maragno na Revista Vituvius. 161.07 ensino, ano 14, out. 2013. Disponível em <https://www.vituvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4930>. Acessado em 10/11/19.

Os conceitos de *habitus e campo*, de Bourdieu, se encontram entrelaçados. O *habitus* de um indivíduo se configura no somatório da sua biografia social, herança cultural e a sua formação escolar. Ou seja, aquilo que somos, a maneira como as pessoas agem, individual ou coletivamente, ou, em outras palavras, a vivência do indivíduo.

O *habitus* é referido a um campo e se acha entre o sistema imperceptível das relações estruturais, que moldam as ações e as instituições, e as ações visíveis desses atores, que estruturam as relações (Thiry-Cherques, 2006, p.35).

Para o sociólogo, *campo* é a arena da disputa entre agentes dotados de um mesmo *habitus*. A posição de um agente no campo tanto causa como resulta o *habitus* do mesmo. Ela conforma e indica o *habitus* da classe e da subclasse em que se posiciona o agente (Thiry-Cherques, 2006, p.36). O jogo das classes se desenvolve na arena da cultura, e a posição de um agente depende do seu capital cultural, que, por sua vez, está diretamente relacionado ao econômico, social e político. Para Bourdieu, *poder* seria a capacidade de um agente de impor uma definição específica da realidade, desvantajosa para outros, e a manipulação de símbolos, conceitos e ideias para este fim, se manifesta através do *poder simbólico*. As batalhas simbólicas da sociedade ocorrem no campo da cultura (Stevens, 2003, p.74). Mas, o indivíduo (ser biológico) detentor de determinado capital social, pode acrescentar valor ao seu patrimônio hereditário, conseguindo agregar prestígio à capacidade inata e mérito à aquisição. Desta forma, seu capital social, apresenta um grau de *dissimulação* mais elevado do que o econômico, com predisposição para operar como capital simbólico (Nogueira et al, 1998, p.83)

Em seu livro, O círculo privilegiado, Garry Stevens usa *arquitetura* para se referir aos indivíduos envolvidos na construção de artefatos. Nela o autor engloba as estruturas imediatas, nas quais esses indivíduos se inserem, e os discursos dos quais participam (Stevens, 2003, p.10). Aqui nos referimos aos arquitetos como sendo um dos agentes ⁵responsáveis pela produção desta arquitetura. Não existe um campo da arquitetura, mas um campo onde a arquitetura se insere.

Stevens (2003, p.72) apresenta uma figura ilustrativa da relação entre *habitus*, estruturas e as práticas segundo Bourdieu:

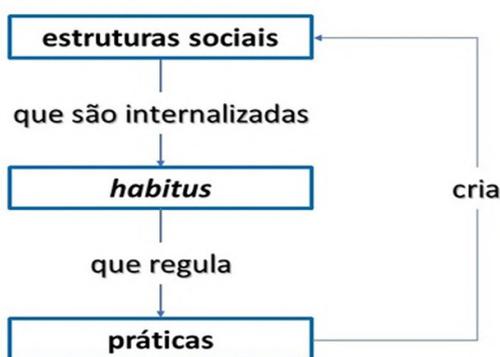


FIGURA 1 –Relação do *habitus* com as estruturas e as práticas, segundo Pierre Bourdieu.

Fonte: produzido pela autora com base em Stevens (2003, p.72).

Stevens (2003, p.143), em sua análise, concebe o ambiente arquitetônico de forma análoga à concepção de Bourdieu do espaço social: local onde operam ambos os recursos, simbólico e econômico. Assim, considera o campo da arquitetura como local onde os agentes buscam pela acumulação de capital simbólico ou econômico, como forma de hegemonia.

⁵ Dá-se preferência ao termo agente, dentro da concepção de Bourdieu onde os “indivíduos são agentes à medida que atuam e que sabem que são dotados de um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepção” (Thiry-Cherques, 2006, p.34).

A prática

O projeto arquitetônico se configura no atendimento de um programa, inserido em determinado sítio, através de um sistema construtivo específico. Ao projetar, o arquiteto primeiro analisa as premissas, ou condicionantes, e identifica um problema arquitetônico a ser trabalhado. Aravena destaca que a qualidade da arquitetura está diretamente relacionada com a formulação correta do problema arquitetônico a ser trabalhado no projeto. Porém, o ato de projetar vai além da simples resolução de problemas, ele engloba vários agentes e soluções possíveis (Reyes, 2015), se configurando em um processo de análise das soluções e tomadas de decisões. O que é corroborado por Bucci (2010, p.130), ao considerar ser o projeto arquitetônico elaborado através de encadeamentos sucessivos, coordenados pelas operações formuladas. Desta forma, entende-se o projeto arquitetônico não somente como o resultado de um determinado processo, mas como sendo o próprio processo.

Stevens (2003) critica os estudos em arquitetura por, segundo ele, se resumirem à obra. Porém, Ruth Verde Zein, em seu texto: *Há que se ir às coisas: revendo as obras*, chama atenção para o crescimento do número de pesquisas em projeto e análise de obras como ferramenta metodológica na conexão entre pesquisa e projeto, duas atividades familiares ao arquiteto. Para a autora, de certa maneira, tanto a reflexão crítica quanto a ponderação teórica, nos melhores casos, tendem a transbordar o ato da produção projetual (Zein, 2018, p.5). Mas, a autora destaca a importância de se referenciar a obra durante o processo de análise. O conhecimento, profundo, da obra se dá a partir de determinado nível de reconhecimento referenciado sobre a mesma, durante a pesquisa (ZEIN, 2018, p.16). Além de Zein, Richard Foqué (2010), apresenta estudos e propostas de várias décadas sobre o tema da investigação projetual; Doris Kowaltowski (2011) estuda o processo de projeto em arquitetura, e, Paulo Reys (2015) propõe pensar o projeto como instrumento capaz de problematizar novas questões e desenvolver ferramentas para construção de diferentes respostas às demandas sociais do território.

A reflexão sobre a prática arquitetônica tem sido objeto de estudo ao longo dos anos. Vários estudiosos, críticos e arquitetos têm dado sua contribuição ao campo. Em continuidade, ao proposto por Stevens (2003) em sua análise da dinâmica das práticas, onde a transmissão do capital intelectual se configura em uma das formas de reprodução do campo, destacam-se, aqui, os *discursos* de alguns *mestres*, reconhecidos pelo campo, para ilustrar a linha de pensamento proposta.

Walter Gropius: relação entre arquitetura e política

Apenas quando vivendo numa vizinhança bem integrada, pode o cidadão de hoje experimentar e aprender o procedimento democrático de “dar-e-tomar”. As unidades de vizinhanças saudáveis são, portanto, os canteiros de semente naturais para as relações humanas melhoradas e padrões mais altos de vida. Elas ajudam a desenvolver um senso de lealdade comunitária, a qual encontra expressão em ação harmônica para o progresso cívico e social. (Gropius, 1955, p.137 – tradução nossa)⁶

Segundo Gropius (1955) a construtividade é um caráter da atividade humana, e, assim, a arquitetura seria a expressão deste caráter. O arquiteto acredita na função pedagógica da arquitetura, para qual se faz necessária a relação arquitetura-

⁶ Only when living in a well-integrated neighborhood, can the citizen of today experience and learn the democratic procedure of “give-and-take”. Healthy neighborhood units are, therefore, the natural seed beds for improved human relations and higher standards of expression in concerted action for social and civic progress.

democracia. Para ele, o arquiteto do futuro deve trabalhar como coordenador de uma equipe interdisciplinar, a partir dos aspectos sociais. Ao trabalhar em equipe, ocorre a troca de experiências e críticas, que valorizam o trabalho do arquiteto. A liderança não seria um talento nato, mas estaria diretamente relacionada à convicção de servir.

O verdadeiro arquiteto ou planejador, para Gropius (1955, p.185), deve ter uma visão ampla e abrangente, a fim de alcançar a síntese verdadeira de uma comunidade futura. A isto, deveríamos chamar de *arquitetura total*.

Benévolo e Le Corbusier: arquitetura e realidade

A permanência do contato com a realidade, implica na manutenção da referência aos modos concretos de agir (Benévolo, 2004, p. 103-104). Para tal, Benévolo (2004) propõe como fio condutor uma carta de Le Corbusier de seis de outubro de 1953 [ver figura 2], onde cita três deveres dos arquitetos:

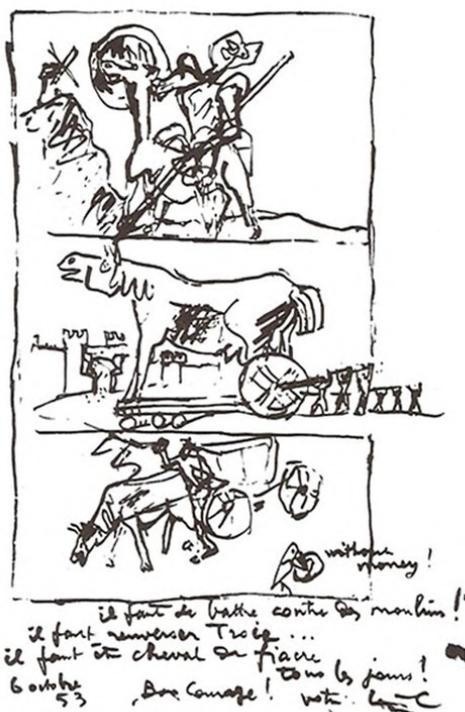


FIGURA 2 – Uma carta ilustrada de Le Corbusier.

Fonte: Benévolo (2004, p. 104)

1 – “*Il faut se battre contre les moulins*” (é preciso que se combata os moinhos de vento). Ou seja, se faz necessário ir contra regras pré-estabelecidas, buscar polemizar e encontrar, na pesquisa projetual, novas soluções dentro da realidade na qual se trabalha.

O arquiteto não pode se colocar à margem da realidade em que vive. Seu *modus operandi* se reflete diretamente na forma, custo e distribuição da ocupação do espaço. Como, por exemplo, a proposta de Jonh Turner (1989) de trabalhar com a *autogestão local*, onde o arquiteto exerce o papel de habilitador no processo, ao compartilhar seus conhecimentos.

2 – “*Il faut renverser Troie*” (Tróia deve ser derrubada). Não basta polemizar. A proposição de um novo método deve ser testada e obter êxito em algum caso de fato. Não se pode trabalhar apenas no campo empírico.

“A renovação da arquitetura exige intransigência, mas também astúcia e oportunismo para entrar nas muralhas de Tróia” (Benévolo, 2004, p. 107).

3 – “*Il faut être cheval de fracre, tous les jours*” (devemos ser *burros de carga* todos os dias). A solução de qualquer problema não se constitui em tarefa simples, demanda esforço e leva tempo para ser encontrada. Além de, atualmente, ser indispensável uma cooperação, uma interdisciplinaridade entre as diversas áreas do saber. Mais do que nunca, há necessidade de trabalho em equipe, pois, os arquitetos sozinhos não resolverão os problemas atuais, além de os mesmos serem de ordem geral.

Não se deve abandonar a ideia renascentista e eclética da harmonia, mas refundi-la no labor cotidiano, como a gentileza e o bom humor no decurso de um árduo trabalho. (Benévolo, 2004, p.112).

John Freidmann: arquitetura e mobilização social

Após várias modificações, ao longo dos anos, de acordo com Friedmann (1987), o planejamento urbano se apresenta como uma prática possuidora de duas vertentes: uma prioriza a técnica e outra a racionalidade social. Emprega-se a primeira como um guia para a sociedade, nela age-se através do Estado. Já a segunda, mais ambígua, surge como uma epistemologia sem uma aplicação formal. No início, tem por objetivo ser aceita como paradigma para profissionais que trabalham com os movimentos sociais.

Segundo o autor, a tradição do planejamento de mobilização social (MS) engloba três movimentos: o materialismo histórico, o anarquismo social e o utopismo. Nota-se que John Friedmann situa Paulo Freire na linha destes três movimentos [ver figura 3], o que ressalta a importância da interdisciplinaridade no exercício da profissão.

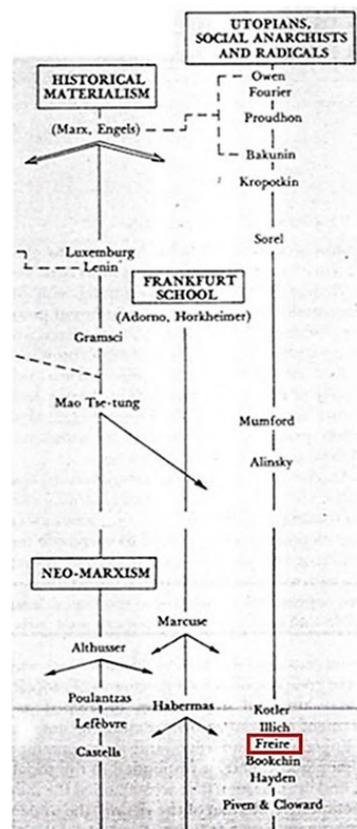


FIGURA 3 –A mobilização social tradicional do planejamento.

Fonte: Friedmann, 1987, p. 226, editado pela autora.

Friedmann (1987, p. 389-391) demonstra a necessidade de se impregnar a *prática radical* com a teoria. Uma vez que, ela não se sustenta sem uma *teoria de transformação social*. Segundo o autor, tal teoria transformadora possui como características própria:

- linguagem expressiva capaz de alcançar as pessoas comuns;
- consistência na interrelação de suas diversas partes;
- compreensão, com respeito, das principais variáveis relevantes para o sistema de transformação;
- formulação possibilitadora de adaptação da teoria geral, em unidade ou tópicos específicos.

Desta forma, o planejamento radical se constitui na *mediação* entre a teoria e a prática em transformação social. O planejador *mediador*, portanto, necessita possuir, em seu currículo, aptidão para análise, síntese, comunicação e gerenciamento em processos de grupo.

Mas no planejamento radical, o conhecimento relevante, embutido como está em uma teoria transformativa, é sempre e necessariamente contextual: aponta para uma direção, considera estratégias, objetiva alcançar um entendimento crítico do presente e do futuro próximo, e é informado dos valores sociais específicos. Esta contextualização do conhecimento é um profundo processo social no qual aqueles que estão na linha de frente da ação – donas de casa, comunidades locais, movimentos sociais – contribuem de forma decisiva. São estes usuários do conhecimento-na-prática que são os árbitros finais do conhecimento-na-teoria. São eles que devem se apropriar criticamente da teoria e adaptá-la as suas necessidades. (Friedmann, 1987, p.394).

Mesmo quando se altera o foco, a integração entre teoria, prática e observação se dá em um processo contínuo. O *planejador radical*⁷ deve contribuir para o surgimento de uma *consciência crítica*⁸ na comunidade. Seu diálogo com a comunidade usará o vocabulário daqueles engajados nas lutas comunitárias, numa relação horizontal e principalmente de confiança⁹. Este diálogo permite a troca de conhecimento entre *ator* e *planejador*; processo denominado por Friedmann (1987, p.395) de *transactive planning*.

A transformação social, de acordo com Friedmann (1987, p.395-400), se dá através da ação local de pequenos grupos, como por exemplo, as pequenas cooperativas autônomas ligadas em rede. O autor aponta três dilemas dos planejadores radicais:

- distanciamento crítico – como mediadores, os planejadores devem manter uma certa distância dos grupos;
- questionamento – os mediadores devem se questionar indefinidamente;
- unidade – os mediadores necessitam da habilidade de conviver com as contradições, críticas e afirmações, que devem ser unidas dialeticamente.

Quando se fala de planejamento radical, o discurso precisa sair do tradicional – manipulador da sociedade. A habitual relação dialética entre teoria e prática deve ser substituída pela ligação entre conhecimento e ação. O planejamento radical, objetiva a transformação estrutural do capitalismo industrial na autoprodução da vida, no resgate da política comunitária e na autoconfiança coletiva no contexto das preocupações globais comuns (Friedmann, 1987, p.412).

7 Paulo Freire utiliza o termo “educador radical”

8 Crítica no sentido de reflexão crítica sobre a prática, condição para uma relação produtiva entre Teoria/Prática, segundo Paulo Freire (1996).

9 O que Friedmann denomina confiança, Paulo Freire denomina simpatia, item importante nos relacionamentos.

Rafael Moneo: arquitetura e pensamento crítico reflexivo

Em seu livro, *Inquietação teórica e estratégia projetual* na obra de oito arquitetos contemporâneos, o professor e ganhador do Prêmio *Pritzker* e do *RIBA Gold Medal*, Rafael Moneo, apresenta a coletânea de suas aulas, onde analisa as obras dos arquitetos selecionados à procura de mecanismos, procedimentos, paradigmas e artefatos formais, reincidentes na obra dos arquitetos contemporâneos (Moneo, 2008, p.9). No livro, o autor tece uma reflexão crítica sobre a trajetória de cada um dos arquitetos, onde os contextualiza e analisa não apenas o produto final, mas também considera seu processo de produção.

Alguns dos arquitetos selecionados por Moneo, além da prática, também possuem uma produção teórica, como o caso de Venturi, Aldo Rossi e Rem Koolhaas. Em sua análise, Moneo, contempla o cotejamento entre a teoria e a prática.

Conclusão

Todo conhecimento inefável pode até ser muito valioso para quem o detém; mas não sendo transmissível falha na missão de ser divulgado, compartilhado, contestado e referendado. (Zein, 2018, p.22)

Em que pese a indiscutível importância da obra de Stevens (2003), por chamar atenção para a necessidade de uma sociologia da arquitetura, onde os agentes envolvidos no campo devem ser devidamente identificados e analisados, seria sua crítica diferente se recaísse sobre outro campo? A prática se caracteriza como lugar da dialética, nela se encontram os traços da sociedade, seu *opus operantun*. Se faz necessário o entendimento da lógica da racionalização existente na estruturação de um sistema cultural, que reforça as diferenças. O conhecimento da realidade e, por conseguinte, sua compreensão é fundamental. Para Paulo Freire (2005), todo homem, alfabetizado ou não, possui uma relação com e na realidade, relação de sujeito para com o objeto. A compreensão de tal relação, gera uma ação; logo a natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Por isso, ele defende uma *educação para a decisão*, para a responsabilidade social e política (Freire, 2005, p.96).

Segundo Nogueira *et al* (1998, p.88):

As estratégias de reconversão do capital econômico em capital cultural, que estão entre os fatores conjunturais da explosão escolar e da inflação de diplomas, são comandadas pelas transformações da estrutura das oportunidades de lucro asseguradas pelas diferentes espécies de capital.

Cabe ressaltar a necessidade de mais algumas décadas para se analisar o reflexo gerado no campo pelo aumento expressivo do número de alunos, com bagagens tão díspares, formados atualmente. O cenário global, depois da crise de 2008¹⁰, e da pandemia da COVID 19, se alterou significativamente. Surgem novas agendas, como a da arquitetura sustentável, ou verde e, mais recentemente, o planejamento ambiental ou planejamento ecológico da paisagem. Estes temas começaram a fazer parte das políticas públicas, mesmo que como parte de uma agenda oculta neoliberal.

O Brasil viveu um processo de inclusão social, realizado através do consumo. Atualmente, através da televisão¹¹, nota-se o surgimento de um novo mercado

¹⁰ Uma vez que as análises devem ser situacionais, cabe aqui salientar que o livro de Stevens foi escrito em 1998 e publicado no Brasil em 2003.

¹¹ De uns anos para cá, com a proliferação dos canais de TV por assinatura, vários programas de construção, reforma, decoração e arrumação de casas passaram a integrar a grade de programação de alguns canais.

consumidor de arquitetura. Situa-se onde os clientes possuem capital simbólico e cultural, assim como econômico diferente do tradicionalmente observado. Talvez esta nova geração de diplomados possa abrir espaço para um mercado de novas práticas¹².

Segundo Serapião (2019, p.176) o oxigênio atual vem de coletivos de jovens arquitetos trabalhando com plataformas. Eles se enquadram numa tendência universal entre profissionais recém-formados, com foco de atuação em ocupações destinadas à habitação social e espaços públicos, dois temas centrais para o Brasil. Mas o autor alerta para o *enigma da viabilidade econômica*.

Observa-se, atualmente, a presença de escritórios, ainda que em pequeno número, de arquitetos associados, onde o nome do escritório não faz referência ao dos profissionais. Como por exemplo os escritórios Super Limão, Mapa, Metro, Bloco e Hemisfério. Não se trata de um anonimato, mas, no mínimo, de uma não valorização da estrela. Além disso, vários escritórios protagonizados por mulheres, sem sócios homem, começam a chamar a atenção da crítica brasileira e internacional.

O Prêmio Pritzker, que segundo o site Archdaily¹³ seria o reconhecimento mais importante que um arquiteto(a) pode receber em vida. Em 2016, foi dado ao arquiteto Alejandro Aravena, em função de um projeto que redefiniu a economia da habitação social. Em 2017, pela primeira vez, o prêmio foi concedido a um trio de arquitetos, Carmem Pigen, Rafael Aranda e Ramon Vilata (RCR Architects). O arquiteto Indiano Balkrishna Doshi, foi agraciado em 2018, por unir a pré-fabricação e o artesanato local através da utilização de vocabulário em harmonia com a história, cultura, tradições locais e os tempos de mudança de seu país¹⁴. Em 2022, durante a entrega do prêmio, Aravena¹⁵ afirmou estar a comissão julgadora expandindo a sua *caixa de ferramentas*. Ele destacou a importância da contribuição do arquiteto burquinês Francis Kéré para o surgimento de novos modelos de enfrentamento dos desafios contemporâneos, por mostrar outro caminho possível.

O *habitus* é relativamente autônomo, não é destino. Apesar de duradouro, pode ser transposto à medida que se transforma e abre a possibilidade de ruptura (Thiry-Cherques, 2006). Cabe aos arquitetos, enquanto *agentes do campo*, encontrar a *prática* que permita, se não a ruptura, no mínimo uma fissura possível.

Referências

ARANTES, Pedro. **Arquitetura na era digital-financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. Tese Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 2010.

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AsBEA – Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. **Manual de Contratação dos Serviços de Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo: Pini, 2000.

¹² Ver sobre o trabalho desenvolvido pela arquiteta Laura Beringuer, com escritório de arquitetura no morro da Babilônia no Rio de Janeiro. Ateliê de Arquitetura de Favela, disponível em <http://www.marciapeltier.com.br/arquiteta-na-favela-conexao-paris-morro-da-babilonia/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=3SKrbGUrxIA>.

¹³ <https://www.archdaily.com.br/br>, site específico de arquitetura.

¹⁴ Ver <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/tag/balkrishna-doshi>. Acessado em 10/11/19.

¹⁵ Cano, Paula. "Prêmio Pritzker divulga vídeo da cerimônia de premiação de Francis Kéré" [The Pritzker Architecture Prize Releases Ceremony Video to Honor 2022 Laureate, Francis Kéré] 20 Set 2022. ArchDaily Brasil. (Trad. Gagliardi, Walter) Acessado 23 Set 2023, disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/988995/premio-pritzker-divulga-video-da-cerimonia-de-premiacao-de-francis-kere>.

BENÉVOLO, Leonardo. **Introdução à Arquitetura**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

BENÉVOLO, Leonardo. **A cidade e o arquiteto: método e história na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Debates; 190).

FOQUÉ, Richard. **Building Knowledge in Architecture**. 2010. E-book. Acesso Restrito. Disponível em: <https://ebookcentral.proquest.com/lib/ufmgbr/detail.action?docID=4445858>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIEDMANN, John. **Planning in the public domain: from knowledge to action**. New Jersey: Princeton University Press, 1987.

GROPIUS, Walter. **Scope of total architecture**. New York: Harper & Brothers, 1995.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K., MOREIRA, Daniel de Carvalho, PETRECHE, FABRICIO, Marcio M. (orgs). **O processo de projeto em arquitetura: da teoria à tecnologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MACIEL, Carlos Alberto. **Arquitetura, projeto e conceito**. Revistas Vitruvius, dezembro de 2003. Disponível: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/633>. Acesso em 19/02/19.

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MORADO, Denise. Uma leitura bourdieusiana da arquitetura. In: **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 283-296.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Pierre Bourdieu**. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

PUENTE, Moisés. **Conversas com Mies van der Rohe: certezas americanas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

SEGNINI JR., Francisco. **A prática profissional do arquiteto em discussão**. Tese (Doutorado). São Paulo: FAUUSP.

SERAPIÃO, Fernando. In: **Infinito vão: 90 anos de arquitetura Brasileira**. Orgs Fernando Serapião e Guilherme Wisnik. São Paulo: Monolito, 2019. p. 166-177.

SOUZA, Jaqueline A. Diorio. **A Prática Profissional do Arquiteto no Brasil**. O debate em revistas especializadas (1962-1966). Dissertação (Mestrado). São Carlos: Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2013

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. RAP, Rio de Janeiro, n.40, v.1, p.27-55, jan./fev. 2006.

TURNER, Jonh F. C. Da provisão centralizada à autogestão local. In: Mascaro, Lúcia (coord.). **Tecnologia e arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1989.

ZEIN, Ruth Verde. Há que se ir às coisas. In: **Leituras críticas**. Org. Abílio Guerra et al. São Paulo: Romano Guerra, 2018.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 25/09/2023

Aprovado em 29/11/2023

MARIA LUIZA TREMEL DE FARIA LIMA, JOÃO CARLOS SOUZA E FELIPE PAULO OLIVEIRA

Diversidade de usos do solo e a caminhada como transporte

Diversity of land uses and walking as transportation

Diversidad de usos del suelo y senderismo como medio de transporte

Maria Luiza Tremel de Faria Lima

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialização em Arquitetura e Design de Interiores pelo Instituto de Pós Graduação - IPOG e Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Em fase de conclusão de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC.

Graduated in Architecture and Urbanism from the Federal University of Santa Catarina (UFSC), Specialization in Architecture and Design of Interiors by the Postgraduate Institute - IPOG and Masters in Architecture and Urbanism by UFSC. In the process of completing a PhD in Architecture and Urbanism from UFSC.

Licenciado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialización en Arquitectura y Diseño de Interiores por el Instituto de Postgrado - IPOG y Maestría en Arquitectura y Urbanismo por la UFSC. En proceso de completar un doctorado en Arquitectura y Urbanismo por la UFSC.

marialuiza.ipuf@gmail.com

João Carlos Souza

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestrado em Engenharia de Produção pela UFSC e doutorado em Engenharia de Produção pela UFSC. Atualmente é professor titular da UFSC. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Tecnologia de Arquitetura e Urbanismo.

He holds a degree in Civil Engineering from Federal University of Santa Catarina (UFSC), master's degree in Production Engineering from UFSC and PhD in Production Engineering by UFSC. He is currently a full professor at UFSC. He has experience in the field of Architecture and Urbanism, with an emphasis on Technology Architecture and urbanism.

Es licenciado en Ingeniería Civil por Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), Máster en Ingeniería de Producción por la UFSC y Doctor en Ingeniería de Producción por la UFSC. Actualmente es profesor titular en UFSC. Tiene experiencia en el campo de la Arquitectura y Urbanismo, con énfasis en Tecnología Arquitectura y Urbanismo.

joão.carlos@ufsc.br

Felipe Paulo Oliveira

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Direito Ambiental e Urbanístico pela CESUSC (2019). Atua como Engenheiro Civil na Prefeitura Municipal de Florianópolis. Tem experiência na área de administração pública, com ênfase no planejamento urbano e regional. Atualmente cursa Mestrado pela UFSC.

He holds a degree in Civil Engineering from Federal University of Santa Catarina (UFSC). Specialist in Environmental and Urban Law by CESUSC (2019). Works as a Civil Engineer at Florianópolis City Hall. He has experience in the area of public administration, with an emphasis on urban and regional planning. Currently studying a Master's degree at UFSC.

Es licenciado en Ingeniería Civil por Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista en Derecho Ambiental y Urbanístico por CESUSC (2019). Trabaja como ingeniero civil en el Ayuntamiento de Florianópolis. Él tiene experiencia en el área de la administración pública, con énfasis en la planificación urbana y regional. Actualmente cursando maestría en la UFSC.

felipe.ipuf@gmail.com

Resumo

Observa-se a ampliação dos problemas de mobilidade urbana nas cidades, especialmente vinculados ao crescimento acentuado do número de automóveis particulares que levam à necessidade cada vez maior de investimentos em infraestrutura que, em pouco tempo, novamente, estão saturadas. Os deslocamentos urbanos fazem parte do cotidiano das pessoas que habitam as cidades e ocorrem por diversos motivos. Muitos são os fatores que podem interferir na escolha pela forma com que as pessoas se locomovem para seus compromissos obrigatórios ou atividades de lazer. Estudos apontam que as características do ambiente construído podem ser determinantes na opção por um modo de transporte. Neste sentido, o entendimento das características do ambiente construído e suas relações com os deslocamentos passaram a ser tema de inúmeras pesquisas que visam entender a interferência que os fatores urbanos têm nos deslocamentos gerados e na forma com que ocorrem. Entre as características que podem interferir na escolha modal observa-se a densidade, topografia, condições de caminhabilidade das calçadas, diversidade de usos do solo da vizinhança, entre outros. Esta pesquisa buscou compreender a relação da diversidade de usos do solo com os deslocamentos urbanos por caminhada, isolando esta variável dos demais componentes da vizinhança, diferente da grande parte das pesquisas efetuadas até o momento. Para tanto, o estudo fez uso de técnicas de caráter exploratório e experimental e contou com a participação de 94 participantes voluntários que captaram, com auxílio de aplicativo de celular, as distâncias percorridas por caminhada ao longo de um dia típico. As informações de viagens encontradas foram relacionadas com as características de diversidade da vizinhança, a qual foi calculada por proporção de usos residencial versus não residencial e limitada ao buffer de 500 metros pela rede de vias a partir de cada endereço. Os dados foram avaliados de forma descritiva e os resultados obtidos pelas análises efetuadas representam um recorte sobre o estudo do tema e corroboram com o entendimento de que a diversidade de usos está relacionada a maiores deslocamentos por caminhada uma vez que os participantes que mais caminharam estavam vinculados a endereços de boa diversidade.

Palavras-chave: Diversidade de usos. Deslocamentos Urbanos. Ambiente Construído.

Abstract

There is an accelerated growth of urban mobility problems in cities, especially linked to the sharp growth in the number of private cars, which leads to an ever-increasing need for investments in infrastructure that, in a short time, again, are saturated. Urban displacements are part of the daily lives of people who live in cities and occur for several reasons. There are many factors that can interfere in the choice of the way in which people get around for their obligatory commitments or leisure activities. Studies indicate that the characteristics of the built environment can be decisive in choosing a mode of transport. In this sense, the understanding of the characteristics of the built environment and its relations with displacements became the subject of numerous studies that aim to understand the interference that urban factors have in the generated displacements and in the way they occur. Among the characteristics that can interfere in the modal choice, density, topography, walkability conditions of the sidewalks, diversity of land uses in the neighborhood, among others, can be observed. This research seeks to understand the relationship between the diversity of land uses and urban displacements by walking, isolating this variable from the other components of the neighborhood, unlike most of the research carried out so far. To this end, this research used exploratory and experimental techniques with

the participation of 94 volunteer participants who captured, with the help of a cell phone application, the distances covered by walking over a typical day. The travel information found was related to the diversity characteristics of the neighborhood, which was calculated by the proportion of residential versus non-residential uses and limited to a buffer of 500 meters by the road network from each address. The data were descriptively evaluated and the results obtained from the analyzes carried out represent an excerpt on the study of the subject and corroborate the understanding that the diversity of uses is related to greater displacements per walk, since the participants who walked the most were linked to addresses of good diversity.

Keywords: Diversity of land use. Urban displacements. Built environment.

Resumen

Hay un aumento de los problemas de movilidad urbana en las ciudades, especialmente ligado al fuerte crecimiento del número de coches privados, lo que conlleva una creciente necesidad de inversión en infraestructuras que, en poco tiempo, vuelve a verse saturada. Los viajes urbanos forman parte del día a día de las personas que viven en ciudades y se producen por diversos motivos. Hay muchos factores que pueden interferir en la elección de cómo las personas viajan a sus citas obligatorias o actividades de ocio. Los estudios indican que las características del entorno construido pueden ser decisivas a la hora de elegir un modo de transporte. En este sentido, comprender las características del entorno construido y su relación con los desplazamientos se ha convertido en objeto de innumerables investigaciones encaminadas a comprender la interferencia que los factores urbanos tienen en los desplazamientos generados y la forma en que se producen. Entre las características que pueden interferir en la elección modal se encuentran la densidad, la topografía, las condiciones de transitabilidad de las aceras, la diversidad de usos del suelo en el barrio, entre otras. Esta investigación buscó comprender la relación entre la diversidad de usos del suelo y el desplazamiento urbano caminando, aislando esta variable de los demás componentes del barrio, a diferencia de la mayoría de investigaciones realizadas hasta la fecha. Para ello, el estudio utilizó técnicas exploratorias y experimentales y contó con la participación de 94 participantes voluntarios que capturaron, con la ayuda de una aplicación de teléfono celular, las distancias recorridas caminando a lo largo de un día típico. La información de viaje encontrada estaba relacionada con las características de diversidad del vecindario, que se calculó por la proporción de usos residenciales versus no residenciales y se limitó a una zona de amortiguamiento de 500 metros por la red de carreteras desde cada dirección. Los datos fueron evaluados de forma descriptiva y los resultados obtenidos de los análisis realizados representan un panorama del estudio del tema y corroboran la comprensión de que la diversidad de usos se relaciona con mayores desplazamientos al caminar, ya que los participantes que más caminaron fueron vinculados a direcciones con buena diversidad.

Palabras clave: Diversidad de usos. Viajes urbanos. Entorno construido.

Introdução

É por meio dos deslocamentos urbanos que a vida das pessoas que habitam nas cidades se desenvolve. As pessoas se movimentam por inúmeros motivos, tais como: ir para o trabalho, para atender compromissos cotidianos, para atividades de lazer, etc. Estes deslocamentos, frequentemente, são dificultados por diversas razões, tais como: a distância a ser percorrida, que limita o modo da viagem; o excesso de congestionamento, que eleva o tempo das viagens e a ineficiência ou ausência de serviços de transporte coletivo, que limitam grande parte da população urbana, especialmente as de menor renda, que nem sempre possuem condições de ter um automóvel e, geralmente, habitam regiões mais afastadas da cidade.

Grieco, Alves e Portugal (2015, p. 2731) apontam que “a preferência exagerada ao transporte motorizado individual nas últimas décadas é apontada como forte causador de problemas de mobilidade urbana e apenas investir em infraestrutura de transporte não é suficiente para enfrentar o desafio de mobilidade nas cidades”. A partir destas dificuldades, passou-se a observar quais as alternativas possíveis para melhoria na qualidade dos deslocamentos, que permitissem, em longo prazo, a redução da dependência do automóvel e promovessem, de fato, melhorias significativas na mobilidade urbana.

Várias são as saídas apontadas para melhorar as condições de mobilidade urbana. Dentre estas alternativas, o incentivo aos meios de transporte ativos é de fundamental importância. Contudo, observa-se que a configuração espacial pode promover locais que desestimulam a caminhada, seja por condicionantes físicos, indisponibilidade de destinos próximos ou até mesmo questões de segurança. A partir destas ideias preliminares, buscou-se entender a relação direta entre o ambiente construído e os deslocamentos urbanos para vislumbrar quais alterações estes espaços poderiam ser submetidos para se tornarem mais convidativos aos transportes não motorizados e, desta forma, reduzir os impactos dos modos de transporte motorizados individuais nas cidades.

Visando condições melhores de deslocamentos urbanos, planejadores urbanos passaram a adotar conceitos de otimização da infraestrutura urbana, baseados no modelo de cidade compacta. Neste modelo existe o estímulo ao aumento de densidade habitacional associado ao incentivo ao uso misto do solo, partindo-se do princípio que ao se inserir maior quantidade de comércio e/ou serviços em locais predominantemente residenciais ou o contrário, com aumento no número de pessoas nestes locais, menos deslocamentos ocorrerão por existir maiores oportunidades de atividades próximas às residências, desonerando, desta forma, os sistemas de transporte urbano, possibilitando melhorias na mobilidade.

A partir dos anos 1980, começaram a ser feitas diversas pesquisas relacionando as características urbanas com a mobilidade urbana, especialmente nos Estados Unidos. A maior parte da literatura converge na afirmação de que ao se ter densidade elevada, comumente medida pelo número de habitantes por unidade de área, e diversidade de usos do solo em determinada localidade, os deslocamentos por meios motorizados tendem a ser reduzidos. Contudo, as pesquisas sobre o tema ainda são incipientes e estudos relacionando somente a diversidade de usos com os deslocamentos por caminhada são escassos. Este estudo, portanto, apresenta um recorte sobre o tema com a inovação ao estudar a relação entre a variável diversidade de usos do solo de forma isolada com os deslocamentos por caminhada de forma empírica utilizando, para tanto, dados de viagem fornecidos por aplicativo de celular por participantes voluntários.

A escolha pelo modo de transporte

A interferência do ambiente construído nos deslocamentos urbanos é tema de diversas pesquisas e sua compreensão é de suma importância para a busca de soluções para as cidades que sofrem cada vez mais com problemas de mobilidade. Contudo, outros fatores interferem na opção da caminhada como modo de transporte.

Larrañaga; Ribeiro e Cybis (2019) dividem os fatores que interferem na escolha da caminhada como transporte em quatro tipos:

(I) fatores socioeconômicos: disponibilidade de automóvel;

(II) fatores característicos da viagem: horário da viagem, distância, consumo de tempo, custo monetário, flexibilidade e liberdade na escolha de trajetos e momentos do deslocamento

(III) fatores característicos do bairro: proximidade de comércios e serviços, topografia, condições e dimensões da calçada, localização do mobiliário urbano, segurança pública, presença e localização do comércio formal e informal, características de fluxo de veículos nas vias, número de pessoas nas paradas de transporte coletivo, condições de tráfego nos cruzamentos, qualidade do ambiente para pedestres;

(IV) fatores atitudinais ou relativos ao estilo de vida: Limitações físicas dos usuários, desejo de evitar esforços físicos, desejo de realizar exercícios físicos, considerações ambientais, preferências de modo de transporte, compra de emergência, preferência por comércios e serviços e necessidade de realizar viagens encadeadas. (Larrañaga; Ribeiro e Cybis, 2019, p.16x)

Os autores encontraram ainda, em pesquisa realizada no Brasil, que a distância da viagem, horário da viagem, proximidade de comércios e serviços e segurança pública são os principais fatores apontados pelos participantes em geral como determinantes na escolha modal.

Características do ambiente Urbano e os deslocamentos

Cervero e Kockelman (1997), relacionando o ambiente construído aos deslocamentos, concluíram que as características de vizinhança possuem forte impacto para a escolha do modo de viagem e pontuam que existem três mecanismos para melhorar os transportes: (I) reduzir o número de viagens; (II) daquelas viagens produzidas, aumentar as promovidas por meios não motorizados e, (III) daquelas motorizadas, reduzir as distâncias e aumentar o número de ocupantes por veículo. Estes objetivos podem ser influenciados com características do ambiente construído.

Conforme Brown et al. (2009) a densidade populacional torna a caminhada eficiente, diminui o apelo de dirigir em áreas congestionadas, onde o estacionamento é muitas vezes escasso e cria demanda por destinos. Já o design amigável para pedestres fornece ruas bem conectadas, redes que criam rotas bastante curtas e diretas entre destinos. A diversidade de usos, por sua vez, traz diversos destinos para caminhadas juntos em uma área.

O uso e a ocupação do solo interferem nos padrões de fluxo de pessoas, mercadorias e veículos utilizados. Moura (2018) afirma que quando existe uma combinação

equilibrada de atividades complementares em um determinado bairro (ou seja, uma mistura de residências, locais de trabalho, comércio e serviços), parte significativa das viagens cotidianas de seus moradores pode permanecer curta e passível de ser feita caminhando.

Yeang (2000) traz alguns benefícios da incidência da diversidade de usos, como: Acesso facilitado a comércios e serviços; Diminuição nos congestionamentos ligados a viagens diárias a trabalho; Melhores oportunidades para interação social; Comunidades com diversidade social; Estimulação visual resultante da combinação de diferentes tipos edilícios; • Uma maior sensação de segurança, com os “olhos da rua”; Melhor eficiência energética e uso mais eficiente de espaços e edifícios; Maior escolha de localização e estilo de edifícios; Vitalidade urbana; e Maior viabilidade econômica para pequenos negócios.

Em medições objetivas do Ambiente Construído, as dimensões envolvem especialmente os “3D’s”: Densidade, Diversidade e Design (ou Desenho urbano) apontados por Cervero e Kockelman (1997). Cervero et al. em 2009 incluíram mais duas dimensões importantes para avaliar de forma objetiva o ambiente construído: distância do transporte e destinos acessíveis.

QUADRO 1: As cinco dimensões do ambiente construído (5D’s).

Fonte: Ewing e Cervero (2010) adaptado Autora (2022).

5D’s	Conceito
Densidade	Relação de unidade de interesse / área população por área, empregos por área, área edificada por área total.
Diversidade	Quantidade de diferentes usos do solo em determinada área e o grau que eles são representados nesta área do solo
Design	Inclui características de rede de rua dentro de uma área.
Distância do transporte	Geralmente medido como uma média das rotas mais curtas das residências ou locais de trabalho em uma área para a estação de transporte público mais próxima.
Destinos acessíveis	Mede a facilidade de acesso a destinos de interesse

Grieco, Alves e Portugal (2015) estudaram dois índices pré-existentes para qualificar a mobilidade: índice desenvolvido por “Smart Growth America” e outro elaborado pelo Institute for Transportation & Development Policy (ITDP) e, a partir daí, conceberam um índice conceitual para relacionar os 5D’s com condições de viagens sustentáveis (Potencial de viagens sustentáveis – PVS). Neste índice adotam alguns valores como desejáveis para as cinco dimensões do ambiente construído (5D’s), conforme Quadro 2.

QUADRO 2 – Quadro com índices desejáveis

Fonte: Grieco, Alves e Portugal (2015).

Densidade	Acima de 200 habitantes/ha
Diversidade	Proporção de usos residenciais e não residenciais entre 15 e 85%
Design	Tamanho mínimo de quarteirão 100m e no máximo 180m
Distância	Caminhada de 500 a 1000 metros
Destinos acessíveis	Tempo de percurso de caminhada até o centro menor que 10 minutos

Diversidade de Usos e a caminhada

A disposição dos diferentes tipos de uso do solo na cidade (residência, comércio, serviços, lazer, entre outros) pode interferir nas atividades humanas, gerando a necessidade por viagens para estes diversos locais. Portanto, entende-se que a forma com que os diversos usos são dispostos na malha urbana pode interferir no sistema de transporte das cidades.

Song, Merlin, e Rodriguez, (2013) apontam que os benefícios da mistura de uso do solo urbano têm sido estudados em várias áreas, principalmente em transporte, permitindo distâncias mais curtas e possibilitando meios ativos; saúde pública, por encorajar as pessoas a se movimentar para se deslocar e economia, pelo aumento da densidade, possibilitando amenidades urbanas.

Yeang (2000) elenca outros benefícios da incidência da diversidade de usos: melhores oportunidades para interação social, maior sensação de segurança, mais vitalidade urbana, maior viabilidade econômica para pequenos negócios e uso mais eficiente de espaços e edifícios.

Sobre a mensuração desta variável, contudo, existem diversas maneiras de ser feita, conforme a literatura consultada. Contudo, ainda é uma variável de mensuração complexa. Song, Merlin e Rodriguez (2013) afirmam que as medidas de uso do solo refletem como a quantidade e a proximidade de um tipo de uso da terra influencia a utilidade de outro. As formas mais comuns de se medir a diversidade são por entropia ou proporção.

Nem sempre a caminhada como transporte será somente uma escolha individual de cada pessoa. Esta escolha está diretamente relacionada com o meio disponível e outras características que devem ser incorporadas ao planejamento, a fim de serem minimizados os problemas possíveis para fomentar este modo como deslocamento. Neste sentido, a diversidade de usos do solo assume fator importante nas opções de destinos disponíveis que podem impulsionar mais deslocamentos a pé.

Pesquisa exploratória

Brownson et al. (2009) indicam duas possibilidades de avaliação do ambiente construído: (I) objetivamente, a partir de conjuntos de dados analisados em sistemas de coordenadas geográficas (SIG) ou pela quantificação sistemática obtida com observações *in loco*; e, (II) subjetivamente, a partir de entrevistas e questionários quanto à percepção individual do ambiente. Nesta pesquisa, buscou-se fazer a análise de forma objetiva de dados coletados vinculando as características espaciais do local com os dados fornecidos dos participantes. Desta forma, foram utilizados dados secundários, que são aqueles que já existem e dados primários, que consistem naqueles que precisam ser levantados com os participantes.

A pesquisa se caracterizou como uma pesquisa de natureza exploratória com abordagem quantitativa que visa entender o ambiente construído e como ele interfere na mobilidade urbana. O principal objetivo foi estudar a relação quantitativa de diversidade de usos com as viagens realizadas por caminhada e entender se endereços com características de diversidade melhor estão relacionados a mais viagens a pé.

Nesta pesquisa, coletaram-se dados de viagens de participantes voluntários, relacionando-os com dados de vizinhança para buscar entender como as viagens a pé ocorrem e em que condição de uso do solo da vizinhança elas são mais ou menos favoráveis. Os participantes foram recrutados por meio de listas de email e receberam formulário com orientação sobre como coletar e preencher os dados. Os dados disponibilizados foram de distância percorrida em um dia típico (24 horas), endereço residencial e idade.

Ferramentas de coleta de dados de distâncias percorridas

Diferente da maioria das pesquisas efetuadas sobre o tema, que utilizaram dados secundários como pesquisas de origem destino ou distância percorrida por carros, nesta pesquisa foram coletados dados de viagens efetuadas pelos participantes por

meio de coleta de dados de caminhada com a utilização de aplicativo de celular que contabiliza as distâncias percorridas a pé (medidas em passos ou quilômetros). O Aplicativo utilizado foi o “Stepsapp Pedômetro”, na sua versão gratuita. Os participantes receberam orientações prévias em formulário sobre como utilizá-lo. O local escolhido para a realização do estudo foi a cidade de Florianópolis, em virtude da disponibilidade de dados e facilidades logísticas para a pesquisa exploratória. Os dados foram coletados no mês de novembro de 2022 e entre os meses de março e junho de 2023 para evitar que os dados fossem distorcidos uma vez que a cidade recebe grande número de turistas para a temporada de verão. Os participantes preencheram um formulário no qual indicavam a distância percorrida em um dia típico (que excluem finais de semana e feriados) além de endereço da residência.

Definição do recorte geográfico a ser adotado para cada endereço

Sobre a definição do recorte geográfico, Handy e Clifton (2001, p. 69, tradução nossa) apontam que “o uso da vizinhança como unidade espacial de análise apresenta oportunidades e desafios”. Os autores pontuam que a análise neste nível permite um exame mais detalhado das características qualitativas do ambiente local do que uma análise em um nível geográfico maior.

Observando-se as limitações dos recortes pré-definidos como bairro e setores censitários, optou-se por utilizar o recorte de *buffer*. Song, Merlin e Rodriguez (2014) apontam que a utilização de *buffer* como medida geográfica permite qualificar melhor a área de interesse de conhecimento e as características de uso do solo relacionado a este local. Ainda, este método evita a arbitrariedade de alguns limites administrativos. Um *buffer* em Sistemas de Informação Geográfica (SIG) é uma zona em torno de um recurso do mapa medido em unidades de distância ou tempo.

Considerando-se as distâncias passíveis de serem percorridas a pé e as definições de vizinhança adotadas em outras pesquisas, adotou-se o recorte geográfico de *buffer*, porém definido a partir da rede de ruas. Neste modelo calcula-se, a partir de cada endereço, os locais distantes em até 500 metros utilizando-se como base as vias. Foi utilizada a distância de 500 metros por ser apontado pela literatura como percursos aceitos para caminhadas, independente da classe social.



FIGURA 1 – Recorte geográfico pela rede de vias (500 metros) do endereço do participante.

Fonte: Autores, 2023 com auxílio do software QGIS.

O recorte por rede de ruas, diferente de outros recortes pré-determinados permite conhecer melhor a vizinhança e evita distorções dos limites administrativos pré-definidos como o setor censitário e bairros, por exemplo, que não adotam um recorte uniforme, dificultando a comparação dos locais. A Figura [1] representa o recorte geográfico adotado nesta pesquisa.

Classificação da diversidade de usos do solo de cada endereço

Para esta pesquisa optou-se por mensurar a diversidade pela proporção de usos residencial e não residencial. Este valor se dá por porcentagem e não diferencia os usos não residenciais entre si. Optou-se por esta forma por ser mais fácil seu entendimento e aplicação, do ponto de vista prático para o planejamento urbano e para permitir a utilização dos parâmetros de diversidade da pesquisa de Grieco, Alves e Portugal (2015) como indicador de “boa diversidade” para análise dos resultados encontrados. Os dados utilizados para fazer o cálculo da diversidade foram os disponibilizados pela prefeitura municipal de Florianópolis.

Processamento dos dados de vizinhança

Após o preenchimento dos formulários por parte dos participantes os dados foram espacializados em mapa com auxílio do software QGIS no qual, com o auxílio das ferramentas “análise de rede” foi possível obter os imóveis passíveis de serem acessados no buffer de 500 metros. A partir daí, com auxílio do software foram calculados os índices de diversidade para análise dos dados.

Limitações do Método

Algumas limitações quanto ao método proposto foram identificadas e precisaram ser consideradas na análise dos dados coletados e considerações sobre os resultados obtidos. Nesta pesquisa foram apontados com mesmo grau de importância todos os tipos de destinos. É sabido, contudo, que determinados usos atraem mais viagens por meios ativos que outros. O método abordou o quanto cada participante caminha quando está portando o aparelho de celular. Desta forma, englobou viagens que tenham tido a participação da caminhada em algum trajeto, mesmo que maior parte tenha sido feita por outro modo. Portanto, não aborda as viagens feitas exclusivamente por caminhada. Ainda, pode considerar deslocamentos que não representam deslocamentos urbanos de fato, como deslocamento entre estacionamento e destino ou deslocamentos dentro de um mesmo endereço (andar dentro de casa segurando o aparelho celular, por exemplo).

Além disso, esta pesquisa não diferenciou preferências individuais por determinados meios de transporte ou possíveis limitações dos participantes que o impeçam de utilizar a caminhada como transporte. O método proposto também não permitiu excluir dias atípicos, tais como: dias com temperaturas extremas, dias em que o participante estava doente ou de férias, por exemplo.

Resultados e discussões

A pesquisa contou com 94 participantes e os dados obtidos foram dispostos no gráfico de dispersão da Figura [2] para primeiras análises. A menor distância percorrida por caminhada foi do Participante 13 (em vermelho) e corresponde a 0,14km. Já a maior distância percorrida por caminhada foi do Participante 17 (em azul) e corresponde a 9,0km. A média de distância percorrida por caminhada pelos 94 participantes foi de 3,0km. A linha laranja representa a média das distâncias percorridas que foi de 3,0km e as linhas verdes representam o limiar de diversidade considerada como desejável conforme Grieco, Alves e Portugal (2015).

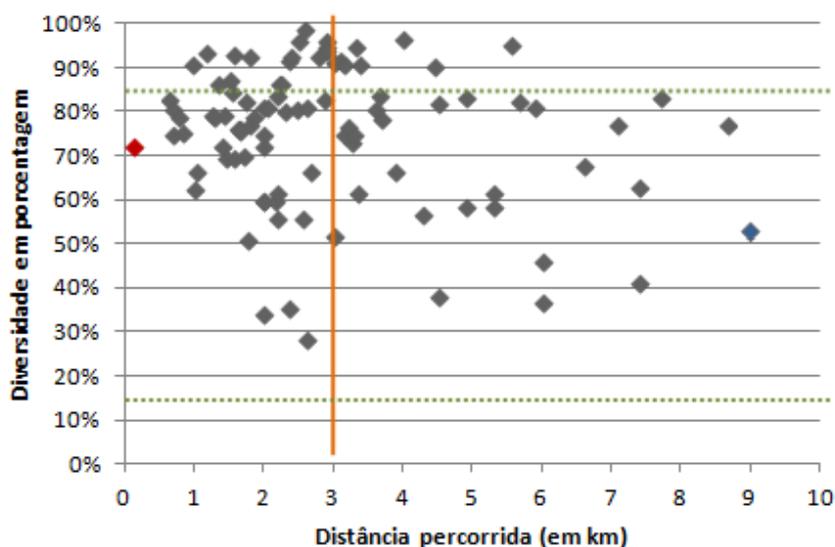


FIGURA 2 – Gráfico de dispersão:
Proporção (em %) de usos
residenciais e não residenciais
e distância percorrida (em
quilômetros)

Fonte: Autores, 2023.

Observou-se, com esta primeira análise, que a maioria dos participantes caminhou menos que a média (58 ao todo) uma vez que mais participantes se concentram do lado esquerdo da linha vermelha demarcada. Infere-se, desta forma, que os participantes que caminharam acima da média tiveram valores expressivamente mais altos para puxar a média para cima.

Analisando de forma objetiva os dados coletados quando se observa os dez participantes que mais caminharam pode-se verificar que estão relacionados a vizinhanças com diversidade de usos consideradas como boas (entre 15% e 85%), conforme síntese da Tabela [1].

Participantes	Distância Percorrida (km)	Diversidade de Usos
59	5,9	81%
78	6,0	37%
103	6,0	46%
88	6,0	68%
54	7,09	77%
19	7,4	41%
64	7,4	63%
5	7,7	83%
58	8,66	77%
17	9,0	53%

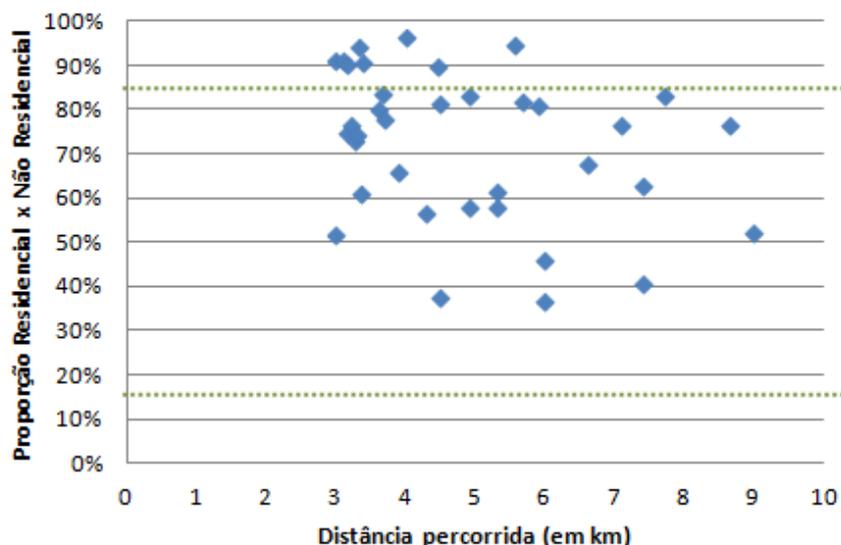
TABELA 1: Dez participantes que
mais caminharam

Fonte: Autores, 2023.

Dos participantes que andaram acima da média (34 ao todo), somente sete estão vinculados a endereços com proporção residencial não desejável (acima de 85%). A Figura [3] apresenta o gráfico relacionando os participantes que caminharam acima da média.

FIGURA 3 - Participantes que andaram acima da média.

Fonte: Elaborada pela autora.



Analisando os participantes que menos caminharam, contudo, não se pode afirmar que as pessoas que menos caminharam estão, necessariamente, vinculadas a endereços com pouca diversidade, ou seja, com diversidades ruins. A Tabela [2] mostra os dez participantes que menos caminharam e destes dez participantes, apenas dois estão vinculados a vizinhanças com diversidade de usos aqui consideradas como ruins.

Participantes	Distância Percorrida (km)	Diversidade de Usos
13	0,14	72%
82	0,65	83%
21	0,7	81%
73	0,7	75%
46	0,79	79%
76	0,83	75%
40	0,98	91%
69	1,0	62%
71	1,02	66%
61	1,18	93%

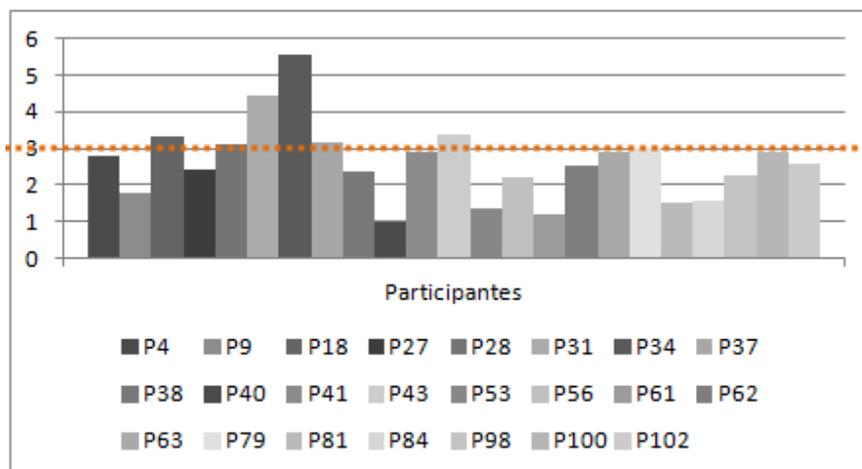
TABELA 2: Participantes que menos caminharam.

Fonte: Autores, 2023.

Analisando agora sob o enfoque da diversidade, observou-se que apenas seis dos participantes com diversidade acima de 85% caminharam mais do que três quilômetros no dia (média de distância percorrida pelos participantes), o que significa que 74% dos participantes com endereço com diversidade considerada como ruim andaram menos que a média da amostra. A Figura [4] apresenta os dados dos participantes com endereços de proporção residencial versus não residencial acima de 85%.

FIGURA 4 - Gráfico relacionando distâncias percorridas pelos participantes que tiveram a vizinhança com diversidade acima de 85%.

Fonte: Autores, 2023.



Com as análises efetuadas e amostra estudada observou-se relação entre os participantes que mais caminharam com endereços de diversidade melhor (menor proporção de uso residencial versus não residencial). Ainda, percebeu-se que os participantes que mais caminharam tiveram valores muito acima da média, o que demonstra que possuem um padrão de viagens diferente dos demais.

Considerações Finais

O método utilizado demonstrou potencial para investigar a relação entre a diversidade de usos e os deslocamentos urbanos por caminhada. Contudo, pontua-se que ajustes poderiam ser feitos uma vez que o método excluiu dados de preferências individuais e percepções dos participantes que poderiam explicar participantes com dados muito diferentes do esperado. Quanto aos resultados obtidos concluiu-se com este estudo que existem indícios de que a diversidade de usos e os deslocamentos por caminhada estão relacionados, uma vez que: (I) participantes com dados de longas distâncias percorridas estavam vinculados a endereços considerados com boa diversidade de usos. (II) dos 34 participantes que andaram acima da média, somente seis estão vinculados a endereços com diversidade considerada ruim (proporção residencial acima de 85%). Contudo, como já apontado em outras pesquisas, existem outros fatores que interferem na escolha da caminhada como transporte, os quais não foram investigados nesta pesquisa e precisam ser relacionados em futuros estudos.

Referências

BROWN, B. B Barbara et al. Mixed land use and walkability: Variations in land use measures and relationships with BMI, overweight, and obesity. **Health and Place**, v. 15, n. 4, p. 1130–1141, dez. 2009.

Cervero, R., Sarmiento, O., Jacoby, E., Gomes, L. F., Neiman, A. (2009) Influences of built environments on walking and cycling: lessons from Bogotá. **International Journal of Sustainable Transportation**, 3 (4): 203 - 226.

CERVERO, Robert; DENMAN, Steve; JIN, Ying. Network design, built and natural environments, and bicycle commuting: Evidence from British cities and towns. **Transport Policy**, v. 74, p. 153–164, 2019.

CERVERO, Robert; DUNCAN, Michael. Walking, Bicycling, and Urban Landscapes: Evidence From the San Francisco Bay Area. **American Journal of Public Health**, v.93, p. 1478-1483, 2003. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/epub/10.2105/AJPH.93.9.1478>

CERVERO, Robert; KOCKELMAN, Kara. Travel demand and the 3Ds: density, diversity, and design. **Transportation Research Part D: Transport and Environment**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 199-219, set. 1997. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s1361-9209\(97\)00009-6](http://dx.doi.org/10.1016/s1361-9209(97)00009-6).

GRIECO, Elisabeth Poubel; ALVES, Rosane Martins; PORTUGAL, Licínio da Silva. **Proposta de índice do ambiente construído orientado à mobilidade sustentável**. XXIX Congresso Nacional de Pesquisa em Transporte da ANPET, Ouro Preto, 2015, p. 2730-2740.

GRIECO, Elisabeth Poubel; PORTUGAL, Licínio da Silva e ALVES, Rosane Martins. **Aplicação de um índice do ambiente construído para avaliação da mobilidade sustentável**. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 215-225, out./dez. 2016.

LARRAÑAGA, Ana Margarita; RIBEIRO, José Luis Duarte; CYBIS, Helena Beatriz Betella. Fatores que afetam as decisões individuais de realizar viagens a pé: estudo qualitativo. **Transportes**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 16-26, 2 jul. 2009. *Lepidus Tecnologia*. <http://dx.doi.org/10.14295/transportes.v17i2.355>.

SONG, Yan; MERLIN, Louis; RODRIGUEZ, Daniel. Comparing measures of urban land use mix. **Computers, Environment and Urban Systems**, v. 42, p. 1-13, 2013.

YEANG, L. D. **Urban Design Compendium**. London: Homes and Communities Agency, 2000.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 25/09/2023

Aprovado em 29/11/2023

DANIEL MEDEIROS DE FREITAS E ANA CLARA VARGAS DE MELO

Caminhos da Serra: Leitura da paisagem e diretrizes projetuais transescalares para a preservação ambiental

*Serra do Curral Trails: Landscape Reading and Transcalar Design Guidelines for
Environmental Preservation*

*Senderos de la Sierra del Curral: Lectura del paisaje y directrices de diseño trans
escalares para la preservación ambiental*

Daniel Medeiros de Freitas

Arquiteto Urbanista formado pela PUC Minas (1995-2000), especialista em Revitalização Urbana e Arquitetônica (2002-2004), mestre (2004-2006) e doutor em Arquitetura pela UFMG (2012-2016). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e Design da UFMG. Leciona e pesquisa sobre os seguintes temas: Leitura do Lugar, desenho urbano, aproximações entre arquitetura e urbanismo e planejamento urbano, Grandes Projetos Urbanos. É co-coordenador do grupo de pesquisa PRAXIS-EA/UFMG. Participa dos Grupos de Pesquisa TRAMA Laboratório de Projeto e Planejamento Urbano e do Núcleo de Belo Horizonte do Observatório das Metrôpoles.

Architect and Urbanist graduated from PUC Minas (1995-2000), specialist in Urban and Architectural Revitalization (2002-2004), master (2004-2006) and doctor in Architecture from UFMG (2012-2016). He is currently an assistant professor at the Department of Urbanism of the School of Architecture and Design of UFMG. He teaches and researches on the following themes: Reading of the Place, urban design, approximations between architecture and urbanism and urban planning, Large Urban Projects. He is co-coordinator of the PRAXIS-EA/UFMG research group. Participates in the Research Groups TRAMA - Urban Design and Planning Laboratory - and the Belo Horizonte Center of the Observatory of the Metropolis.

Arquitecto Urbanista formado por la PUC Minas (1995-2000), especialista en Revitalización Urbana y Arquitectónica (2002-2004), maestro (2004-2006) y doctor en Arquitectura por la UFMG (2012-2016). Actualmente es profesor adjunto del Departamento de Urbanismo de la Escuela de Arquitectura y Diseño de la UFMG. Enseña e investiga sobre los siguientes temas: Lectura del Lugar, diseño urbano, aproximaciones entre arquitectura y urbanismo y planificación urbana, Grandes Proyectos Urbanos. Es co-coordinador del grupo de investigación PRAXIS-EA/UFMG. Participa de los Grupos de Investigación TRAMA Laboratorio de Proyecto y Planificación Urbana y del Núcleo de Belo Horizonte del Observatorio de las Metrôpolis.

daniel-freitas@ufmg.br

Ana Clara Vargas de Melo

Arquiteta Urbanista formada pela UFMG (2016-2022) e Pós-graduanda em Geoprocessamento na PUC Minas (2023-2024)

Urbanist Architect graduated from UFMG (2016-2022) and Postgraduate in Geoprocessing at PUC Minas (2023-2024).

Arquitecta Urbanista formada por la UFMG (2016-2022) y Posgrado en Geoprocesamiento en la PUC Minas (2023-2024)

anaclara.vame@gmail.com

Resumo

O artigo registra uma experiência de cartografia e leitura dos caminhos existentes e potenciais localizados na Serra do Curral em Belo Horizonte com ênfase na escala do corpo e na percepção de quem frequenta o local. O trabalho dialoga com diferentes escalas de planejamento e ação sobre o espaço urbano e natural, se orientando pelo combate à expansão da mineração sobre a Serra do Curral e pelos esforços de implementação da Trama Verde Azul na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Por meio da leitura da escala local e da elaboração de uma extensa cartografia dos percursos, busca-se delinear alternativas de resistência articuladas, mas não limitadas, aos instrumentos de planejamento territorial e de proteção ambiental em vigor ou em vias de implementação. A metodologia de mapeamento dos percursos vem sendo desenvolvida por meio de atividades acadêmicas extensionistas e de ensino de projeto urbano iniciadas em 2019, às quais esteve vinculado o Trabalho de Conclusão de Curso específico sobre os percursos na Serra do Curral no qual foram produzidas as cartografias e propostas aqui apresentadas. O trabalho revela as diferentes dimensões das práticas de quem vive e frequenta a região, potencializando usos e propondo diretrizes de intervenção e gestão voltadas para a adequação da estrutura física e fomento às ações cotidianas e de resistência capazes de dar ampla visibilidade para o atual embate político e econômico observado no local. O texto avança na discussão relacionada ao conceito de paisagem, especialmente no que se refere ao campo da ecologia política do espaço, da revisão das relações entre urbano e natural e nas propostas transescalares de intervenção e gestão espaciais.

Palavras-chave: Unidades de Paisagem. Trama Verde Azul. Planejamento Urbano. Transescalaridade. Atividade Mineradora.

Abstract

The article documents an experience of reading existing and potential paths in the Serra do Curral in Belo Horizonte, with an emphasis on the scale of the body and the perception of those who frequent the studied routes. The work engages with different scales of planning and action in urban and natural spaces, as it incorporates and problematizes various strategies to combat mining expansion on the Serra do Curral and the efforts to implement a Green-Blue Network in the Metropolitan Region of Belo Horizonte. Through the examination of the local scale and the development of an extensive cartography of the routes, it seeks to outline articulated alternatives of resistance, which are not limited to the current territorial planning and environmental protection instruments in force, or under implementation. The methodology for mapping the routes has been developed through extension academic activities and urban design teaching initiated in 2019, to which a specific undergraduate thesis on the routes in the Serra do Curral was associated, resulting in the cartographies and proposals presented here. The work reveals the different dimensions of the practices of those who live and frequent the region, enhancing uses and proposing guidelines for intervention and management aimed at adapting the physical structure and promoting daily actions of resistance capable of providing broad visibility to the ongoing political and economic struggle observed on-site. The text advances in the discourse related to the concept of landscape, particularly concerning the field of political ecology of space, the reevaluation of urban-natural relationships, and trans scalar proposals for spatial intervention and management.

Keywords: Landscape. Green-Blue Network. Urban Planning. Trans-scalarity. Mining Activity.

Resumen

El artículo documenta una experiencia de lectura de senderos existentes y potenciales en la Serra do Curral en Belo Horizonte, con énfasis en la escala del cuerpo y la percepción de quienes frecuentan las rutas estudiadas. El trabajo se involucra con diferentes escalas de planificación y acción en espacios urbanos y naturales, ya que incorpora y problematiza diversas estrategias para combatir la expansión minera en la Serra do Curral y los esfuerzos para implementar una Red Verde-Azul en la Región Metropolitana de Belo Horizonte. A través del examen de la escala local y el desarrollo de una cartografía extensa de las rutas, busca esbozar alternativas articuladas de resistencia, que no se limiten a los instrumentos actuales de planificación territorial y protección ambiental vigentes, o en proceso de implementación. La metodología para mapear las rutas se ha desarrollado a través de actividades académicas de extensión y enseñanza de diseño urbano iniciadas en 2019, a las cuales se asoció una tesis de licenciatura específica sobre las rutas en la Serra do Curral, dando como resultado las cartografías y propuestas presentadas aquí. El trabajo revela las diferentes dimensiones de las prácticas de quienes viven y frecuentan la región, realizando los usos y proponiendo pautas para la intervención y gestión orientadas a adaptar la estructura física y promover acciones cotidianas de resistencia capaces de proporcionar una visibilidad amplia a la lucha política y económica en curso observada en el lugar. El texto avanza en el discurso relacionado con el concepto de paisaje, particularmente en lo que respecta al campo de la ecología política del espacio, la reevaluación de las relaciones urbanas-naturales y propuestas transescalares para la intervención y gestión espacial.

Palabras clave: Unidades de Paisaje. Trama Verde Azul. Planeamiento Urbano. Trans Escalabilidad. Minería.

Introdução

O artigo registra uma experiência de cartografia e leitura dos caminhos existentes e potenciais localizados na Serra do Curral em Belo Horizonte orientada pela articulação entre três processos: os esforços de consolidação da Trama Verde Azul na Região Metropolitana de Belo Horizonte (TVA-RMBH); os recentes conflitos entre a preservação da Serra do Curral e o crescimento da atividade mineradora; e a elaboração de diretrizes projetuais orientadas pela leitura da paisagem e percepção do lugar que buscam consolidar uma rede de percursos no local.

O conceito e as primeiras diretrizes para uma Trama Verde e Azul na RMBH foram apresentados no Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte - PDDI (UFMG, 2010) e tiveram como principal diretriz a necessária conexão entre as áreas verdes e a sustentabilidade ambiental urbana, pautada em estratégias de livre acesso e uso dos espaços considerados de interesse comum (OLIVEIRA, 2019). Nos últimos anos, a TVA-RMBH vem sendo gradativamente consolidada por meio da elaboração do Macrozoneamento da RMBH (UFMG, 2014) e da revisão dos Planos Diretores de parte dos municípios da RMBH, além da influência indireta de diferentes ações de pesquisa e extensão concluídas e em andamento.

Na Serra do Curral, o principal desafio da TVA-RMBH vem sendo equacionar os conflitos de uso do solo com a altíssima relevância ambiental e paisagística da região. Conforme será detalhado, a região abriga atividades mineradoras estatais e privadas, assentamentos informais e condomínios de alta renda, agricultura e pecuária familiar, além de atividades de turismo e lazer. Os desafios incluem ainda uma intrincada e contraditória sobreposição de legislações municipais, processos inconclusos de tombamento e sobreposição de grandes áreas de preservação ambiental estadual e federal.

Nos últimos anos, os conflitos acima foram agravados em função de diferentes determinações relacionadas a uma maior subordinação aos agentes dominantes do capitalismo global, sobretudo em sua dimensão ecológico-territorial, e a uma maior flexibilização da política ambiental. Especificamente sobre a mineração e o modo como se articula com a economia política global da natureza (ESCOBAR, 2001), em parte impulsionado pela abertura de capitais das empresas e pelas flexibilizações na legislação ambiental, vem agravando os impactos da atividade em diferentes escalas e alimentando um passivo ambiental que inclui ameaça sobre o abastecimento de água, precarização do trabalho, desastres e crimes ambientais. No Brasil, o recente contexto político criou condições ainda mais favoráveis para uma neoliberalização articulada em diferentes dimensões a um Estado-capital que, no caso em análise, compreende a escala federal, estadual e municipal. Neste artigo, jogaremos luz sobre a interface entre o crescimento da atividade mineradora, o cotidiano dos moradores e a infraestrutura existente para, ao final do trabalho, retomar a importância de ações de resistência situadas nesta escala específica.

Na escala local, o capital econômico e político dos agentes dominantes do setor vem sendo mobilizado na expansão da atividade mineradora, quase sempre tensionando a assimetria entre a forte dependência econômica em relação à mineração e o crescente esvaziamento dos instrumentos de preservação, controle e fiscalização da atividade pelo poder público. Este é, grosso modo, o contexto dos desastres ambientais de Mariana e Brumadinho e, também, da ameaça de novos desastres em praticamente todo o estado. Na Serra do Curral - contrariando frontalmente a proposta de tombamento apresentada em junho de 2022 pelo IEPHA¹ - o embate mobiliza de

¹ Disponível em: http://iepha.mg.gov.br/images/Legisla%C3%A7%C3%A3o/Portarias_2022/PORTARIA_22_2022_compressed.pdf. Acesso em 13/03/2023.

modo mais explícito um grupo de agentes formado por moradores, frequentadores e organizações que, na escala local, reitera a importância de apropriação, proximidade e visibilidade da preservação ambiental e dos impactos da atividade mineradora sobre o cotidiano desses agentes.

A opção teórico-metodológica orientada pelas percepções do caminhante envolve, além de questões relacionadas ao conceito de paisagem, a operacionalização do conceito de lugar e sua tradição fenomenológica. Neste registro, optamos por privilegiar a leitura da paisagem, uma vez que a leitura do lugar a partir de narrativas e entrevistas de moradores e frequentadores da Serra do Curral ainda está em curso, sendo apenas pontualmente citada em alguns momentos do texto que privilegia a leitura dos percursos a partir da experiência dos pesquisadores.

A seguir, após uma breve contextualização histórica da região na seção 1, analisaremos, na seção 2, a cronologia recente do crescimento da mineração com destaque para o papel dos agentes públicos e privados envolvidos. Na seção 3 apresentaremos os resultados propositivos formulados para, na seção 4, discutir como a inflexão metodológica proposta se articula com o debate mais amplo sobre o tema.

Histórico da interface entre urbano e ambiental na Serra do Curral

As primeiras ocupações da Serra do Curral datam do início do século XVIII, mas foi somente com a descoberta de ouro, em 1800, e do minério de ferro, em 1870, que grandes investimentos no setor extrativista, quase sempre relacionados ao crescimento dos núcleos urbanos do entorno, passaram a modificar de modo mais intenso a paisagem natural (CARSLADE & ABREU, 2012). Embora a inauguração de Belo Horizonte em 1897 tenha conferido à Serra do Curral o protagonismo no imaginário da população da nova capital (IEPHA, 2020), nas décadas seguintes, o crescimento urbano da RMBH impactou a Serra do Curral de diferentes formas. Isso inclui o processo contínuo de ocupação de parte da encosta oeste por bairros formais e informais e, também motivado pelo crescimento urbano, o impacto da verticalização intraurbana diminuindo a visibilidade da Serra pelos moradores. Do outro lado da Serra, vem sendo cada vez mais intensa a expansão da atividade mineradora e de condomínios privados, com alto impacto sobre a paisagem e sobre as possibilidades de acesso ao local pela população.

Sobre a atividade mineradora, a Serra do Curral está localizada no quadrilátero ferrífero, província mineral mais importante do sudeste do Brasil (AZEVEDO et al, 2012). Os municípios do quadrilátero abrigam cerca de 20% da população de Minas Gerais e 26,8% do PIB do estado, sendo a mineração a base da economia de vários desses municípios. O quadrilátero, no entanto, possui grande importância hídrica, uma vez que a camada externa de solo, a chamada canga², é responsável pelo abastecimento de água de grande parte da região. Essa importância é ainda maior na Serra do Curral, onde a cobertura vegetal formada por 84,5 km² de vegetação densa e 78,9 km² de vegetação rasteira, abriga inúmeras nascentes e caminhos de drenagem fundamentais para o abastecimento da RMBH. A grande variedade de fauna e flora,

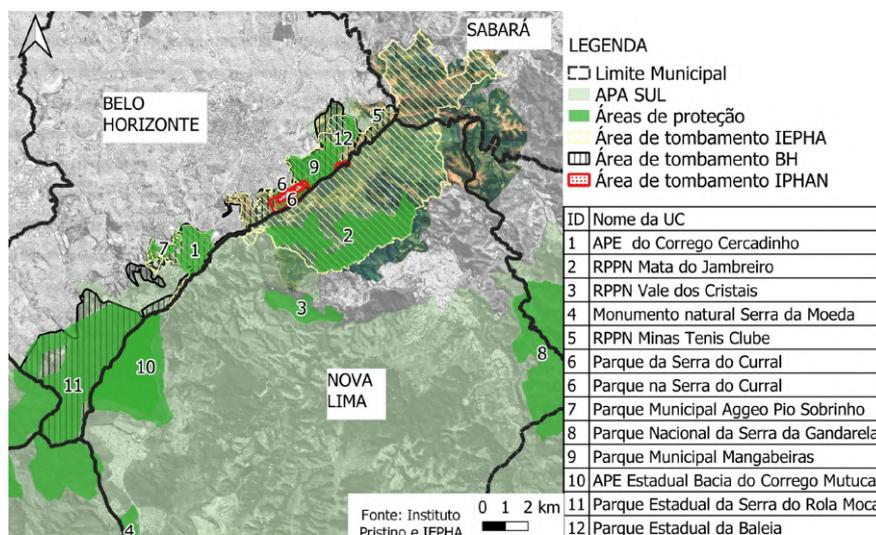
² As Cangas possuem grande capacidade de retenção de águas da chuva e porosidade, permitindo que os aquíferos “elevados” sejam abastecidos ao longo do tempo e permitam a perenidade das nascentes que por sua vez são responsáveis pelo abastecimento hídrico das cidades da região, como é o caso de Belo Horizonte, a qual é abastecida majoritariamente por águas provenientes do quadrilátero. O aquífero “caué”, como também é conhecido, tem fluxo e armazenamento subterrâneos que encontram-se delimitados nos três grandes blocos regionais: Homoclinal Serra do Curral, Sinclinal da Moeda e Faixa Transpressiva Tamandua-Mutuca. Ver MOURÃO, 2007.

incluindo a presença de espécies endêmicas, também faz da área um corredor ecológico de articulação de reservas vegetais e áreas de proteção ambiental.

Desde a chegada das primeiras atividades de mineração, uma série de ações de proteção foram criadas na Serra do Curral (Figura 01), sendo a mais recente o dossiê para o processo de tombamento estadual pelo IEPHA (2020). No entanto, essas ações não impediram a expansão recente e os impactos da atividade mineradora. A Mina de Águas Claras, por exemplo, chegou a ser a quinta maior exportadora e produtora de minério de ferro do mundo e, mesmo após desativada, impede ou inibe a presença da população em porções da Serra que ligam Belo Horizonte à Nova Lima e afetam parte da Mata do Jambreiro, área de proteção ambiental e onde está a barragem de rejeitos da Mina.

FIGURA 1: Áreas de proteção e tombamento da região da Serra do Curral.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Instituto Prístico e IEPHA.



Além das ações de proteção, a presença da mineração foi combatida desde os anos 1980 por diversos movimentos sociais de defesa da Serra, com pautas que denunciam a redução da área verde e falta de proteção hídrica, ambiental e cultural. Estas pautas também são uma reação contra a expansão dos condomínios e do turismo predatório. Como exemplo, é possível citar o recente crescimento do condomínio Vila da Serra e a expansão do bairro Mangabeiras sobre as áreas de preservação. Em outro caso, o condomínio Vale do Sereno, moradores vizinhos denunciaram o lançamento de esgoto de um edifício em um córrego localizado dentro da área de preservação permanente³, e o corte irregular de árvores próximo a um dos afluentes do Alto Rio das Velhas⁴.

Fechando a breve contextualização da região, é importante destacar a sobreposição dos parâmetros de uso e ocupação do solo municipal, aspecto agravado pelo fato da Serra coincidir com o limite entre Belo Horizonte, Nova Lima e Sabará. Atualmente, Belo Horizonte, define parâmetros específicos para uma Área de Diretrizes Especiais (ADE) e consegue exercer maior controle sobre o processo de crescimento e modificações urbanas. Já em Nova Lima, o zoneamento como Zona de Comércio e Serviços e Zona Especial de Uso Sustentável em áreas próximas à Serra é bem mais permissivo em relação à ocupação e acabam gerando zonas de ocupação entre dois zoneamentos de proteção ambiental. A verticalização dessas áreas gera, por exemplo, impactos na

³ Disponível em <https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-record/videos/esgoto-e-lancado-em-corrego-de-area-de-preservacao-em-nova-lima-na-grande-bh-08032023>. Acesso em 13/03/2023.

⁴ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/06/07/interna_gerais,1274108/derrubada-de-arvores-coloca-em-alerta-moradores-do-vale-do-sereno.shtml Acesso em 13/03/2023.

cumeada da Serra e bloqueio de correntes de ar⁵. Na região entre Belo Horizonte e Sabará há uma grande área verde não considerada área de preservação por Sabará, mas como Zona de Adensamento Restrito cercada por áreas urbanas em crescimento. Entre Nova Lima e Sabará, um conjunto de túneis ferroviários antigos com cerca de 3km é classificado por Sabará como Zona de Empreendimentos de Impacto Urbano Ambiental e, informalmente, abrigam trilhas turísticas reconhecidas pelos praticantes de trekking, motocross e *mountain bike* na região (IEPHA, 2020). Os túneis receberam maior atenção quando a empresa TAMISA propôs utilizar as estruturas para escoar sua produção, o que causou diversas reações na imprensa e movimentos sociais. Sobre a legislação, o desafio seria, tal como pontuado por Heloísa Costa, articular as propostas metropolitanas com as realidades e interesses locais (COSTA et al., 2018). Um dos caminhos é que a revisão dos planos municipais incorpore as diretrizes do plano metropolitano.

O modus operandi das mineradoras e o papel das resistências

A mais recente polêmica observada na Serra do Curral envolve o atual governador, Romeu Zema (Partido Novo) e seu aval à empresa Taquaril Mineração S.A (Tamisa), a qual deseja realizar um grande projeto minerário na Serra. Este aval do governo resultou em um pedido de abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em maio de 2022⁶. A CPI questiona por que o pleito da Tamisa foi aprovado pelo Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) antes da conclusão do processo de tombamento da Serra do Curral. No entanto, até 5 de março de 2022, apenas 9 deputados estaduais haviam assinado o pedido de apuração que precisava de 26 subscrições. Em novembro de 2022, a deputada Beatriz Cerqueira (PT) foi à tribuna para comentar a renúncia coletiva de ambientalistas que integravam o Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) e o Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CERH) por meio de carta de renúncia que informava que os conselhos deixaram de ser fóruns de discussão de políticas públicas e se tornaram palco de legitimação de decisões autocráticas do Governo do Estado. Nesta mesma reunião a deputada disse ter documentos mostrando que a Secretaria de Estado de Meio Ambiente estaria a serviço de grandes empreendimentos minerários e anunciou que iria solicitar a instalação de uma nova comissão parlamentar de inquérito (CPI).

Além da Tamisa, duas outras empresas estão envolvidas nas recentes polêmicas: a empresa Gute Sich Ltda e a empresa Fleurs Global Mineração Ltda, que pertencem ao mesmo grupo econômico. Ambas atuam na Serra do Curral, a primeira na face oeste, próximo às residências do bairro Taquaril, e a segunda na face leste, próximo ao Rio das Velhas. As acusações, aqui resumidas a partir de um conjunto de reportagens escritas sobre o tema, são de que o modus operandi das empresas é semelhante e consiste em realizar terraplanagem de terrenos regulares ou invadidos sem autorização ou em discordância com o autorizado pelo poder público, dissimulando a extração irregular de minério. O minério extraído seria vendido para siderúrgicas ou empresas de beneficiamento, burlando a fiscalização dos órgãos ambientais competentes. De fato, em outubro de 2020, um inquérito apontou que a retirada da terra era feita pelas empresas Valefort e Gute Sicht, e a Fleurs, diversas vezes autuada, ficava responsável

⁵ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/criacao-do-belvedere-iii-aumentou-a-temperatura-de-belo-horizonte-1.1515357>. Acesso em 14/03/2023.

⁶ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/05/25/interna_politica,1368893/cpi-da-serra-do-curral-precisa-de-duas-assinaturas-para-ser-protocolada.shtml Acesso em 27/03/2023.

por transformar o material rochoso em matéria prima⁷.

Em maio de 2022, a prefeitura de Belo Horizonte interditou áreas da empresa Gute Sich e uma série de movimentos populares protestou contra o projeto. Até o momento, a empresa Gute Sich acumula cerca de 6,5 milhões de reais em multas ambientais e continua extraindo minério de ferro na região mesmo após ser interditada⁸. A licença chegou a ser cancelada pelo Governo e as atividades paralisadas em setembro, mas logo em seguida, no final de outubro, uma liminar liberou a retomada das atividades⁹.

Em dezembro de 2022, a licença concedida para a empresa Tamisa foi suspensa pela justiça e em janeiro de 2023, pelo Governo de MG. O motivo principal alegado foi a ausência de escuta à comunidade quilombola Mango Nzungo Kaiango. Em março, o processo da TAMISA teve anulada a anuência à licença prévia para a Cava Oeste pelo IPHAN. Esta havia sido concedida em 2018 e a cava ficaria a menos de 200 metros do Pico Belo Horizonte, ponto mais alto da Serra do Curral¹⁰ e tombado pelo órgão. Também no mês de janeiro, a justiça chegou a suspender o cancelamento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) da mineradora Fleurs, mas, duas semanas depois, a justiça suspendeu a decisão de cancelamento do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) desta mineradora¹¹ ao mesmo tempo em que outra decisão suspende as atividades das mineradoras Gute Sich e Fleurs com base em investigação da Polícia Federal, as quais verificaram que as empresas dissimulavam a extração irregular de minério¹². No entanto, em março de 2023, a Mineradora Gute Sich voltou a atuar, sob críticas da prefeitura do município, já que a Justiça Federal afirmou não haver fundamentos relevantes que sustentassem a suspensão das atividades¹³.

Em paralelo a essa guerra jurídica, o governador Romeu Zema passou a ser investigado pela Polícia Federal por denúncias de favorecimento ao setor mineral, tanto pela flexibilização dos prazos de requerimento e concessão de lavra, quanto por documentos faltantes no processo que gerou os Termos de Ajustamento de Conduta (TACs). Além de Romeu Zema, existem denúncias de favorecimento de mineradoras pela Superintendência Regional de Meio Ambiente (Supram), além de processos que pedem para que o processo de tombamento seja agilizado¹⁴. Allan de Abreu (2022), em artigo sobre o envolvimento de políticos com o setor da mineração¹⁵, explicita o modo como o setor e políticos a ele comprometido passaram a integrar, por meio de nomeação do Governo do Estado, uma série de órgãos e instâncias deliberativas do setor ambiental.

7 Disponível em: <https://manuelzao.ufmg.br/justica-suspende-atividades-da-fleurs-global-que-minerava-ilegalmente-serra-do-curral/> Acesso em 27/03/2023.

8 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/11/mineradora-que-atua-na-serra-do-curral-acumula-r-65-mi-em-multas-ambientais-em-mg.shtml#:~:text=A%20mineradora%20Gute%20Sicht%2C%20que,multas%20ambientais%20por%20funcionamento%20irregular> . Acesso em 27/03/2023

9 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/10/29/interna_gerais,1414023/justica-libera-mineracao-na-serra-do-curral-pbh-diz-que-vai-recorrer.shtml Acesso em 27/03/2023

10 Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/serra-do-curral-mg-iphan-anula-anuencia-a-licenca-previa-do-empresamento-complexo-minerario-serra-do-taquaril#:~:text=O%20Instituto%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico,do%20Curral%2C%20em%20Minas%20Gerais>. Acesso em: 27/03/2023.

11 Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/01/12/interna_gerais,1444351/justica-autoriza-volta-de-atividade-de-mineradora-na-serra-do-curral.shtml Acesso em: 27/03/2023.

12 Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/serra-do-curral-justica-federal-suspende-atividades-da-gute-schit-e-fleurs-1.2804334> Acesso em: 27/03/2023.

13 Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/economia/justica-autoriza-mineracao-gute-sicht-a-retomar-operacao/> Acesso em: 27/03/2023.

14 Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/mineracao-na-serra-do-curral-em-minas-gerais-e-suspensa-pela-justica/> Acesso em: 27/03/2023.

15 Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/um-soldado-das-mineradoras-na-chefia-da-fiscalizacao-ambiental/> Acesso em: 27/03/2023.

Todo esse processo é acompanhado de perto por grupos ambientalistas e por moradores e frequentadores da Serra do Curral. Cabe mencionar a campanha "Tira o pé da minha serra"¹⁶ que, desde fevereiro de 2023, reúne ambientalistas, ativistas, artistas e parlamentares¹⁷, dando visibilidade ao conflito e pedindo por ações de preservação e justiça ambiental, tal como observado em diferentes momentos do carnaval de 2023¹⁸. Nossa percepção é que a visibilidade e possibilidade de acesso desses e outros grupos ao território em disputa cumpre um papel fundamental para fissurar o modus operandi das mineradoras, pressionando políticos, setores de fiscalização, mídia e outros agentes a se posicionarem em relação ao conflito. Em paralelo à disputa política e pela narrativa, acreditamos que a apropriação do território constitui um elemento central de enfrentamento da expansão da atividade mineradora sem ameaçar, desde que realizada dentro de determinadas diretrizes, a preservação das características relacionadas com a relevância ambiental da Serra. Neste sentido, a viabilização de caminhos possui potencial de, a partir do território, consolidar novas estratégias e premissas de preservação, dialogando com as premissas e esforços da Trama Verde Azul e do planejamento metropolitano, conforme será argumentado a seguir.

Caminhos da Serra

Ao longo do ano de 2022, foi iniciada uma pesquisa sobre a Serra do Curral que resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso que será aqui utilizado como uma potencial alternativa de ação contra a expansão do setor minerário sobre a Serra do Curral e uma disciplina de graduação de 120 horas sobre o tema, atualmente em sua terceira oferta. Diante de um momento de ineficácia dos instrumentos vigentes de preservação e da negligência do poder público em desmontar o sistema político que dá suporte ao avanço da mineração, as propostas desenvolvidas partem da premissa de que moradores e visitantes possam, por meio de uma relação mais próxima ao território, atuar como principal resistência às ameaças sobre as áreas de relevância ambiental. Essa atuação articula tanto ações de denúncia como transformações do local, incluindo novos espaços de uso público, conexão entre localidades, percursos para caminhada, áreas de lazer, entre outros. A metodologia adotada consiste em mapeamentos e formulação de hipóteses projetuais orientadas por percepções registradas por meio de percursos e análises da escala local, identificando restrições e potenciais para a apropriação da Serra do Curral.

Para lidar com as diferentes escalas territoriais, o trabalho partiu de estudos e propostas presentes em planos locais e regionais, trabalhos acadêmicos e bancos de dados disponíveis. A primeira delimitação da área de estudo adotou o Dossiê de tombamento da Serra do Curral (IEPHA, 2020) e se orientou pelo conceito e delimitação de unidades de paisagem (METZGER, 2001). Em seguida, as visitas ao local, o percurso das trilhas e o contato com frequentadores orientaram a definição e caracterização preliminar das unidades de paisagem. O mapeamento preliminar de acessos, utilizando o aplicativo WIKILOC¹⁹, orientou os percursos realizados. Em diferentes dias, foi percorrido um total de 73,3 km distribuídos nas diferentes direções

¹⁶ Disponível em: <https://www.tiraopedaminhaserra.org/> Acesso em: 27/03/2023.

¹⁷ Disponível em: <https://guaicuy.org.br/moradoras-e-moradores-de-belo-horizonte-pedem-anulacao-de-autorizacoes-para-mineracao-na-serra-do-curral/> Acesso em: 27/03/2023.

¹⁸ Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/carnauai/2023/02/18/interna-carnauai,318236/carnaval-de-bh-blocos-levam-serra-do-curral-alegria-e-politica-as-ruas.shtml> Acesso em: 27/03/2023.

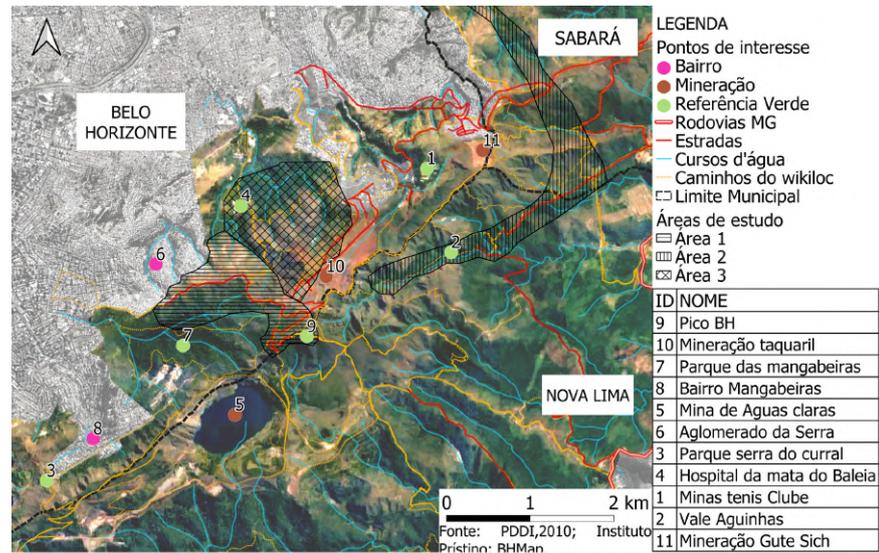
¹⁹ Wikiloc é uma plataforma que permite aos usuários descobrir e compartilhar as melhores trilhas ao ar livre para caminhadas, ciclismo e muitas outras atividades, permitindo que estes criem suas próprias trilhas de GPS com o seu smartphone, carregue-as diretamente no Wikiloc e possa realizar a navegação Outdoor com mapas off-line gratuitos para aventuras ao ar livre. Fonte: <<https://pt.wikiloc.com/>>. Acesso em 21/06/2022

e altitudes da Serra. As unidades de paisagem foram delimitadas e caracterizadas principalmente em função do relevo, da visibilidade do transeunte, da vegetação e da continuidade de acesso por meio de trilhas.

Ao final, foram identificadas 3 áreas (Figura 2). A Área 1, que será a única descrita nesse artigo por conter elementos que representam as demais áreas, abrange todo o percurso que leva até o Pico Belo Horizonte. A área é limitada pelo vale da Mata do Baleia, pelo vale do Parque das Mangabeiras, pela cava da Mineração Taquaril e pelo próprio Pico. A Área 2 abrange o trajeto dos Túneis desativados e Aguinhas, limitada principalmente pelo relevo em vale, vegetação e visibilidade. Por fim, a Área 3 abrange a Serra da Mata da Baleia, limitada pelos dois vales de entorno da serra, pela cava minerária e o Pico Belo Horizonte. O mapeamento das três áreas de estudo e suas articulações mapeou, por meio da percepção da pesquisadora que realizou o TCC, a dificuldade técnica de realizar o percurso e o registro detalhado dos trechos de maior relevância de cada trajeto. Os mapas permitem o reconhecimento das áreas selecionadas a partir de uma visão in loco e, conseqüentemente, possibilitam a identificação de pontos de interesse a serem tratados no mapa de propostas e diretrizes.

FIGURA 2: Estrutura existente e áreas de estudo na Serra do Curral

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do PDDI, Instituto Prístino e Prefeitura de Belo Horizonte (BHMap)



A partir dos percursos realizados foi possível gerar uma cartografia com os principais pontos de acesso (conexão entre as áreas a serem preservadas e a cidade), percursos, pontos de interesse e cursos d'água, além das características de cada unidade de paisagem, descrições detalhadas de cada caminho e acervo de imagens. Além de estimular e oferecer subsídios para moradores e visitantes frequentarem e se apropriarem com segurança da região, o acesso facilitado a imagens e descrições permite a leitura do lugar para quem não conhece essa porção da Serra do Curral, incluindo a visibilidade aos conflitos existentes. Além dessa cartografia, o trabalho sistematiza diretrizes gerais e específicas, importante para facilitar a tomada de decisões e para dar unidade e articulação ao conjunto de intervenções pontuais. Por exemplo, é tratado como diretriz geral a realização de um projeto de sinalização e comunicação visual para toda a região, já que em todos os percursos há bifurcações capazes de fazer o visitante se perder ou desviar do seu caminho inicial, diretriz estendida aos elementos urbanos (guarda corpo, banco, iluminação, bebedouro, lixeiras, pavimentação, entre outros).

Exemplificando o conteúdo do trabalho, a Figura 3 apresenta informações sobre a área 1, incluindo uma primeira caracterização da rede de trilhas e caminhos que cortam a Serra em diversas direções e a convergência dos caminhos que levam ao Pico Belo Horizonte. O mapeamento registra: (a) a dificuldade técnica de cada trajeto em relação ao tipo de terreno, declividade, insolação e legibilidade (clareza de orientação); (b) a experiência pessoal da pesquisadora a partir da paisagem avistada, do sombreamento, da proximidade de contato com a natureza e da percepção de segurança e insegurança; (c) os principais agentes e o modo como percebem e agem sobre o território. Dessa forma, a Figura 3 representa o modo como no caminho A, entrada para a região que tangencia o limite do Aglomerado da Serra, provoca uma percepção de maior segurança (registrada como "agradável" na escala proposta pela pesquisadora) do que o caminho paralelo que passa no interior do Aglomerado. Essa percepção está associada à presença de equipamentos como escola e o centro cultural que tornam o caminho A mais movimentado a maior parte do dia. Já no caminho B, o distanciamento em relação à cidade confere maior sensação de segurança relacionada à proximidade a elementos naturais e maior visibilidade para a área verde do Baleia e do Pico BH. No trecho C, uma estrada larga e pavimentada leva até as antenas junto ao Pico Belo Horizonte, um percurso acessível e agradável que, no entanto, teve sua articulação com o Parque das Mangabeiras (localizado na porção inferior da imagem) interrompida. Ao longo do percurso, as vistas estão representadas na figura abaixo por meio das fotografias realizadas nos pontos 1, 2 e 3.

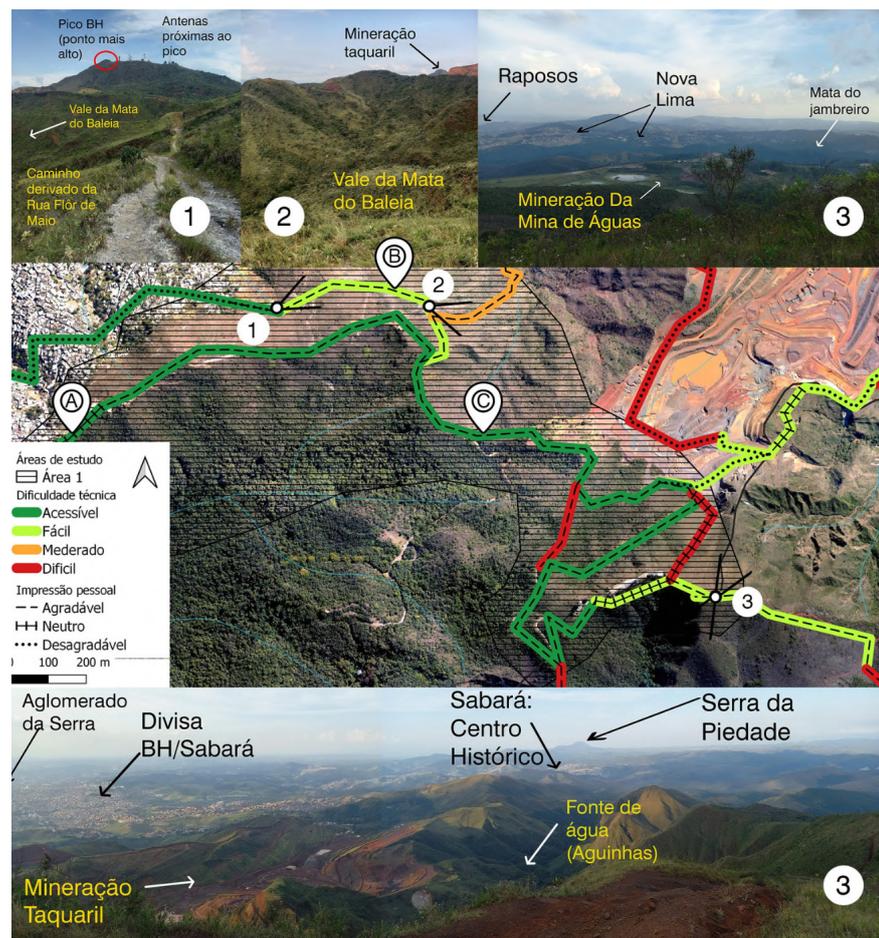


FIGURA 3: Representação dos estudos realizados sobre a área 1

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de percursos realizados em 2022.

Para exemplificar a proposição de diretrizes, a Figura 4 apresenta quatro diretrizes pontuais. Para viabilizar a "trilha do Pico Belo Horizonte" (ponto 1) recomenda-se um esforço de maior fiscalização e infraestrutura (guarda-corpo em alguns pontos, complementação de calçamento, estrutura para locais de descanso ao longo da subida e sinalização/comunicação). Na mesma trilha, a existência das antenas e do posto policial com energia e água, possibilitaria ainda a criação de oferta de serviços como lanchonete ou loja com vista para a cidade, além de atividades culturais ou educativas. Na "trilha do Parque das Mangabeiras" (ponto 2) recomenda-se que este seja o acesso principal ao Pico Belo horizonte e uma das principais entradas para a Serra do Curral, considerando a acessibilidade e infraestrutura já existente. Para a "trilha da Área do Baleia" (ponto 3), o fato de possuir maior dificuldade técnica, mas com maior potencial paisagístico e de imersão ambiental, recomenda-se que a região seja uma das principais portarias do parque, o que demandaria sinalizações ao longo do caminho e infraestrutura de apoio em locais mais difíceis, principalmente no seu início e na chegada à área minerada. Esta última necessita também da realização de um plano de contenção de erosões a ser realizado pela responsável pela área, que na época de elaboração desse estudo era a Empresa TAMISA S.A. Por fim, para a "Trilha de entrada pelo Aglomerado da Serra" (ponto 4), já bastante utilizada por moradores da região e por aqueles que têm conhecimento do acesso, recomenda-se uma portaria secundária ou acesso oficial à Serra pela rua Mangabeiras da Serra, o que facilitaria seu uso pela comunidade.

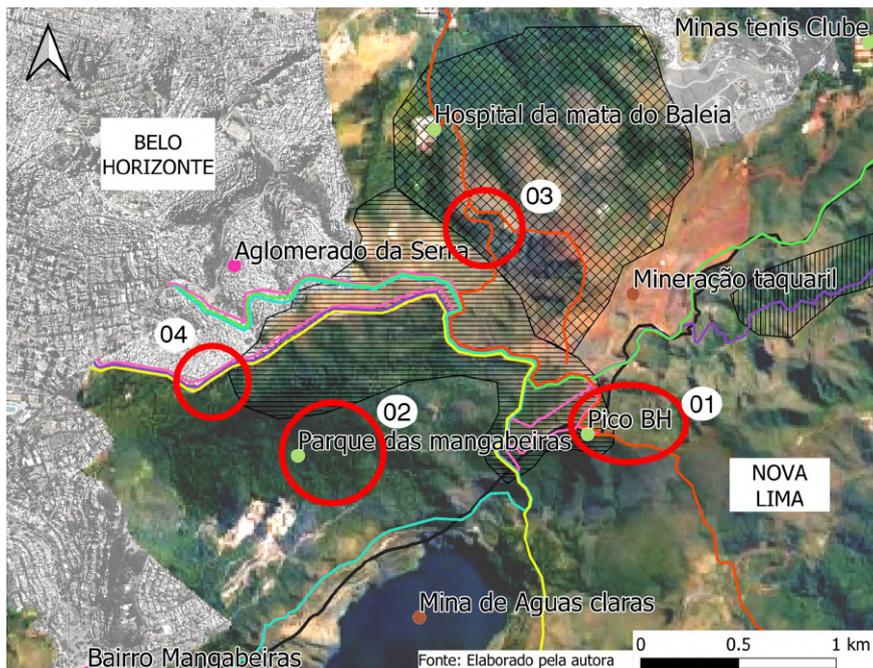


FIGURA 4: Exemplo de diretrizes específicas nas proximidades da Área 1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Adotando estrutura de análise semelhante nas 3 áreas de estudo, foi possível avançar na identificação de potenciais de consolidação de uso público e estratégias de apoio e incentivo à atividade turística, cultural e de interligação das trilhas com a escala metropolitana. A partir do mapa de propostas e diretrizes, sobretudo por meio do mapeamento das infraestruturas existentes e/ou necessárias para a realização de cada percurso, foi possível explicitar tanto os trajetos mais utilizados, onde já existe fácil acesso e alguma infraestrutura, quanto locais que demandam adequação e maior investimento. Conforme explicado, essas diretrizes estão sendo aplicadas e aprofundadas por meio de uma oficina de projeto urbano na qual cada aluno ou dupla de alunos identifica e delimita uma área de intervenção na escala do projeto urbano e, em seguida, desenvolve o projeto de infraestrutura articulado à TVA

e condicionantes do local. Dessa forma, por meio do projeto de mirantes, pequenos equipamentos comunitários, requalificação de estruturas existentes, projetos de comunicação e educação ambiental, estruturas para acessibilidade, entre outras propostas, busca-se gradativamente conformar um sistema de intervenções pontuais e táticas capazes de potencializar o acesso e apropriação da área de estudo.

Em relação à abordagem metodológica, a cartografia realizada demonstrou a importância de integrar estudos regionais com as particularidades da escala local e entre as unidades de paisagem e a escala do corpo, avançando na compreensão e registro de percepções das pessoas, aspecto também incorporado à disciplina ofertada. A opção por realizar cada percurso e registrar os usos existentes e as características de cada trecho de caminho, muitas vezes informais, foi crucial para a construção de um outro entendimento sobre a região. A opção nos permite experienciar o espaço de uma maneira mais direta e apreender sua dimensão física, avaliar e propor soluções para dificuldades técnicas, diferenciar as áreas agradáveis das desagradáveis ao visitante, registrar a interface com os moradores, percorrer trechos desconhecidos, sentir a incidência solar, a falta de vegetação, o acúmulo de lixo, a depredação dos poucos elementos urbanos, a inexistência de sinalização e, sobretudo, a devastação e escala do avanço da atividade de mineração sobre a Serra do Curral. Em resumo, são registros de percepções que permitem, a partir do cotidiano de quem vive e age no espaço investigado, avançar em estratégias transescalares de recuperação de áreas ameaçadas.

Considerações finais

O debate proposto dialoga com a diferenciação entre natural e urbano historicamente representada na relação cidade-campo (LEFEBVRE, 1999 [1970]) e no modo como a urbanização foi pautada pela ação do poder público, sobretudo na oferta das condições políticas e de infraestrutura para a industrialização (Lefebvre, 2001 [1968]). Ainda que este processo tenha invisibilizado e negligenciado o espaço natural, pode-se dizer que o espaço natural resultante dessa ação é, também, um produto social e histórico. A ação mineradora descrita ao longo do artigo, nessa perspectiva, representa o limite e a falência da diferenciação entre natural-urbana, tensionando os instrumentos de sua regulação e proteção, todos contendo premissas formuladas a partir dessa diferenciação, ou seja, adotando premissas que precisam ser revistas para fazer avançar o modo como nos relacionamos com o ambiente. Por exemplo, os estudos ambientais que, sobretudo após a década de 1980, tiveram sua abrangência conceitual e instrumental ampliada, precisam superar uma visão do urbano como algo externo à dimensão ambiental e natural (COSTA, 1999). Tomando uma perspectiva semelhante a partir do urbano, pouco se avançou na construção de modelos territoriais que permitam uma real articulação entre o natural e urbano, por exemplo, por meio da ideia de um "esverdeamento urbano" orientado pela distribuição e acesso a áreas verdes (MONTE-MOR, 1994).

Cabe lembrar que a cisão entre natural urbano, orientado pelo entendimento da natureza enquanto oposição ao espaço civilizado, ou algo exterior ao ser humano e à sociedade, é condição essencial para a transformação dessa natureza em mercadoria, já que produz uma alienação das populações em relação a seus espaços de vida (MONTE-MOR, 2015). Um caminho possível, capaz de resistir e superar essa construção, seria estimular a produção de um urbano-natural, diferente do urbano-industrial atual e hegemônico, avançando na compreensão de uma natureza enquanto parte essencial e extensão do espaço civilizado urbano, impregnada na vida cotidiana, na produção de alimentos, nos espaços de apropriação coletiva.

Neste sentido, a superação de práticas hegemônicas de preservação e planejamento passam pelo reconhecimento de abordagens orientadas inicialmente pelo campo interdisciplinar da ecologia política (COSTA, 1999, HARVEY, 1996) que reconheça que os problemas ambientais extrapolam questões técnicas e científicas e dialogam com raízes sociais, econômicas e políticas. Uma agenda de "ambientalização do planejamento" (LIMONADE, 2010) que incluiria transformar as estruturas políticas e econômicas que perpetuam a degradação ambiental e a desigualdade social, e consolidar formas de participação cidadã na tomada de decisões ambientais e distribuição mais justa dos recursos e benefícios ambientais.

A institucionalização da TVA na RMBH busca avançar nessa agenda na medida em que resgata conceitos relacionados a sistemas e redes ecológicas orientador pela aproximação entre urbano e natural (OLIVEIRA & COSTA, 2018; EUCLYDES, 2016). Trata-se de uma abordagem que dialoga com estratégias de planejamento territorial de base ecológica que buscam rever as estratégias de conservação ambiental, as formas de inserção das comunidades e as diretrizes de infraestrutura verde e projeto urbano. Um exemplo, a revisão da proteção de áreas isoladas e a proposição de linhas de ação "que estimulem o planejamento e a conservação integral do território", incluindo espaços vulneráveis como, por exemplo, aqueles onde se inserem as práticas da agricultura tradicional (ORIVE, 2009, p.141).

Neste sentido, conduzir abordagens propositivas orientadas pelo conceito de paisagem e nas interações entre o ser humano e seu ambiente (METZGER, 2001), permite desvelar novas possibilidades de articulação entre os ecossistemas e a cobertura, uso e ocupação do solo. Nesta perspectiva, a ação humana combina elementos passados e presentes conformando, como argumenta Milton Santos (1996) uma paisagem dinâmica e trans temporal que conecta, ao longo do tempo, os elementos edificados e não edificados. Trata-se ainda de uma paisagem cultural que adquire diferentes significados para cada indivíduo e seu grupo cultural, seja ela natural ou construída. Neste sentido, a convergência mineração-território-paisagem torna "fundamental considerar os vínculos entre mineração, seu território e as paisagens envolvidas, que são por ela modificados, influenciando, direta ou indiretamente, o contexto econômico e sociocultural onde se situam" (CARSALADE & ABREU, 2012, p.7). No contexto atual, onde tanto a mineração quanto a preservação estabelecem barreiras ao uso da população, proibindo a apropriação das unidades de paisagem, ocorre um monopólio da narrativa no qual os riscos e impactos decorrente da atividade sejam tratados de forma restrita ao campo político e das narrativas, ou seja, de forma abstrata e inacessível para a maior parte da população, impossibilitando o acesso ao conflito por quem experiencia o território.

Com relação ao campo do projeto urbano, vem sendo observado nas últimas décadas uma maior articulação com as teorias ambientais e ecológicas, bem como novas abordagens de projeto para cidades, paisagens e edifícios. Uma dessas iniciativas, o conceito de infraestrutura verde (MELL, 2010), é guiada pela ideia de que as estruturas construídas devem cumprir tanto sua função urbana quanto natural, apoiando "interesses ecológicos, econômicos e humanos, mantendo a integridade e promovendo a conectividade da paisagem, ao mesmo tempo que aprimoram a qualidade de vida, o local e o ambiente através de diferentes limites de paisagem" (p. 37). De acordo com o autor, a implementação da infraestrutura verde requer a conexão entre políticas ambientais, conhecimento ecológico e planejamento, garantindo assim interações humano-ambientais por meio de elementos urbanos que articulam corpos d'água, espaços verdes urbanos, infraestrutura técnica baseada em verde, corredores verdes, paisagismo, florestas urbanas e comunitárias. Busca-se, assim, uma proposta de articulação mais direta entre o conceito de paisagem e a infraestrutura verde, que orientou o trabalho de conclusão de curso descrito e seus desdobramentos.

Ensaio projetuais realizados pela disciplina descrita ao longo do artigo, ainda que realizados a partir de outras metodologias e em outros contextos, apontam que a cartografia dos percursos realizadas a partir da percepção de quem caminha e de quem vive e age no espaço, é um poderoso subsídio para projetos de intervenção pontual ou tático. Esse método, no entanto, precisa estar orientado por diretrizes e premissas transescalares, como a TVA e a legislação urbana e ambiental; além de atento a determinações econômicas e políticas mais amplas, às quais buscará se articular por meio de resistências e/ou articulações que possibilitem sua viabilidade.

Referências

AZEVEDO, U. R.; MACHADO, M. M. M.; CASTRO, P. T.A.; RANGER, F. E.; TREVISOL, A.; BEATO, D. A. C.. Geoparque Quadrilátero Ferrífero (MG). In: SCHOBENHAUS, Carlos (Org.). **Geoparques do Brasil - Propostas**. Volume I. Rio de Janeiro: CPRM, 2012.

CARSALADE, F.L.; ABREU, R. R. Mineração em Minas Gerais: território e paisagem cultural. **Anais do I Seminário Internacional de Reconversão de Territórios**. Belo Horizonte, 2012.

COSTA, H. S. M. Desenvolvimento urbano sustentável: uma contradição de termos? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 2, p. 55-71, novembro de 1999.

COSTA, H. S. M.; OLIVEIRA, A. M.; ALMEIDA, D. A. O. **Buscando um urbano metropolitano a partir da natureza e da cultura**: uma discussão a partir do caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Carneiro, J. M. B. FREY, K. (org.). Governança Multinível e Desenvolvimento Regional Sustentável. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, Oficina Municipal e Universidade Federal do ABC, 2018.

ESCOBAR A. Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization, *Political Geography*, Volume 20, Issue 2, 2001 (p.139-174).

EUCLYDES, A. C. P. **A hipótese otimista: Dialética e utopia das áreas verdes, das áreas protegidas e da trama verde e azul**. 2016. Tese. Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

HARVEY, D. **Justice, nature, and the geography of difference**. Blackwell, 1996.

IEPHA - **Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais** - Governo do Estado de Minas Gerais. Dossiê para Tombamento da Serra do Curral, localizada nos municípios de Belo Horizonte, Nova Lima e Sabará. Belo Horizonte, 2020.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999 [1970].

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001 [1968].

LIMONAD, E. **A natureza da ambientalização do discurso do planejamento**. Scripta Nova (Barcelona), v. 14, p. 1-10, 2010.

MELL, I. **Green infrastructure: concepts, perceptions, and its use in spatial planning** [Unpublished doctoral dissertation]. University of Newcastle, 2010.

MELO, A. C. V. **Caminhos da Serra**: propostas de consolidação das diretrizes da Trama Verde Azul Metropolitana na Serra do Curral. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, 2022.

METZGER, J. P. **O que é ecologia de paisagens?** *Biota Neotropica*, v.1, n.1, 2001.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Projeto de Lei 1822**. Altera os limites originais do Monumento Natural Estadual da Serra da Moeda - MONAT.

MONTE-MÓR, R. L. M. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.; SILVEIRA, M.L. (Org.) **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 169-181.

MONTE-MÓR, R. L. M. Urbanização, sustentabilidade, desenvolvimento: complexidades e diversidades contemporâneas na produção do espaço urbano. In: COSTA, Geraldo Magela; COSTA, Heloisa Soares de Moura; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo (Org.). **Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015, p. 55-69.

OLIVEIRA, A. M.; COSTA, H. S. M. A trama verde e azul no planejamento territorial: aproximações e distanciamentos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 538, 2018.

OLIVEIRA, A. M. **A trama verde e azul: Transitando entre a abstração e a experiência urbana**. UFMG, 2019.

ORIVE, L. A. Paisajes de relación ciudad-naturaleza. Ensayo de modelos de planificación territorial más sostenible en Vitoria-Gasteiz. In: **Ciudades + Verdes**. 2 Foro Urbano de Paisaje. Centro de Estudios Ambientales. Ayuntamiento de Vitoria-Gasteiz, 2009.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 1996.

UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte** (PDDI/RMBH). Proposta de Estudos Referenciais e Elaboração de Estratégias de Ação Para o Planejamento do Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte: Marco Teórico-Metodológico e Síntese dos Estudos Setoriais. Belo Horizonte, 2010.

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. **Macrozoneamento da RMBH**. Produto 1: Marco teórico metodológico e definição das áreas temáticas afetas ao interesse metropolitano. Belo Horizonte, 2014.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subseqüente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 06/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

RODRIGO ARAKI BUZZOLLO, CAMILA MARQUES ZYNGIER E RUBENS DO AMARAL

Incorporando infraestrutura verde a espaços livres residuais: transformabilidade da paisagem urbana em São José do Rio Preto/SP

Incorporating green infrastructure to residual open spaces: urban landscape transformability in São José do Rio Preto/SP

Incorporación de infraestructura verde en espacios abiertos residuales: transformabilidad del paisaje urbano en São José do Rio Preto/SP

Rodrigo Araki Buzzollo

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2010), com especialização em Arquitetura da Paisagem pela PUC Minas e em Tecnologia e Gerenciamento de Projetos, com ênfase na Construção Civil, pelo UNIRP. Trabalha na Prefeitura de São José do Rio Preto/SP, no cargo efetivo de Arquiteto da Secretaria de Obras. Anteriormente, foi Arquiteto efetivo da Prefeitura de Ribeirão Preto/SP – na Divisão de Licenciamento Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente e no Grupo de Análise de Projetos Especiais (colegiado vinculado à Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano) – e da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, nas Gerências Regionais de Engenharia e de Patrimônio e Infraestrutura de SP-Interior.

Architect and Urbanist from the Universidade Estadual de Maringá – UEM (2010), specialist in Landscape Architecture from PUC Minas and in Technology and Project Management, with emphasis on Civil Construction, from UNIRP. He works at the Prefecture of São José do Rio Preto/SP, in the Architect effective position of the Works Secretariat. Previously, he was an effective Architect at the Prefecture of Ribeirão Preto/SP – in the Environmental Licensing Division of the Environment Secretariat and in the Special Projects Analysis Group (collegiate body linked to the Planning and Urban Development Secretariat) – and at the Brazilian Postal and Telegraph Company, in the Engineering and Heritage and Infrastructure Regional Management of SP-Interior.

Arquitecto y urbanista por la Universidade Estadual de Maringá – UEM (2010), especialista en Arquitectura del Paisaje por la PUC Minas y en Tecnología y Gestión de Proyectos, con énfasis en Construcción Civil, por la UNIRP. Trabaja en la Alcaldía de São José do Rio Preto/SP, en el cargo efectivo de Arquitecto del Secretaría de Obras. Anteriormente, fue Arquitecto efectivo en la Alcaldía de Ribeirão Preto/SP – en la División de Licencia Ambiental de la Secretaría de Medio Ambiente y en el Grupo de Análisis de Proyectos Especiales (órgano colegiado vinculado a la Secretaría de Planificación y Desarrollo Urbano) – y en Correos y Telégrafos de Brasil, en las Direcciones Regionales de Ingeniería y de Patrimonio e Infraestructura de SP-Interior.

rodrigoaraki@gmail.com

Camila Marques Zyngier

Arquiteta e Urbanista, graduada pela UFMG em 2004, com experiência em geotecnologias aplicadas ao Planejamento Urbano. Doutora e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG, com foco em Teoria, Produção e Experiência do Espaço. Possui pós-doutorado pelo IGC-UFMG (Bolsa PDJ-CNPq). Especialista em Revitalização Urbana e Arquitetônica (UFMG). Possui experiência como docente na PUC-MG, UFMG, IBMEC-BH e Instituto Metodista Izabela Hendrix. Atua no mercado de Arquitetura e Urbanismo desde 2002, colaborando com equipes de diversos escritórios em projetos de diferentes escalas de planejamento. Recebeu o Prêmio UFMG com a melhor Tese de Arquitetura e Urbanismo de 2016 e o Prêmio Rosa Kliass, como orientadora de TFG em 2019. Membro do grupo de pesquisa Geoprocessamento na Gestão da Paisagem Urbana e Ambiental (EA-UFMG).

Architect and Urbanist, graduated from UFMG in 2004, with experience in geotechnologies applied to Urban Planning. PhD and Master in Architecture and Urbanism from UFMG, focusing on Theory, Production and Experience of Space. Postdoctoral degree from IGC-UFMG (PDJ-CNPq Scholarship). Specialist in Urban and Architectural Revitalization (UFMG). Experience as visiting professor at PUC-MG, UFMG, IBMEC-BH and Instituto Metodista Izabela Hendrix. She has worked in the Architecture and Urban Planning market since 2002, collaborating with teams from different offices on projects of different planning scales. Awarded by UFMG for the best Architecture and Urban Planning Thesis of 2016 and Rosa Kliass Prize, as tutor of the Final Degree Project in 2019. Member of the Geoprocessing research group in Urban and Environmental Landscape Management (EA-UFMG).

Arquitecto y Urbanista, egresado de la UFMG en 2004, con experiencia en geotecnologías aplicadas al Urbanismo. Doctor y Máster en Arquitectura y Urbanismo por la UFMG, con foco en Teoría, Producción y Experiencia del Espacio. Postdoctorado por el IGC-UFMG (Beca PDJ-CNPq). Especialista en Revitalización Urbana y Arquitectónica (UFMG). Experiencia como profesora visitante en la PUC-MG, UFMG, IBMEC-BH y el Instituto Metodista Izabela Hendrix. Ha trabajado en el mercado de Arquitectura y Urbanismo desde 2002, colaborando con equipos de diferentes oficinas en proyectos de distintas escalas urbanísticas. Miembro del grupo de investigación Geoprocésamiento en Gestión del Paisaje Urbano y Ambiental (EA-UFMG).

camila.zyngier@gmail.com

Rubens do Amaral

Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Brasília (1996), especialista em Análise Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pelo Centro Universitário de Brasília (2012), Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (2014) e atualmente, Doutor em Projeto e Planejamento, na linha de pesquisa Paisagem, Território e Políticas Públicas pela Universidade de Brasília - UNB (2023) e Professor no curso de Especialização em Arquitetura da Paisagem, na PUC - Minas. Trabalha com planejamento urbano e urbanismo para o Governo do Distrito Federal desde 1994. Participa de diversos grupos de pesquisa centrados em serviços ecossistêmicos, recuperação de áreas degradadas, morfologia urbana e infraestrutura verde.

Architect and Urbanist from the Universidade de Brasília (1996), specialist in Environmental Analysis and Sustainable Development from the Centro Universitário de Brasília (2012), Master in Built Environment and Sustainable Heritage from the Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2014) and currently, PhD in Project and Planning, in the research line of Landscape, Territory and Public Policies from the Universidade de Brasília - UNB (2023) and Professor in the Specialization course of Landscape Architecture, at PUC - Minas. He works with urban planning and urbanism for the Federal District Government since 1994. He participates in several research groups focused on ecosystem services, recovery of degraded areas, urban morphology and green infrastructure.

Arquitecto y Urbanista de la Universidade de Brasília (1996), especialista en Análisis Ambiental y Desarrollo Sostenible del Centro Universitário de Brasília (2012), Máster en Ambiente Construido y Patrimonio Sostenible de la Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2014) y actualmente, Doctor en Proyectos y Planificación, en la línea de investigación de Paisaje, Território y Políticas Públicas de la Universidade de Brasília - UNB (2023) y Profesor del curso de Especialización en Arquitectura del Paisaje, en la PUC - Minas. Ha trabajado en planificación urbana y urbanismo para el Gobierno del Distrito Federal desde 1994. Participa en varios grupos de investigación enfocados en servicios de los ecosistemas ecossistêmicos, recuperación de áreas degradadas, morfología urbana e infraestrutura verde.

amaral.arqbr@gmail.com

Resumo

O artigo trata das potencialidades para o enfrentamento da obsolescência de espaços livres inseridos em tecidos urbanos consolidados, com vistas ao incremento da resiliência das cidades frente às condicionantes ambientais contemporâneas. Nesse contexto, a infraestrutura verde se mostra oportuna à transformabilidade da paisagem por propiciar soluções infraestruturais híbridas, que conciliam os sistemas biofísicos com os tecnológicos construídos. Sob essa perspectiva, buscaram-se estratégias para a qualificação ambiental e urbanística de espaços livres em condição residual e de suas áreas de influência, com base em um estudo de caso em São José do Rio Preto/SP. O recorte de estudo abrange áreas contíguas a um curso d'água (córrego Piedade) e a uma ferrovia em processo de desativação, inseridas no território do plano do parque linear denominado Parque Setorial. Inicialmente, procedeu-se a leituras de morfologia urbana e de ecologia da paisagem com a utilização de Sistemas de Informações Geográficas – SIG, além da análise de instrumentos legais. Após, foram discutidos meios para a conformação de paisagens urbanas mais resilientes, pela intensificação de processos ecológicos de suporte e disponibilidade de espaços livres qualificados ao uso público e ao saneamento ambiental, adotando a desativação do transporte ferroviário de cargas como premissa do estudo de caso. Os resultados mostram que os territórios caracterizados como *fringe belts* – conceito difundido pela Escola Inglesa de morfologia urbana – são propícios à constituição de redes de infraestrutura verde, baseadas em espaços livres multifuncionais e multiescalares, e no incremento da floresta urbana. Espera-se, assim, contribuir com abordagens de planejamento territorial e de projetos de arquitetura da paisagem que potencializem os serviços ecossistêmicos no meio urbano

Palavras-chave: Morfologia urbana. Ecologia da paisagem. Resiliência urbana. Serviços ecossistêmicos. Paisagem cultural.

Abstract

*The paper discusses the potentials for tackling the obsolescence of open spaces inserted in consolidated urban fabrics, aiming to increase the resilience of cities in the face of contemporary environmental constraints. In this context, green infrastructure proves to be opportune for the landscape transformability by providing hybrid infrastructural solutions, which reconcile biophysical and built systems. In this way, strategies are sought for the environmental and urban qualification of open spaces in residual condition and their influence areas, based on a case study in São José do Rio Preto/SP. The study cutout covers areas adjacent to a watercourse (Piedade stream) and a railway in deactivation process, inserted in the territory of the linear park plan called Parque Setorial. Initially, readings of urban morphology and landscape ecology were carried out using Geographic Information Systems – GIS, in addition to the analysis of legal instruments. Afterwards, means were discussed for the conformation of more resilient urban landscapes, by the intensification of ecological supporting processes and the availability of open spaces qualified for public use and the environmental sanitation, adopting the deactivation of rail freight transport as a premise of the case study. The results show that the territories characterized as *fringe belts* – a concept disseminated by the English School of urban morphology – are favorable to the constitution of green infrastructure networks, based on multifunctional and multiscale open spaces, and in the urban forest increment. It is expected, therefore, to contribute to territorial planning approaches and landscape architecture projects that enhance ecosystem services in the urban environment.*

Keywords: Urban morphology. Landscape ecology. Urban resilience. Ecosystem services. Cultural landscape.

Resumen

El estudio discute las potencialidades para hacer frente a la obsolescencia de los espacios abiertos insertos en tejidos urbanos consolidados, con el objetivo de aumentar la resiliencia de las ciudades frente a las limitaciones ambientales contemporáneas. En este contexto, la infraestructura verde se muestra oportuna para la transformabilidad del paisaje al proporcionar soluciones infraestructurales híbridas, que concilian los sistemas biofísicos con los tecnológicos construidos. De esta manera, se buscan estrategias para la calificación ambiental y urbana de espacios libres en condición residual y sus áreas de influencia, a partir de un estudio de caso en São José do Rio Preto/SP. El recorte de estudio incluye áreas adyacentes a un curso de agua (arroyo Piedade) y una vía férrea en proceso de desactivación, insertas en el territorio del plan de parque lineal denominado Parque Setorial. Inicialmente se realizaron lecturas de morfología urbana y ecología del paisaje utilizando Sistemas de Información Geográfica - SIG, además del análisis de instrumentos legales. Posteriormente se discutieron medios para la conformación de paisajes urbanos más resilientes, por la intensificación de los procesos ecológicos de apoyo y la disponibilidad de espacios libres habilitados para uso público y saneamiento ambiental, adoptando como premisa del estudio de caso la desactivación del transporte ferroviario de carga. Los resultados muestran que los territorios caracterizados como *fringe belts* – concepto difundido por la Escuela Inglesa de Morfología Urbana – son propicios para la constitución de redes de infraestructura verde, a partir de espacios abiertos multifuncionales y multiescalares, y el incremento del bosque urbano. Se espera, de esta forma, contribuir con enfoques de planificación territorial y proyectos de arquitectura del paisaje que potencien los servicios de los ecosistemas en el medio urbano.

Palabras clave: Morfología urbana. Ecología del paisaje. Resiliencia urbana. Servicios de los ecosistemas. Paisaje cultural.

Introdução

Este estudo considera a transformabilidade da paisagem estratégica para o tratamento de espaços livres ociosos circundados por tecidos urbanos consolidados. Para tanto, o termo transformabilidade (advindo de *transformability*) denota a capacidade de cruzamento de limiares ecológicos de estabilidade em novas trajetórias de desenvolvimento, baseadas na conciliação dos sistemas biofísicos com os antropogênicos. Sendo a resiliência considerada a capacidade de persistência a distúrbios e de adaptação e transformação para a manutenção de domínios de estabilidade em limites críticos, a transformabilidade na escala local depende e – simultaneamente – contribui para a resiliência nas múltiplas escalas (FOLKE *et al.*, 2010; HOBBS; HARRIS, 2001; LOVELL; TAYLOR, 2013). Assim, adota-se a premissa que a infraestrutura verde é um meio catalisador de resiliência urbana e um agente transformador da paisagem.

Segundo Delpoux (1972), a paisagem é constituída por duas unidades básicas: o suporte – meio físico, geomorfológico – e a cobertura, constituída de elementos antrópicos e naturais (bióticos e abióticos). Nesse sentido, Pellegrino (2000, p. 167) define paisagem como “a escala perceptível entre os processos humanos e os naturais”. Resultante da interação da sociedade com o suporte, a paisagem engloba componentes culturais, econômicos, físicos e biológicos, que se materializam no espaço por meio de adaptações, transformações e readaptações sucessivas (MAGNOLI, 2006a). Na paisagem urbana as expressões físicas sobre o solo se manifestam pela relação dos espaços edificados com os não edificados, sendo os espaços livres aqueles não ocupados por edificações, de acordo com Magnoli (2006b). Por serem “palco dos conflitos e acordos da sociedade”, segundo Macedo *et al.* (2012, p. 143), “os espaços livres podem ser considerados uma das principais infraestruturas urbanas, pois neles e por eles grande parte da vida cotidiana tem lugar”. Dessa forma, a qualidade de vida nas cidades é influenciada pela configuração dos espaços livres, que é condicionada pela sua contiguidade e possibilidades de penetração física, visual e perceptiva (MAGNOLI, 2006b). Quando tratados de forma conjunta, como um Sistema de Espaços Livres – SEL, incorporam-se as relações espacial, hierárquica e funcional existentes entre suas partes constituintes e a forma urbana. Assim, a abordagem sistêmica na proposição dos espaços livres se tornou referência e base metodológica no planejamento e desenho urbanos com enfoque na conjunção das qualidades ambientais e sociais. No entanto, na realidade brasileira é comum a existência de espaços livres subutilizados, degradados e desconexos, configurando um SEL fragmentado e sem identidade reconhecível pela população (PERES; SILVA; SCHENK, 2019).

As presentes e emergentes pressões naturais sobre as cidades exigem uma profunda revisão dos padrões de urbanização dominantes, baseados na infraestrutura urbana tradicional (cinza), que se apoia nos princípios de padronização, monofuncionalidade e permanência para proporcionar os serviços essenciais ao funcionamento da sociedade (BÉLANGER, 2017). Nessa perspectiva, Waldheim (2016) reconhece a dinâmica temporal abrangida pela paisagem como meio adaptável à volatilidade e à multifuncionalidade demandadas pelas condições urbanas correntes. Desse modo, a paisagem é associada aos efeitos contínuos da reestruturação econômica e do incremento da mobilidade na forma urbana, em uma escala ampliada, que integra os sistemas construídos com os biofísicos, gerando soluções híbridas de infraestrutura. Assim, desde o início deste século, a gestão sustentável da paisagem tem sido reivindicada como modelo de urbanismo contemporâneo, sendo esta abordagem fundamentada sobretudo no planejamento regional ecológico compreensivo de Mcharg (1969)¹, com a incorporação de fatores culturais, econômicos e ambientais atuais.

¹ MCHARG, Ian L. *Design with nature*. New York: American Museum of Natural History, 1969.

Em tal cenário, para além da conservação e restauração dos sistemas biofísicos, a infraestrutura verde é compreendida como um agente de transformação da paisagem, pois “proporciona serviços ecossistêmicos essenciais para a sustentabilidade urbana de longo prazo” (HERZOG; ROSA, 2010, p.96). Benedict e McMahon (2001) definem infraestrutura verde como uma rede interconectada de espaços que conservam os valores e as funções dos ecossistemas naturais, congregando o desenvolvimento urbano com ações de conservação da estrutura ecológica, que propiciam benefícios à população das cidades. Considera-se, assim, a infraestrutura verde uma ferramenta multifacetada para o planejamento e o projeto da paisagem em suas dimensões complexas, que possibilita a conformação de sistemas que expressem a estrutura da paisagem em seu sentido mais amplo (SANT’ANNA, 2020).

Nesse contexto, por meio de um estudo de caso, objetiva-se propor estratégias e intervenções para a qualificação ambiental e urbanística de espaços livres residuais e de suas áreas de influência. Para tanto, na etapa inicial, procedeu-se a leituras de morfologia urbana e de ecologia da paisagem com a utilização de Sistemas de Informações Geográficas – SIG, além da análise de instrumentos legais. Posteriormente, a partir do recorte de estudo, foram discutidas formas de favorecer a resiliência urbana pela indução da transformabilidade da paisagem. Espera-se, dessa forma, contribuir com abordagens de planejamento e projetos que busquem intensificar os serviços ecossistêmicos no território urbano.

Recorte de estudo

Os corpos hídricos e a infraestrutura vinculada ao transporte ferroviário configuram elementos estruturadores da imagem das cidades (LYNCH, 1999). Essa condição é percebida no parque linear denominado Parque Setorial de São José do Rio Preto (PS-SJRP), uma cidade média paulista². O traçado original do parque abrange um território significativo da malha urbana, delimitado pela ferrovia e por três cursos d’água [FIGURA 1], conformando um SEL que contribui para a melhoria da qualidade ambiental e do convívio social, ao propiciar tratamento adequado das áreas de fundo de vale e espaços de lazer para a população de vários setores da cidade (FRANCISCO; FERNANDES, 2012).

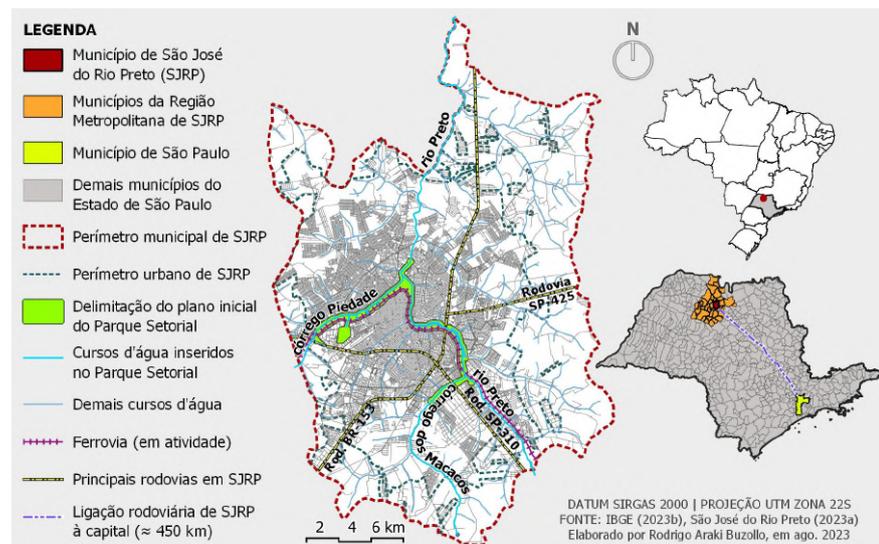


FIGURA 1 – Mapa de localização.

Fonte: Autores (2023).

² A demografia é um dos fatores determinantes da categoria de cidades médias, conforme detalham Peres, Silva e Schenk (2019). De acordo com os resultados do Censo Demográfico de 2022, o município de São José do Rio Preto possui uma população de 480.393 pessoas e densidade demográfica de 1.112,17 hab./km² (IBGE, 2023a).

Concebido em 1977, para ser projetado e implantado gradativamente, em setores [FIGURA 2], o PS-SJRP foi parcialmente executado, sobretudo nas décadas de 1980 e 2010. Atualmente, comporta situações distintas: trechos com qualificação para o uso público relativamente consonante com o plano inicial (setores B2, C2, J e H); setores qualificados, mas em desacordo com as diretrizes originais (A, B1, C1 e D); porções onde o parque não foi implementado, havendo demanda e potencial de qualificação (E, F, G e I). Já o setor G1 é um parque urbano qualificado, porém isolado, sem a ligação prevista no plano original do Parque Setorial.



FIGURA 2 – Histórico do Parque Setorial: [1] plano original concebido pelos arquitetos e urbanistas Jamil José Kfourri e Mirthes I. S. Baffi; [2] setores do parque na paisagem, na década de 1990.

Fonte: [1] Francisco e Fernandes (2012, p. 135) e [2] Kfourri (2014), adaptado pelos autores.

FIGURA 3 – Situação atual do território do Parque Setorial: [1] Represa Municipal; [2] margens do rio Preto; [3] transição do rio Preto canalizado e em leito natural; [4] confluência do córrego Piedade com o rio Preto; [5] área entre o córrego Piedade e a ferrovia; [6] córrego Piedade; [7] localização das imagens.

Fonte: [1,2,3,5,6] Autores (2023), [4] MRV (2023) e [7] Francisco e Fernandes (2012, p. 135) adaptado pelos autores.

Observa-se também um expressivo contraste entre as áreas adjacentes ao rio Preto e as contíguas ao córrego Piedade. Nestas, há maior preservação das funções e processos ecológicos, porém os espaços livres apresentam uma condição residual, de subutilização; naquelas, há espaços livres qualificados para uso público, porém menor conservação dos recursos biofísicos, estando o rio Preto majoritariamente canalizado no trecho a jusante da Represa Municipal³ até a confluência com o córrego Piedade [FIGURA 3].



³ Implantada na década de 1950, a partir do barramento do rio Preto, a Represa Municipal é um manancial superficial responsável por cerca de um quarto da produção de água potável para abastecimento público do município (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2014).

FIGURA 3 (cont.)– Situação atual do território do Parque Setorial: [1] Represa Municipal; [2] margens do rio Preto; [3] transição do rio Preto canalizado e em leito natural; [4] confluência do córrego Piedade com o rio Preto; [5] área entre o córrego Piedade e a ferrovia; [6] córrego Piedade; [7] locação das imagens.



Fonte: [1,2,3,5,6] Autores (2023), [4] MRV (2023) e [7] Francisco e Fernandes (2012, p. 135) adaptado pelos autores.

No tocante à trama verde azul [FIGURA 4], na escala estadual, o município está integralmente situado na sub-bacia do rio Preto, uma das doze que compõem a bacia hidrográfica Turvo/Grande. Esta bacia se insere na unidade geomorfológica do Planalto Ocidental Paulista, caracterizado pelo relevo levemente ondulado, com predomínio de formações de colinas amplas. Na escala local, a sub-bacia do córrego Piedade – afluente do rio Preto – abrange parte do município de Mirassol, onde está sua nascente. Relativamente às águas subterrâneas, nessa região há o afloramento do aquífero Bauru, enquanto o aquífero Guarani ocorre em subsuperfície (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2018). Quanto à flora e à fauna, o município está situado em zona de transição dos biomas Cerrado e Mata Atlântica, apresentando Índice de Cobertura de Vegetação Nativa correspondente a 8,7% do seu território, inserido na classe de índices mais baixos do estado (SÃO PAULO, 2020). Outrossim, no Zoneamento Ecológico-Econômico estadual essa região é caracterizada pela maior vulnerabilidade em relação às diretrizes estratégicas de salvaguarda da biodiversidade (SÃO PAULO, 2022).

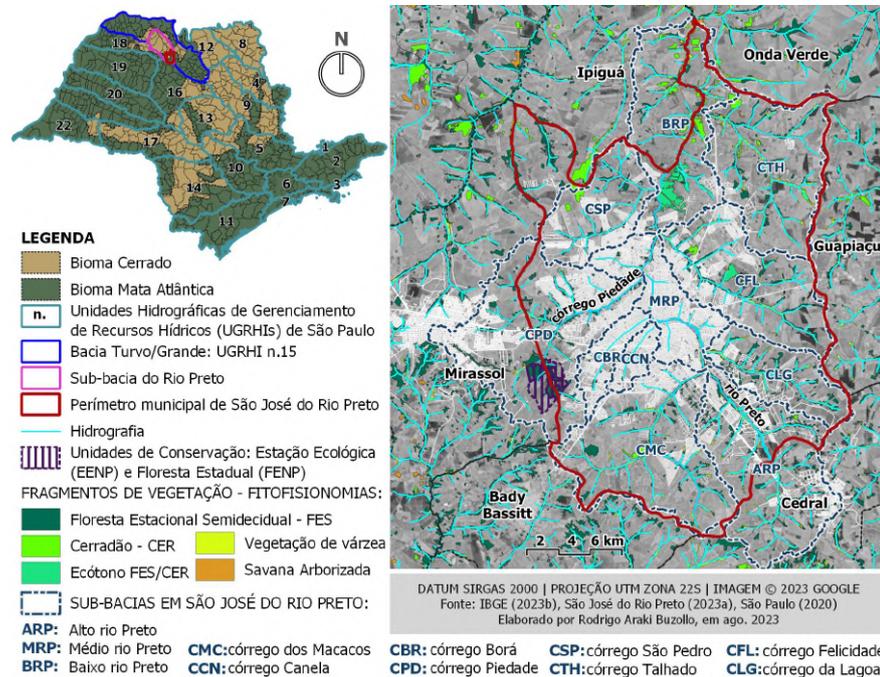


FIGURA 4 – Trama verde e azul em São José do Rio Preto.

Fonte: Autores (2023).

Já no âmbito dos eixos de infraestrutura na qualidade de elementos estruturadores do planejamento territorial regional (TAVARES, 2016), destaca-se a previsão da desativação do trecho da ferrovia que corta as malhas urbanas dos municípios de Cedral, São José do Rio Preto e Mirassol [FIGURA 5].

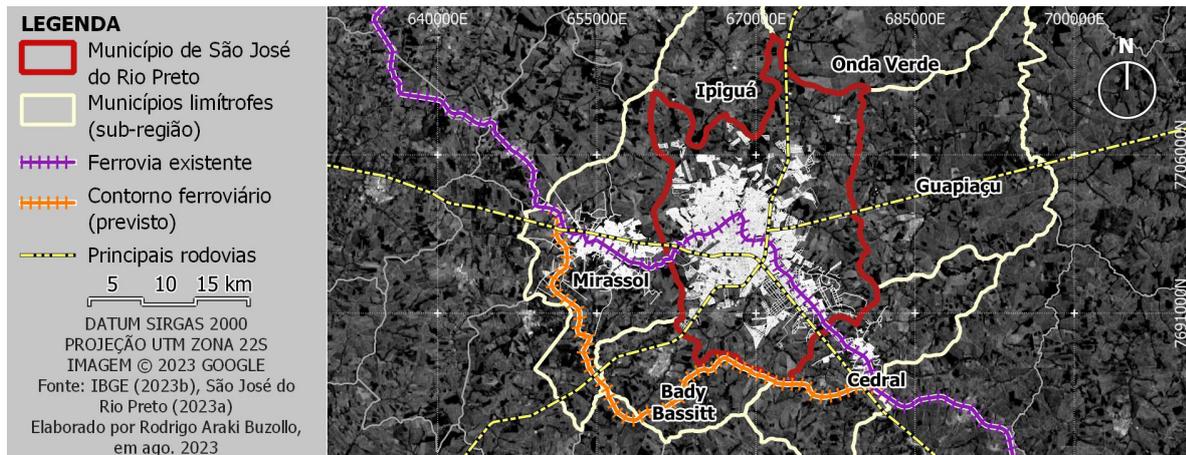


FIGURA 5 – Traçado planejado para o contorno ferroviário da EF-364.

Fonte: Autores (2023), com base em CETESB (2021).

A desativação do transporte de cargas, a partir da implantação do contorno ferroviário⁴, pode ser vista como uma potencialidade para a transformabilidade da paisagem. Contudo, espera-se também que ocasiona uma pressão para a ocupação e exploração imobiliária das propriedades privadas lindeiras à faixa de domínio da ferrovia. Dessa forma, a destinação e o tratamento desses espaços provocarão alterações nas dinâmicas de uso e ocupação inclusive de suas áreas de influência. Nesse contexto, as áreas adjacentes ao córrego Piedade na zona urbana de São José do Rio Preto são estabelecidas como o recorte territorial do presente estudo.

Morfologia urbana e ecologia da paisagem em São José do Rio Preto

Segundo Macedo et al. (2012, p.154), “a forma urbana é a expressão fundamental do espaço urbano, palco e resultado dos principais processos sociais – culturais, econômicos e políticos – da escala do cotidiano à escala das ações de diferentes atores hegemônicos”. Ao passo que a forma não é autônoma (MACEDO et al., 2012), a morfologia urbana trata do estudo dos agentes e dos processos temporais e sociais constituintes da materialidade da forma (COSTA; GIMMLER NETTO, 2015). De acordo com Whitehand (2001), as concepções do geógrafo alemão M. R. G. Conzen acerca do processo evolutivo da cidade são a maior contribuição para a constituição da Escola Inglesa de morfologia urbana, que possui como principais métodos de análise a organização espacial e temporal em regiões e períodos morfológicos. Os resultados analíticos sob a visão tripartite do plano urbano, dos tecidos edificados e dos padrões de uso e ocupação permitem compreender a evolução da paisagem urbana (CONZEN, 2022)⁵.

A fim de compreender como a área de estudo se insere na paisagem, foram efetuadas análises de morfologia urbana baseadas nos preceitos da Escola Inglesa, adotando Sistemas de Informação Geográfica – SIG como instrumento.

A chegada da Estrada de Ferro Araraquara – EFA à São José do Rio Preto, em 1912, ocasionou seu primeiro ciclo de expansão urbana. Até o início da década de 1950,

⁴ O contorno ferroviário é um encargo assumido pela concessionária RUMO RAMAL PAULISTA SA, com prazo de implantação até 2026, como contrapartida pela prorrogação da concessão ferroviária até 2050, formalizada em 2020 (CETESB, 2021).

⁵ A versão original da obra citada de Conzen é datada de 1960.

houve uma expansão gradual e horizontal da malha urbana, conformando uma cidade relativamente homogênea. Posteriormente, iniciaram-se os processos de produção do espaço urbano disperso e da verticalização da região central. A partir da década de 1980, o espraiamento e a segregação socioespacial se intensificaram, assim como a dispersão da verticalização (FRANCISCO, 2011; UEDA, 2022); dinâmicas que se perpetuaram até o presente [FIGURA 6].

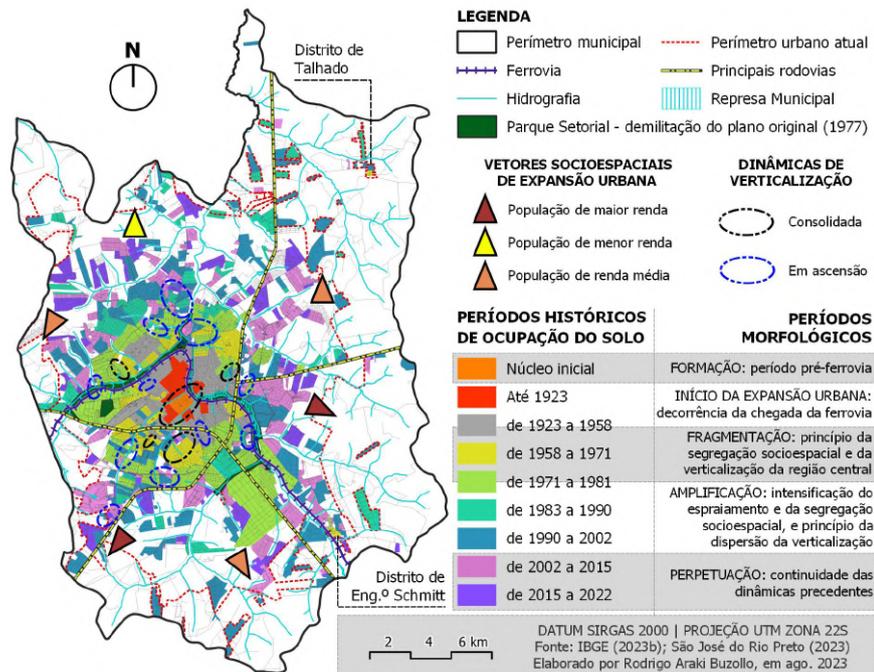


FIGURA 6 – Mapa da evolução urbana de São José do Rio Preto.

Fonte: Autores (2023), com base em Francisco (2011), IBGE (2013) e Ueda (2022).

Na fase inicial da execução do Parque Setorial, no fim da década de 1980, foram qualificados os setores em torno da Represa Municipal, que se tornaram espaços representativos da vida social e da memória local, abrigando importantes equipamentos públicos e manifestações populares. A continuidade da implantação se restringiu aos setores adjacentes ao rio Preto, com exceção do G1. A região a leste da Represa se tornou um vetor de expansão da população de maior renda, beneficiando-se dos investimentos públicos para a qualificação desse trecho do PS-SJRP. Em contrapartida, na região a norte do córrego Piedade, conformou-se um vetor de expansão urbana direcionado à população de menor poder econômico. Segundo Ueda (2022), esse território chamado de “Zona Norte” começou a se formar de modo segregado e fragmentado, como periferia da cidade, em meados da década de 1950. A partir de 2000, a expansão urbana a norte do córrego São Pedro assumiu a característica periférica no extremo norte, enquanto a Zona Norte passou pelo processo de transformação até sua atual condição de centralidade e de dispositivo de governo. Em que pese a ferrovia e o córrego Piedade configurarem barreiras que contribuem para a cisão das porções central e norte da cidade, a segregação socioespacial desta região morfológica foi determinada pela produção de habitação de interesse social, direcionada pelo poder público e moldada pelo capital imobiliário (UEDA, 2022).

Na condição de elemento estruturador da forma urbana, o SEL acompanha e influencia sua evolução pela incorporação de novas funções e feições, abrangendo os espaços da cidade mais suscetíveis às transformações do tempo (ALIPRANDI; T NGARI, 2022). Contudo, os espaços livres – majoritariamente privados – situados entre o córrego Piedade e a ferrovia não acompanharam a evolução do entorno, sobretudo, devido a restrições legais.

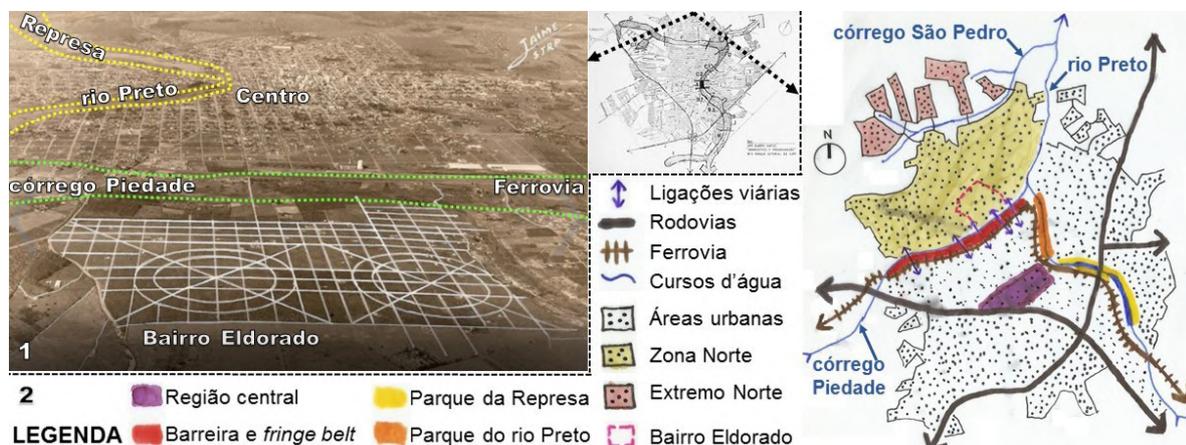
O plano original do Parque Setorial foi estabelecido como base da política ambiental do município no seu primeiro Plano Diretor – PD (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 1992). Na primeira e na segunda revisões do PD, respectivamente em 2006 e 2021, a figura do PS-SJRP foi mantida pela instituição de Áreas de Especial Interesse Ambiental – AEIA. Todavia, houve a exclusão do setor adjacente ao córrego dos Macacos e uma nova setorização: AEIA.8 (setor do rio Preto) e AEIA.9 (setor do córrego Piedade).

O PD vigente não estabelece requisitos de implementação, apenas define as AEIAs 8 e 9 como “área propícia à microdrenagem urbana e ao saneamento ambiental como um todo, destinada à formação de parque linear” (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2021, art. 75), e atribui ao Conselho do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável deliberar sobre sua ocupação. Outrossim, institui a Área de Preservação Municipal – APM com a função de proteger corpos hídricos específicos, sobrepondo-se e ampliando a Área de Preservação Permanente – APP estabelecida na legislação federal (BRASIL, 2012). As maiores APMs estão vinculadas ao rio Preto – 150 metros em ambas as margens –, ao passo que nos cursos d’água a montante da Represa Municipal as APMs possuem 100m, e 70m em cursos d’água específicos, dentre eles o córrego Piedade. Além disso, o PD de 2021 estabelece os fragmentos de vegetação natural, os parques lineares e os corredores ecológicos como diretrizes ambientais para o Sistema de Áreas Verdes e Unidades de Conservação, porém não há a espacialização das diretrizes, nem mesmo no plano específico desse sistema (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2023b).

Um importante componente morfológico urbano difundido pela Escola Inglesa é o *fringe belt*, enquanto cinturão periférico ou temporário das franjas da cidade. Oriundos de processos de tomadas de decisão e da dinâmica imobiliária, os fringe belts designam territórios que demarcam a evolução cíclica, histórico-geográfica, da forma urbana. Em geral, apresentam rede viária esparsa, baixa densidade de ocupação e maior quantidade de espaços livres, em comparação com os tecidos urbanos residenciais (CONZEN, 2022). A aplicação desse conceito em estudos de cidades brasileiras (MENEQUETTI; COSTA, 2015; SIMÃO, 2012) mostrou que os fringe belts podem ocorrer em formas dispersas ou em faixas, como hiatos urbanos, diferindo dos anéis concêntricos identificados por Conzen em tecidos de origem medieval. No território de estudo, os espaços livres adjacentes ao córrego Piedade e à ferrovia configuram, simultaneamente, barreiras – em face de sua baixa penetrabilidade física – e faixa de hiato urbano [FIGURA 7]. Esta, caracterizava inicialmente um fringe belt externo, até a implantação do primeiro bairro da Zona Norte (Eldorado), quando passou a conformar um *fringe belt* intermediário. Com a expansão da mancha urbana a norte do córrego São Pedro, passou a apresentar sua atual característica de *fringe belt* interno.

FIGURA 7 – Recorte territorial de estudo: [1] situação na década de 1950; [2] síntese da situação atual

Fonte: [1] Ueda (2022, p. 56), adaptado pelos autores; [2] Autores (2023)



Além de estruturarem a forma urbana, os fringe belts podem ser considerados uma base para a ecologia da paisagem e a sua preservação, uma diretriz para o incremento da floresta urbana (AMARAL; COSTA; MUZZI, 2017; REGO; MENEGUETTI; BELOTO, 2020; SIMÃO, 2012). A aplicação de princípios da ecologia da paisagem no planejamento urbano e regional é apontada por Pellegrino (2000) como um meio de integração das distintas dimensões da paisagem. Segundo este, Forman e Godron (1986) congregaram diferentes campos de conhecimento para criar um quadro referencial de estudos acerca do modo como a “configuração paisagística do território evolui junto com os processos ecológicos mais relevantes, como um mosaico interagente de ecossistemas, conectados por fluxos de energia e matéria” (PELLEGRINO, 2000, p.165). Nesse sentido, estrutura, função e mudança são as principais características da paisagem; enquanto as matrizes compõem um mosaico de articulação estrutural dos tipos biofísicos: manchas (habitats), núcleos (cores/hubs), faixas de amortecimento (buffers), corredores (links) e trampolins (sites/stepping stones). A consideração das matrizes no ordenamento territorial, sob uma perspectiva de resiliência, fundamenta a proposição de sistemas organizados em redes que promovam a integridade ecológica no território, suportando a provisão dos serviços ecossistêmicos (AMARAL, 2023).

Definidos como os benefícios e bens que as pessoas recebem dos processos e funções dos ecossistemas em funcionamento, os serviços ecossistêmicos são considerados por Costanza et al. (2017) uma ponte eficaz entre a ecologia e as novas abordagens econômicas, em função de suas expressivas contribuições para o bem-estar humano. De acordo com MEA (2005), são classificados em quatro categorias: regulação, enquanto benefícios obtidos dos processos ambientais (regulação do clima, de doenças e do ciclo hidrológico); provisão, como produtos obtidos dos ecossistemas (alimentos, combustíveis, etc.); culturais, enquanto benefícios imateriais (recreativos, estéticos, etc.); e suporte (formação do solo, ciclos de nutrientes e produção primária), como base dos demais serviços ecossistêmicos. Os serviços de suporte, por serem processos inerentes aos ecossistemas e garantidores das demais categorias, também são enquadrados como processos ecológicos de suporte, que possuem expressão de integridade na presença da vegetação no território, especialmente do tipo arbóreo, e no fluxo de carbono na paisagem (AMARAL, 2023).

A floresta urbana, enquanto conjunto de toda a vegetação arbórea existente nas áreas urbanas e periurbanas, favorece o sequestro de carbono em biomassa aérea e pelo solo, havendo correlação de baixos níveis de dióxido de carbono na coluna de ar atmosférico com a eficácia da vegetação e sua intensa atividade fotossintética (AMARAL et al., 2020). Segundo estes, as ferramentas de sensoriamento remoto são bases relevantes para o planejamento territorial fundamentado na proteção e promoção dos processos ecológicos de suporte. Dessa forma, por meio de índices de vegetação e de sua umidade [FIGURA 8], constatou-se o potencial dos corredores ripários do córrego Piedade para conectar dois relevantes fragmentos de vegetação natural, com significativa aptidão de conexão com outros fragmentos, sobretudo a sudoeste (Mirassol), e com os corredores ripários dos seus afluentes. Ressalta-se, assim, a escala regional como base de projeto e planejamento da paisagem, que propicia a espacialização das demais escalas de abrangência da infraestrutura verde, sobretudo da escala local de vivência dos moradores (AMARAL, 2023; SANT’ANNA, 2020).

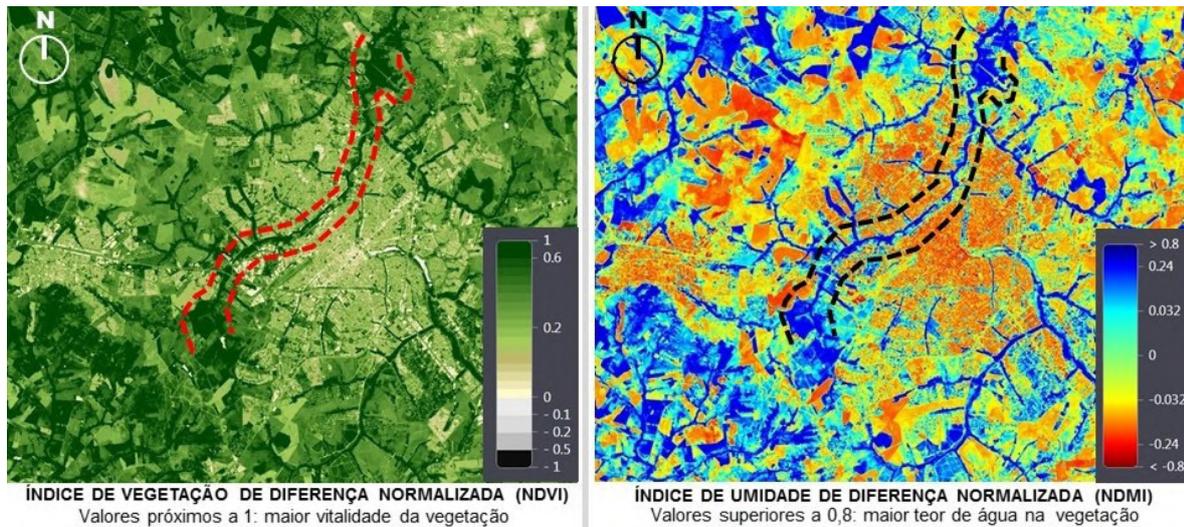


FIGURA 8 – Análises de ecologia da paisagem com o uso de imagens hiperespectrais

Fonte: Autores (2023), a partir de imagens da plataforma Sentinel Hub (SINERGISE, 2023).

Transformabilidade da paisagem

No recorte territorial de estudo, embora exista relativa preservação do limiar ecológico abiótico (HOBBS, 2007), há variações quanto às perdas bióticas, inexistindo ambientes intactos (com integridade funcional). Além disso, pontualmente, há o rompimento dos limiares biótico e abiótico em áreas ripárias e espaços livres degradados, não recobertos por vegetação nativa e vulneráveis sobretudo à ocorrência de processos erosivos. Conjuntamente, com a desativação do trecho urbano da ferrovia e a repercussão esperada em seu entorno, identifica-se um potencial para a inserção de inovações funcionais na paisagem, que proporcionem uma trajetória de desenvolvimento urbano com um novo patamar de resiliência. Nesse novo cenário onde a transformabilidade integra uma lógica de resiliência (FOLKE et al., 2010), além da mitigação dos impactos ambientais, almeja-se a melhoria do bem-estar da população pela promoção dos processos ecológicos de suporte e dos serviços ecossistêmicos decorrentes. Para tanto, a bacia hidrográfica e a escala regional são adotadas como bases de análise e de planejamento e projeto de intervenção. Assim, sob a perspectiva sistêmica da paisagem, pode-se intervir no Sistema de Espaços Livres para incorporar funções infraestruturais – sobretudo de mobilidade e de manejo sustentável das águas pluviais – e favorecer o conforto ambiental e a biodiversidade nos ecossistemas urbanos (COMIER; PELLEGRINO, 2008). Identifica-se, dessa forma, a oportunidade de conformação de uma rede de infraestrutura verde na sub-bacia do córrego Piedade [FIGURA 9], que transcenda essa delimitação hidrográfica pela vinculação a dois eixos estruturadores de escala regional: os corredores ecológico e de mobilidade.

No corredor ecológico proposto, as faixas ripárias do córrego Piedade promovem a conectividade entre manchas de vegetação natural preservadas/intactas (hotspots), e se ramifica pelas margens de seus afluentes, formando corredores verdes. Fragmentos menores de vegetação natural existentes entre os corredores funcionam como trampolins ecológicos, enquanto áreas públicas degradadas – com destinação de Área Verde ou de Sistema de Lazer – podem originar novos trampolins. Busca-se, desse modo, favorecer a movimentação da fauna, o fluxo gênico, o sequestro de carbono e a regulação do microclima e do ciclo hidrológico. Para tanto, são necessárias medidas de revegetação e de restauração ecológica, em especial o plantio planejado de espécies nativas conjugado com o controle da vegetação exótica com comportamento invasor,

a qual predomina atualmente nas matas ciliares e matas de galeria nesses cursos d'água. Assim, considera-se oportuna a ampliação da APM vinculada ao córrego Piedade para, ao menos, 100 metros de largura. Além disso, a instituição de faixas de amortecimento nas bordas dos fragmentos de vegetação é uma importante medida de planejamento ambiental para a proteção das formações florestais e a transição e convívio harmônicos com as ocupações e usos urbanos adjacentes, por meio da qualificação para o lazer contemplativo. Do mesmo modo, a implantação de passagens de fauna nas travessias viárias e de cercamentos mistos (associação de alambrado e cerca-viva de arbustos) nas bordas do corredor ecológico pode garantir a manutenção das funções e processos ecológicos. Isso porque, favorecem a contenção da serapilheira no interior do corredor, a condução da fauna silvestre e a dificuldade do acesso de animais domésticos, além de propiciarem a qualificação estética nas áreas lindeiras.

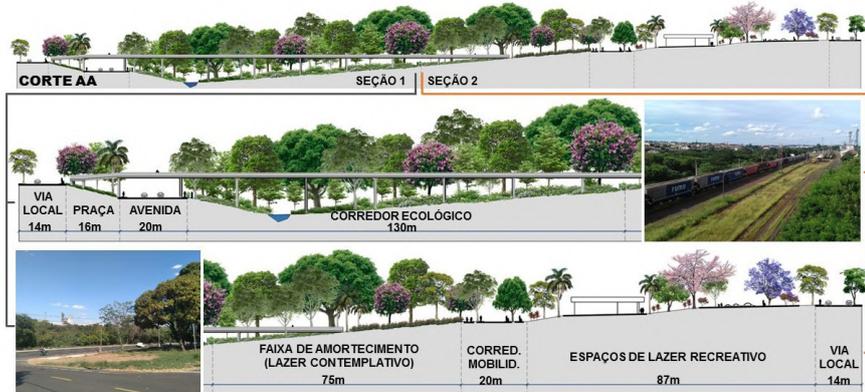
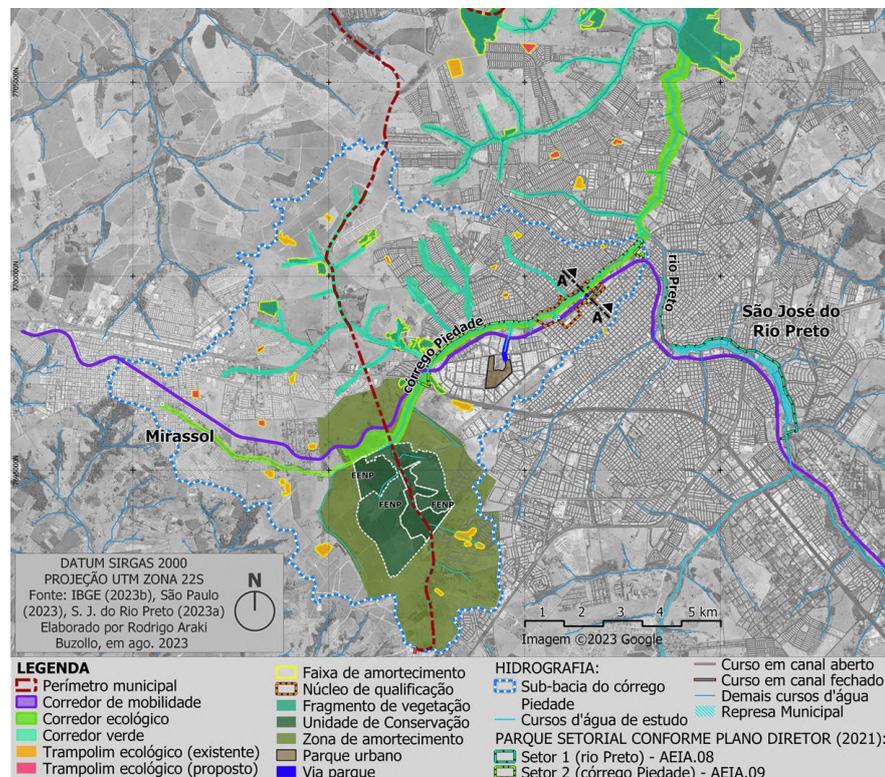


FIGURA 9 – Proposta de rede de infraestrutura verde para a sub-bacia do córrego Piedade: plano multiescalar, corte ilustrativo e fotos atuais das áreas de intervenção

Fonte: Autores (2023)

Já a alienação das faixas de domínio do trecho da ferrovia a ser desativado possibilitará a criação de um sistema de transporte público de escala regional, vinculado ao Parque Setorial. Com vistas ao desenvolvimento sustentável, há um potencial para a implementação de um corredor de mobilidade em que o leito férreo dê lugar a uma linha de transporte coletivo – sendo o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) o modal preferencial – associada a ciclovias e passeios/calçadas para a mobilidade ativa. Sendo essas instalações entremeadas por áreas permeáveis, arborizadas com espécimes de médio e grande porte, haverá um incremento da densidade de cobertura arbórea e da diversidade de espécies da floresta urbana.

Na rede proposta, os espaços livres situados entre os eixos estruturadores promovem uma transição da fisionomia florestal do corredor ecológico à arborização de acompanhamento viário do corredor de mobilidade. Há também a transição de usos, da função de lazer contemplativo ao recreativo, juntamente com técnicas compensatórias de drenagem e instalações de mobilidade e convivência, nas áreas atualmente caracterizadas como barreiras. Dessa forma, verifica-se que os fringe belts são territórios propícios à constituição de redes de infraestrutura verde, ao beneficiarem a conservação dos recursos biofísicos conjuntamente à inserção de novas funções, de diferentes escalas. Propiciam, assim, a criação de espaços livres multifuncionais e multiescalares, qualificados para o suporte e a regulação dos processos e funções ambientais e ao uso público, favorecendo o bem-estar da população. Desse modo, a floresta urbana se mostra um meio essencial à potencialização dos serviços ecossistêmicos.

A dificuldade de instituição e qualificação de espaços livres de uso público no trecho do Parque Setorial adjacente ao córrego Piedade decorre, sobretudo, do predomínio de propriedades privadas. Assim, a definição de uma zona prioritária de intervenções é considerada estratégica para a aproximação da população com a rede de infraestrutura verde proposta, de modo a estimular uma posterior ampliação da efetivação do parque linear. Nesse sentido, faz-se necessária a incorporação ao patrimônio público das áreas estratégicas para a constituição de um “núcleo iniciador de qualificação” [Figura 10]; ao passo que instrumentos da política urbana (BRASIL, 2001) – preferencialmente direcionados a um fundo específico para a implementação do PS-SJRP – poderiam ser utilizados para a alienação das demais propriedades em um prazo mais longo. Propõem-se nesse núcleo intervenções que favoreçam: a mobilidade entre a Zona Norte e os setores ao sul; a apropriação pública dos espaços livres; a minimização de distúrbios de drenagem no exutório do córrego Cobertinho (tributário do Piedade). Além disso, abrange edificações vinculadas à atividade ferroviária, pertencentes à União e ao Estado, que ficarão ociosas com a desativação da ferrovia. São, portanto, imóveis convenientes tanto à reabilitação – para abrigar equipamentos públicos – quanto à produção de habitação de interesse social – HIS. Dessa forma, juntamente com os aspectos concernentes ao patrimônio cultural, é possível um alinhamento com a estratégia de Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável – DOTS, que defende a diversificação de usos e a promoção de densidades populacionais compatíveis com o eficiente aproveitamento dos benefícios oriundos da infraestrutura urbana (WRI, 2018).

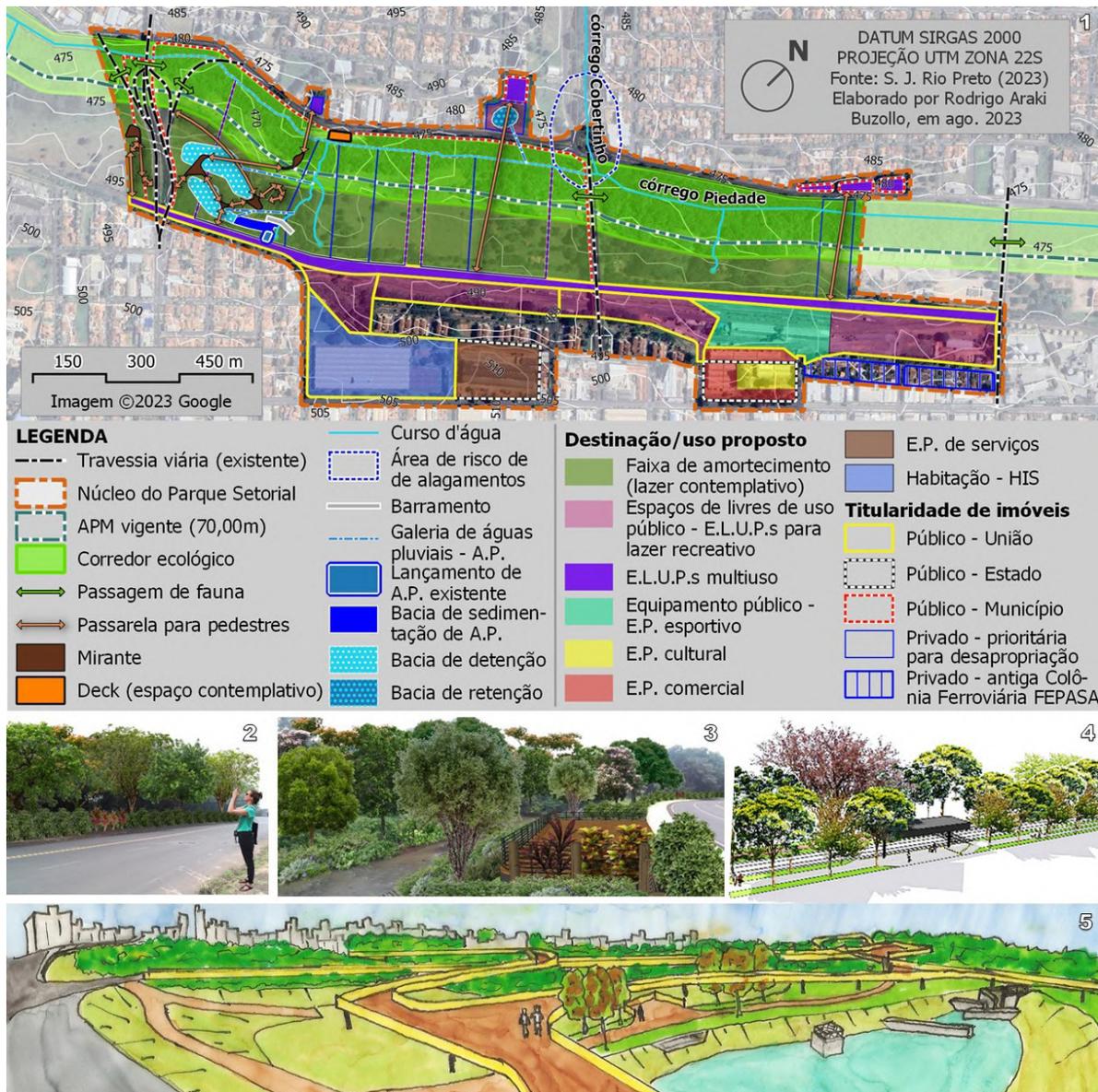
O conceito de paisagem cultural se fundamenta nas visões integradoras das relações do homem com a natureza e dos bens culturais materiais e imateriais, para a adoção da paisagem como patrimônio, segundo Figueiredo (2014). Nesse sentido, o aporte da paisagem cultural à memória ferroviária pode propiciar pactos estratégicos de gestão territorial e de preservação do patrimônio industrial, considerando o expressivo impacto cultural da implantação da malha ferroviária no processo de formação e evolução de diversas cidades, que tiveram sua paisagem amplamente alterada pela operação das ferrovias (BISPO; PROCHNOW, 2016). Visa-se, assim, à coadunação

da política de preservação cultural com os dinâmicos processos de urbanização, o “que não implica necessariamente em impedir as mudanças, mas em direcioná-las a favor dos patrimônios e, portanto, trabalhar na perspectiva do desenvolvimento sustentável” (FIGUEIREDO, 2014, p. 113).

Com vistas ao incremento da conectividade ecológica e cultural na paisagem, admite-se ainda que a dimensão cultural atinente ao patrimônio ferroviário pode ser incorporada ao planejamento de greenways, entendidos como os espaços livres verdes lineares, de múltiplos propósitos, cujas principais funções são a ecológica e a cultural, incluindo-se nesta os aspectos recreativos e de mobilidade ativa, além dos patrimoniais (ZEOTI, 2020). Assim, o reconhecimento dos valores ferroviários no recorte de estudo e a conjugação das abordagens de infraestrutura verde, paisagem cultural e DOTS trará significativa contribuição para a renovação do conjunto formado pela linha férrea, pelos bens edificados a ela vinculados e pela ambiência da antiga Colônia Ferroviária, assim como dos tecidos urbanos envoltórios.

FIGURA10 – Proposta do “núcleo iniciador da qualificação” do setor F do Parque Setorial: [1] plano de ocupação; [2] borda do corredor ecológico; [3] espaço contemplativo (deck) do córrego Piedade; [4] arborização de acompanhamento viário no corredor de mobilidade; [5] corredor ecológico, passarelas/mirantes e técnicas compensatórias de drenagem a montante do córrego Cobertinho

Fonte: Autores (2023)



Considerações finais

Este estudo explorou as potencialidades para o enfrentamento da obsolescência de espaços livres inseridos em tecidos urbanos consolidados. No contexto contemporâneo, os espaços livres residuais são estratégicos à transformabilidade da paisagem, sobretudo quando associados a eixos regionais de infraestrutura. Ao mesmo tempo, são ameaças, na condição de estoques de áreas propícias à uma ocupação que desconsidere o suporte biofísico e os processos e funções ambientais. Nesse sentido, consideram-se a ecologia da paisagem e a morfologia urbana bases conceituais e metodológicas; a infraestrutura verde um meio catalisador da resiliência urbana e um agente transformador da paisagem; e a floresta urbana um sistema biótico potencializador dos serviços ecossistêmicos nas cidades. Como constituinte da infraestrutura verde, a floresta urbana se integra aos equipamentos públicos, originando soluções híbridas de infraestrutura, que também contribuem para a qualificação do sistema de espaços livres visando à apropriação pública.

Os resultados mostram que os territórios com característica morfológica de fringe belt ou de faixa de hiato urbano são propícios à constituição de redes de infraestrutura verde, que beneficiam processos e funções ecológicas essenciais à resiliência urbana, juntamente ao uso público e ao saneamento ambiental. Integram-se, assim, diferentes campos do conhecimento – geografia, biologia, arquitetura e urbanismo, engenharias – para a produção de cidades sustentáveis. Como possibilidades de continuidade e ampliação desta pesquisa e de estudos análogos, identificam-se a aplicação dessa abordagem às demais sub-bacias do município e as investigações e proposições concernentes à paisagem cultural ferroviária, que agregarão valores sociais à transformabilidade da paisagem urbana. Além disso, a abordagem do Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável também se mostra oportuna ao planejamento da renovação das áreas de influência de redes de infraestrutura verde.

Verifica-se também a necessidade da incorporação dos princípios da infraestrutura verde à legislação ambiental e urbanística dos municípios com condições similares às do estudo de caso. Esse respaldo legal, juntamente com o engajamento da população interessada e potenciais usuários dos espaços livres, é essencial para o enfrentamento das pressões esperadas para a ocupação e exploração imobiliária, sobretudo na ocasião da desativação de eixos de infraestrutura regionais. Por fim, espera-se que as abordagens apresentadas neste artigo sejam relevantes para a prática do planejamento territorial e dos projetos de intervenções na paisagem que objetivem favorecer a resiliência urbana.

Referências

ALIPRANDI, Danielly Cozer; TÂNGARI, Vera Regina. O sistema de espaços livres no estudo da forma urbana: análise de problemas e potencialidades em Campos dos Goytacazes (RJ, Brasil). *Oculum Ensaios*, Campinas, v. 19, p. 1-27, 2022. DOI:10.24220/2318-0919v19e2022a5280. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5280>. Acesso em: 17 ago. 2023.

AMARAL, Rubens do. **Os processos ecológicos de suporte no planejamento e projeto da infraestrutura verde regional**: estudos dos fluxos de carbono na paisagem. 2023. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/45979>. Acesso em: 14 set. 2023.

Incorporando infraestrutura verde a espaços livres residuais: transformabilidade da paisagem urbana em São José do Rio Preto/SP
Incorporating green infrastructure to residual open spaces: urban landscape transformability in São José do Rio Preto/SP
Incorporación de infraestructura verde en espacios abiertos residuales: transformabilidad del paisaje urbano en São José do Rio Preto/SP

AMARAL, Rubens do; COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; MUZZI, Maria Rita Scotti. O sequestro de carbono em trechos da floresta urbana de Belo Horizonte: por um sistema de espaços livres mais eficiente no provimento de serviços ecossistêmicos urbanos. **Paisagem E Ambiente**, São Paulo, n. 39, p. 163-179, 2017. DOI:10.11606/issn.2359-5361.v0i39p163-179. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/109272>. Acesso em: 17 ago. 2023.

AMARAL, Rubens do et al. Bases para o planejamento territorial urbano: uso de imagens hiperespectrais para a identificação de áreas geradoras de funções ecológicas de suporte. **Cidades, Comunidades E Territórios**, [s. l.], n. 41, p. 71-89, 2020. DOI:10.15847/cct.20152. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cidades/2792>. Acesso em 17 ago. 2023.

BÉLANGER, Pierre. Infrastructure Ecologies. In: BÉLANGER, Pierre. **Landscape as infrastructure**. New York: Routledge, 2017. p.427-469.

BENEDICT, Mark A.; MCMAHON, Edward T. **Green Infrastructure: Smart Conservation for the 21st Century**. Washington: Sprawl Watch Clearinghouse, [2001]. Disponível em: <http://www.sprawlwatch.org/greeninfrastructure.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BISPO, Alba Nélide de Mendonça; PROCHNOW, Lucas Neves. Paisagem cultural e patrimônio ferroviário: Discursos de preservação no Brasil e na Argentina. In: 4º COLÓQUIO IBERO-AMERICANO: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 2016, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p. 1-21.

BRASIL. **Lei nº10.257, de 10 de julho de 2001**. Estatuto da Cidade. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm. Acesso em: 24 maio 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/L12651compilado.htm. Acesso em: 17 ago. 2023.

COMPANHIA AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO – CETESB. **Processo 138/2021 (e-ambiente 049965/2021-31):** Licenciamento Ambiental com EIA/RIMA – Contorno Ferroviário de São José do Rio Preto. São Paulo: CETESB, 2021. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/eiarima/eia/EIA-138-2021-e-ambiente%20049965-2021-31-Contorno-Ferrovuario-de-Sao-do-Rio-Preto.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CONZEN, Michael R. G. **Alnwick, Northumberland**: Análise do plano de cidade. Tradução de Vítor Oliveira e Cláudia Monteiro. Porto: Urban Forms, 2022. Disponível em: <https://pnum.fe.up.pt/en-gb/alnwick.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CORMIER, Nathaniel S.; PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. **Infra-estrutura verde**: uma estratégia paisagística para a água urbana. **Paisagem E Ambiente**, São Paulo, v. 25, p. 127-142, 2008. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i25p127-142. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/105962>. Acesso em: 17 ago. 2023.

COSTA, Stael de Alvarenga Pereira; GIMLLER NETTO, Maria Manoela. **Fundamentos de morfologia urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

COSTANZA, Robert et al. Twenty years of ecosystem services: how far have we come and how far do we still need to go? **Ecosystem Services**, [s. l.], v. 28, pt. A, p. 1-16, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ecoser.2017.09.008>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2212041617304060?via%3Dihub>. Acesso em: 17 ago. 2023.

Incorporando infraestrutura verde a espaços livres residuais: transformabilidade da paisagem urbana em São José do Rio Preto/SP
Incorporating green infrastructure to residual open spaces: urban landscape transformability in São José do Rio Preto/SP
Incorporación de infraestructura verde en espacios abiertos residuales: transformabilidad del paisaje urbano en São José do Rio Preto/SP

DELPOUX, Marcel. Écosystème et paysage. **Revue géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest**, Toulouse, v. 43, n. 2, p. 157-174, 1972. DOI:10.3406/rgpso.1972.3327. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/rgpso_0035-3221_1972_num_43_2. Acesso em: 17 ago. 2023.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **Da tutela dos monumentos à gestão das paisagens culturais complexas: inspirações à política de preservação cultural no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: 10.11606/T.16.2014.tde-14082014-134950. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-14082014-134950/pt-br.php>. Acesso em: 17 ago. 2023.

FOLKE, Carl et al. Resilience thinking: integrating resilience, adaptability and transformability. **Ecology and Society**, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 1-10, 2010. DOI: 10.5751/ES-03610-150420. Disponível em: <https://www.ecologyandsociety.org/vol15/iss4/art20/>. Acesso em: 17 ago. 2023.

FORMAN, Richard T. T.; GODRON, Michael. **Landscape ecology**. New York: John Wiley & Sons, 1986.

FRANCISCO, Arlete Maria. Contribuição à história da urbanização de São José do Rio Preto – SP. **Tópos**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 119-142, 2011. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2274>. Acesso em: 17 ago. 2023.

FRANCISCO, Arlete Maria; FERNANDES, Mayara. O Parque Setorial de São José do Rio Preto e a conformação de um Sistema de Espaços Livres Públicos na cidade contemporânea. **Tópos**, [s. l.], v. 06, n. 1, p. 130-148, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2509>. Acesso em: 17 ago. 2023.

HERZOG, Cecília Polacow; ROSA, Lourdes Zunino. Infraestrutura Verde: Sustentabilidade e resiliência para a paisagem urbana. **LABVERDE**, [s. l.], n. 1, p. 92-115, 2010. DOI: 10.11606/issn.2179-2275.v0i1p92-115. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/article/view/61281>. Acesso em: 18 ago. 2023.

HOBBS, Richard J. Setting effective and realistic restoration goals: key directions for research. **Restoration Ecology**, [s. l.], v. 15, i. 2, p. 354-357, 2007. DOI: 10.1111/j.1526-100X.2007.00225.x.

HOBBS, Richard J.; HARRIS, Jim Arthur. Restoration Ecology: Repairing the Earth's Ecosystems in the New Millennium. **Restoration Ecology**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 239-246, 2001. DOI: 10.1046/j.1526-100x.2001.009002239.x.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010: Resultados Gerais da Amostra por áreas de ponderação**. 2013. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao/index.html>. Acesso em: 16 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2022**. 2023a. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>. Acesso em: 01 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Portal de Mapas**. 2023b. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa223706>. Acesso em: 18 ago. 2023.

KFOURI, Jamil José. **Parque Linear de Fundo de Vale: Parque Setorial**. São José do Rio Preto, 2014. Arquivo em formato pdf contendo slides disponibilizados em palestra nas Faculdades Integradas Dom Pedro II.

Incorporando infraestrutura verde a espaços livres residuais: transformabilidade da paisagem urbana em São José do Rio Preto/SP
Incorporating green infrastructure to residual open spaces: urban landscape transformability in São José do Rio Preto/SP
Incorporación de infraestructura verde en espacios abiertos residuales: transformabilidad del paisaje urbano en São José do Rio Preto/SP

LOVELL, Sarah Taylor; TAYLOR, John Robert. Supplying urban ecosystem services through multifunctional green infrastructure in the United States. **Landscape Ecology**, [s. l.], v. 28, p. 1447-1463, 2013. DOI:10.1007/s10980-013-9912-y. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10980-013-9912-y>. Acesso em: 18 ago. 2023.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução: Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1999.

MACEDO, Silvio Soares et al. Os Sistemas de Espaços Livres na constituição da forma urbana contemporânea no Brasil: Produção e apropriação (QUAPÁSEL II). **Paisagem E Ambiente**, São Paulo, n. 30, p. 137-172, 2012. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i30p137-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/78112>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Ambiente, espaço, paisagem. **Paisagem E Ambiente**, São Paulo, n. 21, p. 237-244, 2006a. DOI:10.11606/issn.2359-5361.v0i21p237-244. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40253>. Acesso em: 18 ago. 2023

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre – objeto de trabalho. **Paisagem E Ambiente**, São Paulo, n. 21, p.175-197, 2006b. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i21p175-197. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40249>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MCHARG, Ian L. **Design with nature**. New York: American Museum of Natural History, 1969.

MENEGUETTI, Karin Schwabe; COSTA, Stael de Alvarenga Pereira. The fringe-belt concept and planned new towns: A Brazilian case study. **Urban Morphology**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 25-33, 2015. DOI: 10.51347/jum.v19i1.4021. Disponível em: <https://journal.urbanform.org/index.php/jum/article/view/4021>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT – MEA. **Ecosystems and Human Well-being: Synthesis**. Washington: Island Press, 2005. Disponível em: <https://www.millenniumassessment.org/documents/document.356.aspx.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MRV. **Foto panorâmica**: Região do Caparroz, São José do Rio Preto - SP. 2023. Disponível em: <https://www.mrv.com.br/imoveis/apartamentos/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto/regiao-do-caparroz/parque-rio-tocantins#&gid=4&pid=1>. Acesso em: 4 jun. 2023.

PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. Pode-se planejar a paisagem? **Paisagem E Ambiente**, São Paulo, n. 13, p. 159-179, 2000. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i13p159-179. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/134128>. Acesso em: 18 ago. 2023

PERES, Renata Bovo; SILVA, Sandra Regina Mota; SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins. Paisagem urbana, espaços públicos e a gestão territorial em cidades médias paulistas: reflexões a partir de São Carlos, SP, Brasil. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 141–164, 2019. DOI:10.5212/TerraPlural.v13i3.0011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/13250/209209212634>. Acesso em: 18 ago. 2023.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe; BELOTO, Gislaíne Elizete. Morfologia urbana como instrumento projetual. **Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana**, [s. l.], v. 12, 2020, p. 1-13. DOI:10.1590/2175-3369.012.e20190266. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/Urbe/article/view/26102/24368>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Lei Complementar nº19, de 23 de dezembro de 1992.** Institui o processo permanente de planejamento na administração municipal – Plano Diretor de Desenvolvimento. São José do Rio Preto: Câmara Municipal, 1992. Disponível em: <https://riopreto.siscam.com.br/arquivo?Id=263454>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Lei Complementar nº 651, de 14 de janeiro de 2021.** Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável. São José do Rio Preto: Câmara Municipal, 2021. Disponível em: <https://riopreto.siscam.com.br/arquivo?Id=438076>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Plano Municipal de Água e Esgoto:** Parte A – Diagnóstico físico, técnico-operacional e gerencial dos sistemas e serviços de água e esgoto. São José do Rio Preto: Prefeitura, 2014. Disponível em: <https://semae.riopreto.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/pmae-parte-a.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica e do Cerrado:** Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável, subseção V – Das Diretrizes Ambientais Específicas para o Sistema de Áreas Verdes e Unidades de Conservação – SAV-UC. 2023b. Disponível em: https://www.riopreto.sp.gov.br/wp-content/uploads/arquivosPortalGOV/meio-ambiente/PMMAC_R007_Final%202.pdf. Acesso em: 17 ago. 2023.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Plano Municipal de Drenagem Urbana de Águas Pluviais.** São José do Rio Preto: Prefeitura, [2018]. Disponível em: <https://semae.riopreto.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/pmdu.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. **Sistema de Informação Geográfica – SIG Rio Preto.** 2023a. Disponível em: <https://sig.riopreto.sp.gov.br/portal/apps/sites/#/sigriopreto>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SÃO PAULO (Estado). **DataGEO:** Sistema Ambiental Paulista. 2023. Disponível em: <https://datageo.ambiente.sp.gov.br/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº67.430, de 30 de dezembro de 2022.** Dispõe sobre o Zoneamento Ecológico-Econômico no Estado de São Paulo. São Paulo: Palácio dos Bandeirantes, 2022. Disponível em: https://smastr16.blob.core.windows.net/portalzee/sites/83/2023/01/decreto_67430_2022_zee_sp.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente – SIMA. **Inventário florestal do Estado de São Paulo:** Mapeamento da cobertura vegetal nativa. São Paulo: SIMA, 2020. 40 p. Disponível em: <https://smastr16.blob.core.windows.net/home/2020/07/inventarioflorestal2020.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SANT'ANNA, Camila Gomes. **A infraestrutura verde e sua contribuição para o desenho da paisagem da cidade.** 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39399>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SIMÃO, Karina Machado de Castro. **Fringe belts como elementos estruturadores da paisagem:** o caso de Belo Horizonte/MG. 2012. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/AMFE-9A4PT2>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SINERGISE. **Sentinel Hub Eo Browser.** 2023. Disponível em: <https://apps.sentinel-hub.com/eo-browser/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

TAVARES, Jeferson Cristiano. Eixos: Novo paradigma do planejamento regional? Os eixos de infraestrutura nos PPA's Nacionais, na IIRSA e na macrometrópole paulista. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v.18, n. 37, p. 671-695, 2016. DOI: 10.1590/2236-9996.2016-3703. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2016-3703>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Incorporando infraestrutura verde a espaços livres residuais: transformabilidade da paisagem urbana em São José do Rio Preto/SP
Incorporating green infrastructure to residual open spaces: urban landscape transformability in São José do Rio Preto/SP
Incorporación de infraestructura verde en espacios abiertos residuales: transformabilidad del paisaje urbano en São José do Rio Preto/SP

UEDA, Poliana Risso Silva. **O papel da produção de habitação social em São José do Rio Preto na consolidação do dispositivo Zona Norte**. 2022. Tese (Doutorado em Engenharia Urbana) – Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16608>. Acesso em: 18 ago. 2023.

WALDHEIM, Charles. Cleiming landscape as urbanism. In: WALDHEIM, Charles. **Landscape as Urbanism**. New Jersey: Princeton University Press, 2016. p. 13-29.

WHITEHAND, Jeremy W.R. British urban morphology: the Conzenian tradition. **Urban Morphology**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 103-109, 2001. DOI:10.51347/jum.v5i2.3896. Disponível em: <http://www.urbanform.org/pdf/whitehand2001.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

WORLD RESOURCES INSTITUTE – WRI. **DOTS nos Planos Diretores**: Guia para inclusão do Desenvolvimento Orientado ao Transporte Sustentável no planejamento urbano. São Paulo: WRI Brasil, 2018. Disponível em: https://www.wribrasil.org.br/sites/default/files/DOTS_nos_Planos_Diretores_abr18.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

ZEOTI, Gustavo Nogueira. **Subsídios para o planejamento de redes de greenways**: estudo de caso de Ribeirão Preto, SP. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13980?show=full>. Acesso em: 18 ago. 2023.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 11/10/2023

Aprovado em 29/11/2023

JULIANA VILLELA JUNQUEIRA, RODRIGO MENDES DE SOUZA E ISADORA TABORDA SILVA

Mato Grosso do Sul: paisagem e energia

Mato Grosso do Sul: Landscape and energy

Mato Grosso do Sul: paisaje y energía

Juliana Villela Junqueira

Doutora em Arquitetura e Urbanismo junto ao Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP (2020), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (2014) na área de concentração "Projeto, Espaço e Cultura". Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007). Entre 2021 e 2022 foi professora substituta na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no Departamento de Projeto, História e Teoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Possui experiência nas áreas de projeto de arquitetura, infraestrutura e ambiente construído. Integra o grupo de pesquisa "Representação dos lugares na cultura brasileira", sediado na FAUUSP. Suas pesquisas estão centradas atualmente na temática das Infraestruturas Urbanas Fluviais, no eixo da Hidrovia Paraguai-Paraná.

PhD in Architecture and Urbanism from the Design Department of the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo – FAU-USP (2020), Master in Architecture and Urbanism from FAU-USP (2014) in the concentration area "Project, Space and Culture". Graduated in Architecture and Urbanism from the Pontifical Catholic University of Minas Gerais (2007). From 2021 and 2022 she was a substitute professor at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), in the Department of Design, History and Theory of the Faculty of Architecture and Urbanism. He has experience in the areas of architectural, infrastructure and built environment design. She is part of the research group "Representation of places in Brazilian culture", based at FAU-USP. Her research is currently focused on the theme of Urban River Infrastructures, along the Paraguay-Paraná Waterway axis.

Doctorado en Arquitectura y Urbanismo por la Universidad de São Paulo – FAU-USP (2020), maestría en Arquitectura y Urbanismo por FAU-USP (2014) en el área de concentración "Proyecto, Espacio y Cultura". Licenciado en Arquitectura y Urbanismo por la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais (2007). Entre 2021 y 2022 fue profesora suplente en la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF), en el Departamento de Diseño, Historia y Teoría de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo. Tiene experiencia en las áreas de diseño arquitectónico, de infraestructura y de entornos construidos. Forma parte del grupo de investigación "Representación de lugares en la cultura brasileña", con sede en la FAU-USP. Actualmente su investigación se centra en el tema de Infraestructuras Urbanas Fluviales, a lo largo del eje Hidrovía Paraguay-Paraná.

jvj.junqueira@gmail.com

Rodrigo Mendes de Souza

Professor Adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 2020. Ex-professor substituto da FAU-UnB em 2019. Doutor pelo programa de Pós-Graduação da FAU-USP, na área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo com a tese O Desenho da Utopia sobre a atuação de Paul Klee no Curso Preliminar (Vorkurs) da Bauhaus, sob orientação do Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. Esta pesquisa contou com auxílios da CAPES e do DAAD (doutorado sanduíche) na Technische Universität Berlin sob orientação do professor Dr. Jörg Gleiter para consulta do Bauhaus Archiv dentre outros acervos. Mestre na área de História da Arte pelo Programa de Pós-graduação FAU-USP, sob orientação do Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. Graduação também pela FAU-USP. Dedicado a estudos de design, arte e arquitetura modernas, Bauhaus, Walter Gropius, L.Moholy-Nagy, J. Itten e J. Albers.

Adjunct Professor of the Architecture and Urbanism Course at the Federal University of Mato Grosso do Sul since 2020. Former substitute professor at FAU-UnB during 2019. PhD from the Postgraduate program at FAU-USP, in the area of concentration History and Fundamentals of Architecture and Urbanism with the thesis The Design of Utopia on the performance of Paul Klee in the Preliminary Course (Vorkurs) at the Bauhaus, under the guidance of Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. This research was supported by CAPES and DAAD (sandwich doctorate) at the Technische Universität Berlin under the guidance of professor Dr. Jörg Gleiter to consult the Bauhaus Archive among other collections. Master in the area of Art History from the FAU-USP Postgraduate Program, under the guidance of Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. Also graduated from FAU-USP. Dedication to design studies, modern art and architecture, Bauhaus, Walter Gropius, L.Moholy-Nagy, J. Itten and J. Albers.

Profesor adjunto de la Carrera de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul desde 2020. Ex profesor suplente de la FAU-UnB en 2019. Doctorado del programa de Postgrado de la FAU-USP, en el área de concentración Historia y Fundamentos de Arquitectura y Urbanismo con la tesis El diseño de la utopía sobre la actuación de Paul Klee en el Curso Preliminar (Vorkurs) de la Bauhaus, bajo la dirección del Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. Esta investigación fue apoyada por CAPES y DAAD (doctorado sándwich) de la Technische Universität Berlin bajo la dirección del profesor Dr. Jörg Gleiter para consultar el Archivo Bauhaus, entre otras colecciones. Maestría en el área de Historia del Arte del Programa de Posgrado de la FAU-USP, bajo la dirección del Prof. Dr. Mário Henrique Simão D'Agostino. También egresado de la FAU-USP. Dedicación a los estudios de diseño, arte moderno y arquitectura, Bauhaus, Walter Gropius, L.Moholy-Nagy, J. Itten y J. Albers.

rodrigo.mendes@ufms.br

Isadora Taborda Silva

Mestre em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2020), especializada em Arquitetura, Construção e Gestão de Empreendimentos Sustentáveis pela Unyleya (2019) e possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2013). Atualmente é professora universitária da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP/MS). Tem experiência em Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em pesquisas em Recursos Naturais, atuando principalmente nos seguintes temas: sensoriamento remoto, multispectral sensor, GRSS, sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e percepção ambiental.

Holds a Master's degree in Natural Resources from the Federal University of Mato Grosso do Sul (2020), specialized in Architecture, Construction and Management of Sustainable Developments from Unyleya (2019) and holds a Bachelor's degree in Architecture and Urban Planning from the Federal University of Mato Grosso do Sul (2013). She is currently a university professor at the University for the Development of the State and the Pantanal Region (UNIDERP/MS). She has experience in Architecture and Urbanism, with an emphasis on research in Natural Resources, working mainly on the following topics: remote sensing, multispectral sensor, GRSS, sustainability, sustainable development and environmental perception.

Maestría en Recursos Naturales de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (2020), especializada en Arquitectura, Construcción y Gestión de Desarrollos Sostenibles de Unyleya (2019) y licenciada en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (2013). Actualmente es profesora universitaria en la Universidad para el Desarrollo del Estado y de la Región del Pantanal (UNIDERP/MS). Tiene experiencia en Arquitectura y Urbanismo, con énfasis en la investigación en Recursos Naturales, trabajando principalmente en los siguientes temas: teledetección, sensor multiespectral, grss, sustentabilidad, desarrollo sustentable y percepción ambiental.

arq.isataborda@gmail.com

Resumo

A condição geográfica de Mato Grosso do Sul o coloca com papel decisivo nas dinâmicas brasileiras e continentais do século XXI. Contido entre rios a leste e a oeste, por isso mesopotâmico, também se encontra cercado por terra, com divisas com cinco estados e dois países. Em sua condição mediterrânea, cercada por terra, longe do mar, representa, ainda, a transição entre os biomas do Cerrado e Pantanal com a Amazônia, articulando de norte a sul a grande planície no interior do continente. Historicamente território de grandes transformações a partir de novas infraestruturas – desde os morrotes dos Guatós para ocupação do Pantanal, passando pelas fortificações pombalinas e chegando ao telégrafo e à ferrovia Noroeste do Brasil no início do século XX – Mato Grosso do Sul tem essa vocação reafirmada nos dias de hoje, como o Gasoduto Brasil-Bolívia em operação desde 2010 e a RILA – Rota de Integração Latino americana, a ligar os portos do Atlântico aos da região norte do Chile, fortalecendo o eixo transversal leste-oeste em escala continental. Este trabalho intenciona traçar um panorama de Mato Grosso do Sul a partir das relações históricas e atuais entre infraestrutura e seu perfil produtivo – o agronegócio e sua alta demanda por água – e os fluxos engendrados nesta relação. A relação entre infraestrutura e ambiente construído é investigada neste trabalho quanto à exploração dos recursos naturais e tem por objeto o estado de Mato Grosso do Sul. As disposições das infraestruturas correlatas à circulação de commodities são também entendidas como relacionadas à exploração da água, abundante neste território, a partir da noção de água virtual. Isto permite entender os principais produtos exportados pelo estado, a saber, celulose, soja e proteína animal, como exportação de água. Assim, os processos que os fluxos de commodities engendram na conformação do território são constitutivos destes sucessivos processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, nos quais objetos técnicos são arrançados de acordo com a exploração destes recursos, para ficar em uma noção da geografia cara a Milton Santos. Se a escala da geografia permite tratar uma hidrovia, por exemplo, como objeto técnico, com desdobramentos por vezes descontínuos no território e no espaço, ela suprime aspectos específicos da sua inserção no lugar. Assim, a noção de infraestrutura permite uma aproximação por escalas e, antes de ser oposta à de objetos técnicos, a complementa, porque se mostra mais operativa nesta tomada de vistas sucessivas. Trata-se, portanto, de identificar estes fluxos, levantar as infraestruturas existentes e projetadas em Mato Grosso do Sul e pensar um modelo de planejamento regional a articular a vocação produtiva do estado com sistemas de infraestruturas verdes e azuis que garantam a harmonia entre a exploração de recursos hídricos e o desenvolvimento das cidades.

Palavras-chave: Paisagem. Recursos Naturais. Projetos de Infraestrutura. Fluxo de Commodities.

Abstract

The geographical condition of Mato Grosso places it with a decisive role in the Brazilian and continental dynamics of the 21st century. Contained between rivers to the east and west, therefore Mesopotamian, it is also surrounded by land, with borders with five states and two countries. In its Mediterranean condition, surrounded by land, far from the sea, it also represents the transition between the Cerrado and Pantanal biomes with the Amazon, articulating from north to south the great plain in the interior of the continent. Historically a territory of great transformations resulting from new infrastructures – from the Guatós hills to the occupation of the Pantanal, through the Pombaline fortifications and reaching the telegraph and the Northwest of Brazil railway at the beginning of the 20th century. In recent years, Mato Grosso do Sul has been a territory of major transformations resulting from new infrastructure, such as the Brazil-Bolivia Gas Pipeline in operation since 2010 and the RILA – Latin American Integration Route, connecting the ports of the Atlantic to those of the northern region of Chile, strengthening the east-west transversal axis on a continental scale. This work aims to provide an overview of Mato Grosso do Sul based on the relationships between infrastructure and its productive profile – agribusiness and its high demand for water – and the flows engendered in this relationship. The relationship between infrastructure and the built environment is investigated in this work regarding the exploitation of natural resources and its object is the state of Mato Grosso do Sul. The infrastructure arrangements related to the circulation of commodities are also understood as related to the exploitation of water, which is abundant in this territory, based on the notion of virtual water. This allows us to understand the main products exported by the state, namely cellulose, soybeans, animal protein, and water exports. Thus, the processes that commodity flows engender in the shaping of the territory constitute successive processes of territorialization-deterritorialization-reterritorialization, in which technical objects are arranged according to the exploitation of these resources, to remain in a notion of geography dear to Milton Santos. If the scale of geography allows us to treat a waterway, for example, as a technical object, with sometimes discontinuous developments in territory and space, it suppresses specific aspects of its insertion in place. Thus, the notion of infrastructure allows an approach by scale and, before being opposed to that of technical objects, it complements it, because it proves to be more operative in this taking of successive views. It is, therefore, about identifying these flows, surveying the existing and projected infrastructures in Mato Grosso do Sul and think about a regional planning model that articulates the state's productive vocation with green and blue infrastructure systems that guarantee harmony between the exploitation of water resources and the development of cities.

Keywords: Landscape. Natural resources. Infrastructure Projects. Commodity Flow.

Resumen

La condición geográfica de Mato Grosso lo coloca con un papel decisivo en la dinámica brasileña y continental del siglo XXI. Contenido entre ríos al este y al oeste, por lo tanto mesopotámico, también está rodeado por tierra, con fronteras con cinco estados y dos países. En su condición mediterránea, rodeada de tierra, alejada del mar, representa también la transición entre los biomas del Cerrado y Pantanal con la Amazonía, articulando de norte a sur la gran llanura en el interior del continente. Históricamente un territorio de grandes transformaciones resultantes de nuevas infraestructuras – desde los cerros de Guatós hasta la ocupación del Pantanal, pasando por las fortificaciones pombalinas y llegando al telégrafo y al ferrocarril del Noroeste de Brasil a principios del siglo XX. En los últimos años, Mato Grosso do Sul ha sido un territorio de grandes transformaciones resultantes de nuevas infraestructuras, como el Gasoducto Brasil-Bolivia en funcionamiento desde 2010 y la RILA – Ruta de Integración Latinoamericana, que conecta los puertos del Atlántico con los de la región norte de Chile, fortaleciendo el eje transversal este-oeste a escala continental. Este trabajo pretende trazar un panorama de Mato Grosso do Sul a partir de las relaciones entre la infraestructura y su perfil productivo – la agroindustria y su alta demanda de agua – y los flujos engendrados en esa relación. La relación entre la infraestructura y el entorno construido es investigada en este trabajo sobre la explotación de los recursos naturales y su objeto es el estado de Mato Grosso do Sul. Los arreglos de infraestructura relacionados con la circulación de mercancías también se entienden relacionados con la explotación del agua, que abunda en este territorio, basándose en la noción de agua virtual. Esto permite comprender los principales productos exportados por el estado, a saber, celulosa, soja, proteína animal y exportaciones de agua. Así, los procesos que los flujos de mercancías engendran en la configuración del territorio constituyen procesos sucesivos de territorialización-desterritorialización-reterritorialización, en los que los objetos técnicos se ordenan según la explotación de estos recursos, para permanecer en una noción de geografía cara a Milton Santos. Si la escala de la geografía nos permite tratar una vía fluvial, por ejemplo, como un objeto técnico, con desarrollos a veces discontinuos en el territorio y el espacio, suprime aspectos específicos de su inserción en el lugar. Así, la noción de infraestructura permite un abordaje por escala y, antes de oponerse a la de objetos técnicos, la complementa, porque se muestra más operativa en esta toma de miradas sucesivas. Se trata, por tanto, de identificar estos flujos, relevar las infraestructuras existentes y proyectadas en Mato Grosso do Sul y pensar en un modelo de planificación regional que articule la vocación productiva del estado con sistemas de infraestructura verde y azul que garanticen la armonía entre la explotación de los recursos hídricos y el desarrollo de las ciudades.

Palabras clave: Paisaje. Recursos naturales. Proyectos de infraestructura. Flujo de productos básicos.

Introdução

Da poética distendida na escala do território que impressiona, em 1936, Claude Lévi-Strauss¹, a região do antigo Mato Grosso e, em especial sua porção sul, o atual Mato Grosso do Sul – antiga província espanhola de Guayrá –, possuem posição estratégica no continente sulamericano, definida historicamente como o ponto de encontro de dois fluxos desde os povos originários, um norte-sul, daqueles que navegavam pelo interior do continente entre as bacias Amazônica e do Prata, respectivamente a primeira e a segunda maiores bacias hidrográficas do continente, e outro leste-oeste, ligando as costas atlântica e pacífica da América do Sul. Esta região é definida, desde Alexandre de Gusmão, passando por Sérgio Buarque de Holanda e Mário Travassos dentre outros, pelos fluxos de escala continental que a atravessam. Ainda hoje, novos fluxos estão a definir sua reterritorialização.

Estes sucessivos processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização são marcados por infraestruturas fluviais, desde os morrotes ou terraços construídos acima da cota de inundação do Pantanal pelos Guatós, os canoieiros Paiaguás e sua ocupação do Alto Paraguai, as missões jesuíticas, às fortificações pombalinas a constituir uma rede de portos no interior do continente, desde o “Forte de Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemi” (1768), no rio Iguatemi, em Paranhos-MS, o “Forte de Coimbra” (1775) no rio Paraguai, em Corumbá-MS, o “Presídio de Miranda-MS”, em rio de mesmo nome em 1797. Estes últimos eram parte de uma rede de fortificações com duplo objetivo: reforçar as fronteiras dos tratados entre as coroas espanhola e portuguesa que revisaram Tordesilhas e dar suporte ao comércio com as missões jesuíticas de Moxos e Chiquitos e com a região de Santa Cruz de la Sierra.

Aqui, nesta primeira etapa, a arquitetura e o território são entendidos como organizações energéticas que conformam e estabilizam formas materiais, entendidas como novas configurações espaciais a partir do entorno imediato, sem negar seus desdobramentos alhures. Fica assim definido o arco de compreensão da paisagem sulmatogrossense água, energia, commodities, infraestrutura e arquitetura. Para fechá-lo são necessários os conceitos de água virtual e territorialização-desterritorialização-reterritorialização.

O conceito de água virtual foca nas necessidades diretas e indiretas de água para determinado produto, definindo de forma integral a água utilizada na cadeia produtiva em questão. Difere-se do conceito de pegada hídrica pois não distingue, como este, os diversos tipos de água (azul, verde ou cinza) envolvidos na produção, considerando somente sua totalidade. A partir dele é possível elaborar um balanço que se assemelha ao balanço comercial, com uma diferença, no caso da água virtual as exportações são negativas e as importações positivas. Este conceito permite que todos os itens dos sistemas harmonizados de mercadorias (SH) possam ser reduzidos ao denominador comum da água. De modo que os principais produtos de exportação de Mato Grosso do Sul serão aqui entendidos como exportadores de água. Portanto as infraestruturas correlatas serão entendidas como de transposições aquíferas.

Uma nova reterritorialização, a extração e transposição supracontinental de água, que tem por etapas sua transformação em celulose, proteína animal ou em soja, é uma indústria de fluxo onde a valorização da mercadoria coincide com sua circulação, onde está implicada sua produção. Do ponto de vista da exploração, os diversos locais de produção desta cadeia não são mais que pontos num sistema integrado e controlado à distância. Neste contexto, zonas em estágios diferentes de desenvolvimento entrarão

¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. Os mais vastos horizontes do mundo”. In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade, n. 65, São Paulo, 2009, p.36. Artigo publicado originalmente em Filosofia, Ciências e Letras, n.1,1936.

em sincronização ao se articularem com outros dispositivos alhures, formando um sistema que opera fragmentado, porém de forma conexa. Aqui assinala-se a inserção desses lugares em um subsistema de técnicas hegemônicas, o qual é caracterizado pela dispersão das etapas de produção e a centralização de comando, onde cada um destes elementos guarda uma interdependência funcional, como descrito por Milton Santos com as palavras de J. Baudrillard em “O Sistema dos Objetos” em que “cada peça importante é de tal forma dependente das outras por trocas recíprocas de energia que ela somente pode ser o que ela é”. (BAUDRILLARD, 1973, p.11).

A palavra energia abre senda importante para a compreensão do horizonte que se estende diante de Mato Grosso do Sul. Em “Fogo e Memória: Sobre arquitetura e energia”, Luis Fernández-Galiano considera a arquitetura “uma organização energética que estabiliza e mantém formas materiais”, “um processo que abriga processos”, (FÉRNANDEZ-GALIANO, 1991, p.24). Portanto, historicamente, a cidade e o território são materializações deste processo. Ponto de inflexão nesta relação são as redes de transmissão, responsáveis pela dissociação entre local de produção e local de consumo.

Os projetos passados e os ora em curso em Mato Grosso do Sul versam sobre a apropriação da natureza através de processos de desterritorialização-reterritorialização que se dão na forma de represas, aque-oleo-gaso-dutos e estradas – objetos técnicos a resignificar e planificar a paisagem, a criar a presença invisível de que fala Michael Jakob em “Arquitectura y energia”, através de “paisagens da energia, territórios cujas formas e elementos estão determinados energeticamente”(JAKOB, 2000, p.9).

Essa mudança de perspectiva para uma nova organização territorial está implicada no constante processo iniciado ainda no começo do século XVI de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, difundido na geografia pela sigla t-d-r, e originado no pensamento de F. Guattari e G. Deleuze:

Temos que pensar a desterritorialização como uma potência perfeitamente positiva, que possui seus graus e seus limiares e que é sempre relativa, tendo um reverso, uma complementaridade na reterritorialização. Num estrato a desterritorialização se encontra sempre determinada em relação à reterritorialização complementar. As desterritorializações e reterritorializações não determinam as modificações, mas determinam estreitamente sua seleção. As territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização. (DELEUZE, 2009, p. 69).

Mato Grosso do Sul: água e exportação de commodities

Mato Grosso do Sul pode ser definido pela água em diversas camadas. Não à toa, a ocupação deste território se dá pela bacia do Paraguai, tendo em Assunção a mãe das cidades de Buenos Aires e Santa Cruz de La Sierra e outras. Dentre estas pode ser citada Santiago de Xerez, fundada por Rui Diaz de Guzmán em 1593, e Vila Rica do Espírito Santo, nas províncias de Itatines e Guayrá respectivamente – correspondentes ao atual Mato Grosso do Sul e Paraná – afirmando a região na zona de influência de Assunção, compondo o Grande Paraguai, nação jesuítica idealizada no interior do continente como descrito por Sérgio Buarque de Holanda (1986), que tinha seus limites difusos mais ou menos assentados na bacia do Prata – corroboração histórica para a adoção das bacias hidrográficas como unidades de planejamento. Sobre as terras das colônias sulamericanas, onde passava a linha de Tordesilhas e, depois, o

tratado de Madri, costurado por Alexandre de Gusmão, dizia-se que “nada se sabia ainda de sua maior parte, isto é, a que corre entre o Peru e o Brasil, toda aquela terra encharcada, cheia de lagoas e pântanos” (HOLANDA, 1986, p.100). Este era o território do caminho para o Eldorado e o país das Amazonas, consubstanciado na Laguna de los Xarayes – representação mítica do Pantanal e da abundância de águas no interior do continente, lagoa da qual, acreditava-se, nasciam os rios das bacias amazônica e do Prata e que encontra fato, descontada sua escala continental, na “Enciclopédia das Águas”, desenvolvido pelo Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul - IHGMS. A geografia de isolamento e transitória das cheias do Pantanal dá, do lado espanhol, origem a esse mundo das águas no interior do continente, Xarayes, que tinha sua contraparte portuguesa na ilha Brasil, por trás da qual navegavam os povos originários da costa atlântica.

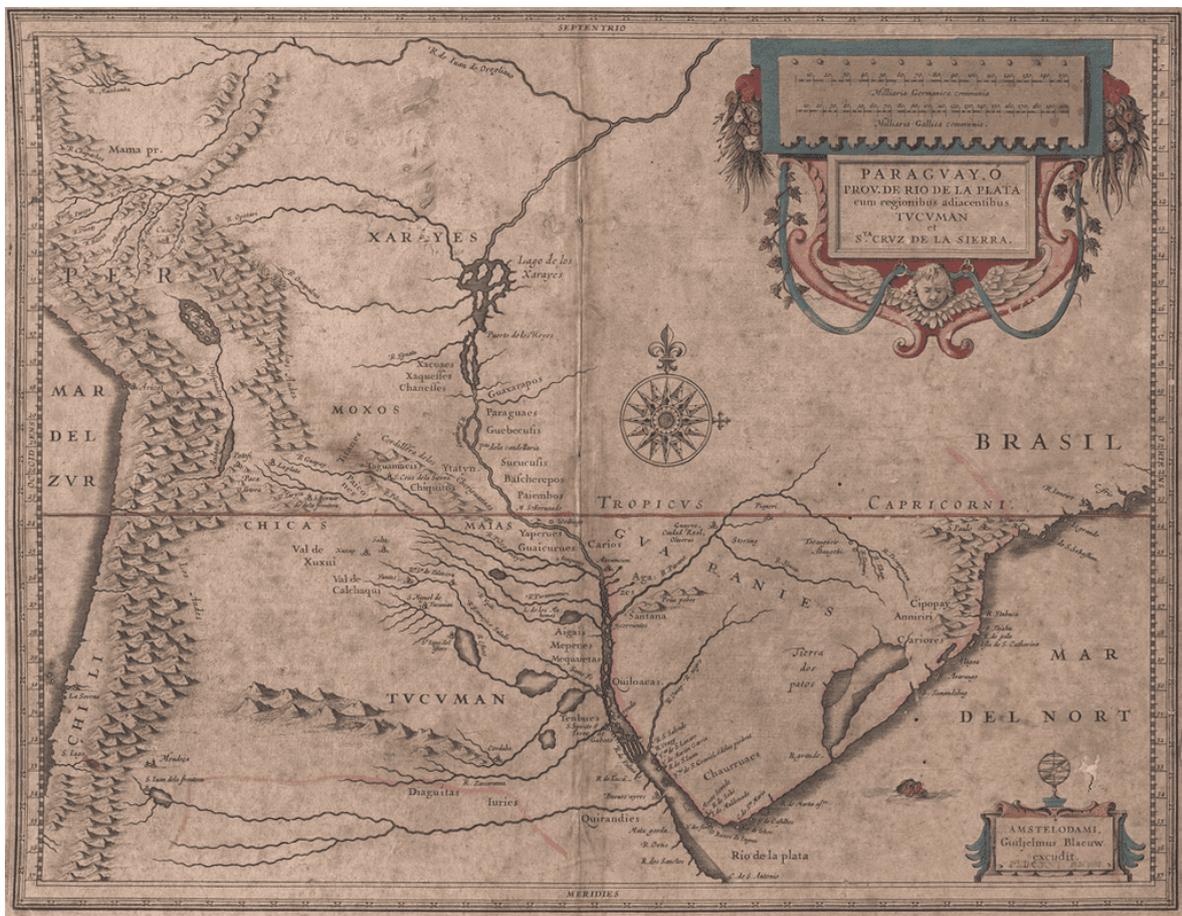


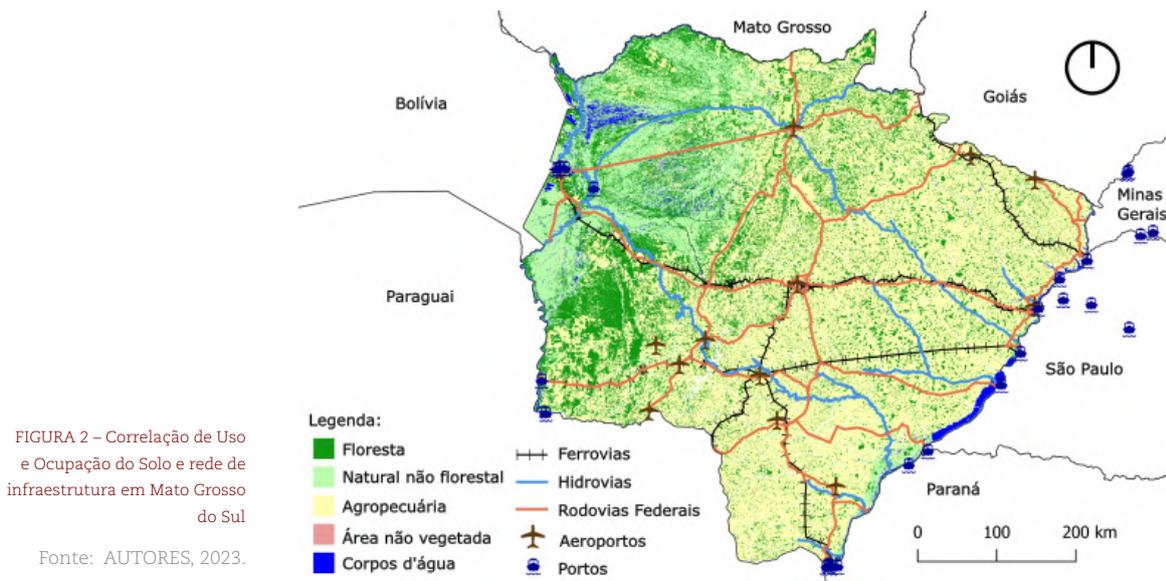
FIGURA 1 – Mapa de Willem Blaeu, 1616, contendo a Lagoa dos Xarayes no interior do continente.

Fonte: <https://www.wdl.org/pt/item/1101/view/1/1/>

Do ponto de vista produtivo, esta região encontra-se em relação privilegiada com a água. Seus índices pluviométricos superam 1000mm/ano. Embora próximos aos índices amazônicos, contrasta com estes porque tem chuvas concentradas em determinada época do ano, com invernos muito secos. O Estado de Mato Grosso do Sul possui oito unidades aquíferas², em termos de distribuição percentual em área, os Aquíferos Bauru e Cenozoico são os de maior área de afloramento, ambos aquíferos livres, com respectivamente 37% e 27% da área total de Mato Grosso do Sul.

² Sistema Aquífero Cenozoico; Sistema Aquífero Bauru; Sistema Aquífero Serra Geral; Sistema Aquífero Guarani; Sistema Aquífero Aquidauana-Ponta Grossa; Sistema Aquífero Furnas; Sistema Aquífero Pré-cambriano Calcários e, Sistema Aquífero Pré-cambriano e que não se encontram sobrepostos na região hidrográfica do Paraguai.

Conduzido por uma grande rede de universidades e institutos de pesquisa entre 1985 e 2020, o Projeto “Mapbiomas” indica, em seu item Mapeamento da Superfície de Água (Coleção 1), que o Mato Grosso do Sul e o Pantanal como o estado e o bioma mais afetados. Durante o estudo, a ação antrópica neste bioma aumentou 261% e sua área original encolheu 12%, de acordo com o item Mapeamento Anual da Cobertura e Uso da Terra no Pantanal (Coleção 6). Por sua vez, a porção sul do Cerrado, com grande parte em Mato Grosso do Sul, é também a mais afetada deste bioma.



Sendo Mato Grosso do Sul o epicentro da Rota de Integração latino-americana, tal mirada para o Pacífico a partir da RILA se dá no contexto de formação de novo pólo político-econômico na região da Ásia-Pacífico, com papel preponderante da China, país de destino de quase a metade das exportações de Mato Grosso do Sul e seu maior parceiro comercial, cuja corrente de comércio é cerca de nove vezes maior que com o segundo colocado, os EUA, se descontada a Bolívia e o fluxo proveniente do gasoduto Brasil-Bolívia. Da perspectiva chinesa, isto ocorre no contexto da Belt and Road Initiative – Nova Rota da Seda, sistema internacional de infraestruturas capitaneado pelo governo chinês. A Belt and Road Initiative vem extrapolando seu objetivo inicial, a saber, ligar os extremos da Eurásia, China e Europa, ao incluir países como Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Venezuela, a evidenciar como seu real sentido potencializar o afluxo de mercadorias, bens, recursos, informações e pessoas em função da China.

Em 2011, a China passou por uma virada demográfica, onde a maior parte de sua população se tornou urbana, com significativas mudanças no padrão de vida e de consumo. Diante do descompasso entre as localizações de suas fontes de recursos hídricos ao sul e seu norte industrializado, mais árido e com maior população, foi idealizado o “Projeto de Transferência de água Sul-Norte”, em que a água do rio Amarelo será desviada para a indústria e agricultura com vistas ao consumo humano.

Segundo dados atualizados do ComexStat,³ a China é o destino de 41% das exportações de Mato Grosso do Sul, com soja, celulose e carnes (bovina e frango) correspondendo à 72% do total das exportações sul-matogrossenses. A soja exportada por Mato Grosso do Sul para a China é transgênica, de modo a ser empregada exclusivamente na produção de ração animal.

³ Todos os dados de exportação de Mato Grosso do Sul mencionados neste artigo, nas formas de texto e mapas, foram acessados em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>, em outubro de 2023.

Mato Grosso do Sul: paisagem e energia

Mato Grosso do Sul: Landscape and energy

Mato Grosso do Sul: paisaje y energia

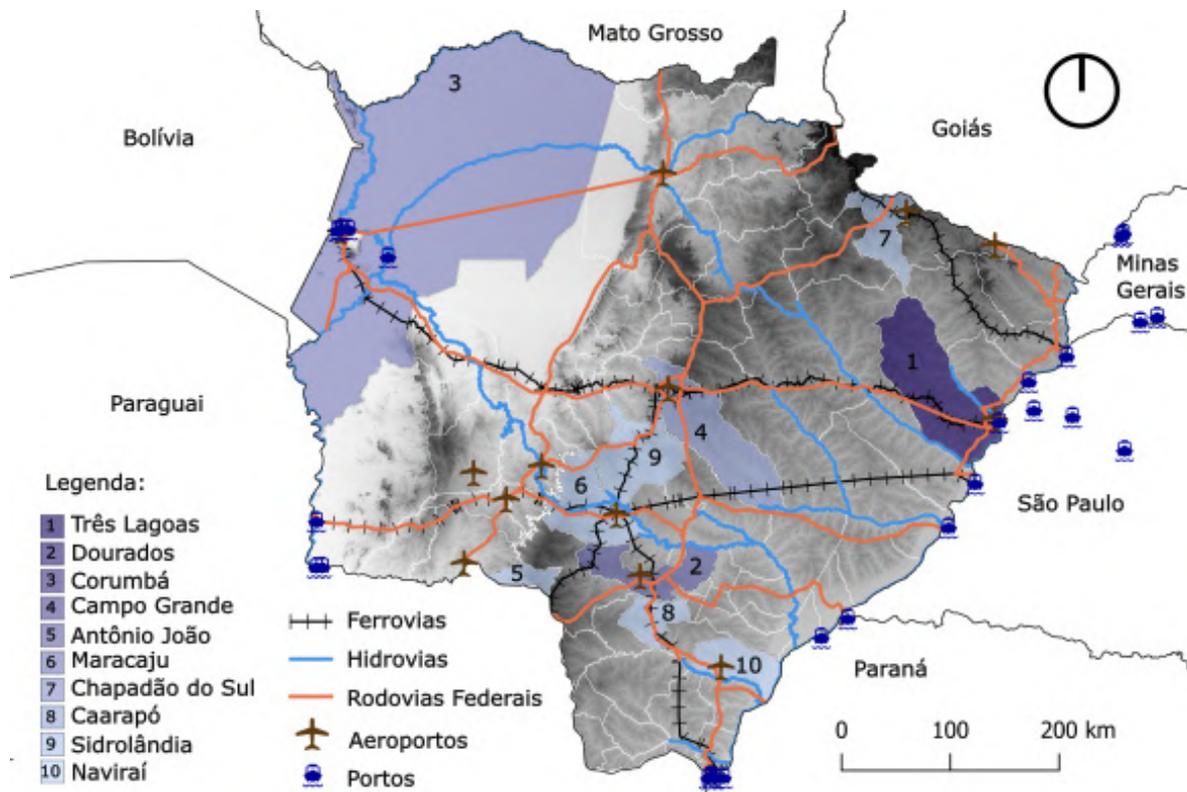
Sobre a celulose, 47,7% das exportações brasileiras destinam-se ao mercado asiático, com 41% do total de exportações deste produto concentrado na China, ou 84% da celulose exportada pelo Brasil para a Ásia. Terceiro estado produtor de celulose no Brasil, Mato Grosso do Sul é o primeiro exportador, com a produção concentrada no município de Três Lagoas – que se fosse um país estaria entre os cinco maiores exportadores deste produto – e em expansão para o município de Ribas do Rio Pardo, ambos contidos na Rota Bioceânica. Destes números, 53,3% das exportações sul-matogrossenses do produto tem por destino a China. Quanto à carne bovina e frango, estes correspondem a 16,5% das exportações do estado. Do total destes produtos, 39,5% é destinado a mercados asiáticos, excluído o Oriente Médio, metade disto vai para a China.

Para a soja, aves e bovinos, a água virtual exportada por Mato Grosso do Sul é da ordem de 6.218.827,2 m³/mil toneladas, em dados de 2013 (BRUM, 2019, p. 307). Neste mesmo estudo os pesquisadores argumentam que um aumento nas exportações tem incidência diretamente proporcional no saldo de água virtual. Portanto, se considerada somente o aumento na exportação de soja entre 2013 e 2021, há um aumento de 138% na massa exportada, o que dá a dimensão da situação atual e permite vislumbrar o impacto que um aumento da demanda sobre os recursos hídricos e o ambiente construído nas regiões produtoras de soja.

Considerando o alto consumo de água destes produtos, a posição estratégica de Mato Grosso do Sul em relação a diversas fontes de recursos hídricos e a política chinesa de destinar seus recursos hídricos para consumo humano e para a indústria, se faz premente a relação entre estas exportações, a infraestrutura correlata e a exploração dos recursos hídricos.

FIGURA 3 – Correlação dos principais municípios exportadores de Mato Grosso do Sul entre Jan-Ago/2023 e a rede de infraestrutura do Estado.

Fonte: AUTORES, 2023.



Mato Grosso do Sul: paisagem e energia

Mato Grosso do Sul: Landscape and energy

Mato Grosso do Sul: paisaje y energia

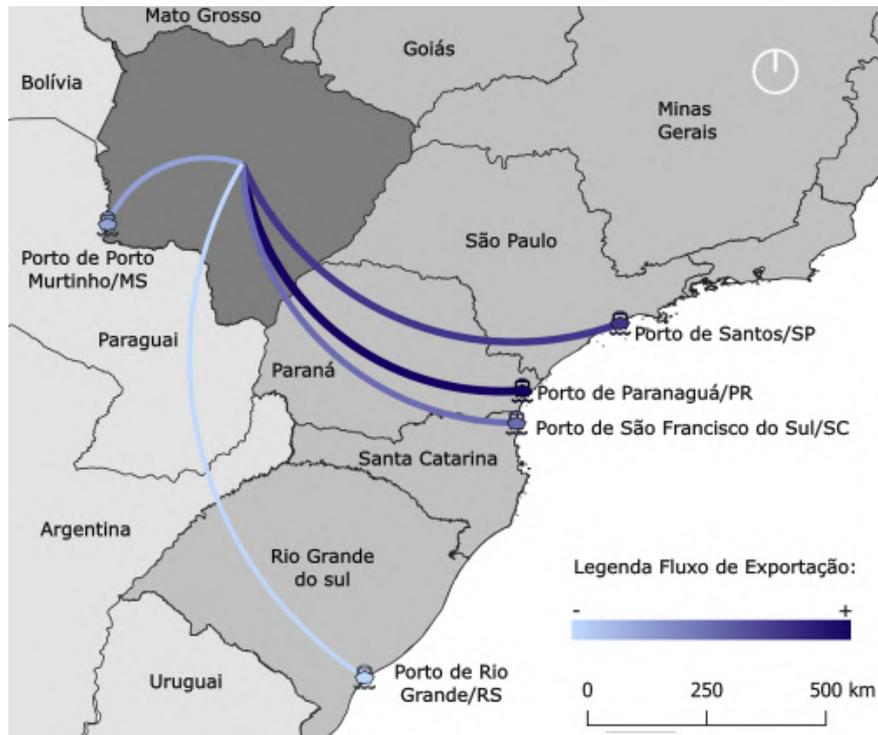


FIGURA 4 – Fluxo de exportação de Mato Grosso do Sul nos principais portos brasileiros, entre Jan-Ago/2023.

Fonte: AUTORES, 2023.

Das exportações de Mato Grosso do Sul, 91,77% concentram-se em cinco portos listados na tabela abaixo:

TABELA 1 – Principais portos de exportação de Jan-Ago/2022 e Jan-Ago/2023 em Mato Grosso do Sul em milhões de dólares e toneladas

Fonte: ComexStat, 2023

URF - Unidade da Receita Federal	Jan-Ago/2022			Jan-Ago/2023			Var %
	US\$	%	TON	US\$	%	TON	
Porto de Paranaguá - PR	2.256,74	40,23	3.567.530,3	2.736,03	37,84	4.748.662,7	21,24
Porto de Santos - SP	1.781,50	31,76	3.759.417,4	1.690,29	23,38	3.714.970,7	-5,12
Porto de São Francisco do Sul - SC	603,33	10,76	1.112.532,9	991,34	13,71	2.099.457,9	64,31
Agência da RFB de Porto Murtinho - MS	161,24	2,87	254.902,7	675,16	9,34	1.315.327,9	318,72
Porto de Rio Grande - RS	118,12	2,11	187.543,0	288,93	4,00	561.429,7	144,61
Total dos principais portos	4.920,93	87,73	8.881.926,3	6.381,75	88,26	12.439.848,9	29,69



FIGURA 5 – Maior produtora de etanol de milho da América Latina. Brasil (MT/MS) e Paraguai.

Fonte: INPASA, 2023.

A considerar a vocação produtiva de Mato Grosso do Sul, sua condição geográfica, a alta dependência de água das commodities exportadas pelo estado para a China, e a cada vez maior dissociação entre produção e consumo de recursos naturais, sua inserção neste circuito leva a perguntar: no contexto integrador das cadeias de valor a partir destes projetos de infraestrutura, qual a natureza da mercadoria? Onde está seu real valor?

Mato Grosso do Sul: Infraestrutura e Ambiente Construído

De modo a marcar as diversas camadas sobrepostas nesse processo: a global, a continental, a nacional, a estadual e a local, que ampliam e dinamizam as relações da região internamente e em escala mundial, estes fluxos serão divididos em eixos norte-sul e leste-oeste.

O eixo norte-sul, definido pelo rio Paraguai, compreende o trecho do Alto Paraguai com 1263 km, entre as fozes dos rios Jauru, em Mato Grosso, e do Apa, já em Mato Grosso do Sul, com 32m de desnível. Este trecho do rio é subdividido em duas partes, superior e inferior. A primeira com profundidade de 4m, inclinação de até 2,3 cm/km e margens que chegam a 100m; a segunda com até 10m de profundidade, 1,3cm/km de inclinação e 300m de largura. Esta é a região de transição entre o Pantanal e a Amazônia. A leste, este eixo encontra quase um espelho na Serra de Maracaju, a definir a vertente entre as sub-bacias hidrográficas do Paraná e do Paraguai, a separação entre os biomas do Cerrado e Pantanal e, em seu extremo norte, a transição de ambos os biomas com a Amazônia. Este eixo é reforçado mais a leste com os rios Paraná e Paranaíba, a definirem os limites e a condição mesopotâmica do estado de Mato Grosso do Sul. É sobre estes rios que se desdobra o continuum de represas e hidrelétricas de Urubupungá. Se em Mato Grosso há estudos para uma ferrovia de Sinop ao porto de Miritituba em Itaituba-PA, no rio Tapajós, bacia hidrográfica do Amazonas – a famigerada Ferrogrão –, Maracaju-MS será o ponto culminante de sua contraparte na bacia do Prata, a Nova Ferroeste, a ligar o sul de Mato Grosso do Sul com o oeste catarinense e paranaense, com 1567km, a sublinhar a região como articuladora do interior do continente.

Seu eixo leste-oeste situa-se em torno do paralelo 23oS, onde estão os portos de Santos no Brasil, e Antofagasta no Chile, respectivamente situados a 23o39'S e 23o56'S de latitude e 46°O 70°O de longitude. Do lado chileno ainda podem ser citados Arica, Iquique e Mejillones e, do brasileiro, Paranaguá e Itaguaí. Este eixo foi o caminho das bandeiras e monções pelos vales do Tietê e dos afluentes da margem direita do rio Paraná. Vencida esta contravertente, são os afluentes da margem esquerda do Paraguai que se apresentam para este processo de interiorização, destacando-se o rio Miranda, antigo Mbotetei, caminho para Corumbá, passagem para Santa Cruz de La Sierra, portanto porta de entrada para as minas de prata do Alto Peru. Neste mesmo território se desdobraria o projeto de ligar por telégrafo o Brasil ao Peru e à Bolívia, designado ao Marechal Rondon pelo presidente Afonso Pena. Posteriormente, grosso modo, esse seria o caminho da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), a ligar-se com a Estrada de Ferro Sorocabana e, conseqüentemente, ao porto de Santos.

Assim, os eixos norte-sul e leste-oeste definem diversos pontos em Mato Grosso do Sul, portanto subjaz serem pensados como costuras, pois não ligam somente seus extremos, como também articulam os lados que definem. Tais costuras evidenciam sua condição mediterrânea de origem, condição ímpar no Brasil e na América Latina, em sua divisa com cinco estados – São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e

Mato Grosso do Sul: paisagem e energia

Mato Grosso do Sul: Landscape and energy

Mato Grosso do Sul: paisaje y energia

Goiás – e fronteira com dois países – Paraguai e Bolívia. Ora o território que abre caminho à colonização do Extremo-oeste brasileiro e aos Andes, percorrido pelos peruleiros – brasileiros que saem da costa atlântica, em geral paulistas, que chegaram às minas de pratas do Peru por terra e lá se estabeleceram ainda no século XVI – ,⁴ ora como a plataforma que articula de norte a sul o interior do continente e o projeta para a costa atlântica, esta região se define como um lugar de passagens, de fluxos e das infraestruturas correlatas.

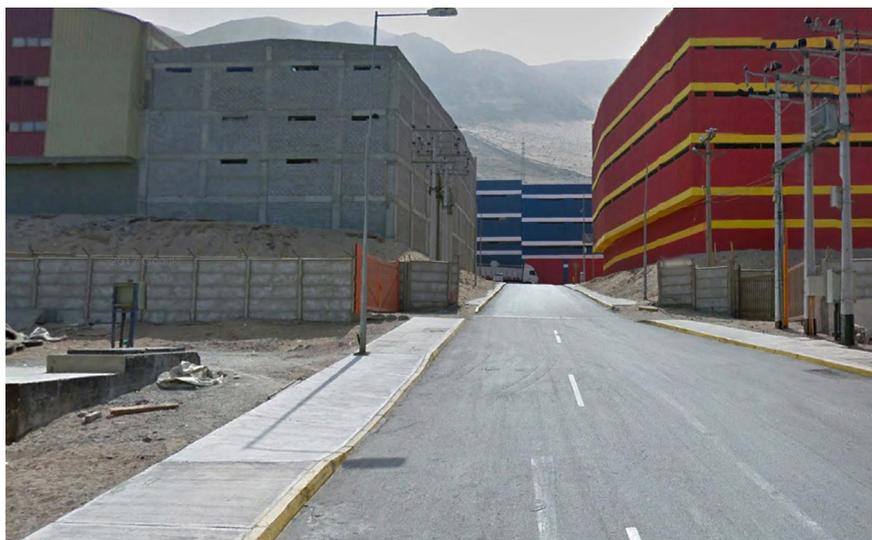


FIGURA 6 – Galpões em construção próximos ao porto de Iquique, Chile, (extremidade do traçado da RILA, no Pacífico).

Fonte: Google Earth, acessado em 2021.



FIGURA 7 – Cena de Aguirre, A Cólera dos Deuses, de Werner Herzog.

Fonte: Imagem da tela de reprodução do filme.

Condição que atualmente se desdobra em direção ao Pacífico através do Eixo Interoceânico Central (IOC) e, mais precisamente pela RILA – Rota de Integração Latinoamericana. Trata-se da única iniciativa da IIRSA/COSIPLAN – Conselho de Infraestrutura e Planejamento da Unasul – envolvendo mais de dois países ainda

4 HOLANDA, Sérgio Buarque de. O Extremo Oeste. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 156.

em andamento. Em que pese o fato de se colocar a rodovia como principal modal a ligar Atlântico e Pacífico, culminando na ponte sobre o Rio Paraguai no município de Porto Murtinho-MS, a desconsiderar sua localização privilegiada quanto à navegação fluvial – a partir do Fecho dos Morros, a montante de seu núcleo urbano e da ponte a ser construída, o rio adquire um traçado menos sinuoso, alarga-se e adquire maior profundidade. É notória a carência de portos fluviais brasileiros na área do Eixo Interoceânico Central, pois dos 29 grandes portos contidos neste eixo, a maioria é marítima, e dentre os poucos fluviais podem ser citados os de Concepción-PY, Assunción-PY, Santa Fé-AR e Corrientes-AR. Do ponto de vista brasileiro, passará a ser a ligação mais eficiente entre Sul, Sudeste, Centro-Oeste e parte da região Norte com a Ásia e o Pacífico, diminuindo tempo e custos portuários (14 dias a menos e US\$ 1.000/contêiner, respectivamente).

FIGURA 8 – Construção da ponte sobre o rio Paraguai, entre as cidades de Porto Murtinho-BR e Carmelo Peralta-PY.

Fonte: SEMADESC, Sec. do Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de Mato Grosso do Sul, 2023.



A mesma região sobre a qual se desdobra a RILA foi objeto de diversos outros projetos por parte da IIRSA/COSIPLAN, orientados pela lógica de preencher as lacunas de infraestrutura existentes. Dentre estes estão os corredores ferroviários interoceânicos Paranaguá-Antofagasta, do qual derivará um ramal para Maracaju-MS – linha de chegada da já citada Nova Ferroeste, e Central (Santos-Corumbá-Arica/CH-Matarani/PE), cujo tramo brasileiro corresponde à reativação da NOB como Malha Oeste, da Rumo Logística. Todas estas infraestruturas podem ser divididas em eixos norte-sul e leste-oeste na escala continental, respectivamente a articular o interior do continente e ligar suas costas oceânicas passando por Mato Grosso do Sul. Do lado brasileiro, também podem ser caracterizadas por sua finalidade exclusiva no transporte de cargas, delineando na paisagem o escoamento de recursos naturais.

Apoiadas na noção de eixos de desenvolvimento, as iniciativas da IIRSA/COSIPLAN constituem alternativas mais integradoras do que os corredores de exportação – noção que balizou o planejamento regional em passado mais recente no Brasil. Entretanto, compartilham com estes o foco na exploração primária de recursos naturais, que conforma nosso ambiente construído desde as primeiras feitorias portuguesas, propícia à perpetuação da mesma relação que configurou nossa costa atlântica. Em comum subjaz uma noção de natureza balizada na sua instrumentalização e subjugação. Exemplar desta postura é o fato de o meio ambiente ser mencionado no documento de caracterização do Eixo Interoceânico Central apenas como ameaça ao seu desenvolvimento, não como base de implantação de qualquer rede de infraestrutura e condição a priori para sua materialização, o que possibilitaria uma visão mais harmônica e não de oposição entre natureza e infraestrutura.

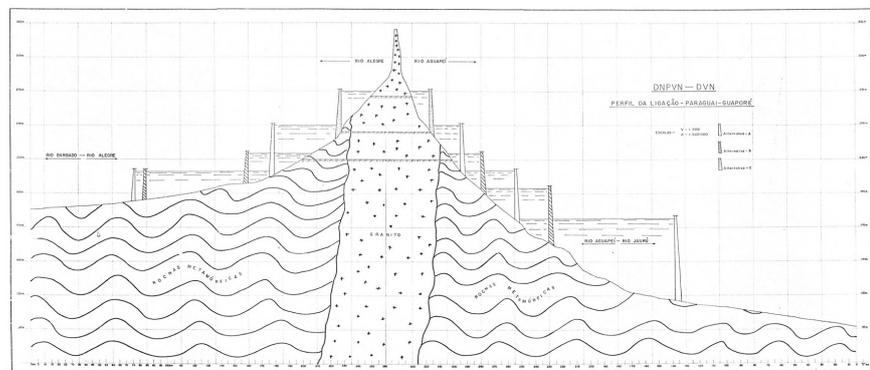
Diante do exposto e da constatação dos impactos da exploração de recursos naturais em escala industrial sobre o ambiente construído, as cidades de carvão da Inglaterra da primeira Revolução Industrial, as vilas de Itaipu, o California Water State Project e a transposição do Yangtzé nos dão a concretude do impacto sobre a paisagem dos programas de exploração de recursos naturais e a produção de energia. Assim, urge pensar novos modelos que contemplem uma cultura pública de projetos a transformar esta relação entre infraestrutura e ambiente construído. Restando a indagação sobre qual forma e o sentido, que desenhos de cidades assumirá a materialização destes projetos de infraestrutura? Qual seu desígnio?

Notória desta condição é a atuação nos anos de 1951 a 1972 da CIBPU – Comissão Interestadual das Bacias do Paraná e Uruguai. O contexto é o do planejamento estatal do território brasileiro e da correlata estruturação de nosso parque industrial, com obras direcionadas aos setores de energia e transporte. Foram sugeridos pólos de desenvolvimento regional a partir de distritos industriais, no modelo proposto para o município de Presidente Prudente-SP, tendo por objetivo desenvolver o planejamento territorial de forma integrada – energia, transportes, urbanismo, produção – a partir dos rios.

Influenciada pelo modelo da Tennessee Valley Authority (TVA) e pelo ideário da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), a CIBPU teve como seu conceito norteador a bacia hidrográfica como unidade de planejamento, visando o uso integral e múltiplo das águas – indústria, energia, navegação, lazer, pesca, irrigação etc – buscando o equilíbrio em tirar o máximo de cada atividade sem interferir nas outras. Exemplar desta abordagem, pode ser citada a via de navegação em direção ao litoral a partir do rio Paranapanema, aproveitando os lagos propostos nas usinas de Salto Grande e Jurumirim, prolongada na contravertente do Paraná pelos rios Ivinhema e Brilhante, onde um canal de transposição faria a ligação com o rio Miranda e, portanto, com a bacia do Paraguai, resultando em 800km de hidrovias fluviais no interior do continente. Os estudos iniciais da CIBPU priorizavam a produção hidrelétrica, construção e melhoramento das ferrovias e sua eletrificação, o desenvolvimento de sistemas de hidrovias e a instalação de equipamentos urbanos. Fez também estudos para a interligação das principais bacias hidrográficas brasileiras⁵. Aqui pretende-se resgatar a bacia hidrográfica como unidade de planejamento e atualizar a abordagem da CIBPU em um contexto de transição energética, onde se fortalecem noções como mobilidade urbana, bioeconomia e economia circular e a destinação de resíduos sólidos. É este tipo de abordagem que se faz necessária no atual contexto da RILA e de crise ambiental e das cidades, na qual estes conceitos são articulados através do projeto de arquitetura e urbanismo.

FIGURA 9 – Corte da ligação entre as bacias Amazônica e do Paraguai, projeto da CIBPU, sob direção de Paulo Mendes da Rocha.

Fonte: CIBPU, Departamento de Portos e Vias Navegáveis.



⁵ A saber, do Paraná e Paraguai, respectivamente pelos rios Brilhante-Miranda, Pardo-Coxim, Verde-Coxim; Madeira e Paraguai pelos rios Alegre e Aguapeí; Tapajós-Paraguai, rios Preto e Vermelho; Araguaia-Paraguai pelos rios Guariroba-Taquari; Araguaia-Paraná pelos rios São Domingos e Turvo; São Francisco-Paraná nos rios Paracatu e Paranaíba e Piumhi e Grande dentre outras.

Considerações Finais: Por uma cultura pública de projetos

A fim de evitar a tragédia resultante da confluência das crises ecológica, energética e econômica que rondam a humanidade há ao menos quatro décadas, em parte delineadas desde 1972 no documento do Clube de Roma “Os Limites do Crescimento”, não devemos pensar somente dentro dos limites de uma reorganização institucional da sociedade, mas sim a partir de novas configurações técnicas do mundo, entendida como a própria estrutura do poder, a organização material, tecnológica e física do ambiente. Portanto, o poder não é mais representacional como outrora – o rei como deus na terra, o presidente como o povo, assim por diante. Sua natureza atual é arquitetônica e impessoal. Está deslocado, fora das instituições e materializado nas infraestruturas – uma linha de transmissão de energia, uma rede de computadores etc – que determinam e designam o vir a ser do mundo. Aqui designar assume posição central, enquanto noção de projeto e configuração material do ambiente. Por isso aqui se faz a defesa de uma cultura de projetos públicos a pensar as redes de infraestruturas, articuladas ao ambiente construído. A arquitetura deve pensar as infraestruturas em conjunto com as cidades, re-fundando os parâmetros desejáveis da vida urbana no bojo do enfrentamento dos acelerados processos econômicos ora em curso que determinam o desenho dos espaços da vida cotidiana.

Ao tornar esta desterritorialização potência positiva, fica assinalada a retomada de uma cultura de projetos e planejamento regional públicos, que vise a organização técnica da vida não mercantilizada. Ela deve basear-se nos eixos de água, transição energética, economia baseada na natureza, infra-estrutura e ambiente construído, a desvelar um modo de viver sistêmico, integrado e sustentável. A arquitetura das infraestruturas urbanas poderia, assim, atuar na construção de lugares cujo elogio da técnica fosse capaz de traduzir a inteligência humana em seu uso público e cotidiano.

Agradecimentos

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul;

Instituto Lula;

Grupo Metrópole Fluvial – LABPROJ – FAUUSP;

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS).

Referências

BARROS, Pedro Silva; PADULA, Raphael; SEVERO, Luciano Wexell; SAMURIO, Sofia; GONÇALVES, Julia Borba. **Corredor Carretero Bioce nico: camino de Mato Grosso do Sul a Asia Pacífico**. V Seminario del Observatorio América Latina Asia Pacífico, 6 de Octubre, 2020.

_____. **Corredor bioce nico de Mato Grosso do Sul ao Pacífico: Produ o e comércio na rota de integra o sul-americana**. Campo Grande, MS: Editora UEMS, 2020.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BRASIL, Marinha do Brasil (MB), Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), Centro de Hidrografia da Marinha (CHM). **Cartas Náuticas**. 2017.

BRUM, Adriana Kirchof de. FRAINER, Daniel Massen. SOUZA, Celso Correia. NETO, José Francisco dos Reis. **Análise do fluxo de água virtual: uma abordagem a partir da balança comercial de Mato Grosso do Sul**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v.20, n.1, p.297-313, jan./mar. 2019.

CARVALHO, Nicolas Xavier de. **Projeto de arquitetura de infraestruturas urbanas fluviais: sistemas de hidrovias urbanas e regionais e rede de cidades-porto fluviais da Hidrovia do Tietê**. São Paulo: FAU USP, 2020.

COSTA, Maria de Fátima Gomes. **História de um país inexistente: O Pantanal nos séculos XVI, XVII e XVIII**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2009. V1.

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. **El fuego y la memoria: sobre arquitectura y energía**. Madri: Alianza Editorial, 1991.

FILHO, Synesio Sampaio Goes. **Alexandre de Gusmão (1695-1753): O estadista que desenhou o mapa do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

GARDIN, Cleonice. CIBPU: **A Comissão Interestadual da Bacia do Paraná-Uruguai no planejamento regional brasileiro (1951-1972)**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

GRUPO METRÓPOLE FLUVIAL. **Relatório conceitual: Articulação arquitetônica e urbanística dos estudos de pré-viabilidade técnica, econômica e ambiental do hidroanel metropolitano de São Paulo**. São Paulo: FAU USP, 2011.

HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. (Orgs.) **Brasil século XXI por uma nova regionalização – agentes, processos e escalas**. São Paulo: Max Limonad, 2004.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOEKSTRA, A. Y.; HUNG, P. Q. **Virtual Water Trade: A quantification of virtual water flows between nations in relation to international crop trade**. Value of Water Research Report Series, Netherland: UNESCO/IHE, n. 11, p. 25-47, Sept. 2002.

_____. **Globalization of water resources: international virtual water flows in relation to crop trade**. Global Environmental Change (Part A), Netherland: Elsevier, v. 15, n. 1, p. 45-56, Apr. 2004.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções e Capítulos de expansão paulista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **O Extremo Oeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

JAKOB, Michael. **Arquitectura y energía**. In **2G** n.18. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

KELMAN, Jerson. **Navegação: um dos setores usuários dos recursos hídricos**. Seminário As Hidrovias como Fator de Integração Nacional. Confederação Nacional da Indústria, Brasília: CNI., junho de 2004.

MAMIGONIAN, Armen. **Inserção de Mato Grosso ao mercado nacional e a gênese de Corumbá**. In: Geosul -**Revista do Departamento de Geociências da UFSC** n.1, v.1. Florianópolis, 1986.

MANZI, Gabriel. **A cidades e os rios: o caso latino-americano da Hidrovia Paraguai-Paraná-Prata**. São Paulo: FAU-USP. Trabalho de Conclusão de curso, 2009.

MAPBIOMAS, em mapbiomas.org, acessando em 01.04.2022.

MENECOZI, Arnaldo Rodrigues. **Enciclopédia das Águas: riqueza e diversidade hidrográfica**. Campo Grande: Sanesul, 2014.

MENDES DA ROCHA, Paulo. **Anteprojeto de interligação das bacias do Prata e Amazonas**. CIBPU-Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí. São Paulo 1967.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 2008.

TRAVASSOS, Mário. **Projeção continental do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

UNASUR COSIPLAN. **Eje de integración y desarrollo Interoceánico Central: Caracterización socioeconómica y ambiental**. Buenos Aires: COSIPLAN, 2016.

ZUGAIB, Eliana. **A hidrovía Paraguai-Paraná**. Brasília: Instituto Rio Branco, 2007.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 23/10/2023

Aprovado em 11/12/2023